

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ – UNIOESTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DE MESTRADO/PPGEFB
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**“NONO, VEM AQUI QUE TEM GENTE”: CULTURA E IDENTIDADE NA
COMUNIDADE SÃO PIO X – KM 20, FRANCISCO BELTRÃO, PARANÁ**



Aline Tortora De Oliveira

Francisco Beltrão - PR

2018

ALINE TORTORA DE OLIVEIRA

**“NONO, VEM AQUI QUE TEM GENTE”: CULTURA E IDENTIDADE NA
COMUNIDADE SÃO PIO X – KM 20, FRANCISCO BELTRÃO, PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação – nível de Mestrado - área de concentração: Educação; Linha de Pesquisa: Cultura, Processos Educativos e Formação de Professores, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação. Orientadora: Prof.^a Dra. Sônia Maria dos Santos Marques.

Francisco Beltrão - PR

2018

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Oliveira, Aline Tortora de
"Nono, vem aqui que tem gente" : Cultura e
Identidade na comunidade São Pio X - Km 20,
Francisco Beltrão, Paraná / Aline Tortora de
Oliveira; orientador(a), Sônia Maria dos Santos
Marques, 2018.
223 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do
Oeste do Paraná, Campus de Francisco Beltrão,
Centro de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação
em Educação, 2018.

1. Identidade Cultural. 2. Comunidade São Pio X -
Km 20. 3. Cultura Italiana. 4. Saberes e Fazeres.
I. Marques, Sônia Maria dos Santos. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

ALINE TORTORA DE OLIVEIRA

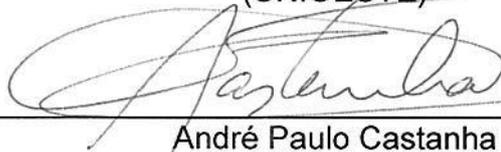
TÍTULO DO TRABALHO: "NONO VEM AQUI QUE TEM GENTE": CULTURA E IDENTIDADE NA COMUNIDADE SÃO PIO X - KM 20 FRANCISCO BELTRÃO, PARANÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Mestrado, Área de Concentração: Educação, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, UNIOESTE, Campus de Francisco Beltrão, julgada adequada e aprovada, em sua versão final, pela Comissão Examinadora, que concede o Título de Mestra em Educação a autora.

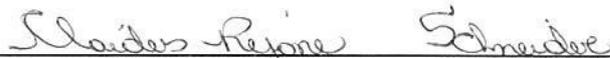
COMISSÃO EXAMINADORA



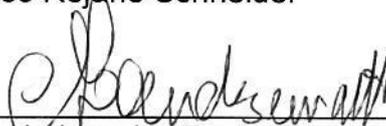
Sônia Maria dos Santos Marques
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão
(UNIOESTE)



André Paulo Castanha
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão
(UNIOESTE)



Cláides Rejane Schneider



Maria de Lourdes Bernart
Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus de Pato Branco
(UTFPR)



Thaís Janaina Wenczenovicz
Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão
(UNIOESTE)

Francisco Beltrão, 28 de março de 2018

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos familiares que sempre me apoiaram nesta caminhada.

De modo especial, meu esposo - Sergio José de Oliveira por todo apoio e incentivo nos estudos. Meus pais - Jose Tortora e Ivanilde de Camargo Tortora, meus irmãos - Amanda e Diogo, e aos professores que acreditaram em mim.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é um gesto, a partir do qual podemos expressar gratidão e lembrar das pessoas que nos ajudaram, incentivaram e tornaram esta conquista possível. Durante a caminhada acadêmica, de modo especial, no Mestrado, fui agraciada com novas amizades e cada pessoa que passou pela minha vida, deixou um pouco de si, e isso me fez uma pessoa melhor.

Primeiramente, quero agradecer à Orientadora, professora Dra. Sônia Maria dos Santos Marques, pela oportunidade e confiança desde o momento da seleção. Você me concedeu a oportunidade de estar em um Programa de Pós-Graduação - Mestrado na Unioeste, e permitiu o desenvolvimento da pesquisa a partir dos seus ensinamentos, orientações e amizade. Conhecer você foi muito importante para minha vida, desde que soube da sua existência admirei seu profissionalismo, mas, principalmente seu modo encantador de ser, e vale lembrar que “quem tem uma Maria tem tudo”.

Agradeço aos membros da Banca de Qualificação e de Defesa, professoras Dr^a Maria de Lourdes Bernartt, Dr^a Cláides Rejane Schneider, Dr^a Thaís Janaina Wenczenovicz e professor Dr. André Paulo Castanha.

Zelinda Correa, Assistente do Programa do Mestrado, admiro muito seu profissionalismo, és uma pessoa maravilhosa, sempre sorridente e disposta em ajudar. Obrigada pelas risadas e amizade.

Ao Programa de Pós-Graduação e à equipe de professores, obrigada pelo conhecimento proporcionado. As disciplinas possibilitaram um novo olhar em relação à educação, as temáticas abordadas foram fundamentais para a pesquisa. Professora Mafalda Nesi Francischett, obrigada pelas contribuições e elaboração dos mapas que estão na Dissertação.

Aos colegas da turma de Mestrado, bem como os que já estavam ou ingressavam posteriormente, obrigada por compartilharem as angústias, ansiedades e planos, cada um ficará nas minhas lembranças. De modo especial, agradeço a Franciele Lorenzi, pela amizade, conversas, viagens e convites para um chimarrão com pipoca.

Aos meus pais Jose e Ivanilde, agradeço por todo incentivo nos estudos. Vocês sempre serão meu porto seguro, com vocês aprendi que tudo é possível, se acreditarmos em nossos sonhos.

Aos meus irmãos, Amanda e Diogo, parceiros de pesquisa, obrigada pela ajuda e apoio que sempre ofereceram.

Aos afilhados, vocês são o melhor presente que alguém poderia ganhar. Conviver com vocês me faz perceber que tudo na vida vale a pena.

Ao meu marido, meu melhor amigo, pessoa com coração enorme, que sempre torceu por mim, e ajudou a tornar meus sonhos possíveis. Agradeço pela compreensão nos momentos de ausência e por entender a importância dos estudos. Serei sempre grata por todo apoio que ofereceu e oferece. Esta conquista também é sua, obrigada por sempre estar ao meu lado.

À Professora Maria das Graças Oliveira Damschi, pessoa incrível, que me guiou indicou as possibilidades e torce por mim, obrigada por tudo, você sempre será um exemplo para mim.

Ao Professor de italiano - Juliano Trevisan, obrigado pela confiança e pelo incentivo para que eu pudesse aprender a língua italiana, seus ensinamentos foram e são significativos no percurso acadêmico.

A Lucas Slongo, amigo que o trabalho me presenteou, obrigada pela parceria, amizade e principalmente pelas horas de trabalho que teve para me ajudar. Você é uma pessoa iluminada. Desejo sucesso a você!

Ao Colégio Nossa Senhora da Glória, colegas e direção, trabalhar nesta instituição trouxe-me novas possibilidades de pensar caminhos para a educação. Sempre que precisei, todos prontamente me apoiaram para que eu pudesse frequentar as aulas do Mestrado, realizar os trabalhos de campo e participar de eventos para publicações de trabalhos. Agradeço muito pela confiança e pela credibilidade.

À CAPES, ter a bolsa de estudos, durante um ano, foi fundamental para me debruçar sobre a temática, vivenciado com mais proximidade as questões de estudo e as pesquisas de campo.

Aos Entrevistados e familiares, agradeço pela acolhida, contribuições e confiança em nos receber e dialogar sobre a temática da pesquisa, estas narrativas foram determinantes para compreendermos a identidade local.

Aos Moradores da Comunidade, obrigada pelas conversas e por estarem sempre dispostos em ajudar. De modo especial, agradeço à moradora Lucia e a seu esposo Vilmar, pelas informações.

Agradeço aos professores e direção da Escola Basílio Tiecher, ao Conselho da Igreja e responsáveis pelo Centro Social 2016 e 2017, bem como aos demais membros que compõem a equipe e que trabalharam em prol dos preparativos da Fest Vin.

Agradeço a todos que foram exemplo e inspiração para que eu continuasse com os estudos. Obrigada por contribuírem na minha formação!

*Não é sobre ter todas as pessoas do mundo pra si
É sobre saber que em algum lugar alguém zela por ti
É sobre cantar e poder escutar mais do que a própria voz
É sobre dançar na chuva de vida que cai sobre nós*

*É saber se sentir infinito
Num universo tão vasto e bonito, é saber sonhar
Então fazer valer a pena
Cada verso daquele poema sobre acreditar*

*Não é sobre chegar
No topo do mundo e saber que venceu
É sobre escalar e sentir que o caminho te fortaleceu*

*É sobre ser abrigo
E também ter morada em outros corações
E assim ter amigos contigo em todas as situações*

*A gente não pode ter tudo
Qual seria a graça do mundo se fosse assim?
Por isso eu prefiro sorrisos
E os presentes que a vida trouxe pra perto de mim*

*Não é sobre tudo que o seu dinheiro é capaz de comprar
E sim sobre cada momento, sorriso a se compartilhar
Também não é sobre
Correr contra o tempo pra ter sempre mais
Porque quando menos se espera a vida já ficou pra trás*

*Segura teu filho no colo
Sorria e abraça os teus pais enquanto estão aqui
Que a vida é trem-bala parceiro
E a gente é só passageiro prestes a partir
(Trem Bala – Ana Vilela).*

RESUMO

OLIVEIRA, Aline Tortora de. “**Nono, vem aqui que tem gente**”: Cultura e Identidade na Comunidade São Pio X – Km 20, Francisco Beltrão, Paraná. 2018. 223 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Mestrado em Educação – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Francisco Beltrão, 2018.

A dissertação analisa a identidade cultural da comunidade São Pio X – Km 20, de Francisco Beltrão, Paraná. Na investigação, estabelecemos como problema de pesquisa o questionamento: Como os moradores da Comunidade, constroem a identidade cultural? Traçamos como objetivo geral registrar a história da comunidade São Pio X, compreendendo o processo de identidade e identificação cultural. Os objetivos específicos enunciados foram: a) identificar os marcadores culturais selecionados pelos moradores da comunidade São Pio X como elementos de identidade; b) apontar as correlações entre a herança cultural dos descendentes italianos e o processo de identificação da comunidade; c) estabelecer os significados da escola e da igreja para a identidade cultural assumida pelos moradores da comunidade São Pio X; d) analisar o significado das festas para a construção do processo de identidade e identificação. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de tipo etnográfica, na qual utilizamos os seguintes instrumentos para a coleta de dados: a) observação e descrição; b) registro fotográfico (registrados pela pesquisadora e constante no acervo pessoal dos moradores da comunidade; c) análise documental (Livros Atas, Jornal de Beltrão e documentos oficiais); d) Diário de Campo; e) entrevistas narrativas. Selecionamos a igreja, a escola e a festa da Cultura Italiana – Fest Vin, como os principais espaços de socialidade, nos quais os moradores participam e moldam suas identidades. A alimentação, as crenças religiosas e as festividades, compõem os costumes diários dos moradores. A principal intenção da investigação é perceber como os moradores constroem a identidade cultural nesses espaços e lugares e as relações com as identidades que estes sujeitos assumem. Para dar suporte teórico-metodológico às ações utilizamos as contribuições de Bauman (2005), Costa (1985), Geertz (1981), Hall (2015), Iotti (2001, 2010), Kossoy (2009), Lazier (2003, 1997, 1986), Marques (2008), Martins (1986), Scheneider (2012), Vannini (2003), Wenczenovicz (2014), entre outros. Nos anos de 2016 e 2017, buscamos as informações que compõem a dissertação. A totalidade do material coletado e analisado indica que os moradores do *lócus* da pesquisa usam marcadores culturais para emoldurar os processos de identidade e identificação. Dentre estes destacam-se: a produção e usufruto dos alimentos, o uso de expressões da língua italiana para demarcar uma conexão com o passado e seus ancestrais que vieram da Itália; A religiosidade como elemento agregador e produtor do vínculo social e a vivência da festa. Há que se ressaltar o lugar ocupado pela escola: produção e disseminação de uma representação da etnia italiana. Tais marcadores foram identificados como determinantes de como os sujeitos se veem e são vistos.

Palavras-chave: Identidade Cultural; Comunidade São Pio X – Km 20; Cultura Italiana; Saberes e Fazer.

ABSTRACT

OLIVEIRA, Aline Tortora de. "**Grandpa, come here that there are people**": Culture and Identity in São Pio X - Km 20 Community, Francisco Beltrão, Paraná. 2018. 223 l. Dissertation (Master degree) – Master's Program in Education – State University of the West of Paraná, Francisco Beltrão, 2018.

This dissertation analyzes the cultural identity of São Pio X – Km 20 community, from Francisco Beltrão, Paraná. In the investigation, we established as a research problem the question: How do community dwellers build cultural identity? We have as a general objective to record the history of São Pio X community, including the process of identity and cultural identification. The specific objectives stated were: a) to identify the cultural markers selected by residents of São Pio X community as elements of identity; b) to point out the correlations between the cultural heritage of the Italian descendants and the process of community identification; c) to establish the meanings of the school and the church to the cultural identity assumed by the residents of São Pio X community; d) to analyze the significance of the parties to the construction of the process of identity and identification. It is a qualitative research of ethnographic type, in which we use the following instruments for data collection: a) observation and description; b) photographic record (registered by the researcher and kept in the personal collection of the community residents; c) documentary analysis (Atas Books, Beltrão Journal and official documents); d) Field Diary; e) narrative interviews. We selected the church, the school and the feast of the Italian Culture – Fest Vin, as the main sociality spaces, in which the inhabitants participate and shape their identities. Food, religious beliefs and festivities make up the daily customs of the residents. The main intention of the research is to understand how the inhabitants construct the cultural identity in these spaces and places and the relations with the identities that these subjects assume. In order to give theoretical and methodological support to the actions we use the contributions of Bauman (2005), Costa (1985), Geertz (1981), Hall (2015), Iotti (2001, 2010), Kossoy 1986), Marques (2008), Martins (1986), Scheneider (2012), Vannini (2003), Wenczenovicz (2014), among others. In the years 2016 and 2017, we sought the information that compose the dissertation. The totality of the collected and analyzed material indicates that the locus of the research uses cultural markers to frame the processes of identity and identification. These include: the production and usufruct of food, the usage of Italian language expressions to demarcate a connection with the past and its ancestors that came from Italy; The religiosity as an aggregating element and producer of the social bond and the experience of the party. It is necessary to emphasize the place occupied by the school: production and dissemination of a representation of the Italian ethnicity. Such markers have been identified as determinants of how subjects see and perceive themselves.

Keywords: Cultural Identity; São Pio X – Km 20 Community; Italian Culture; Knowing and doing.

LISTA DE FOTOGRAFIAS E ILUSTRAÇÕES

FOTOGRAFIA 1	- Museu organizado na propriedade de Selvino Caetano Catto e máquina de costura antiga, algumas relíquias preservadas pela família.....	35
FOTOGRAFIA 2	- Entrevistada Ana Paula Fernandes.....	37
FOTOGRAFIA 3	- Entrevistada Aurélia Becchi Bosio.....	37
FOTOGRAFIA 4	- Entrevistado Carlos Versa.....	37
FOTOGRAFIA 5	- Entrevistada Cleide Vissotto Prolo.....	38
FOTOGRAFIA 6	- Entrevistada Erydes Tiecher Celuppi	38
FOTOGRAFIA 7	- Entrevistado Guilherme Gasparin	38
FOTOGRAFIA 8	- Entrevistado Ibrilino Lazarotto.....	39
FOTOGRAFIA 9	- Entrevistada Leonilda Terezinha da Silva.....	39
FOTOGRAFIA 10	- Entrevistada Lurdes Francisca Perdoncin.....	39
FOTOGRAFIA 11	- Entrevistada Maria de Lourdes Pazzini.....	40
FOTOGRAFIA 12	- Entrevistada Maria Trindade Tiecher.....	40
FOTOGRAFIA 13	- Entrevistado Mario Tortora	40
FOTOGRAFIA 14	- Entrevistado Nadir Danielli.....	41
FOTOGRAFIA 15	- Entrevistada Nair Franco Spada.....	41
FOTOGRAFIA 16	- Entrevistado Oscar Francisco Catto.....	41
FOTOGRAFIA 17	- Entrevistada Salette Perdonsini Beker	42
FOTOGRAFIA 18	- Entrevistado Selvino Caetano Catto.....	42
FOTOGRAFIA 19	- Entrevistada Teresinha Perdonsini Poplaski.....	42
FOTOGRAFIA 20	- Entrevistada Tereza Martins Versa.....	43
FOTOGRAFIA 21	- Entrevistada Terezinha Maria Savagnano Lazarotto.....	43
FOTOGRAFIA 22	- Entrevistado Valdir Ernesto Bortolotti.....	43
FOTOGRAFIA 23	- Entrevistada Zenaide Maria Vivian.....	44
FOTOGRAFIA 24	- Entrevistada Zenilde D'Agostini Garcia	44
ILUSTRAÇÃO 1	- Localização da comunidade.....	45
ILUSTRAÇÃO 2	- Árvore Genealógica família Tortora.....	49
FOTOGRAFIA 25	- Residência do Giuseppe Tortora em Vicenza – Itália.....	51
ILUSTRAÇÃO 3	- Música Folclórica Italiana.....	53
FOTOGRAFIA 26	- Entrevistado Mario Tortora conhecendo o Porto de Gênova.....	57
FOTOGRAFIA 27	- “Livro de óbitos”- Registro de enterros da comunidade.....	79
FOTOGRAFIA 28	- Certidão de Óbito do ano de 1953.....	80
FOTOGRAFIA 29	- Encontro com Frei Deodato, no paiol do Luiz Vacari.....	83
FOTOGRAFIA 30	- Parede do pavilhão - Comunidade Km 23.....	87
FOTOGRAFIA 31	- A igreja no ano de 1960 e 1965.....	88
FOTOGRAFIA 32	- Inauguração da Capela São Jorge.....	89
FOTOGRAFIA 33	- Igreja da Comunidade Km 23.....	90
FOTOGRAFIA 34	- Os pais da entrevistada Maria Trindade Tiecher.....	101
FOTOGRAFIA 35	- Passaporte expedido pela CANGO.....	103
FOTOGRAFIA 36	- Primeira Igreja da Comunidade Km 20 – 1966.....	107
FOTOGRAFIA 37	- Atividade religiosa na comunidade – um local para sociabilidade.....	112
FOTOGRAFIA 38	- Igreja Católica da Comunidade.....	114
FOTOGRAFIA 39	- Escultura do Papa Pio X – Padroeiro da igreja – São Pio X	117
FOTOGRAFIA 40	- Escultura do Papa Pio X – no Vaticano – Roma.....	119
FOTOGRAFIA 41	- Espaço para os devotos prestarem suas homenagens.....	120

FOTOGRAFIA 42	- Corpo do Papa Pio X.....	120
FOTOGRAFIA 43	- Primeira eucaristia na comunidade – há mais de 33 anos....	124
FOTOGRAFIA 44	- Gruta da Comunidade São Pio X.....	125
FOTOGRAFIA 45	- “Quem somos” - Atividade realizada pelos professores da Escola Basílio Tiecher.....	126
FOTOGRAFIA 46	- Destaque para as informações do tronco do cartaz.....	127
FOTOGRAFIA 47	- Informação sobre o primeiro professor da Comunidade – Palotino Teixeira.....	130
FOTOGRAFIA 48	- Quadro exposto na Escola Basílio Tiecher – O patrono.....	132
FOTOGRAFIA 49	- A escola de madeira: alunos acompanhados da professora Zenaide Vivian – (1968).....	134
FOTOGRAFIA 50	- Construção da escola de alvenaria – (1980).....	135
FOTOGRAFIA 51	- Alunos da professora Zenaide Vivian – (1980).....	136
FOTOGRAFIA 52	- A escola com sua primeira reforma – (1990).....	139
FOTOGRAFIA 53	- Escola depois da reforma: dia da inauguração – (2002).....	139
FOTOGRAFIA 54	- Faixada da Escola Basílio Tiecher, em 2016.....	140
FOTOGRAFIA 55	- Publicação no Jornal de Beltrão sobre o lançamento da primeira festa.....	146
FOTOGRAFIA 56	- Primeira Semana Italiana.....	147
FOTOGRAFIA 57	- Informações sobre o lançamento da Fest Vin.....	149
FOTOGRAFIA 58	- Primeira Fest Vin – 1997.....	151
FOTOGRAFIA 59	- Relatos sobre a primeira festa.....	152
FOTOGRAFIA 60	- Segunda Semana da Cultura Italiana.....	154
FOTOGRAFIA 61	- Alunos da Escola Basílio Tiecher e as danças italianas.....	154
FOTOGRAFIA 62	- Segunda Fest Vin.....	155
FOTOGRAFIA 63	- Terceira Fest Vin.....	156
FOTOGRAFIA 64	- Convite para a Quarta Fest Vin.....	157
FOTOGRAFIA 65	- Quarta Fest Vin e a avaliação dos apreciadores e colaboradores.....	158
FOTOGRAFIA 66	- Preparativos para a Quinta Fest Vin.....	160
FOTOGRAFIA 67	- Quinta fest Vin.....	160
FOTOGRAFIA 68	- Convite para a Sexta Fest Vin.....	161
FOTOGRAFIA 69	- A Sexta Fest Vin e o grupo de dança da comunidade.....	162
FOTOGRAFIA 70	- Lançamento da Sétima Fest Vin.....	164
FOTOGRAFIA 71	- Sétima Fest Vin.....	165
FOTOGRAFIA 72	- Representantes do grupo divulgando o evento e solicitando apoio.....	165
FOTOGRAFIA 73	- Informativo sobre a Oitava edição da Fest Vin.....	166
FOTOGRAFIA 74	- Moradores trabalhando na oitava edição da festa.....	167
FOTOGRAFIA 75	- Nona edição da Fest Vin.....	168
FOTOGRAFIA 76	- Convite para prestigiar a Décima edição da Fest Vin.....	169
FOTOGRAFIA 77	- Décima edição da Fest Vin.....	170
FOTOGRAFIA 78	- Momento em que as mulheres preparam o alimento para a festa.....	174
FOTOGRAFIA 79	- Mulheres preparando a polenta na Fest Vin.....	175
FOTOGRAFIA 80	- Equipe que preparou as polentas na Vigésima Primeira Fest Vin.....	178
FOTOGRAFIA 81	- Informativo sobre a Vigésima Primeira Fest Vin.....	179
FOTOGRAFIA 82	- Homens comemorando a conclusão das atividades.....	181
FOTOGRAFIA 83	- Parquinho da Escola Basílio Tiecher.....	187
FOTOGRAFIA 84	- Preparativos da Escola para Vigésima Fest Vin.....	189
FOTOGRAFIA 85	- Equipe de professores e funcionários: ornamentação	190

FOTOGRAFIA 86	- Objetos utilizados na decoração da Vigésima Primeira Fest Vin.....	190
FOTOGRAFIA 87	- Equipe da escola no <i>Hall</i> de entrada da Vigésima Primeira Fest Vin.....	191
FOTOGRAFIA 88	- Treinamento na propriedade do Nilton Pazzini.....	192
FOTOGRAFIA 89	- Entrega de mudas de parreiras para a comunidade do Km 20.....	193
FOTOGRAFIA 90	- Vinhos Danielli na Décima Quinta Fest Vin.....	195
FOTOGRAFIA 91	- Marca dos Vinhos Irmãos Danielli e Vinhos Lazarotto.....	196
FOTOGRAFIA 92	- Participantes degustando os vinhos da festa.....	197
FOTOGRAFIA 93	- Equipe responsável pelas Pipas.....	198
FOTOGRAFIA 94	- Momento de preparo do penteado.....	199
FOTOGRAFIA 95	- Algumas mulheres da equipe do <i>buffet</i> de 2016.....	200
FOTOGRAFIA 96	- Alguns moradores momentos antes do início da festa.....	200
FOTOGRAFIA 97	- Moradores da comunidade que contribuíram na Fest Vin de 2017.....	201
FOTOGRAFIA 98	- Ingresso para adentrar no espaço da festa.....	202
FOTOGRAFIA 99	- O espaço sendo preparado para a Vigésima Primeira Fest Vin.....	203
FOTOGRAFIA 100	- Equipe que forneceu as bebidas para a Fest Vin de 2016....	204
FOTOGRAFIA 101	- Equipe que forneceu as bebidas para a Fest Vin de 2017....	204

LISTAS DE TABELAS, MAPAS, GRÁFICOS E DOCUMENTOS

TABELA 1	– Sobrenomes das famílias residentes na Comunidade São Pio X – Informações da Igreja – Sócios da comunidade – Igreja Católica.....	47
TABELA 2	– Sobrenomes das famílias residentes na Comunidade São Pio X – Informações do Posto de Saúde.....	48
MAPA 1	– O estado do Paraná e o Município de Francisco Beltrão.....	70
MAPA 2	– Município de Francisco Beltrão e seus Distritos.....	76
MAPA 3	– Percurso dos Italianos até Francisco Beltrão.....	77
GRÁFICO 1	– Estado de Naturalidade dos Entrevistados.....	68
GRÁFICO 2	– Origem Étnica dos Entrevistados.....	95
GRÁFICO 3	– População residente em Francisco Beltrão e suas religiões.....	113
GRÁFICO 4	– As Comunidades que compõem o número de alunos da Escola Basílio Tiecher	138
DOCUMENTO 1	– Alteração de nome da comunidade.	122

LISTAS DE SIGLAS E ABREVEATURAS

ABEVI – Associação Beltronense de Vitivinicultores

CANGO – Colônia Agrícola Nacional General Osório

CITLA – Clevelândia Indústria, Territorial Ltda

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

GETSOP – Grupo Executivo de Terras para o Sudoeste do Paraná

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

KM – Quilômetro

PPP – Projeto Político Pedagógico

PR – Paraná

RS – Rio Grande do Sul

SC – Santa Catarina

UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

LISTA DE ANEXOS

Anexo 1: Certidão de nascimento Domenico Tortora.....	219
Anexo 2: Carta que o pai do entrevistado Selvino Caetano Catto recebeu em 1950.....	220

LISTA DE APÊNDICE

Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Autorização de uso de Imagens.....	121
--	-----

SUMÁRIO

PRÓLOGO	17
INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO I - ESCOLHAS METODOLÓGICAS: PERCURSOS DA PESQUISA	26
1.1 Tema, problema de pesquisa e objetivos:	27
1.2 Metodologia da pesquisa: Etnografia	28
1.3 Entrevistados da pesquisa.....	36
1.4 <i>Lócus</i> da pesquisa: Comunidade São Pio X.....	45
1.5 Genealogia Família Tortora	49
CAPÍTULO II - DESCENDENTES DE ITALIANOS: PERCURSOS DA COLONIZAÇÃO	54
2.1 O processo de fixação dos imigrantes italianos em solo brasileiro	55
2.2 A ocupação dos imigrantes nas terras do Rio Grande do Sul	64
2.3 Os descendentes dos imigrantes, colonizando o Sudoeste do Paraná.....	69
2.4 Colônia Agrícola Nacional General Osório, Vila Marrecas - Francisco Beltrão	73
2.5 A Chegada dos primeiros moradores em Serra da Vitória.....	76
CAPÍTULO III - IDENTIDADES NA COMUNIDADE SÃO PIO X: PRÁTICAS E SIGNIFICADOS	91
3.1 Identidades: assumidas pelos entrevistados	91
3.2 A Colonização da Comunidade e a construção da primeira igreja.....	100
3.2.1 Pio X: O Santo padroeiro e sua relação com o nome da comunidade	115
3.3 Educação e Identidade: a escola como espaço de socialidade	126
3.4 Surgimento da Escola na Comunidade.....	129
CAPÍTULO IV - A VIVÊNCIA DA FESTA E IDENTIDADE: SABERES E FAZERES	142
4.1 O projeto Nossas Raízes e a Festa da Cultura Italiana - Fest Vin	144
4.2 Grupos responsáveis pela organização da festa	171
4.3 Preparação dos alimentos: os saberes da cozinha.....	173
4.4 A escola e a preparação para a festa: Ornamentação	186
4.5 Fornecedores de vinho.....	192
4.6 A preparação da equipe do <i>buffet</i>	199
4.7 Cultura e identidade italiana	203
CONSIDERAÇÕES FINAIS	206
REFERÊNCIAS	213
ANEXOS	219
APÊNDICE	221

PRÓLOGO

No início da tarde do dia 05 de janeiro de 2017, preparamo-nos para a realização de mais uma atividade de campo e entrevista com os moradores da Comunidade São Pio X – Km 20, distrito do município de Francisco Beltrão. Para chegarmos ao local, deslocamo-nos da área urbana de Francisco Beltrão, sentido a Ampére, pela PR - 483. Mesmo sabendo que existem outras opções de estradas que podem dar acesso ao local, tais como a Estrada do Picadão, ou outros caminhos pelo interior, escolhemos o percurso mais utilizado pelos moradores nos dias atuais, por este ser asfaltado até o centro da comunidade.

Ao passarmos sobre a ponte do Rio Marrecas, deparamo-nos com trecho de subida e logo encontramos a faixa dupla cercada de paredes de pedras com pequenas rachaduras, nas quais escoava uma pequena quantidade de água. Passados alguns quilômetros percebemos que a ação humana decidiu colocar um cano para captar a água que serpenteia entre as rochas. Este local, com seus canos, foi durante muito tempo utilizado para oferecer hidratação aos motoristas. Caminhoneiros paravam no local para reabastecer suas garrafas com água, por esse motivo o lugar é popularmente conhecido como bica d'água.

Tal local é também reconhecido no município como área propícia para acidentes entre veículos automotores, devido à alta velocidade e ultrapassagens realizadas em lugares não permitidos. Sabendo dos riscos, aumentamos a atenção e ao passarmos pela pedreira Motter¹, percebemos que o tráfego ficou mais temerário devido à quantidade de caminhões. Seguindo caminho, passamos pelo posto de gasolina, pela penitenciária e, mais à frente, pelo restaurante de renome na cidade. Nesse transcurso, as indagações proliferaram, os pensamentos também em movimento pela preocupação sobre como seria a pesquisa entre o que fora planejado e as possibilidades de executar tais ações, uma vez que estavam atreladas ao desejo de adensar a pesquisa.

Continuando o percurso, com mais alguns quilômetros, avistamos à direita, uma igreja e, ao lado, uma barraca onde se vendem frutas e produtos coloniais. Adentramos ao acostamento e, logo na sequência, avistamos a placa que indicava o acesso à comunidade São Pio X, sendo este o nosso destino. O asfalto principal, oferece acesso a outros municípios e, se entrarmos à esquerda, podemos ter acesso à Comunidade do Km 14. Passamos em frente à entrada principal da Comunidade Vila Rural – Galha Azul e

¹ A Pedreira Motter é uma empresa da cidade de Francisco Beltrão, localizada nas margens da rodovia e realiza o processo de britagem das rochas. Estas rochas são processadas, transformando-se em pedras britas, pedrisco, pó de pedra, entre outros materiais.

prossequimos pelas estradas mal conservadas, o que nos levava a desviar-nos de um buraco e outro, fazendo-nos perceber que, ao longo do caminho, havia algumas estradas vicinais que davam acesso às residências e a outras comunidades.

Durante o percurso, avistamos na beira da estrada grandes trechos com plantações de soja. Com mais alguns metros, avistamos à esquerda uma propriedade com açudes, mais à frente, um campo de futebol e duas residências e a primeira delas possuía uma bodega em anexo a casa. Na estrada sem acostamento, entremeados de árvores percebemos no chão, um pequeno jardim com flores e oratório com imagens de santos.

Continuando o percurso, mais casas, açudes, buracos no asfalto, entradas de acesso, até chegarmos em curva acentuada à esquerda, onde percebemos afluxo de casas e, mais uma curva à direita e, acima do nível da rua, já avistamos a churrasqueira, o pavilhão, o sino e a igreja da comunidade São Pio X. Circundando o conjunto arquitetônico, um gramado de verde intenso que contrasta com o céu nublado, anunciando que a chuva logo chegaria.

Entre as edificações destaca-se, na esquina, a Igreja Católica da comunidade. A ansiedade aumenta, estacionamos o carro e pensamos: hora de começar! Fomos conversar com a Lucia, moradora e presidente do Conselho da Igreja, e ela nos contou sobre as melhorias que estavam fazendo no cemitério da comunidade e sobre a instalação de uma placa no portão principal. Ficamos curiosos! Na sequência, perguntamos sobre a residência da família Lazarotto e prossequimos caminho.

A estrada em frente à igreja permitia três opções: à esquerda para chegar na igreja, direto, em frente, para ter acesso a mais residências, e continuar à direita para se chegar ao Posto de Saúde, Escola Municipal Basílio Tiecher, Mercado Pio X e outras habitações. Continuando até o final desta rua, outras três opções eram possíveis, dobrar à esquerda para ter acesso ao Centro Social Ouro Verde, à direita para mais casas, ou prosseguir, onde vimos uma elevação na estrada sem asfalto, que daria acesso ao cemitério do local.

Quando chegamos em frente ao cemitério, paramos para ver a placa entalhada na madeira, na qual era possível ler Cemitério Comunitário – São Pio X. Além da frase percebia-se, em cada um dos lados da placa, o desenho de um pombo. O que nos chamou atenção, foi a escrita acima da placa “Aqui nós somos todos iguais”. Saímos do carro, fotografamos e perguntamo-nos: Será que desejam afirmar que independente, da origem étnica, crenças e costumes, quando se está ali se desvanecem todas as diferenças? Será que a expressão significa que todos são iguais?

No cemitério, duas pessoas trabalhavam na construção de jazigos, entre sorrisos e dúvidas perguntaram as razões para fotografarmos o cemitério. Explicamos e logo

passamos a conversar sobre a vivência deles na comunidade. Com o tempo se preparando para chover, prosseguimos a busca da residência daqueles que seriam os entrevistados do dia.

Conforme orientação, depois do cemitério passamos pelos parreirais da família Pazzini, prosseguindo até a primeira entrada à direita e, após percorrer mais alguns metros, entramos à direita novamente. Na segunda entrada, já avistamos uma propriedade com parreirais, açude e demais plantações. Pelas informações, percebemos que a procura terminara. Quando chegamos próximos da casa, descemos do carro, batemos palmas, mas ninguém respondeu, mesmo a casa estando aberta.

Ao olharmos nos arredores, vimos que havia dois meninos pescando na beira do açude, aparentavam ter aproximadamente uns 8 anos. Logo que nos aproximamos do açude, um dos meninos veio conversar. Perguntamos, se os seus familiares estavam em casa e ele nos respondeu afirmativamente balançando a cabeça, saiu correndo em direção a um paiol e gritou “**Nono, vem aqui que tem gente**”. O avô imediatamente saiu do paiol e veio em nossa direção. Isto foi um momento importante, ouvir o menino chamando o “nono”, foi o primeiro passo para se perceber os traços da cultura italiana nas vivências diárias da coletividade. A alocação nos ajudou a pensar os caminhos da pesquisa.

A família prontamente deixou seus afazeres, sentamo-nos na área na frente da casa para iniciarmos a entrevista sobre a vivência na comunidade São Pio X. Enquanto realizamos a entrevista, sentimos o cheiro do pão que estava assando e, ao mesmo tempo, conforme o vento, percebemos a fumaça saindo da garagem que estava à nossa frente, ao olharmos para o lado, vimos as parreiras carregadas com grandes cachos de uvas.

Ao final da entrevista, convidaram-nos a conhecer a propriedade, mostraram uma construção de madeira com grandes frestas entre uma tábua e outra, com o piso de chão batido e um suporte de madeira no comprimento da construção, semelhante a uma mesa e sobre ela, utensílios como: pipas, garrafas de vinho e vinagre. Ao olharmos para cima avistamos, penduradas em um arame, duas copas² envoltas em barbante. O alimento secava para compor futuramente uma refeição da família.

Prosseguimos para a garagem e, ao nos aproximarmos, o aroma informava o que havia dentro daquele lugar. Ao abrir a porta, vários pedaços de taquaras estavam fixados

² A copa ou o socol como muitos conhecem é um embutido de carne suína, consumido por muitas famílias da comunidade, porém poucos sabem preparar, pois demanda conhecimento. A família entrevistada afirmou que o maior segredo é selecionar uma espécie de gordura que envolve os órgãos, para envolver a carne escolhida. Neste processo, a carne utilizada é o lombo do porco, temperada com sal e demais temperos a gosto e mantida por quatro ou cinco dias neste tempero, só após este período será envolvida na fina camada de gordura e amarrada fortemente com barbante e depois colocada para secar. Demora em torno de três meses para ficar pronta para o consumo, quando pronta é cortada em fatias muito finas e apreciada.

quase na altura da construção, amparando em média 18 unidades de salames³ produzidos pela família, e, no chão, um pedaço de lata com fogo que liberava a fumaça que, aos poucos, defumava e secava o produto.

Saindo da garagem, passamos em frente ao açude e, conversando caminhamos em direção aos outros parreirais, eles informaram que cultivam cinco tipos de uvas na propriedade. Enquanto provamos, o entrevistado nos mostrou o segredo do cultivo da parreira: o enxerto. O novo broto chamado de “cavalo” não produz frutos, então é realizado a poda em uma altura de aproximadamente um metro, com um corte separando duas partes, então, escolhe-se um broto de uma parreira bem carregada, onde é feita a cunha (corta-se um pouco para cada lado) e, em seguida, esta é unida ao cavalo e isolada com fita, para que não entre água e a nova muda possa produzir frutos.

A tarde passou rapidamente. Ao retornarmos em direção a casa, fomos convidados a degustar os alimentos produzidos pela família. Sobre a mesa, um litro de vinho, o pão recentemente assado, salame e uma vasilha com torresmo⁴. Após o lanche, apressamos a ir embora, pois pingos de chuva começavam lentamente a cair. Com abraços calorosos e um até logo, iniciamos o caminho de volta para casa. A chuva aumentou e nos acompanhou durante todo o trajeto. O percurso de volta foi tranquilizador. Fomos tomados por um sentimento de gratidão e pela certeza que, somados todos os materiais já coletados, seria possível a escrita da dissertação (Diário de Campo, do dia 05/01/2017).

³ O salame, é o mais conhecido e seu preparo é fácil, pois as carnes suínas são moídas e temperadas e esta mistura crua é colocada dentro de uma tripa geralmente industrializada e em seguida é amarrado as duas pontas por um único barbante tendo o formado da letra U, em algumas vezes é feito sem unir as pontas o que faz parecer a letra I. Depois de todos amarrados é necessário pendurar para secar em uma certa distância do fogo, pois a ideia é que a fumaça defume o produto.

⁴ O torresmo é feito a partir do couro e gordura do porco. Para fazer o torresmo é necessário separar a carne da gordura. Posteriormente, a gordura com o courinho do porco deve ser cortada em pequenos cubos e fritos até ficar crocante. O ato de fritar derrete a gordura tornando em banha. O que sobra do couro é o torresmo.

INTRODUÇÃO

O fragmento do Diário de Campo justifica a escolha do título da dissertação, “Nono, vem aqui que tem gente”: Cultura e identidade na Comunidade São Pio X – Km 20, Francisco Beltrão, Paraná.

A decisão de se dar acento à frase pronunciada pelo menino, baseia-se na ideia de que expressava a escolha de identidade étnica euro descendente de origem italiana. Sabe-se que, em solo brasileiro os imigrantes precisaram se adaptar aos novos costumes da região, aprendendo a língua do novo país, mas certas palavras permaneceram como se fossem guardiãs da relação entre o antigo e o novo lugar de vida.

Nono ou Nona é um termo utilizado entre os descendentes de italianos para chamar o avô ou a avó. Na comunidade, percebemos vários indícios desta cultura através da linguagem. Ao escrevermos sobre estes moradores, alguns aspectos foram ressaltados, tais como a religiosidade, o gosto pelas músicas folclóricas, a apreciação da culinária italiana e os aspectos educativos que permeiam o jeito que as pessoas assinalam sua presença no mundo.

A comunidade São Pio X - Km 20, distrito de Francisco Beltrão, é considerada importante para os demais moradores das circunvizinhanças, pois é a única que disponibiliza atendimento médico, odontológico e formação escolar desde a pré-escola até o 9º ano do Ensino Fundamental. É neste local que encontramos um supermercado, uma padaria, uma agroveterinária, algumas bodegas⁵, salão de beleza e rádio comunitária, além de receber destaque por realizar a festa da cultura italiana - Fest Vin há mais de 20

⁵ Para Teleginski (2012, p. 50), “O que importa destacar nesse momento é que armazéns, bodegas ou casas comerciais tinham funções semelhantes vendiam mercadorias variadas e acumulavam funções múltiplas[...]”. A palavra bodega, é utilizada na comunidade para referir-se aos pequenos comércios, que possuem bebidas, doces e salgados em pouca quantidade. Este local geralmente é em anexo as residências das famílias, porões ou locais alugados para esta finalidade, e proporcionam momentos de diversão para grande parte dos moradores, sendo expressiva a quantidade de homens que frequentam o local para tomar uma cerveja e jogar cartas. Morgan (2000, p. 77), em suas pesquisas de campo na comunidade, informou que naquela época a Comunidade São Pio X, contava com “ a típica bodega do seu Becchi, onde os mais moços acima de 60 anos se reúnem para jogar o baralho e contar casos”, e ainda menciona que a bodega era no porão e logo que entrou percebeu “o clima alegre descontraído, que além dos costumes “briques” se ouvem muitas piadas e com certeza boas histórias, sem contar na cerveja gelada, a pinguinha, o refrigerante, e como não podia deixar de ser no meio da italianada, sempre tem vinho, uma graspa no inverno, entre outras peculiaridades”. Tal afirmação, faz nos lembrar que na infância, antes do horário de início das aulas, entrávamos neste local acompanhados de um pequeno papel, e nele estava anotado o nome do produto a ser comprado, ou não sabendo qual produto era, seria possível entregar ao responsável da bodega, chamado de bodegueiro, para que ele nos ajudasse. Com o consentimento dos pais, o troco, geralmente em moedas, poderia ser utilizado para comprar alguns doces, salgadinhos ou chicletes. Hoje, embora os lugares mudaram, percebemos que a casa continua igual, porém sem a bodega do seu Becchi, mas surgiram assim, novas bodegas e até um mercado em frente à escola. Percebemos que é comum os alunos da escola Basílio Tiecher, levarem bilhete escrito pelos pais, solicitando autorização dos professores para serem liberados no intervalo, a ida até o mercado, bodega, veterinária, padaria ou outro estabelecimento.

anos. Sabemos que a alimentação, as crenças religiosas e as festividades, compõem os costumes diários destes moradores. Assim, conhecer este cotidiano, significa adentrar na vida deste coletivo e, por meio do conhecimento das festas, da culinária, da religiosidade e da escola apreender a forma como rememoram os antepassados, suas histórias e seus costumes. Iniciamos por buscar na própria reminiscência esses momentos.

Tais descrições, mobilizam todos os sentidos, lembramo-nos dos gritos chamando o nono e a nona, das histórias contadas pela nona Sueli Federizi Tortora que, durante a noite, visitava-nos para fazer um filó⁶ e “parlare italiano⁷”, bem como as conversas e gestualidades alargadas dos familiares reunidos. Por vezes, ouvimos o nono Felomeno Tortora (*in memoriam*), em seus momentos de irritação, dizer: “porco dio” “maledeto” ou “porca madona”; não sabendo o que significava tais palavras, logo associamos que eram palavras feias, as quais não se poderia falar, pois essas expressões eram possíveis somente aos mais velhos. Tais vivências da infância nos trazem à mente o cheiro de vinho preparado com água e açúcar, a produção do salame, as massas, o ato de colocarmos lenha no fogão, aquecendo a água para o cozimento da polenta e o conjunto de ações necessárias para a produção do queijo.

Enquanto criança moramos em uma comunidade do interior chamada Rio Palmeirinha, lugar que evoca boas lembranças. Alguns afazeres de casa era nossa responsabilidade e no tempo livre divertimo-nos, brincando com os familiares e amigos, sendo a brincadeira preferida “escolinha e professora”. Naquele momento, mesmo desconhecendo o ambiente escolar reproduzimos algumas ações, pois os livros, cadernos e giz eram os brinquedos preferidos. Dentro do quarto, sobre a cama ficavam os materiais juntamente com o pote de giz, para riscarmos as portas do guarda-roupa e um pequeno pano era transformado em apagador.

Ainda é presente na lembrança, o quanto esperamos os seis anos de idade chegar, para começarmos os estudos na Escola Basílio Tiecher, situada na comunidade São Pio X - Km 20. Lembro-me da lista de materiais e o momento em que meus pais chegaram com as sacolas plásticas que mostrava os papéis crepons coloridos e os demais materiais para início do ano letivo. Lembro, ainda, que iniciamos uma maratona de organização para que no início das aulas todos os materiais estivessem preparados.

⁶ Entre os descendentes de italianos, o “Filó”, é o ato de reunir-se em família, vizinhos e fazer uma visita durante o anoitecer.

⁷ O verbo FALAR no italiano escreve-se PARLARE, e a nona Sueli, fala ou “parla” a língua italiana, porém ensinou pouca coisa aos filhos e os netos na grande maioria nem sabem que ela fala outra língua. Durante o mestrado, ficamos instigados em aprender a língua italiana, pois os entrevistados falavam e nós não compreendíamos. Iniciamos então, o curso de italiano e por várias vezes sentamos com a nona para conversarmos e aprendermos o dialeto italiano, somando ao conhecimento dos estudos da língua italiana.

Eis que chegou o esperado dia. Após o banho, vestimos o uniforme, almoçamos, escovamos os dentes, colocamos a mochila nas costas e na estrada em frente à casa, esperamos pelo horário do ônibus. Quando ele estava se aproximando, minha mãe disse: “Vai dar tudo certo, não chore...até de tarde”. E quando ele parou, entramos e felizes fomos conversando com os novos amigos, pois tudo era novidade. Ao chegar, deparamo-nos com os ambientes diferentes, conhecemos a escola, os professores e nossa ambição era aprender a ler.

Durante a tarde, realizamos algumas atividades, lanchamos, brincamos e logo chegou a hora de retornarmos. Encontrar o ônibus era a tarefa mais difícil, mas tranquilamente localizamos e entramos ansiosos para chegarmos a casa e relatar o quanto era divertido ir para a escola. Meus pais tiveram pouco estudo, mas fizeram o possível para termos a oportunidade de despertar, desde cedo, o gosto pelos estudos.

A cada ano escolar novos aprendizados e conhecimentos eram adquiridos e durante o ano de 2005, nas aulas de história, a professora solicitou a formação de grupos com alunos da mesma comunidade, para encontrar informações sobre o local onde cada grupo morava. Eram quatro alunos residentes na comunidade do Rio Palmeirinha e, juntos, iniciamos nossas entrevistas com os moradores mais velhos e descobrimos que, por volta do ano de 1967, Nunes Prestes nomeou a localidade pela grande quantidade de palmeiras que ali existiam, os relatos apontavam que os primeiros moradores foram: Nunes Prestes⁸, Antônio Padilha e Arnaldo Bussato, juntamente com os demais familiares.

O trabalho informava também que, na década de 1970, os moradores do Rio Palmeirinha compraram a capela do Rio Saltinho, lugar conhecido como Canta Sapo, próximo ao Rio Guarapuava, construída pela família do Padre Arnaldo Biangueis e tinha como padroeira a santa Nossa Senhora da Salette. No ano em que realizamos a pesquisa havia 38 famílias participando das atividades religiosas na comunidade.

Outras informações estavam neste trabalho, mas o motivo pelo qual temos enorme apreço até os dias de hoje, embora ele seja simples, cheio de erros ortográficos, é o estímulo que ele proporcionou para nos tornarmos pesquisadores, pois foi a primeira tentativa de se compreender a história de um local por intermédio de narrativas de seus moradores. Por não sabermos sobre metodologia, critérios de pesquisa, ética e, muito menos, que existia aparelhos para a gravação das entrevistas, consideramos uma atividade

⁸A escola da comunidade do Rio Palmeirinha, embora desativada conta com uma placa que está fixada na parede escrito: “Escola Rural Municipal Nunes Prestes, Adm. Guiomar Jesus Lopes – Março 1988”. Relatos apontam que este morador doou as terras para que fosse construído a escola, a igreja e o pavilhão e, por isso, a escola recebeu o seu nome como uma homenagem.

qualquer, mas foi uma experiência que nos trouxe conhecimento e inquietações que ainda nos acompanham. Já frequentava o Ensino Médio quando recebemos da minha tia (Inês Bortolini Camargo), professora da Escola Basílio Tiecher, o trabalho que, por alguns anos, permaneceu guardado na escola. Aquilo, que, por muito tempo, ficou esquecido trouxe novas emoções.

Outro motivo que justifica a guarda e a escrita sobre o trabalho, neste momento, é devido ao óbito de um dos componentes do grupo, provocado por um acidente de moto anos mais tarde. Ele e seu irmão estavam na comunidade São Pio X e, ao retornarem para casa, perderam o controle da moto, caindo na beira do asfalto. Ao nosso colega, o pior aconteceu, ao cair, bateu a cabeça em uma pedra e faleceu. Foram momentos tristes, pois durante muitos anos, estudamos na mesma sala de aula e mesma turma de catequese. E, ao folhar o trabalho e ver o nome dos colegas, lembramos de modo especial as suas contribuições para aquele estudo.

Nesta atividade proposta, cada grupo escreveu sobre a sua comunidade e, a partir de tal movimento, percebemos que as localidades estavam ligadas à comunidade São Pio X, por meio da escola. Estudamos na Escola Basílio Tiecher, durante a Educação Infantil e Ensino Fundamental e, dessa forma, há um sentimento de pertencimento a este local. Crescemos envolvidas em algumas atividades da localidade, vimos as danças típicas italianas apresentadas na escola e, mais tarde, enquanto aluna, passamos a auxiliar na organização e na preparação do ambiente para a realização das festividades, a fim de cultivar a origem étnica italiana, o que nos trouxe questionamentos ao longo dos anos.

A escola tem lugar central nos processos de identidade e identificação. A afirmação toma por base as experiências proporcionadas pela instituição, enquanto aluna, e sua contribuição na continuidade dos meus estudos. Pois, ao término da graduação em Pedagogia, instigados ao processo de pesquisa, buscamos informações sobre a história da comunidade e percebemos que havia pouco ou quase nada publicado. Sentimos, assim, a necessidade de se construir um registro formal, acadêmico e científico, como uma forma de contribuir com o grupo de referência e esclarecer a própria história.

Surgiu, assim, a ambição de se conhecer a história da Comunidade São Pio X – Km 20 e, para tanto, elaboramos a proposta de pesquisa para conseguir olhar de fora/dentro, com intensidade, as vivências cotidianas, para apresentarmos os locais privilegiados para a construção da identidade, assim, estabelecemos os seguintes espaços de pesquisa: a igreja e suas crenças religiosas; a escola e suas circunvizinhanças; a vivência da festa e as relações entre os moradores da comunidade em estudo. Estabelecemos como problemática, o questionamento: **Como os moradores da**

Comunidade São Pio X, constroem a identidade cultural? Definimos a etnografia como metodologia, pois acreditamos que ela poderá responder aos objetivos e à problemática propostos. Para tanto, selecionamos os seguintes instrumentos de coleta de dados: Entrevistas Narrativas, Diário de Campo, Registro Fotográfico e análise de Acervo Documental.

A relação com o objeto de estudo justifica-se pela forma como vejo o mundo, pois, como já referido, passei maior parte do meu tempo de vida na localidade e, de alguma forma, é desta experiência que decorre o trabalho de dissertação. Assim, nossa percepção da comunidade São Pio X é entremeada pelo conhecimento apreendido no núcleo familiar, pelas relações que estabelecemos nos espaços contíguos a casa, pela participação nas festividades da comunidade e por um conjunto de ações que me produziram como pessoa.

A escolha por trabalharmos com um grupo euro descendentes, não significa desconhecer que haviam outros grupos étnicos nesta região em período anterior à ocupação por descendentes europeus, tais como os caboclos e indígenas. No entanto, neste trabalho priorizamos o grupo étnico predominante na comunidade São Pio X.

A dissertação está estruturada em quatro capítulos: No primeiro, abordamos a metodologia, problema de pesquisa, instrumentos para a coleta de informações, dados sobre os entrevistados e *locus* de pesquisa. No segundo, o processo imigratório Italiano⁹, migração e ocupação das terras paranaenses, com ênfase para os migrantes descendentes de italianos que colonizaram a Colônia Agrícola Nacional General Osório e seus entornos, surgindo as novas comunidades. No terceiro, discutimos conceitos como identidade e identificação, ressaltando a identidade étnica assumida pelos moradores entrevistados. Na sequência, apresentamos informações sobre o início da colonização da Comunidade São Pio X, os costumes religiosos adotados e a construção da primeira igreja do local, dando a conhecer como se processa o vínculo social. Abordamos o surgimento da Educação formal da Escola Basílio Tiecher, com referências sobre a primeira escola e sua contribuição na formação da identidade dos alunos. No quarto e último capítulo, a abordagem é sobre a festa da Cultura Italiana - Fest Vin, que acontece há 21 anos na comunidade. Apresentamos então, seu surgimento e a permanência da festividade como possibilidade de vínculo social.

⁹ Compreendemos o movimento imigratório como o ato de sair de um país e fixar-se em outro e da mesma maneira, o fato de mudar-se de um estado/cidade para outra dentro do mesmo país é identificado como movimento migratório. Abordamos a discussão dos conceitos imigração e migração no segundo capítulo.

CAPÍTULO I - ESCOLHAS METODOLÓGICAS: PERCURSOS DA PESQUISA

Neste primeiro capítulo mostraremos os percursos para a elaboração da dissertação, apontando a temática, as escolhas metodológicas, o problema de investigação e os objetivos da pesquisa. Apresentaremos os entrevistados, juntamente com algumas informações e justificaremos a escolha destas pessoas como sujeitos da pesquisa. Outra questão a ser abordada, neste momento, diz respeito ao espaço de pesquisa.

A comunidade já foi espaço escolhido por outros pesquisadores, e, dentre os quais tivemos conhecimento, destacamos a pesquisa de mestrado de Cattelan (2014), que pesquisou sobre as escolas criadas pela CANGO e, posteriormente, o processo de nuclearização das escolas do meio rural. Com base neste estudo, percebemos que a escola da comunidade foi citada em seu trabalho e compreendemos os motivos para a permanência da Escola Basílio Tiecher.

Identificamos as contribuições de Schneider (2012), cuja tese de doutorado abordou as festas gastronômicas realizadas no município de Francisco Beltrão, na qual destacou as festas que compõem o Projeto Nossas Raízes. A autora discorreu sobre a Fest Vin de 1997, data de início, até 2010, quando finalizou a coleta. As informações se basearam nos folders confeccionados para a festa e entrevistas com duas moradoras da Comunidade São Pio X.

Encontramos também a pesquisa de mestrado de Briskievicz (2012), a qual, entre outros assuntos, apresentou os grupos folclóricos italianos que existiam no momento da pesquisa, abordando o Grupo Va Pensiero e participação deles na Fest Vin, entrevistou também uma família do local, buscando compreender o processo de afirmação e permanência dos elementos que compõem a identidade assumida.

Na dissertação de Galvão (2009), entre vários estudos sobre o patrimônio territorial de Francisco Beltrão, a autora mencionou os migrantes italianos e seus costumes percebidos no município. Apresentou questões sobre a Fest Vin, sobre os produtores de vinho e o frigorífico do local.

Para finalizarmos, recebe destaque as contribuições descritas no livro de Morgan (2000), por ser o primeiro a entrevistar as pessoas da comunidade, relatando os costumes locais.

Para dar suporte teórico-metodológico às ações pretendidas, contamos com as contribuições de Costa (1985), Geertz (1981), Hall (2009, 2015), Iotti (2001, 2010), Kossoy (2009), Lazier (1986, 1997, 2003), Marques (2008), Martins (1986), Scheneider (2012), Vannini (2003), Wenczenovicz (2014), dentre outros.

Desta maneira, as informações disponíveis nestes estudos darão suporte para a escrita sobre a identidade cultural e, na sequência, apresentamos as questões que nos levaram a desenvolver a pesquisa sobre a Comunidade São Pio X – Km 20.

1.1 Tema, problema de pesquisa e objetivos

A temática cultura italiana é bastante explorada na região, porém, com muitas possibilidades e problemáticas possíveis de investigação. A partir das contribuições de Geertz (1981, p. 24), compreendemos que a cultura é um sistema entrelaçado de signos interpretáveis, “a cultura é pública porque o significado o é” e ainda que,

[...] a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (GEERTZ, 1981, p. 24).

Dessa maneira, a cultura é considerada abstrata, mas por meio dela a humanidade organiza suas vivências do dia a dia. A cultura faz parte da vida social e todos fazem parte de uma cultura, já que nascemos situados culturalmente. Guimarães (2003, p. 99) afirma que ao falarmos de cultura, falamos também de uma “determinada cultura étnica – a cultura italiana, a cultura negra, a cultura baiana, falamos em culturas nacionais, em cultura brasileira e em culturas raciais” e diante disso, surgiu a necessidade de pensarmos na elaboração da pesquisa para registrar traços da história e cultura da Comunidade São Pio X.

Este local realiza uma festividade italiana, a Fest Vin, há vinte e um (21) anos, sendo a festa importante, por (re) apresentar os costumes dos moradores. A festa é parte das vivências e experiências dos moradores, para tanto, pautamo-nos em nossa inserção na comunidade para pensarmos nos demais ambientes aglutinadores dos moradores. Após dias de observações das atividades cotidianas, selecionamos três espaços para compreendermos a identidade cultural destes moradores: a igreja, a escola e as festividades.

Elegemos como objetivo geral: registrar a história da comunidade São Pio X, compreendendo o processo de identidade e identificação cultural. Os objetivos específicos enunciados foram: a) identificar os marcadores culturais selecionados pelos moradores da comunidade São Pio X como elementos de identidade; b) apontar as correlações entre a herança cultural dos descendentes italianos e o processo de identificação da comunidade; c) estabelecer os significados da escola e da igreja para a

identidade cultural assumida pelos moradores da comunidade São Pio X; d) analisar o significado das festas para a construção do processo de identidade e identificação.

Tendo os espaços definidos e os objetivos estabelecidos, elaboramos a seguinte problemática de investigação: Como os moradores da comunidade São Pio X, de Francisco Beltrão constroem a identidade cultural? Dessa maneira, utilizamos a metodologia etnográfica para atingirmos as respostas e, na sequência, apresentamos as características de uma pesquisa etnográfica.

1.2 Metodologia da Pesquisa: Etnografia

Selecionamos a etnografia, vendo-a como forma mais adequada para acessar as informações e responder ao problema de pesquisa. O estudo etnográfico é um movimento de aproximação da cultura de um grupo, identificando os costumes, as crenças, os hábitos, a religião e outros elementos que compõe o contorno das identidades e identificações assumidas por determinada coletividade.

Dessa forma, Lüdke e André (1986), quando discutem o conceito de pesquisa qualitativa, apresentam algumas características que norteiam a abordagem etnográfica. Ao realizar a leitura destas contribuições é possível reconhecer a importância das características, principalmente no que diz respeito ao contato direto e prolongado com o ambiente pesquisado. Neste sentido, participamos ativamente das atividades da comunidade, destacando a significação que tais práticas têm para o grupo pesquisado. Para compreendermos os caminhos da investigação é necessário identificar o significado do termo etnografia.

Etnografia - Grafia vem do grego graf (o) significa escrever sobre, escrever sobre um tipo particular - um etn (o) ou uma sociedade em particular. [...] Etnografia é a especialidade da antropologia, que tem por fim o estudo e a descrição dos povos, sua língua, raça, religião, e manifestações materiais de suas atividades, é parte ou disciplina integrante da etnologia é a forma de descrição da cultura material¹⁰ de um determinado povo (MATTOS, 2011, p. 53).

Nessa perspectiva, aproximamos nossa intenção de pesquisa aos temas citados pela autora, pois descreveremos sobre alguns elementos, tais como etnia, religião e as manifestações expressas pelos moradores.

Convém salientar que

¹⁰ Abordaremos o conceito sobre os termos de cultura material e imaterial no decorrer do capítulo III.

[...] a etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos, o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas (ANDRÉ, 1995, p. 24).

O estudo etnográfico necessita de um longo período de observações para que possamos compreender os hábitos e crenças do grupo e, por isso, durante o período de 2016 e 2017, realizamos a coleta de informações. Como afirma André,

[...] o período de tempo em que o pesquisador mantém esse contato direto com a situação estudada pode variar muito, indo desde algumas semanas até vários meses ou anos. Além, evidentemente dos objetivos específicos do trabalho, tal decisão vai depender da disponibilidade de tempo do pesquisador, de sua aceitação pelo grupo, de sua experiência em trabalho de campo e do número de pessoas envolvidas na coleta de dados (ANDRÉ, 1995, p. 25).

Tais inserções na localidade foram possíveis primeiramente pela disponibilidade, pois, como bolsista¹¹ tivemos a possibilidade de dedicar o tempo necessário à coleta das informações; Outra questão que favoreceu o ingresso na comunidade foi a intimidade com o local e, da mesma forma, certo estranhamento em algumas situações, pois, embora tenhamos relações cotidianas com a coletividade a tarefa de pesquisa exigiu outra percepção que permitisse participar, descrever e interpretar acontecimentos relacionados a vivência da religiosidade, da educação e da festa no grupo estudado.

Por anos acompanhamos as atividades, principalmente escolares desta comunidade e isso também facilitou o acesso como pesquisadora, porém, neste momento voltamos a esses lugares e os percebemos com outros olhos, atribuindo novos valores às experiências do grupo, produzindo novas sensibilidades nas situações observadas.

O uso da sensibilidade na fase de coleta significa, por um lado, saber ver mais do que o óbvio, o aparente. Significa tentar capturar o sentido dos gestos, das expressões não verbais, das cores, dos sons e usar essas informações para prosseguir ou não nas observações, para aprofundar ou não um determinado ponto crítico, para fazer ou não certas perguntas numa entrevista, para solicitar ou não determinados documentos, para selecionar ou não novos informantes (ANDRÉ, 1995, p. 52).

¹¹ Ao ingressar no Programa de Mestrado participei do processo de seleção de bolsas de estudo e fiquei classificada em terceiro lugar. Mas, apenas no segundo ano de mestrado (2017) houve disponibilidade de bolsa da CAPES e fui convocada para assumir. A partir deste auxílio, tivemos maior inserção nas atividades cotidianas do ambiente pesquisado, conseguimos encontrar documentos, retornar nas residências dos entrevistados, buscar sempre que necessário as informações nos cartórios, igreja e escola. Ser bolsista é ter tempo para realizar a pesquisa e, em se tratando de uma pesquisa etnográfica, a bolsa da CAPES foi de suma importância para o resultado final da dissertação.

Esse processo requer atenção, pois há simultaneidade de informações e gestualidades, sons e acontecimentos. Anotar transforma-se em tarefa exigente: neste momento, há a preocupação com as formas de registros, as possibilidades de apreensão e a viabilidade destes movimentos para composição da pesquisa.

Nesta perspectiva realizar pesquisa etnográfica é observar “os modos como esses grupos sociais ou pessoas conduzem suas vidas com o objetivo de revelar o significado cotidiano, nos quais as pessoas agem. O objetivo é documentar, monitorar, encontrar o significado da ação” (MATTOS, 2011, p. 51). Concordamos com Mattos, e consideramos que a observação é indispensável no fazer etnográfico, pois, são nestes momentos que compreendemos as ações cotidianas dos moradores e de alguma forma produzimos a legitimidade para descrever o observado.

Sobre isto é expressiva a contribuição de Geertz (1981, p. 15), quando argumenta que, na Antropologia, os praticantes fazem etnografia e “[...] praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante”. Consideramos um grande desafio realizar uma pesquisa utilizando esta metodologia, pois é necessário que o pesquisador participe ativamente das atividades do grupo e ao mesmo tempo consiga descrever o processo, para perceber as peculiaridades de cada ação.

Escolher os informantes foi difícil, em razão de acreditarmos que, cada morador, indiferente da idade, crença ou costumes, teria suas contribuições que acresceria a dissertação, mas sabendo da dificuldade de selecionarmos um grande grupo, optamos por vinte e três entrevistados.

Compreender a cultura e a identidade de um grupo são atividades complexas, por isso, destacamos os aspectos de identificação e pertencimento dos sujeitos e suas relações com os lugares, suas histórias, crenças e sua composição étnica. Tais marcadores revelam sua construção identitária e as escolhas culturais que esses grupos elaboram. Para a apreensão do problema de investigação selecionamos os seguintes instrumentos de coleta de dados: observação e descrição, registro fotográfico (registrados pela pesquisadora e constante no acervo pessoal dos moradores da comunidade), análise documental (Livros Atas, Jornal de Beltrão e documentos oficiais), Diário de Campo e entrevistas narrativas.

a) Observação e descrição

Neste momento, fomos a campo para observarmos as vivências dos moradores e coletar materiais que pudessem ajudar a compor a investigação. Este processo, segundo Lüdke e André (1986, p. 12), é “rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos;

inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos, fotografias, desenhos e extratos de vários tipos de documentos”. Nesta perspectiva, André informa que,

[...] a observação é chamada de participante porque parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado. As entrevistas têm a finalidade de aprofundar as questões e esclarecer os problemas observados. Os documentos são usados no sentido de contextualizar o fenômeno, explicitar suas vinculações mais profundas e completar as informações coletadas através de outras fontes (ANDRÉ, 1995, p. 24).

Além das observações realizadas, descrevemos os ambientes e situações que presenciamos, e sobre isto os autores mencionam que,

[...] além de descrições acuradas da situação estudada, o estudo etnográfico apresenta muito material produzido pelos informantes, ou seja, histórias, canções, frases tiradas e entrevistas ou documentos, desenhos e outros produtos que possam vir a ilustrar a perspectiva dos participantes, isto é, a sua maneira de ver o mundo e as suas próprias ações (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 14).

Assim, a partir do material coletado com os informantes, apresentamos a forma como os sujeitos constroem seus processos de identidade e identificação.

b) Registro fotográfico

Durante as entrevistas, além das histórias, estes moradores cederam suas fotografias e documentos pessoais para que constituíssemos acervo sobre a vida, na comunidade estudada. Ademais, enquanto falavam, deixavam transparecer o significado de serem reconhecidos como narradores, emocionavam-se ao lembrar de momentos felizes ou de sofrimento e, ao mesmo tempo, afirmavam, olhando para as fotografias, que elas expressavam registro de momentos de suas histórias pessoais e coletivas importantes.

De acordo com Kossoy (2009, p. 106), “quando o homem vê a si mesmo através dos velhos retratos nos álbuns, ele se emociona, pois percebe que o tempo passou e a noção de passado se lhe torna de fato concreta”. Nessa perceptiva, os entrevistados deixam transparecer o sentimento de passado, de experiência e por vezes, de saudade. O autor ainda afirma que nos álbuns de família aparecem apenas os momentos felizes. Identificamos que as fotos apresentadas pelos entrevistados são de celebrações religiosas, tais como casamentos, batizados, eucaristia, e, em menor quantidade, fotos das turmas escolares e festas de família ou aniversário.

Sobre a fotografia, convém destacar que,

[...] elas nos dizem respeito e nos mostram como éramos, como eram nossos familiares e amigos. Essas imagens nos levam ao passado numa fração de segundo; nossa imaginação reconstrói a trama dos acontecimentos dos quais fomos personagens em sucessivas épocas e lugares. Através das fotografias reconstituímos nossas trajetórias ao longo da vida: o batismo, a primeira-comunhão, os pais e irmãos, os vizinhos, os amores e os olhares, as reuniões e realizações, as sucessivas paisagens, os filhos, os novos amigos, a cada página novos personagens aparecem, enquanto outros desaparecem das páginas do álbum e da vida (KOSSOY, 2009, p. 106 - 107).

Dessa forma, um álbum fotográfico, é uma maneira de retornar as lembranças do passado. Assim, as imagens dispostas no decorrer do texto, não terão a função ilustrativa. Por meio das fotografias queremos compreender as representações¹² do grupo, pois, as imagens fotográficas podem ser mais do que uma lembrança ou registro de acontecimentos. Para Predebon (2010, p. 285), “um registro documental de acontecimentos, pessoas e lugares, tornando-se importante enquanto fonte de pesquisa para a história”. Assim, através das fotografias podemos acessar o passado, ainda que saibamos que ele é sempre criação.

Neste sentido, Pozza (2015, p. 646) argumenta que “fotografar é, acima de tudo ver por meio da câmera um mundo de formas, *a priori*, determinar o que fará parte do objeto estético inserido na obra fotográfica”. Com a fotografia, registramos os lugares, os entrevistados, os utensílios e ações desenvolvidas pelo grupo.

Nesse ponto de vista, qualquer coisa pode ser fotografada pois “as possibilidades fotográficas são praticamente inesgotáveis. Tudo o que é fotografável pode ser fotografado” (FLUSSER, 1985, p. 19). Por este motivo, a câmera fotográfica nos acompanhou em todos os lugares, em entrevistas que realizamos e, sempre que consideramos pertinente, registramos os detalhes e acontecimentos vivenciados pelo grupo¹³.

c) Análise documental

Buscamos também informações nos documentos que a comunidade dispõe, como a Livro Ata da Igreja Católica, Livro Ata da Associação dos Moradores, Livro de óbitos, documentos disponíveis na Escola Basílio Tiecher, documentos conservados no

¹² Com base nos apontamentos de Woodward (2009), compreendemos que representação são os elementos que um grupo seleciona para apresentar sua identidade e na comunidade foram selecionados a maneira de ser, os costumes alimentares, religiosos e as atividades festivas.

¹³ Para que pudéssemos fotografar os entrevistados, ou ter acesso ao arquivo pessoal de fotografias das famílias, utilizamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Autorização de Uso de Imagens. Por meio do documento, os entrevistados autorizaram o uso dos depoimentos e a reprodução das imagens para fins de trabalhos acadêmicos. Ver Apêndice 1.

Departamento de Cultura e Secretaria de Educação de Francisco Beltrão, Jornal de Beltrão e documentos dos entrevistados.

Realizamos buscas nos Cartórios de Francisco Beltrão, na tentativa de encontrar certidões de nascimento ou falecimento, anterior ao ano de 1966, para identificarmos o nome dos locais da região. Procuramos projetos de lei que tematizassem a comunidade local, no arquivo da Prefeitura, porém, sem sucesso¹⁴.

Para a elaboração do mapeamento genealógico, realizamos buscas até encontrarmos os cartórios mais antigos dos municípios de Bento Gonçalves, Lagoa Vermelha e Sananduva no estado do Rio Grande do Sul, solicitando informações sobre o sobrenome Tortora. Após este processo, tudo que havia no Sistema era informado via e-mail, com a possibilidade de solicitarmos a segunda via dos documentos.

Na tentativa de encontrar mais informações sobre os imigrantes Giuseppe Tortora e Rosa Camera, buscamos no *Google* nomes de paróquias na Itália, com intenção de enviar e-mail para todas, até encontrarmos as informações. Enviamos, primeiramente, para a Paróquia de Vicenza, solicitando as certidões de nascimento ou casamento dos familiares sendo que, prontamente, responderam-nos confirmando a existência da certidão de batismo e casamento de Giuseppe Tortora, e informando que ambas poderiam ser enviadas em nosso endereço. Assim que encontramos as informações pretendidas, solicitamos o envio e depois de uns dois meses recebemos tais documentos em nosso endereço.

d) Diário de Campo

O Diário de Campo acompanha o pesquisador em todas as observações e vivências realizadas. Nele foram registrados os detalhes que nos chamaram atenção, as datas, locais visitados, as críticas, as impressões, intuições¹⁵ e sugestões sobre o processo da pesquisa.

Em cada lugar visitado escolhermos os momentos em que faríamos os registros e anotações. No Diário de Campo anotávamos as informações sobre as residências, ações e gestos das pessoas entrevistadas ou observadas. De acordo com Geertz (1981, p. 29), “o etnógrafo “inscreve” o discurso social: *ele o anota*. Ao fazê-lo, ele o transforma de

¹⁴ Um incêndio nas dependências da prefeitura destruiu os documentos anteriores a data de 06/01/1966, e isto dificulta a localização destas fontes.

¹⁵Sobre as intuições, Maffesoli (1998, p. 194) afirma ser uma forma de antecipação e que não entende “a intuição como simples qualidade psicológica. É até possível que ela seja tudo menos pessoal. Com efeito, pode-se, ainda que seja a título de hipótese, considerar que ela participa de um inconsciente coletivo”. Para Pozza, (2015, p. 649), “a *intuição* aparece como uma negação da argumentação no contexto dessa metodologia, e, seja essa intuição direta ou reflexiva, fundamenta-se tanto na percepção quanto na memória”.

acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência, em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente”. Dessa maneira, as anotações do Diário de Campo compõem o trabalho e mostram o processo de reflexão à medida em que desenvolvemos a pesquisa.

e) Entrevistas

Buscamos, a partir das entrevistas narrativas, aproveitar a riqueza das falas dos sujeitos, transcrevendo-as da maneira com que os entrevistados falaram, destacando a ambiência em que transcorreu a entrevista. As entrevistas narrativas são capazes de apontar informações e revelar as peculiaridades da vida local e os sentimentos e lembranças que presentificam o passado por meio da narrativa.

A escolha dos sujeitos foi realizada mediante conversas informais na comunidade. A partir de tais diálogos, as pessoas indicavam aqueles que eram considerados depoentes significativos sobre a vida comunitária. Os apontamentos encaminharam para antigos moradores/as identificados pelos vizinhos como pioneiros/as e/ou descendentes dos primeiros habitantes da localidade, para aquelas que exercem e/ou exerceram papel de liderança no grupo e/ou em instituições de referência como a igreja e a escola.

Partindo destas indicações, ouvimos histórias, intensificamos o convívio nas atividades cotidianas e selecionamos 23 participantes. Realizamos algumas entrevistas individuais e outras reunindo o grupo familiar.

Utilizamos as narrativas, memórias e as lembranças dos entrevistados para entender o processo de ocupação da comunidade e compreensão da identificação assumida. As entrevistas aconteceram nas residências dos entrevistados o que ampliou as possibilidades de percepção dos costumes e crenças locais. No processo de transcrição das entrevistas, optamos por manter a característica da linguagem de cada entrevistado, não realizando as correções gramaticais.

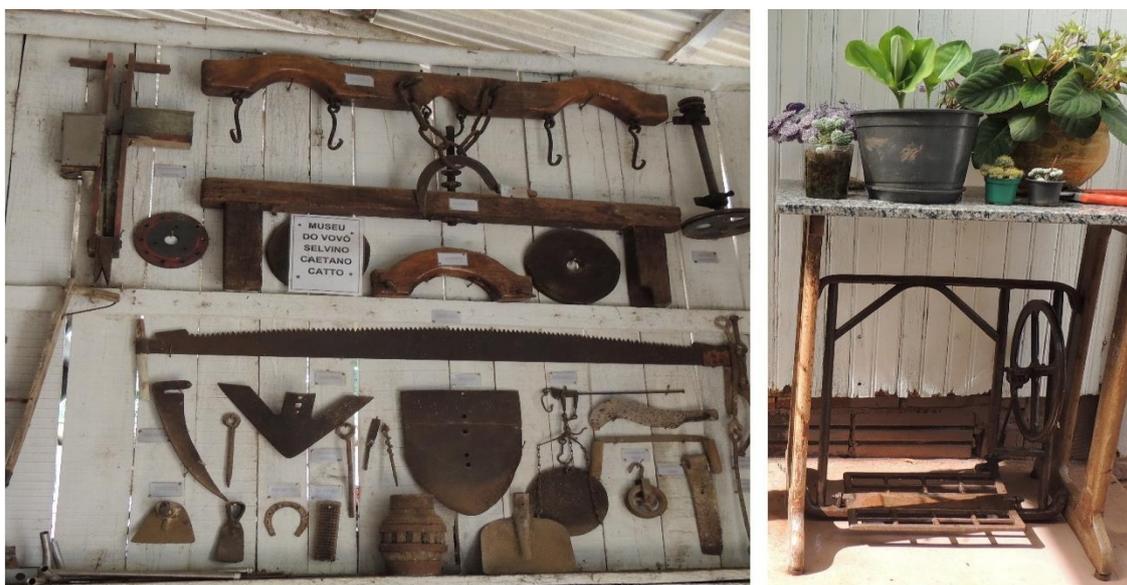
Ao realizarmos a pesquisa de campo na residência da família Catto, fomos convidadas a conhecer a propriedade e as relíquias guardadas e preservadas nos arredores da casa. Encontramos alguns objetos que hoje apresentam uma função diferente no cotidiano da família, o que antes era designado para muitos afazeres da casa, na atualidade estão preservadas para rememorar o passado.

O primeiro item a nos chamar atenção foi a máquina de costura que estava ao lado da entrada da lavanderia da casa e servia de suporte para as flores. Adentrando no lugar, avistamos o ferro de passar a brasa, que há anos deixou de ser utilizado, “mas ambos já me deram muito trabalho, comenta Lurdes, esposa do entrevistado (Diário de Campo,

06/01/2017) ”. Os armários de madeira maciça pintados com verniz, conhecido como guarda-louça ou cristaleira, são mantidos por várias gerações na família, sem esquecer do famoso tacho de fazer a polenta, a tábua de madeira utilizada para picar carne, o fogão a lenha e utensílios necessários para o preparo do vinho colonial de consumo familiar, que também compõem o cenário da lavanderia da residência.

O mais curioso foi encontrar um museu junto a um galpão, com peças catalogadas fixadas na parede do local. Estas peças possuem mais de cinquenta (50) anos e a organização ficou sob responsabilidade do Oscar, um dos filhos do casal Catto. A ideia emergiu depois da conversa entre pai e filho, em que Oscar comentou com o pai que aquelas peças já não tinham mais utilidade na propriedade e que iria jogar fora, porém, percebeu que o genitor ficou aborrecido, e daí decorreu a decisão de organizar um museu comunitário. Depois de tudo organizado e em seu devido lugar, Oscar levou seu pai para conhecer o Museu do Vovô Selvino Caetano Catto. Ele comentou ainda que seu pai ficou emocionado ao ver todas aquelas peças em ordem.

Fotografia 1: Museu organizado na propriedade de Selvino Caetano Catto e máquina de costura antiga, algumas relíquias preservadas pela família



Fonte: Registro, Aline Tortora de Oliveira, janeiro de 2017.

Encontrar estes cenários e perceber o significado que a família atribui a estes objetos e suas lembranças produzidas, permite-nos compreender a importância de registrar estas narrativas (Diário de Campo, 06/01/2017). Ademais, a participação em atividades nas residências permitiu conhecermos as propriedades, as plantações, os parreirais e os instrumentos utilizados no preparo do vinho.

As entrevistas aconteceram no período da manhã ou tarde e, para tanto, elaboramos uma questão norteadora: o que é para você fazer parte da Comunidade São Pio X? E, a partir desta interrogação, as histórias começavam a ser contadas, carregadas de emoção e orgulho.

A intenção foi de que os entrevistados pudessem falar livremente sobre sua vida, sua família e costumes diários. Quando consideramos um assunto inacabado, perguntamos aos depoentes para esclarecer as informações, complementar uma ideia ou mesmo apontar personagens que pudessem fornecer mais explicações.

Houve situações, nas quais, após realização da entrevista e transcrição da mesma, percebemos que as informações não condiziam com outros dados, voltamos até a residência e, por vezes, a partir de conversas informais, foi possível compreendermos tais ideias.

Durante as entrevistas atentamos para explorar os elementos possíveis, desde as narrativas e suas gestualidades, até os costumes e objetos presentes nos ambientes. Tudo isso na tentativa de compreender como os moradores constroem a identidade cultural e a importância de tais elementos para as formas que as identidades se emolduram.

1.3 Entrevistados da pesquisa

Apresentaremos os entrevistados em ordem alfabética, ressaltando a idade, local de nascimento, profissão, escolaridade, estado civil, origem étnica e como se sentem em falar sobre a comunidade, seguidas da data em que ocorreu a entrevista.

Estas informações estão acompanhadas de uma fotografia do/a entrevistado/a, algumas registradas no dia da pesquisa e outras disponibilizadas por eles. Todas estão autorizadas mediante o Termo de Consentimento Livre Esclarecido e Autorização de Uso de Imagens¹⁶, sendo que, na descrição dos entrevistados, bem como nas narrativas apresentadas durante a dissertação, mantivemos as características das falas por eles relatadas.

¹⁶ Todas as entrevistas estão autorizadas através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Autorização de Uso de Imagens. Os entrevistados autorizaram o uso do seu nome, suas imagens, entrevistas e as fotografias do acervo pessoal e familiar, bem como demais documentos que pudessem contribuir para a pesquisa.

Sujeitos entrevistados:

Fotografia 2: Ana Paula Fernandes



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

40 anos. Nascida em Francisco Beltrão – PR, no dia 25/03/1978. Profissão: do lar e produtora de vinho colonial. Escolaridade: 8ª série (atualmente 9º ano, anos finais do ensino fundamental). Casada com Nadir Danielli, 48 anos. Origem étnica: se considera Brasileira. Gosta de falar sobre a comunidade e porque reside nela. Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2016.

Fotografia 3: Aurélia Becchi Bosio



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2016.

85 anos. Nascida em Encantado – RS, no dia 03/08/1932. Profissão: aposentada e do lar. Por alguns meses, ajudou nas atividades artesanais, repassando seu conhecimento aos alunos da Escola Basílio Tiecher. Escolaridade: 5ª série (atualmente 6º ano, anos finais do ensino fundamental). Ressaltou que concluiu a 5ª série em nove (09) anos de estudos. Estado civil: viúva (há dois anos). Atualmente, mora sozinha. Origem étnica: se considera de origem étnica Brasileira, mas comenta “meus pais são italianos, então eu também sou italiana”. Identifica-se com a comunidade, uma vez que reside na localidade há mais de 46 anos. Nas palavras dela, afirma “tem que dar valor pro lugar que a gente mora, eu gosto de ajudar a comunidade e faz 29 anos que sou ministra da igreja, desde o ano de 1988”. Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2016.

Fotografia 4: Carlos Versa



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2016.

77 anos. Nascido em Concórdia – SC, no dia 21/11/1940. Profissão: Aposentado e agricultor. Escolaridade: 4º série (atualmente 5º ano, anos iniciais do ensino fundamental). Estado civil: casado. Esposa: Tereza Martins Versa, 75 anos. Origem étnica: se considera de origem Italiana. Identifica-se com a comunidade, “porque tem muitos amigos e se acerta com todos do local”. Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2016.

Fotografia 5: Cleide Vissotto Prolo



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

56 anos. Nascida em Francisco Beltrão – PR, no dia 03/09/1961. Profissão: Professora na Escola Basílio Tiecher (Já esteve na direção da escola, por mais de seis anos). Escolaridade: Graduada em Geografia Licenciatura, com especialização em Educação de Jovens e Adultos. Origem étnica: se considera de origem Italiana. Por muito tempo esteve na organização da Fest Vin, juntamente com seu esposo, ex-vereador no município de Francisco Beltrão, Ivanir Tupy Prolo. Estima a comunidade por se identificar com a “receptividade das pessoas e também por serem da mesma etnia, enfim, tenho orgulho de morar aqui”. Entrevista realizada no dia 06 de janeiro de 2017.

Fotografia 6: Erydes Tiecher Celuppi



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

79 anos. Nascida em Passo Fundo – RS, no dia 23/07/1938. Profissão: Atualmente está aposentada. Foi Professora na Escola Basílio Tiecher durante alguns anos, deixando a profissão após o casamento. A escola, na qual trabalhou, recebeu o nome de Basílio Tiecher em homenagem a seu pai, pessoa influente na comunidade. Devido a questões de saúde, que afetam a memória, quando questionada, não soube responder sobre a escolaridade. Estado civil: viúva. Origem étnica: ela logo afirmou: “eu sou Italiana”. Entrevista realizada no dia 20 de junho de 2017.

Fotografia 7: Guilherme Gasparin



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2016.

75 anos. Nascido em Marau, Vila Maria – RS, no dia 19/12/1942. Profissão: Atualmente está aposentado. É agricultor, mas foi motorista por muito tempo. Escolaridade: 7ª série (atualmente 8º ano, anos finais do ensino fundamental). É casado com Tersila Fabríz Gasparin, 76 anos, nascida em Vila Maria - RS, do lar. Origem étnica: Italiana, nas palavras do entrevistado “italiano mesmo”. Afirmou que gosta de morar na comunidade e se sente bem em falar sobre ela. Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2016.

Fotografia 8: Ibrilino Lazarotto



70 anos. Nascido em Joaçaba – SC, no dia 28/09/1947. Profissão: É agricultor, cultiva uva e produz vinho colonial. Escolaridade: 4º série (atualmente 5º ano, anos iniciais do ensino fundamental). É casado com Terezinha Maria Savagnago Lazarotto, 67 anos. Origem étnica: Italiana. Gosta de morar na comunidade porque é um lugar tranquilo. Entrevista realizada no dia 05 de janeiro de 2017.

Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

Fotografia 9: Leonilda Terezinha da Silva



62 anos. Nascida na cidade de Francisco Beltrão – PR, no dia 13/10/1955. Profissão: Aposentada. Trabalhou como auxiliar de Enfermagem no posto de saúde da comunidade. Escolaridade: Curso de Técnica em Enfermagem. Casada com Pedro Leal da Silva. Considera-se de origem étnica Brasileira. Para ela é um prazer falar sobre a comunidade que nasceu e vive. Afirmou: “eu pretendo viver aqui até o fim da vida. Entrevista realizada no dia 06 de janeiro de 2017.

Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

Fotografia 10: Lurdes Francisca Perdoncin



61 anos. Nascida em Maximiliano de Almeida – RS, no dia 05/10/1956. Profissão: do lar. Estado civil: solteira. Escolaridade: 4º série (atualmente 5º ano, anos iniciais do ensino fundamental). Origem étnica: Italiana. Se sente bem em falar sobre a comunidade “porque a gente mora aqui”. Ela, juntamente com outras duas irmãs, Salette e Teresinha, preparam alguns alimentos consumidos na Fest Vin. Entrevista realizada no dia 12 de julho de 2016.

Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

Fotografia 11: Maria de Lourdes Pazzini



Fonte: Acervo pessoal Maria de Lourdes Pazzini, 2017.

63 anos. Nascida em São Vicente do Sul – RS, no dia 30/03/1955. Profissão: atualmente é vereadora no município de Francisco Beltrão – Servidora Pública Federal. Escolaridade: graduada em Letras. É casada com Nilton José Pazzini. Maria de Lourdes é de origem étnica Russa e seu esposo de origem italiana. Ambos criaram o Projeto Raízes, iniciando a Fest Vin, baseada nas vivências da Festiqueijo de Carlos Barbosa / RS. Construíram na propriedade onde residem, a primeira cantina da comunidade e até os dias atuais cultivam os parreirais. Para ela “falar de nossa comunidade, significa acelerar os batimentos cardíacos, pois sentimos orgulho de pertencer à uma comunidade com costumes italianos”. Entrevista realizada no dia 04 de janeiro de 2017.

Fotografia 12: Maria Trindade Tiecher



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

74 anos. Nascida em Anita Gribaldi – SC, no dia 15/02/1944. Profissão: Agricultora. Já foi professora; ressalta que precisou fazer vários cursos para exercer essa profissão. Escolaridade: 8ª série (atualmente 9º ano, anos finais do ensino fundamental). Se considera Brasileira, mas comenta “minha mãe era brasileira pura, meu pai alemão e eu sou mestiça, misturada, então sou brasileira”. “Eu gosto de falar sobre a comunidade, porque é um lugar bom, de gente unida e está tudo evoluindo. Eu sempre ajudei e ajudo tanto na festa e agora também na pastoral do idoso. Sou viúva há quatro (04) anos, meu marido era o Jainor Antônio Tiecher, ele sim era italiano e gaúcho de Passo Fundo, meu sogro era o Basílio Clemente Tiecher, ele foi vereador, subprefeito e o nome da escola é uma homenagem a ele”. Entrevista realizada no dia 05 de janeiro de 2017.

Fotografia 13: Mario Tortora



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

80 anos. Nascido em Sananduva – RS, no dia 13/07/1937. Profissão: Atualmente está aposentado, já foi Agricultor e Construtor. Escolaridade: 4ª série (atualmente 5º ano, anos iniciais do ensino fundamental). É viúvo há 21 anos. Quanto a origem étnica, se considera Italiano e Brasileiro por ter a dupla cidadania. Morou por alguns anos na Itália e possui familiares residindo lá. Sobre a comunidade São Pio X, ele fala que não conhece muito, mas já participou das festividades e ajudou a construir a escola. Entrevista realizada no dia 29 de maio de 2017.

Fotografia 14: Nadir Danielli



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

48 anos. Nascido em Descanso – SC, no dia 03/12/1969. Profissão: É agricultor e produtor de vinho colonial. Escolaridade: 4ª série (atualmente 5º ano, anos iniciais do ensino fundamental). Casado com Ana Paula Fernandes, 39 anos. Ele afirma que é brasileiro, mas com origem étnica italiana. Sente-se bem em falar sobre a comunidade porque mora há 25 anos na localidade. Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2016.

Fotografia 15: Nair Franco Spada



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

69 anos. Nascida em Espumoso – RS, no dia 13/01/1949. Profissão: Agricultora e do lar. Escolaridade: 8ª série (atualmente 9º ano, anos finais do ensino fundamental). Estado civil: viúva há nove (09) anos. Quanto a origem étnica, se considera Brasileira/misturada. Nair é filha de Willi da Silva Franco, nascido em 1920, que foi subprefeito, subdelegado e trabalhou muito pela comunidade; morreu aos 91 anos. Sua mãe, Antônia Franco, está com 89 anos, e já debilitada, motivo pelo qual não a entrevistamos. Ela afirmou que gosta de falar sobre a comunidade porque mora no local desde o ano de 1952 e possui um bom relacionamento com todos. Entrevista realizada no dia 11 de julho de 2016.

Fotografia 16: Oscar Francisco Catto



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

45 anos. Nascido na comunidade km 23, Francisco Beltrão – PR, no dia 04/10/1972, filho de Lurdes e Selvino Caetano Catto, residentes na comunidade também. Sua profissão é Suinocultor. Escolaridade: 2º grau (atualmente ensino médio). Casado com Ivanilde Poltronieri Catto. Quanto a origem étnica, se considera de origem italiana porque seus avós paternos e maternos, inclusive seus pais, são italianos. Entrevista realizada no dia 06 de janeiro de 2017.

Fotografia 17: Salette Perdoncini Beker



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

63 anos. Nascida em Marcelino Ramos – RS, no dia 11/07/1954. Profissão: Atualmente está aposentada. Trabalhou na Escola Basílio Tiecher na função de Serviços Gerais - Servidora Pública. Escolaridade: 8ª série (atualmente 9º ano, anos finais do ensino fundamental). Casada com José Beker. Considera-se de origem étnica Italiana, mas “de um lado meus avós eram italianos e do outro polonês”. Ela se sente bem em falar porque “é a comunidade da gente”. Ela, juntamente com outras duas irmãs, Lurdes e Teresinha, fazem o preparo de alguns alimentos consumidos na Fest Vin. Entrevista realizada no dia 12 de julho de 2016.

Fotografia 18: Selvino Caetano Catto



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

71 anos. Nascido em Passo Fundo – RS, no dia 08/08/1946. Profissão: É agricultor e Suinocultor. Escolaridade: 3ª série (atualmente 4º ano, anos iniciais do ensino fundamental). Casado com Lurdes Catto, natural de Guaporé, Vila Maria - RS, nascida no dia 06/01/1950. Ela, completou a 2ª série (atualmente 3º ano, anos iniciais do ensino fundamental). Profissão do lar. Ambos se consideram de origem étnica italiana. Selvino comenta que “seu berço” é o Km 23, mas que sempre conviveu com os moradores do Km 20 e tem muito respeito e amizade por todos. Entrevista realizada no dia 06 de janeiro de 2017.

Fotografia 19: Teresinha Perdoncini Popluski



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

69 anos. Nascida em Viadutos, próximo a Erechim – RS, no dia 03/01/1949. Profissão: Atualmente está aposentada. Trabalhou durante 28 anos na Escola Basílio Tiecher na função de Serviços Gerais - Funcionária Pública. Escolaridade: Concluiu a 4ª série (atualmente 5º ano, anos iniciais do ensino fundamental). É casada com Claro Popluski. Se considera de origem étnica Italiana e ao falar sobre a comunidade afirma “a gente gosta e sempre ajuda no que for preciso, principalmente na Fest Vin”. Ela e as irmãs, Lurdes e Salette, preparam alguns alimentos consumidos. Entrevista realizada no dia 12 de julho de 2016.

Fotografia 20: Tereza Martins Versa



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2016.

75 anos. Nascida na comunidade de Pedreiro, em Francisco Beltrão – PR, no dia 10/09/1942. Profissão: Atualmente está aposentada. Trabalhou como agricultora e dona de casa. Estudou até a 4ª série (atualmente 5º ano, anos iniciais do ensino fundamental). É casada com Carlos Versa, 77 anos. Se considera de origem étnica Brasileira e comenta “meu avô era alemão, minha avó italiana, então é tudo misturado”. Afirma que se sente bem em falar sobre a comunidade, “porque ela é a segunda família e a gente não se esquece nunca dos amigos”. Entrevista realizada no dia 07 de julho de 2016.

Fotografia 21: Terezinha Maria Savagnago Lazarotto



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

68 anos. Nascida em Catanduva – SC, no dia 27/01/1950. Profissão: Agricultora e do lar. Cultiva uva e produz vinho colonial. Escolaridade: 8ª série (atualmente 9º ano, anos finais do ensino fundamental). É casada com Ibrilino Lazarotto, 70 anos. Se considera de origem étnica Italiana “(risos) gringa”. Se sente orgulhosa em falar sobre a comunidade, porque veio com um ano de idade e até hoje está morando na localidade. Entrevista realizada no dia 05 de janeiro de 2017.

Fotografia 22: Valdir Ernesto Bortolotti



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

70 anos. Nascido em Sarandi – RS, no dia 10/02/1948. Profissão: Atualmente é motorista, mas já foi agricultor. Escolaridade: Concluiu a 4ª série (atualmente 5º ano, anos iniciais do ensino fundamental). Estado civil: viúvo. Se considera de origem étnica cabocla, pois sua mãe era cabocla e seu pai italiano. Sente orgulho de falar sobre a comunidade porque reside nela desde os cinco (05) anos de idade. Afirma, “eu amo este lugar”. Entrevista realizada no dia 04 de janeiro de 2017.

Fotografia 23: Zenaide Maria Vivian



73 anos. Nascida em Lagoa Vermelha – RS, no dia 25/07/1944. Profissão: Professora aposentada. Lecionou e foi diretora na escola Basílio Tiecher. Escolaridade: magistério. Considera-se de origem étnica italiana. Identifica-se com a comunidade, uma vez que residiu por muitos anos na localidade (de 1968 a 1998) e tem muitas amizades. Sempre que possível, retorna para rever os amigos e participar das festividades. Entrevista realizada no dia 21 de junho de 2017.

Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2017.

Fotografia 24: Zenilde D’Agostini Garcia



79 anos. Nascida em Capinzal – SC, no dia 04/07/1938. Profissão: Foi professora por quatro anos. Atualmente do lar. Estado civil: viúva há 19 anos. Se considera de origem étnica Italiana. Afirma gostar da comunidade e dos vizinhos. Já residiu em outros lugares, fora da comunidade, mas retornou por identificar-se com lugar. Entrevista realizada no dia 11 de julho de 2016.

Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, 2016.

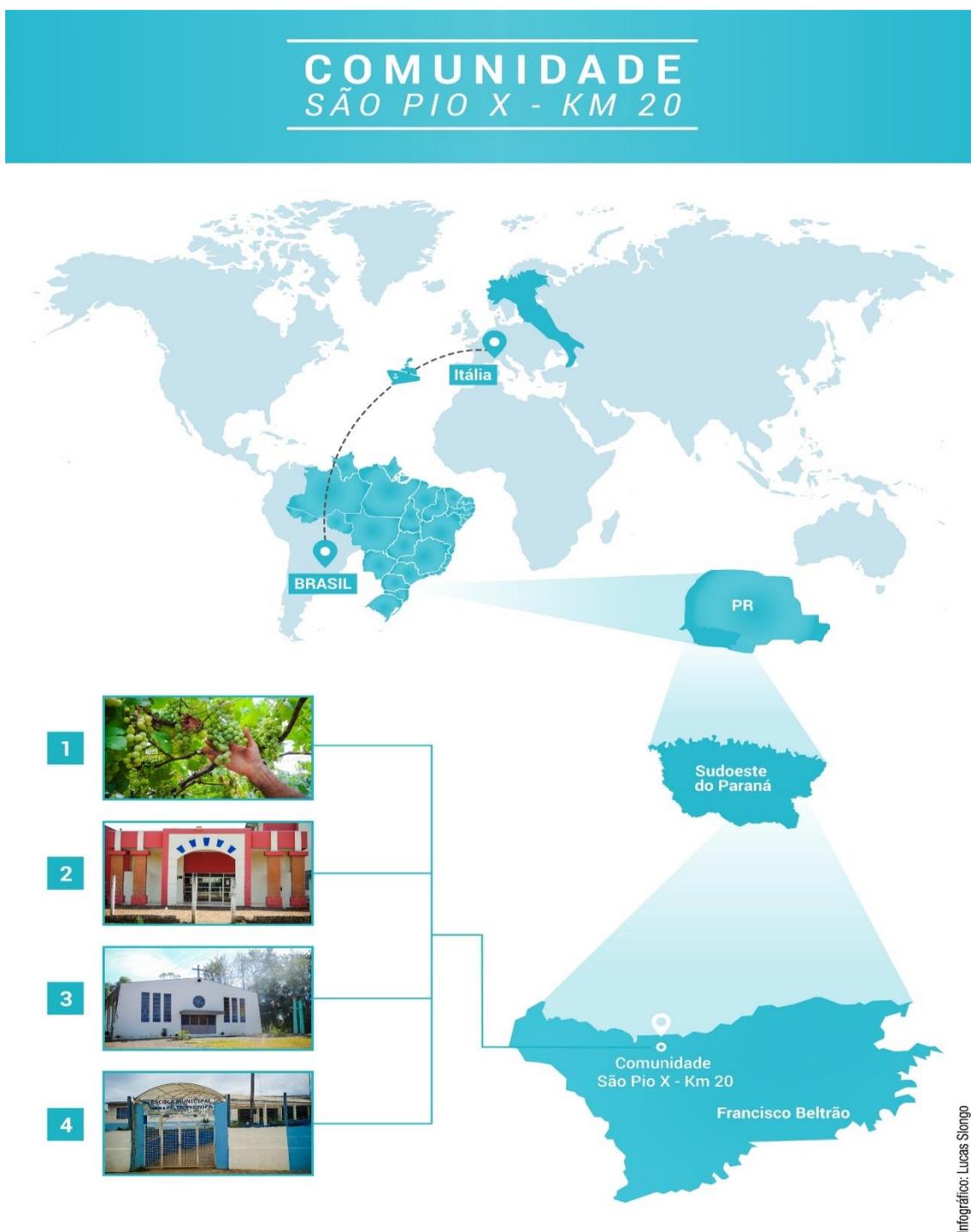
Estes foram os 23 entrevistados selecionados para compor a história da comunidade, sendo que, a partir de suas narrativas, identificamos quais os elementos selecionados para a afirmação da identidade e identificação assumida, tornando possível a elaboração da dissertação. É importante esclarecer que a decisão de entrevistar pessoas mais antigas (associação entre tempo e lugar), decorreu da forma como os moradores foram indicando sujeitos que tinham legitimidade para narrar sobre a coletividade.

Ressaltamos que mantivemos as informações de acordo com o depoimento de cada entrevistado e que os nomes utilizados não são fictícios. Fizemos esta opção para dar visibilidade aos sujeitos, visto que não aparecem nas narrativas oficiais do município. Assim, toda a narrativa tem um rosto, tem um passado, uma história... A dissertação se constituiu a partir destas narrativas. Após a apresentação dos entrevistados, ressaltamos, a seguir, algumas informações iniciais sobre a Comunidade São Pio X.

1.4 Locus da Pesquisa: Comunidade São Pio X – Km 20

A Comunidade São Pio X é um distrito do município de Francisco Beltrão, localizada no Sudoeste do Paraná. Sua história foi registrada a partir das narrativas dos moradores. Para que pudéssemos escrever sobre a comunidade, fez-se necessário que os leitores se localizassem geograficamente, através da ilustração a seguir.

Ilustração 1: Localização da comunidade



Infográfico: Lucas Slongo

Fonte: Informações e fotografias selecionadas pela pesquisadora, 2016 e 2017.
Organização: SLONGO, Lucas. Infográfico, 2017.

A intenção é mostrar, por meio de imagem, os percursos e processo imigratório das pessoas que saíram da Itália, para buscar, na América, melhores condições de vida. Após chegarem no Brasil fixaram-se em colônias no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo, entre outras regiões. Houve incentivo para aumentar o número de filhos. Após algumas gerações, as terras já não eram suficientes, sendo uma grande oportunidade, o movimento de migração, em que buscavam um pedaço de terra para chamarem de seu.

Foi neste movimento migratório, que as terras do Sudoeste do Paraná foram colonizadas. Com a chegada destas pessoas, novas vilas, cidades e municípios desenvolveram-se. Assim, surgiu a Vila Marrecas, hoje, município de Francisco Beltrão, ao redor do qual foram instituídas novas comunidades, moldadas de acordo com os costumes dos colonizadores.

Para que fosse possível escrevermos sobre a comunidade, buscamos informações com os moradores, ouvimos histórias e acessamos os arquivos de fotografias e documentos pessoais.

Ao observarmos a localização da comunidade em estudo, justificamos a escolha das quatro imagens que compõem a ilustração. A primeira, representa o cultivo das parreiras de uva e a produção do vinho na comunidade, sendo um marcador da cultura italiana. Na imagem 2, apresentamos o Centro Social Ouro Verde, local utilizado para a realização da Fest Vin, bem como outras atividades de socialidades¹⁷ do grupo. A terceira imagem é da igreja, na qual percebemos a influência que ela exerce sobre os moradores, pois, o nome da comunidade foi escolhido como homenagem ao santo e padroeiro da capela, pela devoção e a representação da fé coletiva. A quarta imagem, é a Escola Municipal Basílio Tiecher, local responsável por formar boa parte dos depoentes ou dos seus familiares.

A ilustração apresenta os espaços que selecionamos para desenvolver a pesquisa, pois a partir dos apontamentos de como ocorreu o processo imigratório e fixação nas terras brasileiras, conheceremos como ocorreu a movimento migratório e chegada no Sudoeste do Paraná, colonizando a comunidade que hoje conhecemos por São Pio X – Km 20.

De acordo com informações dos moradores e membros do Conselho da Igreja - Lucia e Vilmar, há 102 famílias residentes na localidade. Tal afirmação foi baseada pela

¹⁷ Utilizamos o conceito socialidade, a partir da afirmação de Marques (2008), a qual, baseada nas afirmações de Maffesoli (2000), “indica o estar junto como solo no qual se produz um éthos comunitário, movimento que se relaciona à partilha da emocionalidade e de uma sensibilidade local passando a constituir uma “aura” que provém do corpo societal, ao mesmo tempo que o produz.

lista de nomes que identificava cada casa e sobrenome dos familiares. Os sobrenomes podem indicar um marcador identitário, pois a partir dele é possível assumir uma ou outra identidade. A partir desta lista, elaboramos a tabela, a seguir, com os sobrenomes das famílias residentes na comunidade São Pio X.

Tabela 1: Sobrenomes das famílias residentes na Comunidade São Pio X – Informações da Igreja – Sócios da Comunidade – Igreja Católica.

1	Almeida	26	Danielli	51	Kunhs	76	Prolo
2	Alves	27	De Oliveira	52	Langa	77	Quinhones
3	Anziliero	28	De Quadros	53	Lazarotto	78	Rabb
4	Babinski	29	Dlugokenski	54	Leal	79	Rangel
5	Barcaro	30	Dos Santos	55	Lima	80	Resende
6	Becchi	31	Dos Santos	56	Machado	81	Rodrigues de Almeida
7	Beker	32	Esquiavini	57	Maffe	82	Rodrigues Nascimento
8	Benvenuti	33	Estolarski	58	Manfioletti	83	Salmoria
9	Borges	34	Estumpf	59	Mella	84	Sandrin
10	Borges	35	Fachinello	60	Miotto	85	Santoro
11	Boris	36	Facin	61	Montagna	86	Scheid
12	Bortoline	37	Feltrovik	62	Morais	87	Schnell
13	Bortolozo	38	Fernandes	63	Moreira	88	Simioni
14	Bortolotti	39	Ferreira	64	Oliveguer	89	Simonetto
15	Bosio	40	Franco	65	Oliveira	90	Sotele
16	Brizola	41	Friguetto	66	Otelacoski	91	Souza
17	Camargo	42	Garcia	67	Pacheco	92	Spada
18	Castro	43	Gasparin	68	Pasin	93	Sukenski
19	Catto	44	Giaquini	69	Pawlak	94	Tiecher
20	Cavaliere	45	Giaretta	70	Pazzini	95	Todorowski
21	Cavazini	46	Giusti	71	Pelissare	96	Tomé
22	Cavichon	47	Gomes	72	Poltronieri	97	Vacari
23	Cechinel	48	Gregório	73	Poplawski	98	Valiatti
24	Ciqueira	49	Hening	74	Possa	99	Versa
25	Costa	50	Kovaleski	75	Prestes	100	Vieira
						101	Vivian
						102	Zimerman

Fonte: Dados fornecidos pelos presidentes do Conselho da Igreja, no dia 05 de janeiro de 2017. Tabela elaborada pela pesquisadora.

Utilizamos a tabela para mostrar os sobrenomes das famílias que moram na localidade, e, embora tenham alguns sobrenomes iguais, eles pertencem a famílias diferentes que, por vezes, não se consideram com parentesco.

Nossa intenção é mostrar os sobrenomes das famílias que fazem parte da comunidade e ressaltar que todas são importantes por contribuírem com a história do local. Diante disso, percebemos a ausência de alguns sobrenomes na tabela 1. Buscamos então, informações com as Agentes de Saúde da comunidade, Célia Cavasini e Graziela

Vottri, pois ambas prestam atendimentos a todas as famílias do local, indiferente da participação no espaço religioso.

Tivemos, então, uma grande alteração dos dados, pois, de acordo com os relatórios de acompanhamentos, são 196 famílias atendidas, somando um total de 447 moradores. Além dos sobrenomes já citados, mostraremos mais uma tabela com os sobrenomes que não constam na relação anterior.

Tabela 2: Sobrenomes das famílias residentes na Comunidade São Pio X – Informações do Posto de Saúde.

1	Andreis	18	Finger	35	Marques	52	Savenhago
2	Anhaia	19	Flores	36	Mascarelo	53	Schiavini
3	Borba	20	França	37	Mazzocato	54	Schnobli
4	Camera	21	Garbinato	38	Meira	55	Senhorin
5	Candido	22	Gavenda	39	Meira	56	Signorin
6	Carbonera	23	Holleweger	40	Mello	57	Silva
7	Carneiro	24	Kalinsk	41	Mignoni	58	Silva
8	Cavasine	25	Kammer	42	Miorança	59	Simões
9	Ceiches	26	Klima	43	Mucha	60	Siqueira
10	Chichorro	27	Koswoski	44	Nascimento	61	Trindade
11	Contini	28	Kraus	45	Pasini	62	Varela
12	Cruzeni	29	Lago	46	Perdoncini	63	Vottri
13	Duarte	30	Leite	47	Pereira	64	Wandscheer
14	Fagundes	31	Lisboa	48	Probst	65	Welter
15	Faligurski	32	Lopes	49	Rafagnin	66	Wulff
16	Filgueira	33	Macedo	50	Rezene	67	Wurzius
17	Filho	34	Maffi	51	Rosa		

Fonte: Dados fornecidos pelas Agentes de Saúde da comunidade no dia 28 de fevereiro de 2018. Tabela elaborada pela pesquisadora.

Com as informações das tabelas 1 e 2, percebemos que outras origens étnicas estão presentes nos ambientes da comunidade e que os sobrenomes demonstram este hibridismo cultural. Salientamos a importância em apresentar os dados disponibilizados pelo Posto de Saúde, afirmando que, embora não tenha outro espaço religioso além da Igreja Católica, muitos sobrenomes não foram relatados pela diretoria da igreja. Dessa maneira, contabilizamos 169 sobrenomes diferentes na comunidade.

Não entrevistamos todas as famílias, mas observamos a interação delas nas atividades religiosas, educacionais e festivas, sendo importante para percebermos os costumes dos moradores. A partir dos sobrenomes percebemos que ocorre o vínculo de parentesco, assim, buscamos conhecer a genealogia da família Tortora, que, por possuir este sobrenome, afirmava serem descendentes de italianos.

1.5 Genealogia Família Tortora

O sobrenome Tortora não consta nas tabelas 1 e 2, acima mencionadas, por não ser uma família que reside na comunidade São Pio X – Km 20, apenas participa de algumas atividades realizadas na localidade.

Em conversas de famílias e amigos ouvimos várias vezes o discurso “somos italianos”, como uma expressão que significa prevalência da etnia de origem italiana sobre as demais. Tais questões inquietaram e daí adveio a decisão de se ampliar a compreensão das próprias origens.

Lembramos das contribuições apontadas por Geertz (1981, p. 15), no que diz respeito a “levantar genealogias”. Assim, buscamos informações das gerações da família Tortora para compreendermos os processos que nos levam à crença de sermos de origem étnica italiana. Em nosso cotidiano, encontramos grupos formados de várias etnias, e ao nos definirmos como “italiano”, mostramos como é comum a prevalência de uma identidade sobre as demais.

A genealogia da família Tortora é apresentada com a data de nascimento, falecimento, naturalidade, casamento e quantidade de filhos para que outras pessoas da mesma família consigam, a partir desta ilustração, compor sua árvore genealógica.

Ilustração 2: Árvore Genealógica família Tortora



Fonte: Informações selecionadas a partir dos documentos coletados pela pesquisadora.

Organização: SLONGO, Lucas. Infográfico, 2017.

Para constituirmos a árvore genealógica da família Tortora realizamos várias buscas em cartórios do Rio Grande do Sul (Bento Gonçalves, Lagoa Vermelha e Sananduva), igreja da Itália, bem como, Arquivo Nacional e Arquivo Público e, neste momento, posso afirmar, que, em meio aos vários processos de hibridização, temos também origem Italiana.

A imagem foi elaborada na tentativa de apresentar como se produz a representação da italianidade no local.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (WOODWARD, 2009, p. 17).

Nesta perspectiva, estas ações nos tornam os sujeitos que somos. Para tanto, é importante compreender os sistemas simbólicos que, de alguma forma, fixam as identidades ou, ao menos, demarcam as formas como estes sujeitos se reconhecem.

Ao observar o número 5 da ilustração: Giuseppe Tortora, percebermos que ele era natural da Itália, casado com Rosa Camera, também natural da Itália. Pelas certidões enviadas pela cúria de Vicenza, consta que ambos eram nascidos em Montecchio Maggiore, uma comuna italiana da região do Vêneto, pertencente à província de Vicenza. Para o entrevistado Mario Tortora, seu avô era:

[...] Militar da Marinha de Gênova, eles saíram de lá porque tinha terminado as guerras e daí ele conseguiu arrumar uma passagem barco, navio não sei diretamente como que era, para o Brasil. Entraram em Porto Alegre no Passo das Cavalhada, como me informaram e daí eles vieram morar em Bento Gonçalves moraram justamente numa caverna feita manualmente, [...] e daí em diante, que foi o começo da família Tortora (Mario Tortora, 29/05/2017).

Os documentos encontrados comprovam que o processo de imigração de Giuseppe e Rosa aconteceu posteriormente a 1889, ano do casamento ainda na Itália, pois após esta data, encontramos no cartório de Bento Gonçalves - RS, o registro de nascimento de Domenico¹⁸, filho do casal. Ao chegarem no Brasil fixaram-se no Rio Grande do Sul e dos cinco filhos, quatro foram registrados neste estado.

O número 4, Augusto Tortora, casou-se com Regina e tiveram cinco filhos. O casal, juntamente com os filhos, enfrentou o processo de migração para adquirir terras no

¹⁸ Ver no anexo 1, a certidão de nascimento do Domenico Tortora, disponibilizado por Mario Tortora. Ressaltamos que alguns documentos apresentam seu nome como Domingos Tortora, mas ambos se referem à mesma pessoa.

Sudoeste do Paraná, fixando residência em Francisco Beltrão. O número 3, Felomeno Tortora, casou-se com Sueli, na cidade de Francisco Beltrão, ambos eram naturais do Rio Grande do Sul e tiveram onze filhos. No ano de 1964, nasceu o primeiro filho do casal, Jose Tortora, pai da pesquisadora.

O entrevistado Mario Tortora é filho de Domenico Tortora e seu avô (nono) era o Giuseppe Tortora. Ele relatou que “quis dar um giro pela Europa e conhecer a Itália, foi uma grande experiência e daí conheci diversos lugares, conheci a casa que era do meu nono, fui para Gênova, Veneza andei bastante por lá, fiquei diversos meses, conheci muitas coisas” (Depoimento em entrevista realizada em 29/05/2017).

Ouvir o entrevistado falando sobre a visita até a casa que era do seu nono, instiga-nos muita curiosidade para saber ainda mais sobre os antepassados. Na fotografia, a seguir, o entrevistado Mario Tortora, acompanhado de seu filho, Moacir Tortora, em visita à residência que era do Giuseppe Tortora, na Itália.

Fotografia 25: Residência do Giuseppe Tortora em Vicenza – Itália



Fonte: Acervo pessoal de Mario Tortora, abril de 2018.

No processo de vinda do casal, a casa ficou com o irmão de Giuseppe, e por não retornarem para a Itália, este irmão morou na casa até sua morte, deixando-a, posteriormente, como herança aos seus filhos. A senhora, com cabelos brancos, foi a pessoa que sabia da história e narrou no dialeto italiano alguns acontecimentos ao

entrevistado que nos contou “que a casa não era assim, ela era de pedra, tempos mais tardes conseguiram fazer algumas melhorias, fizeram o reboco nas paredes, mas a planta interna continua a mesma” (Diário de Campo, 02/04/2018)¹⁹.

O filho do entrevistado, Moacir Tortora, relatou que na primeira vez em que esteve em Vicenza foi para procurar alguns documentos na igreja e a pessoa que o atendeu explicou-lhe que, próximo do lugar, havia esta família com o mesmo sobrenome e que morava na mesma casa que era do Giuseppe. Com as informações sobre o lugar, ele encontrou, mas, na primeira vez, não foi recebido. Retornou outra vez e abriram a porta, porém, o primeiro encontro não foi como imaginava. Em outro momento ele retornou, explicou que não queria bens materiais deles, apenas saber das histórias dos antepassados que vieram para o Brasil e, partir desta conversa, conseguiu frequentar a casa, sentar para tomar um café da tarde e conhecer sobre os costumes da família (Diário de Campo, 02/04/2018).

A partir do entendimento da genealogia da família, o processo de pesquisa tornou-se ainda mais instigante, permitindo-nos um entendimento sobre estes períodos imigratórios e sobre a importância dos sobrenomes na afirmação da origem étnica.

Durante as pesquisas, percebemos que os entrevistados afirmaram suas origens étnicas e relataram as histórias dos seus antepassados, aquilo que lhes foi contado enquanto criança. Estes assuntos fez pensarmos na escrita do segundo capítulo, com a tentativa de aproximações aos percursos da colonização, compreendendo os motivos que trouxeram várias etnias para o Brasil, o momento de fixação nas terras do Rio Grande do Sul e os movimentos migratórios até a colonização da Serra da Vitória.

Ressaltamos a imigração italiana, por nos considerarmos descendentes de italianos e por ser o grupo predominante na comunidade. Em vista disso, o capítulo, a seguir, buscou compreender a historiografia deste período, as condições de viagens e as narrativas dos entrevistados sobre as memórias repassadas pelos familiares acerca desta questão.

¹⁹ No dia da defesa da dissertação, o entrevistado Mario Tortora estava presente e informou que tinha mais algumas informações que poderiam ser do nosso interesse. No dia 02 de abril fomos até a casa do entrevistado e ele, juntamente com seu filho, Moacir Tortora, estavam nos aguardando com as fotografias da residência que era do Giuseppe Tortora (Diário de Campo, 02/04/2018).

Ilustração 3: Música Folclórica Italiana



	
Mérica Mérica	América-América
Dalla Italia noi siamo partiti Siamo partiti col nostro onore Trentasei giorni di macchina e vapore, E nella Merica noi siamo arriva'.	Da Itália nós partimos, Partimos com a nossa honra Trinta e seis dias de carro e navio E na América chegamos
Merica, Merica, Merica, Cossa saràlo 'staMerica? Merica, Merica, Merica, un bel mazzolino di fiori.	América, América, América, É um lindo ramalhete de flores. Que coisa será esta América? É um lindo ramalhete de flores.
E alla Merica noi siamo arrivati no' abbiamo trovato nè paglia e nè fieno Abbiamo dormito sul nudo terreno Come le bestie andiamo riposar.	Na América nós chegamos Não encontramos nem palha e nem feno Dormimos sobre o duro terreno Como os animais, repousamos.
Merica, Merica, Merica, Cossa saràlo 'staMerica? Merica, Merica, Merica, un bel mazzolino di fiori.	América, América, América, Que coisa será esta América? América, América, América, É um lindo ramalhete de flores.
E la Merica è lunga e è larga, È circondata dai monti e dai piani, E com la industria dei nostri italiani abbiamo formato paesi e città.	A América é longa e larga É formada de montes e planícies. E com o esforço dos nossos italianos Construímos vilas e cidades.
Merica, Merica, Merica, Cossa saràlo 'staMerica? Merica, Merica, Merica, un bel mazzolino di fiori.	América, América, América, Que coisa será esta América? América, América, América, É um lindo ramalhete de flores.
Merica, Merica, Merica, Cossa saràlo 'staMerica? Merica, Merica, Merica, un bel mazzolino di fiori.	América, América, América, Que coisa será esta América? América, América, América, É um lindo ramalhete de flores.

Fonte: SLONGO, Lucas. Infográfico, 2017.

Letra da Música disponível no site: <https://www.letras.mus.br/folclore-italiano/182024/>. Acesso em agosto de 2017.

Tradução: TREVISAN, Juliano, 2017.

CAPÍTULO II - DESCENDENTES DE ITALIANOS: PERCURSOS DA COLONIZAÇÃO

*Dalla Italia noi siamo partiti
Siamo partiti col nostro onore
Trentasei giorni di macchina e vapore,
e nella Merica noi siamo arriva.
(Mérica, Mérica)*

Durante as festividades realizadas na comunidade São Pio X, no ano de 2016, observamos a apresentação de um grupo folclórico responsável por parte da animação da festa. O grupo era composto por quatro homens, com vestimentas sociais, camisa branca, calça e colete preto, e uma mulher usando vestido azul, de mangas longas, com um avental xadrez vermelho e um chapéu.

Ao som da gaita, iniciaram suas apresentações cantando na língua italiana a música América; nas mãos da mulher, uma lamparina e uma sacola de palha, que balançava em movimento pendular para lá e para cá. Eles percorreram a pista de dança do salão, e a música foi cantada conjuntamente com os participantes da festa. Até quem não sabia a língua italiana arriscava-se nas cantorias. Ouvimos comentários sobre a beleza do momento, pois era a primeira vez que este grupo se apresentava para os participantes da festa. Enquanto a apresentação acontecia, as crianças tomaram conta da pista de dança, arrodando-se umas com as outras, trocando de pares e correndo uma atrás da outra. O grupo finalizou a música já estando no palco, e com mais instrumentos recomeçaram a música e as pessoas imediatamente se aproximaram da pista aumentando o número de dançantes, logo o espaço foi tomado, tudo era movimento (Diário de Campo, 06/08/2016).

Assim, iniciamos o segundo capítulo, apresentando como epígrafe a letra da música América, conjuntamente com anotações do Diário de Campo. A partir delas, pensamos na elaboração de breve histórico sobre a imigração italiana, tendo em vista que o grupo em estudo aprecia esta música como via para rememorar as histórias narradas pelos antepassados que emigraram da Itália (deixaram este país) para (colonizar um novo lugar – a América) e foram chamados de imigrantes.

O movimento migratório é o ato de deslocar-se de um país para outro. As pessoas neste processo levam apenas sua força de trabalho, crenças e sua cultura em busca de novas oportunidades. Desta maneira:

O imigrante significa capital humano, no sentido puramente demográfico, e capital de trabalho, considerando-se que o homem

geralmente emigra na sua idade biológica mais produtiva. O Imigrante, por outro lado, é também portador de bens culturais, no sentido antropológico de cultura, que enriquecem a sociedade de adoção (BALHANA, 1969, p. 364).

Estes jovens estavam passando por muitas necessidades no país de origem, imigrar para o desconhecido foi uma oportunidade de adquirir aquilo que o próprio país lhes negava. Nesta dissertação, o termo imigração toma por base o conceito apresentado por Balhana (1969, p. 379), ao afirmar que o uso da palavra se refere “[...] apenas à importação de trabalhadores livres para a lavoura, seja no sistema de parceria, seja sob as diversas formas de salariado”. O termo imigrante é utilizado para diversas etnias que vieram neste período, mas, neste momento, enfatizamos a vinda dos imigrantes italianos.

2.1 O processo de fixação dos imigrantes italianos em solo brasileiro

Recorremos à música América para que ela fosse o marco inicial da discussão, a fim de unir as memórias dos moradores da comunidade, e a historiografia sobre o processo da imigração europeia. Tal exemplo está exposto na narrativa, a seguir:

[...] somos descendente de italiano, italiano mesmo, meu bisavô veio da Itália, então eles atravessaram o mar, eles levaram seis meses para vim no Brasil, eles ficaram seis meses no navio, dentro do mar. Quando as pessoas morriam enrolava no lençol e largava no mar, porque naquela época o navio ele ia conforme o vento, então os bisnonos lá passava pra mim de criança. Onde que pendia o vento o navio ia, às vezes fazia lá tantos quilômetros por dia e de repente o vento virava e voltava tudo lá pra trás, então eles ficaram seis meses dentro do navio, até chegar no Brasil (Guilherme Gasparin, 07/07/2016).

Para o entrevistado, ter origens étnicas italianas é motivo de orgulho, falar de seus bisnonos²⁰ é rememorar informações recebidas quando criança e a sua narrativa de que seus antepassados demoravam seis meses para chegar na América, não condiz com os escritos historiográficos sequer com a letra da música folclórica que informa que 36 dias de máquina a vapor eram necessários para chegar a América. No entanto, é possível depreender que o narrador relatou fatos que passaram de geração em geração e indica que as narrativas têm dinâmicas particulares e que, de alguma forma, é no interior da narrativa que poderemos encontrar seus significados. Assim, parece que havia interesse em demarcar o tempo de viagem, o sacrifício que era abandonar os seus e dirigir-se para o desconhecido, enfatizando a coragem da sua gente.

²⁰ Bisnono é um termo italiano que pode ser compreendido da seguinte maneira: os pais dos seus avôs, são seus bisavôs ou bisnonos, como o entrevistado se refere.

O entrevistado compõe a quarta geração da família Gasparin, vivenciando o processo migratório saindo do Rio Grande do Sul, junto com seus pais aos sete anos de idade, com o objetivo de recomeçarem nova etapa de suas vidas nas terras do Sudoeste Paranaense. O depoente também menciona que quando criança ouviu as histórias dos seus antepassados e que hoje ele as replica. Pela narrativa é possível perceber que tais histórias influenciaram na construção da identidade assumida, costumes culturais e na ideia de pertencimento à cultura italiana. Tais questões foram observadas na entrevista, sendo eloquente seus gestos e expressões enquanto falava.

O entrevistado se apropria das memórias coletivas, aquelas passadas de geração para geração, pois ao rememorar o tempo que os imigrantes demoravam para chegar até o Brasil, está se apropriando dos relatos das primeiras embarcações. Conforme afirma Tedesco (2004, p. 36), “a memória coletiva, por meio da narração, reafirma sua força de transmissão, pois, para continuar a recordar, é necessário que cada geração transmita o fato passado para que possa se inserir nova vida em uma tradição comum”. Tal qual, como o autor afirmou, percebemos que esta transmissão de narrativas aconteceu, pois, ao finalizar sua frase ouvimos que o entrevistado Gasparin (2016), afirmou “os bisnonos lá passava pra mim de criança”, e hoje tais informações são mantidas e transmitidas para os demais. Mas, certamente há significativas modificações.

Sobre a questão das embarcações e o tempo de viagem, Vannini (2003, p. 80) comenta que “depois de embarcarem sobretudo no porto de Gênova e atravessarem o Atlântico, durante uma viagem de uns quarenta dias, os imigrantes chegavam ao Rio de Janeiro [...]”. Posteriormente à quarentena na Casa dos Imigrantes, eram encaminhados em embarcações menores para o porto de Porto Alegre - RS.

Iotti (2010, p.74) afirma que “a maioria dos imigrantes chegados ao sul do Brasil partiu do porto de Gênova. A travessia, que durava pouco mais de um mês, era feita em navios sobrecarregados”. Neste percurso, a imigração²¹ europeia propiciou a vinda de várias etnias para o Brasil, e, ao retratar a vinda dos poloneses, Wenczenovicz, menciona que:

A travessia era feita, sobretudo em navios de porte, a vapor ou mistos, visto que, a partir de 1840, as embarcações movidas à vela foram substituídas por navios de casco metálico, impulsionados por movidos

²¹Os termos imigração e imigrante são abordados no decorrer da dissertação conforme apontamentos de Iotti (2010), utilizados para referir-se as pessoas livres que vieram de outro país, para trabalhar nas lavouras, fazendas cafeeiras ou para colonizar as terras devolutas do Brasil de acordo com as estratégias políticas. Vieram através do sistema de parceria, ou outras formas de salário, tendo as despesas custeadas pelo governo. Em menor quantidade, os trabalhadores vinham com recursos próprios.

a carvão. Cada navio transportava, em média, setecentas a oitocentas pessoas. Houve embarcações que excederam esse número (WENCZENOVICZ, 2014, p. 25).

De acordo com os argumentos da autora, percebemos que o relato do morador faz referência com o período das embarcações a vela, porém seus familiares não tinham imigrado para o Brasil antes do ano de 1840.

A tentativa de se compreender o processo de imigração desperta curiosidade em muitos descendentes de imigrantes, sendo que, para o entrevistado Mario Tortora, isso foi um dos motivos que o levou a fazer a dupla cidadania e visitar os lugares que durante sua infância foram narrados pelo seu nono Giuseppe Tortora. Na fotografia, o entrevistado está no Porto de Gênova, tentando coligar as narrativas ao lugar.

Fotografia 26: Entrevistado Mario Tortora conhecendo o Porto de Gênova



Fonte: Acervo pessoal de Mario Tortora, abril de 2018.

Nas lembranças do entrevistado Mario Tortora, seus familiares “falavam que levavam trinta e três dias, ou trinta e seis dias para chegar aqui, dia e noite sem parar e quem falava isso era meu nono (avô) - Giuseppe Tortora. Ele era militar da Marinha de Gênova”. Diante do argumento do entrevistado, realizamos buscas no Arquivo Nacional, na tentativa de identificar a data de chegada através da lista de bordo, bem como encontrar possíveis documentos afirmando que ele era militar da marinha, mas os e-mails enviados não foram respondidos. Uma lista enorme de navios está disponível para consulta, mas não identificamos a data de chegada de Giuseppe Tortora, nono do entrevistado.

Conseguimos encontrar a Certidão de Batismo e de Casamento de Giuseppe Tortora, sendo que tais documentos foram solicitados via e-mail e, meses depois, recebemos em nosso endereço, enviados pela Curia Vescovile di Vicenza. A certidão informa que o casamento foi realizado no dia 21 de novembro de 1889 na Itália, posteriormente buscamos no cartório de Bento Gonçalves as certidões dos filhos do casal e encontramos a certidão de nascimento de Domenico, onde consta que ele nasceu em 12 de abril de 1899. Percebemos que, após o casamento na Itália, passaram-se dez anos até a data do nascimento deste filho, no Brasil. Desta maneira, a imigração aconteceu entre 1889 e 1899.

Assevera Iotti (2010, p. 19) que “o movimento migratório, ocorrido a partir do século XIX, responsável pelo deslocamento de uma parcela considerável da população europeia para América, não foi um fato isolado ou seja exclusivamente italiano”. Tais movimentos trouxeram outras tantas etnias para o Brasil, e, segundo Hall (2015, p. 36), “a etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” – que são partilhadas por um povo”, e para Munanga (2003), “uma etnia é um conjunto de indivíduos que, histórica ou mitologicamente têm um ancestral comum; tem uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram num mesmo território”. Para tanto, as origens étnicas são pautadas nas vivências sociais e culturais que o indivíduo faz parte, podendo aceitá-las ou negá-las.

Grande parte da historiografia caracteriza que tais etnias eram compostas por imigrantes trabalhadores, que, em meio ao sofrimento em que viviam em seus países, buscavam no Brasil um futuro melhor. Estas pessoas tiveram seus direitos negados no país de origem, passaram pela limpeza étnica do país, sendo frutos do processo de exclusão. Com as campanhas de incentivo ao processo imigratório, as longas viagens de navio, iniciavam a busca por um pedaço de terra, pois para os imigrantes este era, de fato, o principal motivo que os traziam para o Brasil.

Os imigrantes italianos viam na América o sonho de prosperar a partir da posse das terras, porém foi uma estratégia política planejada por Brasil e Itália, pois ambos apresentavam interesse neste processo imigratório. Percebemos que aquilo que o país de origem lhes negou era o que o Brasil ofertava: terra a preços e condições de pagamento acessíveis, recebendo apoio para tornarem-se patrões.

A Itália, após a Unificação, estava passando por momentos difíceis, devido à grande concentração de população e poucos recursos disponíveis para auxiliá-los. Para tanto, livrar-se do excedente da população seria uma opção que permitia eliminar a

pressão social decorrente das dificuldades econômicas. Neste movimento, alterou-se a matriz econômica e parte da população só mudou de nome mantendo os mesmos laços culturais e econômicos. Outro motivo, foram as invasões e disputas de territórios, e isso causava medo para toda a população, pois a:

[...] unificação italiana foi um processo tardio, concluído apenas em 1870. Até então, a península itálica estava dividida em pequenos reinos, ducados, etc. Após a Unificação, consolidada em torno do rei Vitorio Emanuele e do reino do Piemonte, o novo país deu os primeiros grandes passos para promover sua integração política, econômica e social, conformando um mercado nacional coeso, processo que golpeou profundamente o mundo rural (VANNINI, 2003, p. 77).

Neste movimento, começaram as primeiras parcerias para as imigrações, quase que, em totalidade, os imigrantes eram camponeses, agricultores e, em menor quantidade, artesões. Eram os moradores considerados sem prestígio social, que estavam sob péssimas condições de vida, cercados da miséria e abalados por tais invasões, habitavam o Norte da Itália e não possuíam terras para o cultivo e subsistência da família.

Esta região peninsular, formada por semifeudos, encontrar-se depauperada pelas disputas e invasões. Também em consequência da expansão capitalista ocorreu, em 1870, a unificação Italiana. Os custos desta foram elevados e a Itália não tinha condições de atender a grande massa populacional empobrecida. Com isso, iniciou-se ação propagandista pró-emigração para o Brasil (PIOVESAN, 1999, p. 96).

O autor menciona que, em meio ao cenário da unificação, a Itália não tinha recursos para ajudar a população e, com isso, negociações com o Brasil foram realizadas. Para o imigrante, o sonho de prosperar em solo brasileiro, foi a saída encontrada para fugir dos problemas sociais, econômicos e a falta de emprego, que estavam causando a miséria da população.

No Brasil, as estratégias se baseavam primeiramente na colonização das terras devolutas do Rio Grande do Sul, devido às disputas territoriais, seguidas da necessidade de novos produtos e expansão das indústrias, porém um dos principais motivos de incentivo para a vinda dos europeus, foi para branquear o Brasil, e, só mais tarde, para substituir a mão-de-obra escrava. Dessa forma,

Sabe-se que, por mais de 200 anos, após a posse do Brasil, o território sul-rio-grandense esteve praticamente inaproveitado. Porém, em 1680, o estado tornou-se alvo de disputas territoriais entre portugueses e espanhóis, devido à região ter se tornado um centro de comércio entre contrabandista das colônias espanholas. Para garantir a posse desse território, incentivou-se a imigração planejada. Os primeiros a

chegarem foram os portugueses em 1751, depois, vieram os alemães em 1824 e finalmente os italianos em 1875. Para a chegada dos italianos, deve-se considerar não só os motivos brasileiros mas também os motivos italianos para emigração. No Brasil, os motivos do governo imperial não resumiam-se apenas em povoar para garantir a posse do território sul-rio-grandense. Soma-se a este, objetivos políticos e militares; o incentivo do trabalho livre; a instalação de minifúndios com sua agricultura diversificada; preparar-se para a substituição de mão-de-obra escrava (criando uma classe média formada por homens livres); e branquear a raça ameaçada pela quantidade da população negra (PIOVESAN, 1999, p. 96).

A partir da ideia de Piovesan (1999), percebemos que um dos motivos do incentivo a imigração, era para colonizar o território do Rio Grande do Sul, que estava sendo alvo de disputas territoriais. Precisamos nos lembrar que as terras devolutas não estavam desocupadas, pois já havia muitos indígenas espalhados pelo território, mesmo assim, os imigrantes chegaram para colonizar o que já estava colonizado e derrubar as matas nativas do território, expulsando ou até mesmo contribuindo para o extermínio de muitas comunidades indígenas. Esta é uma realidade que pouco é abordada, justamente por mais uma vez ressaltar o papel do imigrante para o desenvolvimento no estado. Assim, a região Sul recebeu imigrantes italianos, mas a região Sudeste recebeu o maior número, isto devido à expansão das fazendas de café. Vannini (2003) afirma que,

Nesse sentido, temos de separar, claramente, os dois grandes movimentos migratórios italianos. Na região do café, no Centro-Sul do país, os imigrantes trabalhavam como colonos nas plantações cafeicultoras, substituindo o trabalhador escravizado.

Em geral, mas não sempre, após obterem recursos, esses colonos compravam terras. No Rio Grande, desde o primeiro momento, os colonos partiram para ocupar colônias, como pequenos proprietários agrícolas, nas terras da Serra gaúcha, impróprias para a criação de gado (VANNINI, 2003, p. 72).

Assim, os dois movimentos foram estratégias políticas que visavam atender as necessidades de melhorias dos países e, no Brasil, a maior intenção era incentivar o consumo, aumentar as produções e desenvolver indústrias. Tais fatos só seriam possíveis se a população fosse livre e assalariada.

Com a terra tornando-se possibilidade de mercadoria e potencializando lucratividade, não demorou para surgirem os novos movimentos particulares, identificados como sistema de parceria. Costa (1985, p. 162) afirma que “com o objetivo de promover pouco a pouco a substituição do braço escravo na lavoura do café, recorreu-se, em meados do século XIX, à colonização estrangeira, sob sistema de parceria”. E ainda que

[...] os objetivos dessa política eram sobretudo demográficos. Reconhecia-se a necessidade de povoar o país e para isso se recorria à colonização. No Espírito Santo, no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul formaram-se os primeiros núcleos (COSTA, 1985, p. 162).

Destacou-se no sistema de parceria o senador Nicolau de Campos Vergueiro. Conforme Costa (1985, p. 169 - 170), “desde 1840, antes, portanto da cessação do tráfico, tentara ele atrair imigrantes portugueses para sua fazenda de café na região de Limeira (Fazenda Ibicaba)”. Tal experiência, nos primeiros tempos, ocorreu de acordo com o esperado, parecendo solucionar o problema da mão de obra nas plantações cafeeiras.

O senador estava convencido sobre as vantagens do sistema de parceria e buscou apoio junto ao governo imperial. Para tanto, assumiu as responsabilidades referentes ao transporte desses colonos. A fazenda de Ibicaba recebeu, no ano de 1846, o número de 364 famílias, unindo-se aos 215 escravos da fazenda. Ambos trabalhavam nas mesmas lavouras. Assim, conjugava-se o trabalho livre ao escravo.

Precisamos lembrar que havia sofrimento para todos os grupos que estavam prestando serviços aos fazendeiros, mas o que diferenciava os imigrantes brancos e livres, dos negros e escravos, era a condição humana de ter seus direitos e crenças respeitados. Os imigrantes brancos sabiam das possíveis dificuldades e vieram por livre vontade, na busca de um futuro promissor, já os escravos não tiveram escolha, vieram obrigados e em péssimas condições, sendo considerados objetos a serem comprados pelos fazendeiros, para trazer rentabilidade para a fazenda.

A partir do ano de 1850, foram criadas algumas leis²² para acabar com o tráfico negreiro, com isso a mão de obra escrava diminuiu e as senzalas começaram a ficar vazias, porém levou anos para que o italiano pudesse substituí-los como mão de obra em algumas localidades. Nesta perspectiva

[...] os primeiros imigrantes não tiveram como função substituir o trabalhador escravizado. Efetivamente, eles começaram a chegar quando os senhores ainda nem mesmo sonhavam com o fim da escravidão. Tal objetivo se concretizou apenas nos momentos finais do cativeiro, décadas após 1850, data da extinção do tráfico negreiro internacional no Brasil (VANNINI, 2003, p. 72).

²² No dia 08 de agosto de 1845, foi promulgada a **Lei Bill Aberdeen** na Inglaterra, que proibia o tráfico de escravos africanos. A lei recebeu este nome em homenagem ao Ministro Britânico, Lord Aberdeen, contribuindo nas leis abolicionistas nos demais países que objetivavam a libertação do trabalho escravo. Após um período de 5 anos da Lei Aberdeen, criou-se, em 4 de setembro de 1850, a Lei que proibia o tráfico de escravos no Brasil, conhecida como **Lei Eusébio de Queirós**. Esta lei é considerada um dos primeiros passos para a abolição que ocorreu no ano 1888.

Não demorou para o sistema enfraquecer, havia ambiguidades nos contratos e ambos estavam cometendo abusos e injustiças. Os colonos não aceitavam certas exigências, negando-se a realizar atividades impostas pelos grandes proprietários e, assim, muitos donos de terras ficaram descontentes, considerando-os preguiçosos e com baixa produtividade. Costa afirma que,

[...] se os proprietários estavam decepcionados com a experiência feita, não menos estavam os colonos. Queixaram-se da sua sorte, manifestando sua desilusão. Os descontentamentos acumulados pelos colonos haviam mesmo explodido numa agitação que inquietara os fazendeiros, e que assumira aspectos mais graves na Fazenda Ibicaba, em fevereiro de 1857 (COSTA, 1985, p. 179).

A experiência do sistema de parceria fracassou, pois não conseguiu provar sua eficácia, tampouco solucionar o problema da necessidade de trabalhadores na lavoura do café. Com a total proibição do tráfico negreiro, os fazendeiros pressionaram os governantes para solucionar este problema, sendo os europeus os chamados para assumir o trabalho do escravo. Para Costa (1985, p. 172), “o interesse pelo trabalho do colono cresceu principalmente depois cessação do tráfico em 1850”. E ainda,

[...] a maioria dos imigrantes que entraram nessa área foram encaminhados para as lavouras de café, exercendo funções anteriormente desempenhadas pelos escravos. Mais para o sul do país, nos estados do Paraná, Rio Grande do Sul e Santa Catarina, desenvolveu-se um sistema diferente de colonização. Concederam-se aos colonos lotes de terras (COSTA, 1985, p. 211).

Para os colonos imigrantes, adquirir um lote era, de fato, a oportunidade que precisavam para mudarem suas vidas. As propostas eram boas, motivo pelo qual fizeram as famílias largar o pouco ou tudo o que possuíam em busca de um sonho, tornar-se proprietário de terras.

No Rio Grande do Sul, as possibilidades de adquirir lotes gratuitos nos primeiros tempos, eram atividades comuns, porém Vannini (2003, p. 75), informa-nos que [...] “a partir de 1850, com a Lei de Terras, os lotes passaram não mais a ser doados, mas vendidos, podendo ser pagos em um prazo de até cinco anos”. Sobre essa lei, Iotti afirma, que o governo imperial promulgou a Lei de Terras, sob Nº. 601, de 18 de setembro de 1850, na qual dispõe as terras devolutas no Império, e

[...] determina que, medidas e demarcadas as primeiras, sejam elas cedidas a título oneroso assim para empresas particulares, como para o estabelecimento de Colônias de nacionais, e de estrangeiros, autorizado

o Governo a promover a colonização estrangeira na forma que se declara (IOTTI, 2001, p. 112).

Após tal determinação, os imigrantes iniciaram o percurso de vinda. Iotti (2010, p. 73), explica que a “passagem da Europa ao Rio Grande do Sul era financiada pelas autoridades brasileiras. Os lotes e os eventuais subsídios governamentais – ferramentas, sementes, alimentos, etc. - deveriam ser pagos no prazo de cinco e dez anos”. Contudo,

[...] de 1875 a 1889, o Rio Grande do Sul recebeu, aproximadamente, 40 mil imigrantes, provenientes, sobretudo da Lombardia, do Vêneto e do Tirol, atraídos ao Novo Mundo pelo sonho da terra. Conde D’Eu (Garibaldi), Dona Isabel (Bento Gonçalves) e Caxias foram as três primeiras colônias italianas no RS. Em 1877, foi organizada uma quarta colônia, Silveira Martins, em terras próximas de Santa Maria, na região central do estado (IOTTI, 2010, p. 73).

Para a autora, os imigrantes que viessem ao Brasil, posteriormente, à elaboração da lei, teriam de pagar pelos seus lotes de terra, sendo que,

[...] o término da distribuição gratuita de terra e sua transformação em mercadoria despertaram ainda mais o interesse da iniciativa privada que, diante de um empreendimento potencialmente lucrativo, passou a concorrer com o Estado na implantação de núcleos coloniais (IOTTI, 2010, p. 49).

Com a implantação destes núcleos, as conversas alargadas, em meio à fantasia e sonho de uma vida melhor, subsidiadas em meio a propaganda e incentivo fizeram com que, no ano de 1875, viesse a primeira leva em massa de imigrantes italianos ao Brasil.

Após a decisão de partir intensificavam-se as preocupações sobre as condições de vida na nova terra. Porém, de qualquer maneira, era a oportunidade de uma vida melhor. Durante a viagem, o sofrimento, a angústia e ansiedade moviam o sentimento de abandono e, ao mesmo tempo, de conquista de um futuro melhor. Sobre as embarcações utilizadas na viagem, Furlan afirma que:

No navio havia três classes, cabendo aos mais pobres os porões. As refeições eram tomadas em comum. O dormitório separava homens e mulheres. A travessia era feita em navios superlotados e sem condição de higiene. Faltava espaço, insuficiência de iluminação, calor, deficiência alimentar, propiciavam doenças, que atingiam sobretudo crianças e anciãos (FURLAN, 1936, p. 48).

Por vezes, as doenças dentro dos navios lotados, causaram a morte de algumas pessoas. Sobre isso, Barbosa (1961, p. 110) relata que em meio a tanto sofrimento “ outra família de imigrantes foi ainda mais infeliz, porque lhe morreu o único filhinho de sete

meses. Colocado no saco, o pequeno cadáver desceu, preso por uma corda, à flor da água onde um peixe o abocanhou”. É uma triste realidade, mas encontrada em grande parte da historiografia.

Sobre a questão, Furlan (1936, p. 49) relata: “[...] faleceu em viagem; seu corpo, envolto em lençol, foi, como de costume, lançado ao mar”. Diante destas questões parece-nos explicado o porquê das narrativas dos descendentes de imigrantes, quando afirmam “[...] morria a pessoa, enrolava no lençol e largava no mar”, (Guilherme Gasparin, 07/07/2016), ou então conforme o Diário de Campo, do dia 29/05/2017, após o final da entrevista, Mario Tortora afirmou, “meu nono Giuseppe Tortora veio para o Brasil com três filhos, mas apenas o mais pequeno sobreviveu, os outros dois morreram durante a viagem”. Esta era a realidade da viagem! Mas as informações que chegavam à Itália eram de que todos estavam bem e contentes, o que deixava os demais moradores ambiciosos,

Ninguém resistia à fascinante atração da América. Todos ambicionavam emigrar. As primeiras famílias partiram havia poucos anos. Notícias chegavam animadoras, falando da espantosa fertilidade da terra. Lá um lavrador enriquece em poucos anos (BARBOSA, 1961, p. 109).

As informações despertavam nos familiares e amigos da Itália o desejo de prosperar, e, aos poucos, ampliava-se o número de imigrantes que chegavam no Brasil. Com a vinda destas pessoas emergiu a necessidade de se desbravar novos lugares, começando a surgir novos grupos coloniais e com eles as igrejas e comércios.

Com base nos entrevistados e moradores da comunidade, verificamos que é predominante serem nascidos no Rio Grande do Sul. Assim, apontamos como ocorreu este processo de fixação dos imigrantes nestas terras.

2.2 A ocupação dos imigrantes nas terras do Rio Grande do Sul

A decisão de imigrar provavelmente foi difícil, exigiu, pois, coragem para adaptação a novos lugares e a estilos de vida. A partir de 1875, intensificou-se a imigração italiana no Rio Grande do Sul, sendo que, um elevado número de famílias, ao chegar no Brasil, instalava-se em galpões de imigrantes, até que conseguisse fazer a derrubada das matas, deixando seu lote colonial²³ preparado para a construção da casa provisória,

²³Neste período Iotti (2010, p. 74) menciona que “as colônias eram divididas em léguas, travessões e lotes”, sendo que, a partir da Lei das Terras de 1850, exigiu-se que fosse realizada a demarcação dos lotes coloniais

geralmente, de pau-a-pique, coberto com galhos ou com tábuas lascadas a machado. Santin relata

[...] os dramas vividos, ainda na Itália, os momentos da decisão de imigrar, as angústias da separação para sempre diante das perspectivas de uma viagem *senza ritorno*; as dificuldades do embarque em navios inadequados e superlotados, as terríveis peripécias da travessia, as decepções e o abandono na chegada em meio à floresta e sem os benefícios prometidos, quando ainda em solo italiano pelos agentes da imigração, e, no Brasil, pelos administradores das Colônias, constituíram o triste cotidiano dos imigrantes [...] (SANTIN, 1999, p. 14 - 15).

Para Santin (1999, p. 12), “a presença italiana no Rio Grande do Sul tornou-se um tema de extrema significação para a história rio-grandense”. Pois, estas pessoas ao serem encaminhadas para as primeiras três colônias (Conde D’eu, Dona Isabel e Campo dos Bugres, na região serrana do estado), construíram um modo particular de viver e de fazer história. Mais tarde, em meados de 1877, iniciou-se a imigração para o centro do estado, sendo, então, criada a Colônia Silveira Martins.

Em meio ao sofrimento e ao abandono em que viviam no país de origem, os italianos sonhavam com uma vida de fartura e de prosperidade e, mesmo sabendo das dificuldades para se chegar à América e todo sofrimento para se instalar e recomeçar suas vidas, ainda parecia ser a melhor solução, pois estavam prestes a conquistar um pedaço de terra para dele tirar o sustento dos familiares. Demorou um tempo, até que estes imigrantes conseguissem uma vida estável, devido à escassez de alimentos, sendo que isso tornava os dias mais difíceis. Nos primeiros tempos, o pinhão, a caça e a coleta era o meio de saciar a fome, e, com o início do plantio, as terras produtivas já despertavam no imigrante um sentimento de recomeço. Os primeiros plantios demoravam meses, senão anos, e

As famílias ficavam no Barracão na sede da Colônia e só depois de erguidas as primeiras cabanas é que as mesmas se juntavam a seus chefes. Começou nesse instante a sua luta contra o ambiente hostil. A golpes de foice e de machado, foi derrubada a primeira fração da mata secular. Crepitaram, pouco depois, as chamas da queimada. Surgiu a primeira plantação, o primeiro milharal, o primeiro trigal, o primeiro vinhedo (BARBOSA, 1961, p. 8).

por engenheiros agrimensores. “A área dos lotes coloniais era ocupada pelo potreiro; pelo parreiral - localizado nas encostas, próximo da residência - e pelas terras agricultáveis. Alternava-se o plantio do milho com culturas de inverno: centeio, cevada, trigo. Plantava-se arroz, batata, feijão, aveia. Criava-se galinhas e porcos. Uma pequena produção de vinho, cachaça, graspa, banha, toucinho, salame, presunto, manteiga e queijo abastecia a família e os centros urbanos próximos” (IOTTI, 2010, p. 76 - 77).

Após longos períodos de dificuldades devido à falta de recursos, as condições de vida começavam a melhorar e, assim, os imigrantes enviavam informações aos familiares e amigos da Itália sobre a atual situação no País. Contudo, isso servia de incentivo e culminou na formação da segunda leva de imigrantes em busca de sucesso.

Levas de imigrantes continuavam a chegar da Itália. Agora sofriam menos. Encontravam parentes que os recebiam e os amparavam nos primeiros dias. As colônias se expandiam com rapidez. De Caxias passavam a povoar Nova Trento, Antônio Prado, São Marcos, Vacaria, Guaporé, Silveira Martins, Júlio de Castilhos, Santa Maria e muitos outros núcleos prosperavam a olhos vistos (BARBOSA, 1961, p. 129).

Segundo Barbosa (1961, p. 129), “até o início da guerra, haviam entrado no Rio Grande cerca de 76.000 italianos. Os filhos casavam e emigravam para outras zonas do Estado. E, começou, então, o segundo capítulo da epopeia. O desbravamento das matas nos municípios ao norte do estado”. Dessa forma,

[...] surgem, então, novos núcleos, como Paraí, Nova Bassano, Araçá, S. José do Carreiro, hoje Ibiraiaras, Cacique Doble, Sananduva, Paim Filho, S. José do Ouro, Maximiliano de Almeida, Tapejara, Marau, Erechim, Getúlio Vargas, Gaurama, Aratiba, Espumoso, Não-Me-Toque, Tapera, Dourados, Sarandi, Colorado, Barril, hoje Westphalen, e uma infinidade de outras colônias (BARBOSA, 1961, p. 129).

Com a inserção do imigrante nos núcleos coloniais, começaram a instituir novos povoados que se uniam em prol do bem comum. Desde à sua chegada, os imigrantes iniciaram a preparação da terra e realizaram os primeiros plantios. Sonhavam com a farta produtividade, e não demorou para usufruírem dos produtos colhidos em seus lotes, separavam a quantidade para o consumo da família e o excedente era trocado por outros produtos que não possuíam e, quando possível, vendiam o restante. E, assim,

[...] nos primeiros tempos, tudo se apresenta monótono, idêntico e repetitivo. As decepções diante de um mundo desconhecido, o sentimento de abandono, o refúgio em Deus, as lembranças do mundo familiar deixado irremediavelmente para trás; depois o contentamento diante da abundância das colheitas e de mesas fartas; por fim, o apego diante de uma nova pátria que ia lentamente surgindo. A reconstituição do ambiente de origem, através dos Santos prediletos, dos capitéis, das igrejinhas, dos campanários e dos sinos, cantorias, das festas tornaram-se os fundamentos desta nova pátria. E ela foi se tornando mais visível com as pequenas indústrias de fabricação de instrumentos agrícolas e de transformação da matéria-prima oriunda das abundantes colheitas. Um comércio atuante e crescente casas mais confortáveis. Igrejas grandiosas. Liturgia pomposas. Vida familiar e social dinâmica. Eram os sonhos que o imigrante, ainda que sofridamente, ver a realizar-se aqui. No fundo, reproduzir em solo rio-grandense o seu mundo

italiano, livre das misérias e explorações impostas pelo sistema econômico de uma Itália ainda feudal (SANTIN, 1999, p. 15).

As contribuições apontadas por Santin informam que a igreja e a crença nos santos e rezas era uma maneira de conformar-se com a nova realidade, e

[...] o isolamento era rompido quando se reuniam para rezar. Rezavam o rosário sob uma árvore ou na casa de algum morador, por ocasião de uma festa ou de um enterro ou, ainda, na cozinha quando se encontravam para o filó. Em todas as linhas, os moradores reuniram-se em mutirões e construíram capelas de madeira, pedra ou alvenaria, que decoravam primorosamente: altares e imagens em madeira, janela com vidros coloridos, alfaias de metal e até um sino de bronze no campanário. O fantasma da solidão no meio da mata foi se distanciando (IOTTI, 2010, p. 77).

Vannini (2003) aponta que, a partir da produção agrícola, havia a necessidade de mais pessoas para o cultivo das terras, além disso, a Igreja Católica, seguida por grande parte destes imigrantes, pregava que as famílias deveriam ser numerosas, sendo um pecado evitar a gravidez. Neste processo, algumas famílias tornaram-se numerosas, geralmente, com mais de onze filhos, pois quanto mais força de trabalho, mais se plantava e, logo, poderiam mudar o cenário das famílias.

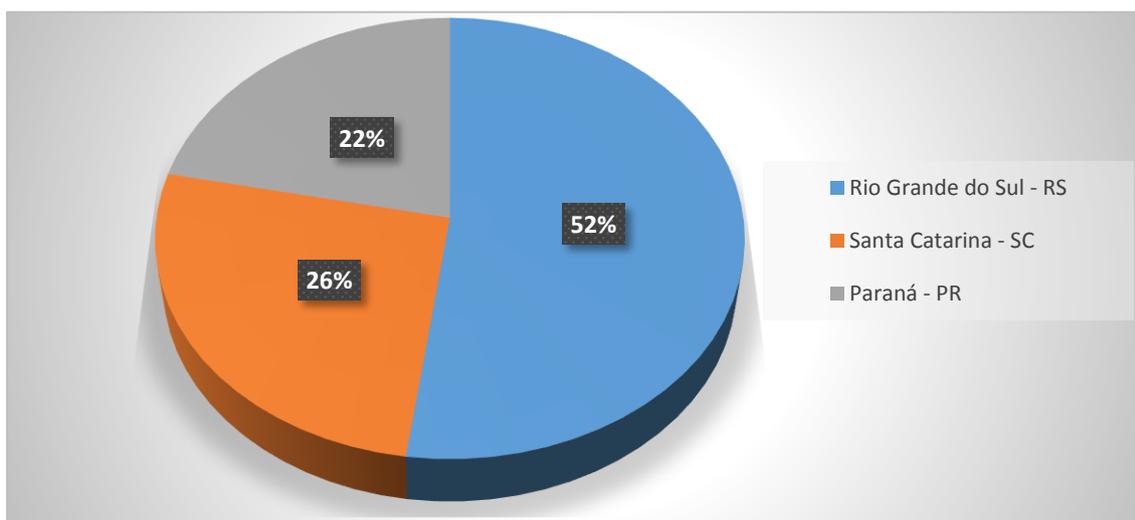
As famílias de todas as etnias, que se fixaram Rio Grande do Sul, geravam muitos filhos e, assim, os pais viram que as terras seriam insuficientes para os descendentes. Pois havia um combinado entre as famílias, sendo responsabilidade dos filhos ajudar no cultivo das plantações para que quando chegasse a hora do casamento, estes adquirissem seu pedaço de terra, para o sustento da nova família.

Não demorou para que os descendentes dos imigrantes enfrentassem a mesma situação de não possuírem terras. Estes antes ouviam os relatos das dificuldades enfrentadas para se obter um pedaço de terra e, agora, colocavam-se na mesma condição de seus antepassados. Diante disso, começaram a fazer a sua história, cercada também pelas dificuldades e falta de recursos, mas com um único objetivo, melhorar sua condição de vida. Foi, então que chegou uma nova possibilidade: colonizar as terras do Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná. Para Lazier,

O povoamento do Sul foi o resultado, entre outros fatores, da expansão do capitalismo europeu. Os migrantes europeus recebiam no noroeste do Rio Grande do Sul lotes de terras de 60 ha. Aos poucos o tamanho das propriedades foi diminuindo. Baixaram para 44,30 ha e finalmente o tamanho médio da propriedade chegou a 25 ha. Enquanto diminuía o tamanho da propriedade aumentava a população, principalmente pelo alto índice de natalidade (LAZIER, 1997, p. 38).

Tal informação, de migrar para colonizar novos territórios, pode ser percebida a partir do questionamento feito aos 23 entrevistados, sobre o local de nascimento, pois a família ao se mudar, logo reiniciava suas vidas e novos filhos nasciam no novo estado. Contabilizamos que 52 % dos entrevistados (12 pessoas) nasceram no estado do Rio Grande do Sul. Dos 26% (6 pessoas) que nasceram no estado de Santa Catarina, ouvimos que seus pais eram do Rio Grande, e os 22% (5 pessoas), naturais do Paraná relataram que os pais enfrentaram estes movimentos migratórios.

Gráfico 1: Estado de Naturalidade dos Entrevistados:



Fonte: Informações disponíveis nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

Organização: Aline Tortora de Oliveira, 2017.

De acordo com o gráfico, percebemos que a comunidade é composta por pessoas que nasceram em diferentes estados e muitos moradores ou descendentes saíram do Rio Grande do Sul para adquirirem novas terras em Santa Catarina. A entrevistada Aurélia nos contou que, com seus cinco anos de idade, já ajudava nos afazeres do hotel dos seus pais que ficava no município de Encantado – RS, e

[...] naquela época tinha o Cerrano que era pra quem vinha de Bento Gonçalves, sempre cheio. E o ponto de parada e pousada era lá no nosso hotel. [...] Daí naquela época não tinha telefone era telegrama, [...] e vinha um rapazinho a cavalo avisar que vinham tantas pessoas para jantar e posar [...] às vezes chegavam à meia noite para jantar, era estrada de chão... me pra chegar em Santa Catarina, eles vinham comprar terra em Santa Catarina, ninguém falava do Paraná, não existia Paraná, era Rio Grande e Santa Catarina e acabou (Aurélia Becchi Bosio, 07/07/2016).

Demorou um bom tempo até que os moradores descobrissem as propagandas para colonizar o Sudoeste do Paraná. Enquanto isso adquiriram terras no estado de Santa

Catarina e tentaram se adaptar aos novos costumes. Contudo, a partir das propagandas de distribuição de terras pela CANGO, as pessoas que já tinham tentado se instalar em Santa Catarina bem como os moradores do Rio Grande do Sul, novamente enfrentaram a possibilidade de conquistar uma quantidade maior de terras no novo local. Assim, iniciamos a discussão sobre a colonização do Sudoeste do Paraná, com ênfase na criação do município de Francisco Beltrão.

2.3 Os descendentes dos imigrantes, colonizando o Sudoeste do Paraná

O Paraná das matas araucárias, solos férteis, bom clima, e muitas fontes fluviais, ambiente calmo e sereno, propício para os povoados indígenas e caboclos que aqui habitavam. Estes grupos preservavam as matas, os solos e rios, viviam basicamente da caça, pesca e coleta dos frutos das matas, plantavam apenas para o consumo. Percebemos, assim, uma grande ausência de historiografia sobre estes grupos, justamente pela influência que os migrantes exerceram no sentido de compor uma história da saga imigrante. No que se refere a essa situação, Lazier menciona que:

A região do Sudoeste do Paraná vem sendo povoada desde fins do século passado. Aliás, era povoada pelos pré-colombianos, antes de 1500. Muitos castelhanos vieram à região em busca de erva-mate. O mesmo aconteceu com paranaenses, principalmente de Palmas, que se dirigiam àquela área para extrair erva-mate, e também para a criação de suínos. Na região, inclusive, localizam-se fugitivos da justiça (LAZIER, 1997, p. 38).

Sobre o Sudoeste do Paraná, Lazier (1986, p. 46) afirma que “este território pertencia ao Município de Clevelândia, que, em 16 de outubro de 1884, pela Lei Provincial Nº 789, foi elevado à categoria de freguesia”. Anos mais tarde com a “Lei Nº 28, de 28 de junho de 1891, foi elevado a município”. Deixou de chamar-se Bela Vista de Palmas, sendo Clevelândia o nome escolhido para o município, através da Lei Nº 862, de março de 1909.

Lazier (1986, p. 48) aponta que o Sudoeste do Paraná foi povoado²⁴ “por agricultores gaúchos e catarinenses descendentes de imigrantes italianos e alemães”. A colonização destas terras foi novamente uma estratégia política, pois as lideranças

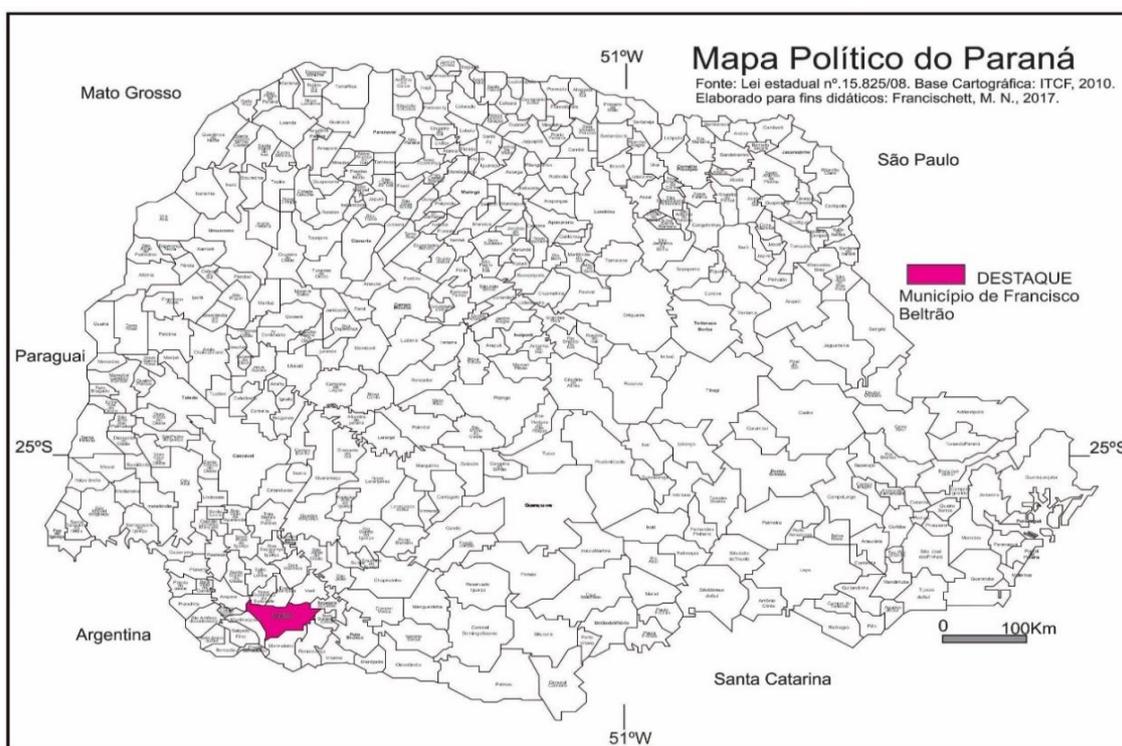
²⁴ Ressaltamos que a população indígena e cabocla sempre é esquecida diante da historiografia. Sabemos que as populações nativas já estavam nestas terras, muito antes do planejamento da colonização e aproveitamos para explicar que a figura do colonizador, pode ser vista como as pessoas que chegavam em uma nova região e dela tiravam toda riqueza, eliminavam os verdadeiros proprietários da terra e buscaram neste espaço criar as novas comunidades como maneira de conviver com os considerados iguais.

demonstravam pressa para colonizar a área e tal incentivo possibilitou a vinda destas pessoas. Assim,

[...] a partir de 1930, o norte oeste e sudeste do Paraná foram ocupados por migrantes de São Paulo, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e nordestinos. Em verdade o Paraná é a terra de todas as gentes. Tornou-se uma região multicultural e multirracial, uma mistura de sangue e cultura, talvez única no mundo pela sua diversidade (LAZIER, 2003, p. 89).

Nesta mistura cultural, o Paraná aumentou sua população, devido ao processo migratório e, de acordo com o mesmo autor (1986, p. 56), tem-se o apontamento de que, “até 1940 existiam poucos povoados no Sudoeste do Paraná. Era uma região quase desligada do restante do Brasil. O vínculo era maior com a Argentina”. Isto se deve pela proximidade, uma vez que o Paraná faz divisa com o Paraguai e a Argentina, sendo que, além desses países, fazem limite os estados do Mato Grosso, São Paulo e Santa Catarina. A seguir, poderemos ver o mapa do estado do Paraná e sua grande faixa territorial.

Mapa 1: O estado do Paraná e o Município de Francisco Beltrão



Fonte: FRANCISCHETT, Mafalda Nesi, s/p, 2017.²⁵

²⁵ Os mapas 1, 2 e 3 presentes na dissertação, foram elaborados pela professora Mafalda Nesi Francischett. Dessa maneira, consta na fonte, a informação sem paginação visto que o material foi produzido para esta dissertação.

A partir do mapa, percebemos o destaque para a localização do município de Francisco Beltrão, compreendendo, assim, a importância do Movimento Marcha para Oeste²⁶, para colonizar este local. As influências políticas e econômicas implantadas pelo governo Vargas possibilitaram a colonização do Paraná. A partir do aumento de pessoas nessas terras, houve a necessidade de novas construções, para atender as necessidades dos moradores.

Os primeiros moradores do Sudoeste do Paraná, dedicavam-se ao cultivo da erva-mate e à criação de porcos²⁷, sendo que estes produtos eram vendidos ou trocados por sal, açúcar, tecidos, querosene, entre outros. As mercadorias eram transportadas no lombo dos burros, em cargueiros que seguiam pelas picadas²⁸ existentes.

Neste processo de migração e colonização, as matas nativas foram aos poucos sendo devastadas e substituídas por plantações agrícolas. Grande parte das madeiras, principalmente, as araucárias, foram utilizadas na construção das casas que, após cerradas, manualmente, eram lascadas a machado em pedaços menores. Neste período, as madeiras não tinham valor e, por vezes, eram trocadas por objetos de difícil acesso, raramente vendidas e quando isso acontecia vendiam-nas a preços baixíssimos.

Percebemos isso na narrativa do morador Valdir Ernesto Bortolotti²⁹ que menciona: “[...] não tinha valor o pinheiro...não tinha valor! O finado compadre Saul, aqui em baixo que morava aqui, que morou aqui na frente, ele deu oito pinheiros escolhidos, oito pinheiros, que dois homens não abraçavam, por um rádio Semp daqueles antigo”. Tal como vimos, além da troca de produtos alimentícios, ocorria também permutas de madeiras por objetos que não possuíam. Pelas narrativas, esta era uma ação bem comum entre estes moradores, o que podemos perceber nos escritos de Morgan:

Na época os pinheiros eram muito grandes e era difícil de derrubar e iniciar as roças, isto dava muito trabalho e a terra de pinheiro não era considerada boa. Na época derrubar tudo de machado era muito difícil.

²⁶ O movimento, **Marcha para o Oeste**, realizado pelo governo de Getúlio Vargas, visava ocupar os espaços vazios. Desenvolveu o processo migratório para colonizar estas terras desocupadas.

²⁷ Lazier (1986, p. 49) menciona que “a suinocultura era a segunda atividade econômica da região e, após a queda da erva-mate, passou a ser a principal fonte de renda do Sudoeste do Paraná”. Os porcos eram criados soltos no mato, sendo considerada uma forma primitiva.

²⁸ Para os moradores, as picadas eram os caminhos abertos, desbravados em meio a mata natural. Para eles é motivo de orgulho a afirmação de que ajudou a abrir as picadas, e que após alguns anos receberam as máquinas para abrir o caminho, no qual o chamamos de estrada.

²⁹ A entrevista foi realizada no dia 04 de janeiro de 2017, na residência do entrevistado. Ao passarmos em frente à sua casa, percebemos que estava estacionado o ônibus. Sabemos que há muitos anos ele trabalha como motorista, traz as pessoas ao centro da cidade no início da manhã e retorna ao final da tarde. Chegamos para conversar sobre a pesquisa e marcar a entrevista, mas ele logo aceitou e nos disse que poderia ser naquele momento mesmo e logo iniciamos a entrevista.

No morro se roçava, tacava fogo, e colhia-se muito milho e feijão. Na terra plana não acontecia isto, na época (MORGAN, 2000, p. 89).

A chegada dos migrantes em terras paranaenses e fixação no Sudoeste do Paraná não foi fácil. Isto, porque ao chegarem já derrubavam grande parte das matas araucárias. As primeiras mudanças foram realizadas com carroças, os homens abriam as picadas, derrubavam as matas surgindo, assim, as primeiras estradas. Muitos homens de famílias vizinhas ou até mesmo entre parentes reuniam-se para descobrir o caminho e escolher o local onde ficariam. Feito isto retornavam para buscar a família e juntos aventuravam-se em busca do sonho.

Após alguns anos, começava a surgir a possibilidade de transporte de utensílios das famílias em caminhões, e estes vinham com duas ou mais mudanças. Os caminhos eram estreitos, as estradas ainda em péssimas condições, então, os caminhões iam até onde conseguiam, e, o restante do caminho era feito a pé, com cargueiros e, quando possível, carroça. Conforme o entrevistado,

Bom meu nome é Selvino Caetano Catto, nos entramo aqui no município de Beltrão que não era nem Beltrão ainda, era Marreca. Nós viemos de Concórdia, mas eu sou natural de Passo Fundo. Eu saí de Passo Fundo com um ano de idade. Moramo dois anos em Concórdia e em 1949 nós entramo em Beltrão. Bom, Beltrão não tinha praticamente nada ainda, uns par de casa só. Daí ficamo morando em Beltrão ali onde o prédio de Adilva Rossetto hoje. Ficamo morando uns 30, 50 dias ali, até fazer o rancho aqui. Daí veio meu pai, meu irmão, minhas irmãs mais velhas. Vieram aqui lascar pinheiro, fazer tábua, tabuinha para fazer o rancho e cobrir. Portanto, que o rancho não era nem assoalho, era tudo rancho de chão quando nós entramos aqui. Então tudo era difícil, porque uma parte de Beltrão para cá veio a cargueiro e uma parte nas costas se trazia. A carroça, era difícil de entrar, era só carreiro, era um picadão aberto, mas era só carreiro, não era estrada. Foi uma época difícil, boa porque a gente era novo com toda saúde e enfrentava com amor, tranquilo, a gente era feliz, mas só que com dificuldade, muita dificuldade (Selvino Caetano Catto, 06/01/2017).

Diante destas narrativas percebemos as dificuldades e a falta de recursos, mas, ao mesmo tempo, o entrevistado mostra satisfação em recordar as narrativas dos pais, irmãos mais velhos e tios, para explicitar sua história de vida.

Argumenta que os tempos vividos com saúde, amor e que “a gente era feliz né”. Percebemos a valorização destes momentos em família, a união e trabalho coletivo que voltam à memória do entrevistado no momento da narrativa, bem como os detalhes da chegada nestas terras e, mesmo sendo pequeno, diz que lembra de cada acontecimento, pois ficaram marcados profundamente na sua história.

2.4 Colônia Agrícola Nacional General Osório, Vila Marrecas - Francisco Beltrão

Conforme aponta Lazier (1986), no ano de 1940, alguns reservistas do exército solicitaram doação de terras, levando as autoridades a pensar na criação de um núcleo na região, para concretizar este pedido. Em 1941, designaram uma comissão para análise e escolha do local e no dia 14 de agosto de 1942, o ministro Apolônio Sales aprovou e sugeriu para a colônia o nome de General Osório. Finalmente, no dia 12 de maio de 1943, o presidente Getúlio Vargas determinou pelo Decreto de n.º 12417, a criação da Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO), no estado do Paraná. A Colônia foi instalada primeiramente no município de Pato Branco e, só mais tarde, na Vila Marrecas.

Sobre a questão, Martins (1986) apresenta a criação da CANGO em mês diferente do que mostra Lazier (1986),

A Colônia Agrícola Nacional General Osório, fora criada pelo Presidente Getúlio Vargas em 12 de março de 1943, com o objetivo de promover a ocupação física da rica e extensa faixa de nossa fronteira, fixando nela, inicialmente, reservistas que haviam sido deslocados de seus afazeres rurais para prestação do serviço militar obrigatório e, posteriormente, outras famílias brasileiras que se comprometiam a observar as diretrizes emanadas do Departamento Nacional de Produção Vegetal, concernentes ao cultivo da terra, à demarcação das glebas, à proteção da flora, à conservação de picadas, caminhos, estradas, etc (MARTINS, 1986 p. 26).

Contudo, embora tenha divergências no mês de criação, levamos em consideração a data apresentada na lei, que aponta a criação da CANGO em 12 de maio de 1943. Anterior a esta data, a região que era pouco povoada, teve intensificação no movimento migratório a partir da instalação da CANGO, e nos arredores do rio surgiu a Vila Marrecas. Aumentavam os grupos aventureiros em busca de melhores condições de vida, que vinham à procura de terras férteis e com o sonho de tornar-se proprietários de terras, devido às propagandas de parentes ou amigos. Lazier (1986, p. 55) afirma que “a história do posseiro é a história de muita luta, de muito sacrifício, de muito heroísmo”. Estas pessoas eram impulsionadas pela conquista de terras e enfrentavam todos os sacrifícios a fim de obter o título de posse.

Lazier (1986, p. 56 - 59) destaca “sabe-se que a CANGO era um órgão público federal e os lotes de terra eram distribuídos gratuitamente, o que era mais um fator que favorecia a grande migração interna da região”. Enquanto isso, no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, “diminuía o tamanho da propriedade aumentava a população,

principalmente, pelo alto índice de natalidade”, e a partir da CANGO foi possível a instalação destas pessoas nestas terras.

Niederheitmann (1986, p. 49) aponta que “Francisco Beltrão, ao início de seu povoamento, pela ação da CANGO, quando, ainda era Vila Marrecas e pertencia ao Município de Clevelândia, não integrava o Paraná, mas, o Território Federal do Iguazu”. Portanto, neste período os migrantes não conheciam esta região por Paraná.

Com o crescimento da população, a CANGO realizou importantes obras, para o desenvolvimento social e cultural da Vila Marrecas, construiu escolas, estradas, pontes, primeiro hospital, primeira farmácia, selaria, olaria, marcenaria, entre outras bem feitorias.

O povoado da CANGO aumentou gradativamente, e, aos poucos, o nome Vila Marrecas foi perdendo seu significado. O povoado logo passou a distrito, conforme demonstrado por Niederheitmann (1986, p. 64), “[...] denominando-se Distrito de Francisco Beltrão, jurisdicionado ao Município e Comarca de Clevelândia”. O nome do distrito foi uma iniciativa do governo do Paraná em homenagem a Francisco Gutierrez Beltrão, pessoa responsável pela medição e demarcação das glebas e também pelo início ao trabalho que deu origem ao povoamento da região.

Sobre a criação do município, Niederheitmann afirma que,

Então, em 1951, quando o governo do Estado cria diversos municípios, em todo o Paraná, Francisco Beltrão é incluído. A Lei nº 790 de 14 de novembro de 1951, aprovada pela Assembléia Legislativa e sancionada pelo então Governador do Estado do Paraná, Bento Munhoz da Rocha Neto, cria o Município de Francisco Beltrão, desmembrado do de Clevelândia (NIEDERHEITMANN, 1986, p. 65 - 66).

Com o desmembramento de Clevelândia, Francisco Beltrão tornou-se um município, criado oficialmente em 14 de dezembro de 1952. Atualmente com 86.499³⁰ habitantes, Francisco Beltrão se destaca em alguns setores comerciais, tornando-se referência para os demais municípios do Sudoeste.

A partir do momento em que Francisco Beltrão tornou-se município foram criados e extintos outros distritos. Buscamos, então, informações nas dependências da Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão sobre a data de criação destes distritos, com ênfase para o distrito São Pio X. Em vista disso, o funcionário Dalcy Salvati disponibilizou, no dia

³⁰ Dados do IBGE, realizado no ano de 2015. Disponível na página da Prefeitura de Francisco Beltrão. <http://franciscobeltrao.pr.gov.br/departamentos/turismo/a-secretaria/economia-tecnologia/perfil-do-municipio/>

31/10/2017, informações sobre o Plano Diretor Municipal de Francisco Beltrão – 2017³¹ e a partir deste documento, encontramos as informações a seguir:

- Pela Lei Municipal n° 92, de 12 de agosto de 1961, foram criados os distritos de Barra Grande, Boa Esperança do Iguaçu, Jacutinga, Jaracatiá, Nova Concórdia, Salto do Lontra, São Pio X (ex - Km 20), Sede Progresso e Vista Alegre e anexado ao município de Francisco Beltrão.

- Em divisão territorial datada de 31 de dezembro de 1963, o município aparece constituído de 10 distritos: Francisco Beltrão, Barra Grande, Boa Esperança do Iguaçu, Jacutinga, Jaracatiá, Nova Concórdia, Salto do Lontra, São Pio X, Sede Progresso e Vista Alegre.

- Pela Lei Estadual n.º 4.838, de 26 de fevereiro de 1964, foram extintos os distritos de Jacutinga, São Pio X e Rio do Mato, sendo seus territórios anexados ao distrito Sede do município de Francisco Beltrão.

- Em divisão territorial datada de 31 de dezembro de 1971, o município é constituído de três distritos: Francisco Beltrão, Jacaré e Nova Concórdia.

- Pela Lei n.º 2.622, de 18 de agosto de 1997, foi criado o distrito de São Pio X e anexado ao município de Francisco Beltrão.

- Em divisão territorial datada de 1997, o município foi constituído de cinco distritos: Francisco Beltrão, Jacutinga, Nova Concórdia, São Pio X e Secção Jacaré. Assim permanecendo em divisão territorial datada de 2017.

Com todas estas modificações que o documento apresenta, destacamos que na atualidade permanecem cinco Distritos Administrativos que compõem o Município de Francisco Beltrão.

Apresentamos o mapa 2, com os respectivos distritos que permaneceram, sendo que dentre estes está o *lócus* da pesquisa, sinalizado na cor verde e nomeado de Distrito ou Comunidade São Pio X- Km 20.

Optamos por pesquisar sobre a identidade cultural dos moradores deste lugar, por conhecermos os espaços que os indivíduos frequentam e as ações que compõem as vivências diárias dos moradores, sendo estas características possíveis de significados e interpretações.

³¹ Outras leis de criação e extinção podem ser encontradas neste documento, mas optamos por ressaltar as informações sobre o distrito São Pio X. O documento tem como fonte: Francisco Beltrão (PR). Prefeitura. 2012. Disponível em: <https://www.franciscobeltrao.pr.gov.br>. Acesso em: nov. 2012. Na tentativa de encontrarmos mais informações e conferirmos se houve alteração nas informações repassadas, acessamos o site indicado, não sendo possível acessá-lo.

Mapa 2: Município de Francisco Beltrão e seus Distritos.



Fonte: FRANCISCHETT, Mafalda Nesi, s/p, 2017.

Após as discussões sobre o processo de fixação dos imigrantes em solo brasileiro, a ocupação nas terras do Rio Grande do Sul, colonização do Sudoeste do Paraná, a criação da CANGO, transformação da Vila Marrecas em município de Francisco Beltrão, apresentação do mapa com os distritos, e sinalização do *locus* de pesquisa. Apresentamos primeiramente, Serra da Vitória, colonizada por volta de 1945, local este que posteriormente originou as comunidades do km 20 e km 23.

2.5 A Chegada dos primeiros moradores em Serra da Vitória

Ao nos lançarmos nesta proposta de pesquisa, buscamos compreender o cotidiano, os costumes culturais, as crenças religiosas e a gastronomia presente no dia a dia da comunidade.

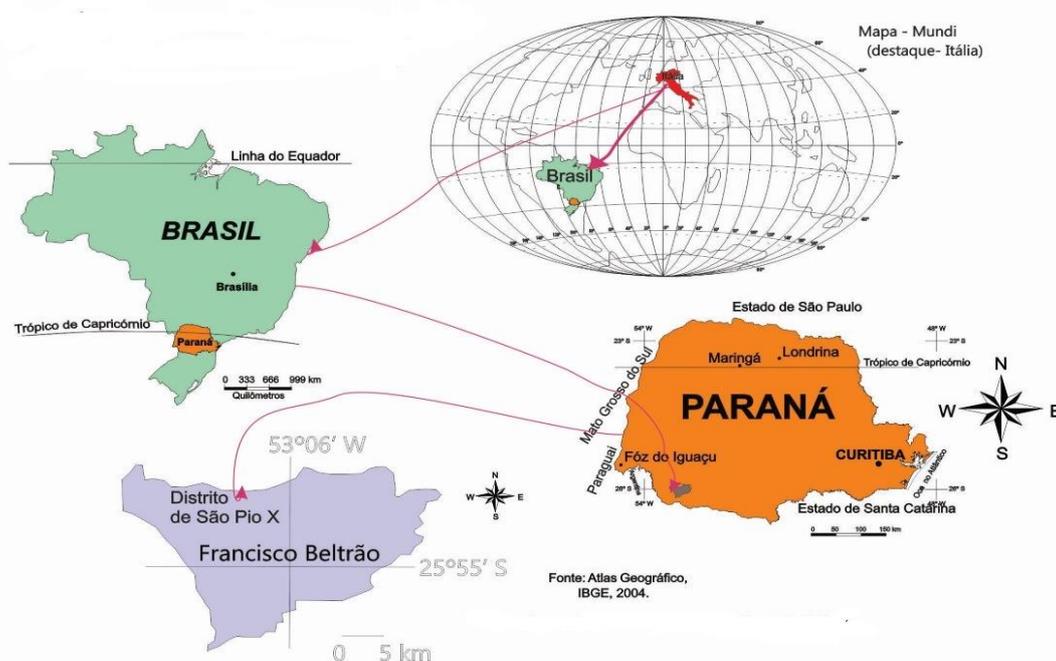
Dessa maneira, entendemos que uma comunidade é formada por um determinado grupo familiar ou de vizinhança, que compartilha os hábitos, crenças e reúne-se em prol do coletivo, para torná-la em um ambiente propício à vida comunitária. A comunidade foi criada e mantida de acordo com os interesses da coletividade e, nesta perspectiva, Peruzzo e Volpato (2009, p. 140), mencionam que “[...] a palavra “comunidade” evoca sensações de solidariedade, vida em comum, independentemente de época ou de região”, enquanto Albuquerque (1999, p. 51), destaca que “o conceito de comunidade é empregado, nos séculos XIX e XX, para todas as formas de relacionamento caracterizadas

por intimidade, profundidade emocional, engajamento moral e continuidade no tempo”. Viver em comunidade é uma maneira de o grupo não se sentir vulnerável perante os demais.

Para que o leitor compreenda a localização da comunidade em estudo, realizou-se a elaboração de um mapa, na tentativa de se apresentar os espaços abordados durante a pesquisa. Recebe destaque a botinha, destacada pela cor vermelha, por ser o local de origem dos imigrantes, que se fixaram em solo brasileiro. Na cor laranja está o estado do Paraná, colonizado por várias etnias, inclusive italianas. Posteriormente, na cor roxo clara está o município de Francisco Beltrão, com a sinalização da comunidade investigada.

No mapa, a seguir, apresentamos os percursos que os italianos percorreram para fixarem residência na Comunidade que hoje conhecemos por São Pio X.

Mapa 3: Percurso dos Italianos até Francisco Beltrão.



Fonte: FRANCISCHETT, Mafalda Nesi, s/p, 2017.

Realizamos a pesquisa no município de Francisco Beltrão, Distrito São Pio X – Km 20, sendo que, neste lugar tivemos um longo período de inserção nas atividades da comunidade. Em seguida, agendamos e iniciamos as entrevistas, dando ênfase para a trajetória de migração. Em cada residência que chegávamos, éramos recebidas com saudações calorosas, um bom chimarrão e horas de conversas, que proporcionaram intenso aprendizado.

Consideramos que as famílias da comunidade têm maneiras amistosas para recepcionar as visitas. Já nas primeiras conversas, as mulheres entravam na cozinha e logo escutamos o barulho de água a encher um recipiente. Em seguida, o barulho do fogão indica que água iria ao fogo para ser aquecida, ao mesmo tempo em que a cuia era preparada com a erva mate, sendo comum comentários de que erva boa é aquela do pacote amarelo com o desenho do quero-quero. Em questão de minutos a água estava no ponto para o chimarrão, e este começava a ser servido, juntamente com algumas guloseimas preparadas pela família, e, só então, todos se sentavam para conversarmos.

A rotina destes moradores não condiz com a correria da vida urbana, o tempo parecia colocar-se em suspensão e calma, a simplicidade e a valorização de alguns atos diários fez-nos sentir confiantes com o processo de pesquisa.

Sobre o “início do povoamento das localidades”, Niederheitmann (1986, p. 63) afirma que o surgimento da comunidade São Pio X e sua colonização aconteceu no ano de 1952. Por este motivo conversamos com os moradores a respeito de chegada e fixação na comunidade, as dificuldades enfrentadas e as saudades que aquele tempo deixou. Assim,

Escrever a história de um bairro mediante as narrativas dos moradores implica operar com o desejo de ouvir, de permitir-se o encantamento de sentir uma história, uma memória narrada, e misturar-se aos sentimentos do narrador. Parece, às vezes, que ouvir uma narrativa e depois descrevê-la é, de alguma forma, tentar compor uma figura (MARQUES, 2008, p. 36).

Na perspectiva da autora, precisamos nos permitir ao encantamento das conversas, gestos e vivências destas pessoas, na tentativa de compor uma figura complexa. Iniciamos, portanto, com a história de uma pequena comunidade chamada Serra da Vitória. Sobre este primeiro nome tivemos conhecimento durante as pesquisas de campo e ao realizarmos as entrevistas obtivemos tais afirmações:

A recém que nos entramos aqui, não tinha nem quilômetro 20 e nem quilômetro 23, era Serra da Vitória, inclusive nós temo carta, que veio naquela época pra nós aqui, pro falecido meu pai, e ela vinha endereçada como Serra da Vitória, o nome inicial aqui era Serra da Vitória (Selvino Caetano Catto, 06/01/2017).

Ao procurar estas cartas antigas³² ele encontrou as que receberam de seus familiares. A correspondência não estava mais com o envelope e o endereço não fora

³² Visualizar o anexo 2, para ver uma das cartas do entrevistado.

Encontramos nos arquivos da escola Basílio Tiecher uma certidão de óbito³⁴, datada do ano de 1953, informando que o sepultamento aconteceria no cemitério de Serra da Vitória, neste município, tendo por declarante Vili da Silva Franco, um antigo morador da região, compreendida hoje como km 20.

Fotografia 28: Certidão de Óbito do ano de 1953

Talão N. _____ Página N. _____

República dos Estados Unidos do Brasil

Município FRANCISCO BELTRÃO .. Comarca CLEVELANDIA .. Estado do Paraná

ANTONIO CARNEIRO NETO
Oficial Vitalício do Registro Civil e anexos do Município de Francisco Beltrão
Comarca de Clevelandia .. Estado do Paraná

Manoel Sadi Carneiro
Escrivente Juramentado

OBITO N. 524

CERTIFICO, que às fls. vs 254 do livro N.º Um do registro de Óbitos, foi lavrado hoje o assento de Constancia Patichelli da Silva falecido aos 19 de Junho de 1953 a horas 20 em o Hospital desta Cidade. do sexo Feminino de cor Branca profissão Doméstica natural de Rio Grande do Sul nascido em XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX domiciliado em este Município residente em este Município com 62 anos de idade estado civil casada filho de Clemente Patichelli profissão ja falecido natural de de Rio Grande do Sul residente em XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX e de Dona Maria da Silva Patichelli profissão ja falecida natural de Rio Grande do Sul residente em XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX foi declarante Vili da Silva Franco, sendo o atestado de óbito firmado por Dr. Fernando Silveira Braga que deu como causa da morte Colapso Cardíaco. Deixou herdeiros? Sim sepultamento foi feito no Cemitério de Serra da Vitoria neste Mun. Observações: Naõ deixou bens a inventariar.

O referido é verdade e dou fé.

Francisco Beltrão, 10 de Junho de 1953.

Manoel Sadi Carneiro
Oficial do Registro Civil
Escrivente Juramentado.

Fonte: Arquivo da Escola Municipal Basílio Tiecher. Acesso 27 de Junho de 2017.

³⁴ O documento Certidão de Óbito foi disponibilizado pela Escola Basílio Tiecher. Este documento estava juntamente com outras 28 páginas que apresentam algumas informações sobre a comunidade.

Destacamos, na cor vermelha, informações que consideramos pertinentes para o estudo, dentre elas, a mais importante é o local de enterro, tendo em vista que este documento comprova a existência do lugar referido pelos moradores.

De acordo com as informações obtidas durante a entrevista realizada na residência da família Catto, contaremos sobre o início da colonização da Serra da Vitória, uma vez que, antes de existir, a comunidade do Km 20 e Km 23 participavam coletivamente, neste local. Os entrevistados afirmam que o processo migratório na região teve início em 1945, mas se intensificou a partir do ano de 1947 com a chegada de mais famílias. Os entrevistados disseram que consideram estas pessoas verdadeiros sonhadores e trabalhadores em busca de melhores condições de vida, vindos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e outras cidades do Paraná, dispostos a colonizar estas terras.

Estas famílias que migraram para o Sudoeste do Paraná eram os descendentes de imigrantes e traziam consigo o espírito de coragem e também de fé, eram na grande maioria católicos e acreditam no poder das orações coletivas. Tudo era movido pela crença que possuíam desde as primeiras gerações, e, de acordo com Marin (1999, p. 26 - 27), “a reconstrução grupal desses colonos aqui no Brasil deu-se em torno da Igreja Católica, tendo a capela como o centro de encontro não só para oração, mas também para o jogo, troca de experiência, amenizar a solidão e a saudade da terra natal”. Esta devoção, fazia com que as famílias da Serra da Vitória se reunissem nas casas para rezar o terço, surgindo, assim, a preocupação em se construir uma igreja. Desde a chegada, até o ano de 1950, eles utilizavam a casa da família Vivian, Comin e o paiol da família Vaccari para realizar as missas e encontros religiosos.

A fé e o trabalho estavam entranhados em suas almas devidos à estrutura social semifeudal que viveram na Itália. O seu apego a religião católica e a terra se percebe claramente até nos dias atuais. Foi em torno da religião que surgiram as primeiras organizações sociais, as primeiras escolas, as primeiras emancipações. O papel do sacristão, do padre, foi e é tão importante para esse povo quanto ter a propriedade da terra (PIOVESAN, 1999, p. 98).

A religião teve papel fundamental na vida destes migrantes, prova disso era que, mesmo não tendo as estradas tal qual a conhecemos nos dias de hoje, utilizavam as chamadas picadas, para participar das celebrações de domingo. Os moradores mais distantes traziam suas famílias com cargueiros e com carroças. O padre também se deslocava a cavalo, pernoitando na casa de algum sócio,³⁵ fazendo as refeições

³⁵ Nas comunidades do interior é utilizada a expressão sócio, para indicar os moradores que participam e contribuem conforme estabelecido pela Igreja Católica.

juntamente com a família, sendo para os moradores que o recebiam, motivo de orgulho. De acordo com os depoimentos, todos faziam questão de hospedá-lo em suas residências.

As famílias guardam várias fotografias, que afirmam preservar a memória e o período em que viveram, asseguram que encontram nessas imagens tentativas de retorno no tempo. Conforme Kossoy,

Toda fotografia tem atrás de si uma história. Olhar para uma fotografia do passado e refletir sobre a trajetória por ela percorrida é situá-la em pelo menos três estágios bem definidos que marcaram sua existência. Em primeiro lugar houve uma *intenção* para que ela existisse; esta pode ter partido do próprio fotógrafo que se viu motivado a registrar determinado tema do real ou de um terceiro que o incumbiu para tarefa. Em decorrência desta intenção teve lugar o segundo estágio: o ato do registro que deu origem a materialização da fotografia. Finalmente, o terceiro estágio: os caminhos percorridos por esta fotografia, as vicissitudes por que passou, as mãos que a dedicaram, os olhos que a viram, as emoções que despertou, os porta-retratos que a emolduraram, os álbuns que a guardaram, os porões e sótãos que a enterraram, as mãos que a salvaram. Neste caso seu conteúdo se manteve, nele o tempo parou. As expressões ainda são as mesmas. Apenas o artefato, no seu todo, envelheceu (KOSSOY, 2009, p. 45).

Pensando nas fotografias, na intencionalidade em que foi realizada, a dificuldade de recursos para época e o zelo de quem a detém, por identificarmos os nomes dos envolvidos escritos à mão, remete-nos a uma fotografia de grande importância histórica. Assim são as fotografias da família Catto, nas quais percebemos que, mais do que mostrar os homens da comunidade, unidos em prol do bem coletivo, demonstram a simbologia que o paiol apresentava para este grupo, e a presença do padre fazia surgir naquele momento a necessidade do registro.

Consideramos a fotografia³⁶, a seguir, importante, primeiro, por observamos o significado que ela representa para a família, pois enquanto ouvimos as narrativas do Selvino Caetano Catto, seu filho Oscar, levantou-se abriu uma porta e quando retornou colocou sobre a mesa uma cartolina com várias imagens e escritas sobre o motivo do registro de cada fotografia e as pessoas que estavam nelas. As narrativas ganharam mais força, pois enquanto ele falava, indicava a foto nos informando sobre o acontecimento. Com base nestas informações, foi possível escrevermos sobre o primeiro encontro para decidir sobre a realização da primeira capela na Serra da Vitória, conhecer o local e a maneira em que eram realizadas as atividades religiosas.

³⁶É importante destacar o significado do registro. Pois, como transparece na imagem, houve a preocupação de se destacar quem eram os personagens, onde foi feito o registro fotográfico, em que ocasião e da mesma forma o ano.

Fotografia 29: Encontro com Frei Deodato, no paiol do Luiz Vacari



Reunião no paiol de Luiz Vacari
para discutir como construir a
1ª capela, onde foi rezado terço
e até alguma missa no ano 1950

- 1º Alberto Pivoso
- 2º Demite Frenco
- 3º Egidio Catto
- 4º Artur Rogério
- 8º Ernesto Zovatta
- 12º Frei Deodato
- 13º Luiz Vacari
- 14º Sergio Dalla Vecchia
- 15º Ernesto Comini
- 16º Fidencio Viviani
- 17º Miguel Vacari

Fonte: Acervo pessoal da família Catto, janeiro de 2017.

Na fotografia, vemos a igreja improvisada, local pequeno e rústico, utilizado pelos primeiros moradores até o ano de 1951. Com o aumento de pessoas participando nestes encontros, os moradores descritos na imagem, reuniram-se juntamente com o padre, no paiol, para decidir como construir a primeira Capela e qual seria o melhor local. Havia duas possibilidades de terras para construir a igreja, diante do impasse deixaram que o padre decidisse o que seria melhor.

O primeiro padre foi Frei Deodato, fundador da Paróquia Nossa Senhora da Glória. Sobre sua história, encontramos no Departamento de Cultura de Francisco Beltrão afirmações que ele nasceu na Alemanha na cidade de Schaid, foi professor religioso, “convocado a participar ativamente da 1ª Guerra Mundial (1914 - 1918)”. No ano de 1927, demonstrou o desejo de vir para o Brasil e continuar seus estudos, “estabelecendo-se em Rodeio, Santa Catarina”, trabalhou em vários lugares e mais tarde,

[...] foi transferido para Pato Branco, Sudoeste do Paraná, em 1949, de onde partiu para sua primeira viagem apostólica à Vila Marrecas, atual Francisco Beltrão, em 24 de fevereiro de 1949. Em 1950, fixou residência nesta cidade. Fundou a capela Nossa Senhora da Glória

oficializada como Paróquia em 1956, desmembrando-se de Pato Branco e de Barracão. Construiu a igreja de madeira, juntamente com os primeiros moradores, inaugurada em 18 de fevereiro de 1951. Frei Deodato percorria o Sudoeste montado em seu cavalo “Max” para visitar as capelas da região: Salto do Lontra, Enéas Marques, Nova Prata, Ampere, Realeza, até as proximidades de Barracão. Nos primeiros anos, sozinho, realizou centenas de casamentos e milhares batizados (GHEDIN, 2013, p. 143).

Frei Deodato, no encontro no paiol, ficou com a responsabilidade de escolher qual o melhor local para se construir a primeira capela da Serra da Vitória. Ele considerou melhor construí-la no lugar onde estava o paiol, pois ficaria centralizada e mediante sua palavra o local da edificação foi decidido. Para a construção das capelas havia uma norma estabelecida pela Igreja Católica que demarcava a distância entre elas. Cada uma deveria atender aos grupos dos arredores, tal afirmação é reiterada pelo entrevistado,

[...] é antigamente então era o seguinte, os padres tinham uma norma de distância da igreja, então tinha a matriz em Beltrão, onde a paróquia na época, nem paróquia não era, aí depois saiu a de lá pra cá a do Santa Rosa dava uns 8 km, aí saiu a do Herval no 16, aí depois saiu a do 23, dava uns 7 km também, a do 30, a do 38, a do 45, e assim por diante né, até Ampére (Selvino Caetano Catto, 06/01/2017).

No ano de 1952 foi construída a primeira Capela. Para isso, as madeiras foram serradas manualmente pela família Câmera, responsável pela edificação. Depois da construção, aumentou ainda mais a vinda dos moradores da região até a igreja.

[...] o pai comprou um terreno no km 23, no meio do mato. Derrubando mato, passando bastantes dificuldades, onde foi construído uma igreja de madeira pequena 3x4 e a população já era bastante grande. Depois foi feita uma igreja bem grande e todo pessoal que trabalhava na construção da igreja ficava lá em casa, então nos dava, almoço, janta, tudo lá (Guilherme Gasparin, 07/07/2016).

Percebemos, a partir do relato, que todos ajudavam, no que fosse possível, para finalizar a construção da igreja, embora as condições financeiras não fossem as melhores, os moradores acreditavam que se fosse para ajudar Deus, a igreja e o padre, valeria a pena, (relatos dos moradores) sendo preparada a melhor comida para recebê-los. Na lembrança do entrevistado, as refeições para as pessoas que estivessem trabalhando eram preparadas em sua casa, o que demonstrou ser motivo de orgulho, porque denota o lugar social ocupado pela sua família: participar da construção da igreja era importante para aquela coletividade.

Assim, Morgan (2000, p. 81), ao entrevistar Luiz Vacari e sua esposa Cristina, destacou o argumento: “[...] lá em casa sempre hospedávamos a professora, o Padre e até hospedamos o Bispo. Sempre demos de comer para essas pessoas, eu acho que é por isso que Deus sempre nos abençoa. Sempre nós tivemos, nunca faltou, porco, vaca, galinhas, de tudo”. O fato de ajudar estas pessoas, para eles, era uma maneira de agradecer por aquilo que possuíam e assim como pedir mais bênçãos. Tal crença também demarca a forma como se estabelecia a relação com o sagrado.

A sustentação da capela era feita por meio de doações e, neste mesmo movimento, as famílias fizeram a oferta do santo Padroeiro³⁷ da capela: São Jorge. A imagem da Santa Ana foi doada pelas mães da comunidade, Santo Antônio por Fidêncio Vivian e família, São Roque por Luiz Vaccari e família, São Judas Tadeu por Antônio Padilha, Nossa Senhora das Graças doada por Severino Bortolini e família, Nossa Senhora de Fátima doada por Ceriza Gasparin e o terreno da Capela foi doado por Luiz Vaccari e família.

Desta maneira, destacamos a instalação da Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO), a qual incentivou a colonização destas terras. Estas pessoas fixaram-se nos mais diversos locais, mas não possuíam o título de proprietário, o que se tornou uma luta entre os posseiros, pois começaram a aparecer grileiros e jagunços forçando os posseiros a pagarem pela terra. Mais tarde, foi então criada a favor dos posseiros o Grupo Executivo de Terras para o Sudoeste do Paraná (GETSOP)³⁸, estes deram início aos primeiros trabalhos. Medir, demarcar, dividir os lotes, respeitando a posse e decisão dos ocupantes da região, surgindo, assim, novos nomes para as localidades. Na perspectiva de Lazier, “o GETSOP organizou-se e estabeleceu suas formas de funcionamento”. Sua função seria:

- Projetar e executar a colonização racional das glebas Missões e Chopim (parte).
- Medir, demarcar e dividir em lotes as glebas objeto da colonização, de acordo com os projetos aprovados.
- Vistoriar, estudar e decidir a situação dos efetivos ocupantes das terras.
- Estudar a situação das áreas em que se acham localizadas as sedes municipais e distritais para o fim de atribuí-las aos municípios,

³⁷ Ao me deparar com as informações das doações, procurei nos arquivos da Paróquia Nossa Senhora da Glória as datas de criação das capelas e como era feita a escolha do padroeiro das mesmas. Porém, segundo o Padre responsável, não há informação alguma no livro Tombo (livro que consta todos os acontecimentos). O mesmo informou que a escolha era livre, que não era a igreja que determinava, mas sim os moradores, que, a partir das suas crenças, adquiririam as imagens (Diário de Campo, 09/01/2017).

³⁸ O GETSOP foi criado por João Goulart, em 19 de março de 1962, pelo Decreto nº51431 e tinha por finalidade programar e executar os trabalhos necessários para a efetivação da desapropriação e colonizar as glebas desapropriadas.

reservando as áreas necessárias aos serviços públicos federais e estatais.

- Construção de estradas – troncos, para escoamento da produção e estradas – vicinais e de acesso às áreas coloniais, bem como a abertura de arruamentos dos patrimônios (LAZIER, 1986, p. 86).

Estas foram algumas das ações realizadas pelo GETSOP, e, no que diz respeito ao fato de medir e demarcar as glebas, apresentamos a informação dos entrevistados, que afirmam, que o

[...] vinte se deu pelo GETSOP³⁹, que quando ele começou abrir as estradas e abrir os terrenos aqui, então ele começou por um, que era Francisco Beltrão... (ele - e aqui dá 20 quilômetros) e daí de lá ele veio medindo tantos quilômetros, tantos quilômetros, e o vinte deu 20, da 20 quilômetros. (Ele - essa estrada ia até Santa Izabel, tem 08, tem o 10, tem o 15 que daí é aqui em baixo e depois o 20 e assim segue sempre, tem o 23, 26 e 30, é tudo nome assim). [...] saía lá em Santa Isabel essa estrada antiga aqui o picadão que chamam hoje, então por isso que se deu o nome 20... (Ele - e nunca mais foi tirado né!) não tinha nada aqui (Terezinha e Ibrilino Lazarotto, 05/01/2017).

A partir da narrativa, percebemos que as marcações possibilitaram nomear localidades, favorecendo que os colonos se tornassem proprietários das terras com os respectivos títulos de propriedade.

Com a atuação do GETSOP, mais de 350 glebas foram medidas, demarcadas e divididas, além disso, Lazier (1997, p. 77) informa que, “no setor educacional, foi significativa a participação do GETSOP. Só em escolas o GETSOP construiu 221 unidades, sendo 51 unidades de alvenaria e 170 unidades de madeira”. Além das escolas construídas na região, foram realizadas melhorias nas estradas, incentivo à mecanização agrícola, controle da exploração florestal, reflorestamento e outras tantas ações. O GETSOP, através do Decreto nº 73292, de 11 de dezembro de 1973, foi extinto, deixando as benfeitorias aos moradores da região.

O GETSOP atuou no Sudoeste até princípios de 1974. Ele foi extinto quando terminou sua missão, ou seja, efetivar a desapropriação, titulando a terra aos seus verdadeiros donos, os posseiros. Sua atuação foi uma verdadeira medida de reforma agrária, no sentido não só de distribuir terras, mas também dar assistência ao colono e à região, o GETSOP programou e executou tais medidas (LAZIER, 1997, p. 74).

³⁹Tal informação merece um questionamento, pois em novembro de 1961 um projeto de lei foi apresentado para alterar o nome da comunidade do Km 20 para São Pio X e o GETSOP foi criado em março de 1962, desta maneira ao buscar informações com os moradores eles não souberam justificar o porquê dos nomes.

O trabalho realizado pelo GETSOP fez com que o nome Serra da Vitória deixasse de existir, pois tais localidades foram denominadas quilômetros (Km), passando a ser assim chamadas. Mesmo com as alterações do nome, a igreja que todos participavam estava agora localizada no km 23, sendo a mais próxima do km 20.

Mais tarde, outras igrejas começaram a surgir, nos anos de 1953 e 1954 se desmembrava a capela do Rio Guarapuava e Capela de São Brás, e, no ano de 1956 houve a construção de uma capela maior no km 23, a qual recebeu ajuda de todos os fiéis, tornando possível a construção da igreja. Depois surgiu a do km 26 e a capela do Rio Saltinho, e, na década de 1970 foi vendida para a comunidade do Rio Palmeirinha.

Durante muitos anos participamos de algumas festividades, almoços e jantares na comunidade do Km 23, vimos algumas escritas nas paredes do pavilhão, mas naqueles momentos, tais questões não nos despertavam curiosidade. Mas, após realizarmos a entrevista com a família Catto, foi possível coligar as informações narradas sobre os primeiros pioneiros da região, primeiros capelões, catequistas, diretoria e o primeiro padre, com os escritos que haviam, por tanto tempo, passados despercebidos.

Lembramos que há a possibilidade de faltarem alguns nomes no afresco, embora, como afirma o morador Selvino Catto, foram feitas várias reuniões e encontros com a comunidade para que pudessem juntos listar estes nomes, sendo necessário buscar informações com pessoas que já não estavam na comunidade, para que não ficasse alguém fora da homenagem. Observamos na imagem várias informações importantes sobre a comunidade.

Fotografia 30: Parede do pavilhão - Comunidade Km 23



Fonte: Registro Diogo Tortora, abril de 2017.

Percebemos por intermédio da fotografia, que os homens são descritos como pioneiros, aqueles que precisaram de muita coragem para migrar na tentativa de uma vida melhor. Mas, é possível um homem que migrou com sua família ter sofrido sozinho?

Queremos neste momento, ressaltar a importância da mulher. Tais personagens enfrentaram todas as dificuldades junto ao companheiro e familiares. Assim, ainda que se perceba o desejo de registro com nomes dos primeiros moradores na localidade é visível que os nomes de mulheres foram obliterados, ainda que os mesmos depoentes reconheçam que consigo vinham suas esposas. É comum percebermos nos registros históricos os feitos masculinos, sendo que tal percepção reforça a ideia de que a mulher é suprimida da história.

Os nomes femininos que aparecem na fotografia são os da catequista e professora da época, sendo que estes trabalhos são os que mais destacam a participação das mulheres. Chamamos a atenção para os nomes dos primeiros moradores, os quais estão pintados na parede da comunidade do Km 23, por sabermos que os descendentes destes pioneiros hoje residem no mesmo lugar. Sendo assim, afirmamos que Serra da Vitória era a região que abrangia os moradores dos locais compreendidos na atualidade como Km 20 e Km 23.

As fotografias registradas nesta época nos fazem perceber que a grande maioria delas apresentam uma ligação com os momentos de sacramento da Igreja Católica⁴⁰.

Fotografia 31: A igreja no ano de 1960 e 1965



- 1ª Eucaristia de
- Ilário Catto
 - Lourdes Gasparim
 - Avelino Jocarri
 - Marilda Mignoni
 - Ines Mignoni



no ano
1960

1ª Eucaristia em 19 outubro
de 1965 -
Catequistas Terezinha Jocarri
Lurdes Gasparim

- Alunos -
- Avelino Nunes Prestes
 - Inaci Da Linha
 - Terezinha Franca
 - Adão Franca
 - Mario Franca
 - Sonia de Azevedo
 - Valdemar Emoge

Fonte: Acervo pessoal da família Catto, janeiro de 2017.

⁴⁰ Consideramos uma prática religiosa da Igreja Católica a realização de batizados, eucaristia, crisma e cerimônias de matrimônio. Ao buscarmos as fotos de famílias antigas, são estes momentos que encontramos registrados.

A partir da fotografia percebemos que a religião fez parte do cotidiano das pessoas e, no caso dos migrantes de origem italiana, a igreja foi um espaço de coletividade. A atividade registrada na fotografia, demonstra a padronização dos rituais, e a roupa utilizada é indício que corrobora a afirmação.

Vemos a partir da fotografia, a igreja de madeira construída nos anos de 1956. Sabemos que, posteriormente, houve mobilização da comunidade para se construir uma igreja de alvenaria. Nesse movimento novamente foram recebidas doações de materiais e auxílio com mão de obra. No ano de 1986 aconteceu a inauguração da nova Capela do espaço, agora reconhecido por comunidade do Km 23 e não mais como Serra da Vitória.

Fotografia 32: Inauguração da Capela São Jorge



Fonte: Acervo pessoal da família Catto, janeiro de 2017.

A fotografia mostra o registro da inauguração da igreja, mas como se percebe ainda não estava concluída totalmente e, mesmo assim, já se realizou o corte da fita demonstrando que estava pronta para ser usada para as celebrações religiosas da comunidade. Em meados do ano de 2001, a capela deixou de pertencer à Paróquia Nossa Senhora da Glória, passando a reitoria Nossa Senhora da Aparecida, instalada no bairro Alvorada, que se tornou paróquia em 2005.

É pertinente reforçarmos que Serra da Vitória foi o nome do primeiro lugar colonizado pelos moradores, considerados pioneiros desta região. Posteriormente, criaram-se outras comunidades, mas a comunidade, hoje, conhecida por Km 23 foi importante para o processo histórico da região. A fotografia apresentada, a seguir, mostra a igreja da comunidade do Km 23, local considerado também um marco para o surgimento das demais capelas ao seu redor, principalmente, para a comunidade do Km 20 que, ao construir sua capela não precisou se deslocar até este local para suas atividades religiosas.

Fotografia 33: Igreja da Comunidade Km 23



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, junho de 2016.

Para finalizarmos este segundo capítulo, ressaltamos que Serra da Vitória foi um local de muitas histórias, e que poucos registros foram mantidos em relação à sua existência. Contudo, a partir das narrativas dos entrevistados (descendentes dos pioneiros), será possível que todos saibam que este local se constitui como suporte para o desenvolvimento e história das outras comunidades.

No terceiro capítulo, faremos um apanhado dos conceitos de identidade e identificação, percebendo como os moradores da comunidade do Km 20 constroem a identidade cultural e qual identidade étnica os entrevistados assumem. Propomos também um apanhado sobre o surgimento do Km 20, a partir da construção da igreja e da escola, compreendendo o significado destes ambientes para a construção da identidade.

CAPÍTULO III - IDENTIDADES NA COMUNIDADE SÃO PIO X: PRÁTICAS E SIGNIFICADOS

Nossa proposta é buscar aproximações com os conceitos de Identidade e Identificação, ressaltando como os entrevistados constroem suas Identidades no *lócus* da pesquisa. Sabemos que estes conceitos são amplos e estão em constante transformação, e compreendê-los é fundamental para avançarmos na proposta de análise, pois importa saber quais são os marcadores sociais que os entrevistados utilizam para afirmar suas origens étnicas.

A discussão sobre identidades ganhou espaço nas últimas décadas a partir de perguntas sobre questões identitárias colocadas à sociedade atual, pois é possível afirmar que a identidade não é fixa e está em constante transformação. Utilizamos como aporte teórico os estudos realizados por Hall (2009, 2015), Silva (2009), Woodward (2009), Bauman (2005) e Pollak (1992), na tentativa de compreender estes conceitos.

3.1 Identidades: assumidas pelos entrevistados

Tomamos por base a ideia de que a identidade é formada ou transformada a partir da diferença estabelecida com o outro e a partir do outro. Assim, Pollak nos ensina que o sentimento de identidade é,

[...] a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros (POLLAK, 1992, p. 204).

Nessa perspectiva, a identidade é adquirida dia a dia, sendo moldada nos padrões com os quais as pessoas se identificam. É possível que uma pessoa assuma várias identidades dependendo do momento e contexto no qual se insere. No processo de pesquisa, constatamos uma diversidade de identidades que estes sujeitos assumem.

Para Bauman (2005, p. 19), “as "identidades" flutuam no ar, algumas de nossa própria escolha, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta [...]”, somos influenciados pelas pessoas, e em contato com elas modificamos nossas próprias escolhas.

A identidade é reafirmada também por meio da tradição. Sobre a questão Tedesco (2004, p. 84), diz que “a tradição possui sempre uma dimensão cultural que é transmitida de geração para geração enquanto lhe for atribuído valor. Sabemos que tanto a sociedade como seus indivíduos são dotados da capacidade de esquecer e de reinventar

significados”. No que diz respeito a reinventar os significados, relacionamos o conceito de tradição haja vista que os sujeitos também a inventam, selecionam e reconfiguram a partir de uma decisão presente.

Para esta discussão tem centralidade as contribuições de Woodward (2009, p. 18), ao afirmar que “a cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis”. É importante compreendermos que os sujeitos fazem investimentos em determinadas identidades e identificações e, ao assumir uma, pode ocorrer negação em relação as demais (ou podem estar interpostas).

Assumimos diferentes identidades em relação aos lugares que frequentamos e cada uma exige uma postura, embora não percebamos, ao que Woodward afirma:

Em todas as situações, podemos nos sentir, literalmente, como sendo a mesma pessoa, mas nós somos, na verdade, diferentemente posicionados pelas diferentes expectativas e restrições sociais envolvidas em cada uma dessas diferentes situações, representando-nos, diante dos outros, de forma diferente em cada um desses contextos (WOODWARD, 2009, p. 30).

Dessa forma, compreendemos que a todo momento assumimos diferentes comportamentos de acordo com o local que estamos inseridos, e, de fato, isso culmina no processo de afirmação da identidade e da identificação.

Conforme as contribuições de Hall (2009, p. 106), no senso comum “[...] a identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal”, e, sobre isso, o autor ainda comenta que “em contraste com o “naturalismo” dessa definição, a abordagem discursiva vê a identificação como uma construção, como um processo nunca completo - como algo sempre “em processo”. Se a identificação é algo em constante processo, não diferente é a identidade, pois as duas se complementam.

De acordo com Hall (2015, p. 24), “[...] a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento”. Sendo assim, a identidade é formada durante toda a vida, e está em constante construção.

Sobre a construção da identidade, Pollak (1992, p. 204) considera “um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros”

e esta identidade pode constantemente sofrer alterações, já que ela precisa ser aceita pelos outros. Para Bauman:

A construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. Os experimentos jamais terminam. Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras, ainda não testadas, estão na esquina esperando que você as escolha. Muitas outras identidades não sonhadas ainda estão por ser inventadas e cobijadas durante a sua vida. Você nunca saberá ao certo se a identidade que agora exhibe é a melhor que pode obter e a que provavelmente lhe trará maior satisfação (BAUMAN, 2005, p. 91).

Fazemos escolhas e investimentos em certas identidades, por isso, é relevante entender tais processos quando nos referimos a grupos que assumem determinada identidade étnica.

Ademais, a partir dos processos de globalização, apontados por Woodward (2009, p. 22), os movimentos de reivindicações de identidades são ampliados pois, “[...] várias identidades são moldadas e localizadas em diferentes lugares”. Sendo nesse cenário, que situamos a ideia de “identidade em crise”. Assim, a discussão desse processo envolve olhar para a complexidade deste fenômeno, fugir da essência que costumeiramente fazem reivindicações históricas para justificar as escolhas e lugares de identidade a partir dos quais decidem falar.

Segundo Silva (2009, p. 82), quando afirmamos o que somos, dizemos também o que não somos, e “afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora”. A identidade é formada a partir das diferenças, para tanto, percebemos que o grupo afirma possuir uma identidade italiana e utiliza-se dos demais grupos étnicos para afirmar que eles não são alemães, não são indígenas. Sobre a questão, cabe um comentário: muitos desses sujeitos têm variadas origens étnicas, no entanto, obliteram tais origens e fazem afirmação da identidade étnica italiana.

A identidade é um termo que pode ser utilizado para definir aquilo que somos, ou aquilo que queremos que os outros saibam sobre nós ou sobre nossas escolhas e afirmações identitárias. Nestes processos utilizamos a diferença em relação ao outro como marcador para saber quem somos e dessa maneira podemos afirmar: eu sou italiana, ou eu sou brasileira. Pois, é por meio da semelhança e da diferença que demarcamos a identidade.

A identidade cultural é fortalecida a partir dos costumes, tradições e hábitos. Santos (1994, p. 31) ressalta “[...] que as identidades culturais não são rígidas nem, muito menos, imutáveis. São resultados sempre transitórios e fugazes de processos de

identificação”. Na construção da identidade cultural também estão implicados bens materiais⁴¹ e imateriais⁴², e os aspectos próprios de cada cultura ou aquilo que a difere dos demais, tornando aquele lugar como único.

Os idiomas, as religiões e crenças, culinária, festividades, artes e arquitetura são sistemas de representação, sendo um processo dinâmico entre a tradição e as inovações, ou seja, entre o que permanência e transformação.

Retornando aos sujeitos da pesquisa, convém ressaltar que o deslocamento dos sujeitos que se identificam como de origem italiana provocou mudanças nas identidades assumidas, buscaram no passado novas características e marcadores identitários para reconstruir e reforçar as identidades que assumem. Ao observarmos a totalidade do material coletado percebemos que a linguagem, gastronomia e a vivência da festa, para serem apresentadas como elementos da identidade cultural assumida.

Na comunidade em estudo, buscamos compreender como os moradores constroem a identidade cultural, baseada na forte influência e afirmação das origens étnicas italianas.

De forma geral, as identidades são construídas, desconstruídas e reconstruídas com o passar do tempo, na relação indivíduo-sociedade-território. O processo de construção da identidade é sempre relacional, isto é, marcado por relações de poder, políticas, econômicas e culturais. As identidades são produzidas em alguns momentos particulares do tempo; os processos históricos sustentam a fixação de certas identidades e forjam outros elementos por meio da luta e da contestação política; a dimensão política da identidade está baseada na construção social da diferença. A identidade, contraditoriamente, depende da diferença e esta é estabelecida por sistemas classificatórios (BRISKIEVICZ e SAQUET, 2010, p. 124).

Construir uma identidade, é uma afirmação, uma escolha relacional sobre o que desejamos ser. Os grupos quando constroem e afirmam uma identidade, buscam sentimento de pertença que os faça parte de um coletivo. Desta forma percebemos que,

A identidade é formada por uma memória coletiva, é um sentimento em comum que une as pessoas e preserva de forma peculiar os fatos de determinada comunidade. Manter a identidade significa algo vital para que as pessoas se sintam seguras, unidas, seja por um território em comum ou costumes e hábitos, que lhes indiquem suas origens, para

⁴¹A partir dos estudos de Souza (2016), compreendemos que os bens materiais, são os símbolos selecionados para a identificação e preservação das identidades do local, podendo ser os espaços arquitetônicos, as vestimentas ou objetos artísticos e estes espaços constituem a identidade do local.

⁴² Souza (2016), apresenta que os bens imateriais, são expressos a partir do coletivo, e está relacionado às práticas culturais, aos saberes, modos de fazer, costumes e tradições. A principal característica é a capacidade de transmissão, repassadas oralmente de geração para geração.

Ihes referenciem diante das diversidades sociais existentes atualmente (SCHNEIDER, 2012, p. 15).

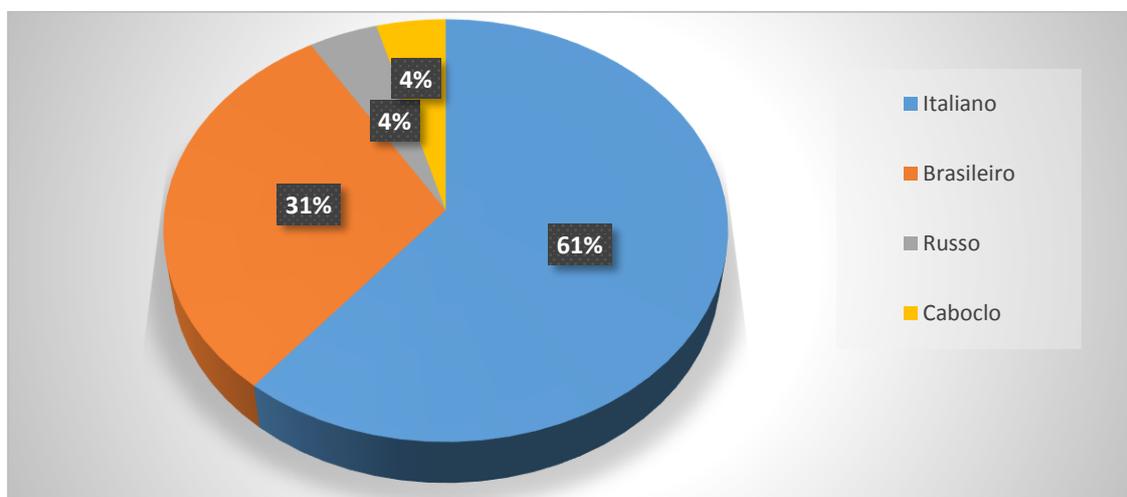
Assim a autora nos faz perceber que construir uma identidade é construir um vínculo social, e na mesma perspectiva Bauman (2005, p. 35) afirma que “o anseio por identidade vem do desejo de segurança [...]”, e este movimento se fortalece quando os sujeitos sentem a afirmação de outros movimentos identitários. Na comunidade em estudo, os moradores realizam uma festa da cultura italiana, como uma forma de mostrar que na comunidade prevalece as origens étnicas italianas, porém, no dia a dia está identidade não é assumida por todos os moradores, pois,

Buscamos, construímos e mantemos as referências comunais de nossas identidades *em movimento* - lutando para nos juntarmos aos grupos igualmente móveis e velozes que procuramos, construímos e tentamos manter vivos por um momento, mas não por muito tempo (BAUMAN, 2005, p. 32).

A identidade italiana é afirmada por grande parte dos moradores, é durante os preparativos da festa que percebemos a intensidade de tal argumentação. Nas pesquisas de campo observamos nas famílias, que a língua ou dialeto italiano e os costumes gastronômicos são os elementos que mais caracterizam esta identidade assumida.

Para Hall (2015, p. 36), “[...] etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” – que são partilhadas por um povo”. Contudo, buscamos saber dos nossos entrevistados qual é a afirmação em relação as origens étnicas, pois percebemos tal diversidade na comunidade. Com base na afirmação dos entrevistados, elaboramos o gráfico a seguir.

Gráfico 2: Origem Étnica dos Entrevistados



Fonte: Informações disponíveis nos Termos de Consentimento Livre e Esclarecido.

Organização: Aline Tortora de Oliveira, 2017.

Como já referimos, selecionamos 23 entrevistados e quando questionamos sobre a origem étnica, catorze entrevistados (61%), afirmaram considerar-se de origem italiana, enquanto outros sete (31%) ressaltaram que eram brasileiros, apenas uma pessoa (4%) se identificou com a origem étnica cabocla e um (4%) de origem russa. Percebemos que a vinda de várias etnias para a América, possibilitou o processo de miscigenação, e isso faz com que os entrevistados sintam certa dificuldade de afirmar sua origem étnica preferindo afirmar a nacionalidade brasileira.

De acordo com Hall (2015, p. 50), “o fortalecimento de identidades locais pode ser visto na forte reação defensiva daqueles membros dos grupos étnicos dominantes que se sentem ameaçados pela presença de outras culturas”. A partir da ideia de se ter uma origem étnica, tem-se a possibilidade de ser visto como alguém que pertence ao grupo da comunidade.

Partimos do pressuposto que uma comunidade seja ela étnica, municipal, regional ou nacional, só adquire uma identidade própria a partir do momento em que fatos, personagens ou processos históricos são selecionados, circunscritos e avocados à consciência coletiva. Nessa operação de fundar uma história, personagens e experiências humanas são tornadas símbolos possíveis de serem visualizados e interiorizados pelos membros da comunidade (LANGER, 2010, p. 14).

Os entrevistados fazem investimentos nas suas identidades e, no decorrer da pesquisa, a linguagem, as palavras, expressões, alimentos consumidos e vivências da festa e encontros religiosos foram os que mais tiveram destaque. Isso devido às escolhas que os sujeitos fazem quando assumem determinada identidade.

Assim, Hall (2015, p. 25) menciona que “a língua é um sistema social e não um sistema individual. Ela preexiste a nós. [...] Falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos [...]; significa também ativar imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”. Dessa maneira, manter a linguagem dos bisnonos, ainda que por meio de palavras e expressões, reforça a ideia da centralidade desse marcador.

Os entrevistados que afirmaram que são brasileiros, geralmente, não possuem origens étnicas italianas, pois consideram-se uma “mistura, ou um pouco de tudo”. Tal exemplo pode ser percebido na narrativa da Maria Trindade Tiecher: “[...] me considero brasileira, minha mãe era brasileira pura, meu pai alemão e eu sou mestiça, misturada, então sou brasileira, [...] mas meu marido este sim era italiano e gaúcho de Passo Fundo”. Dessa mesma maneira, Tereza Martins Versa, também afirma ter origem étnica brasileira e comenta “[...] meu avô era alemão, minha avó italiana, então é tudo misturado”. Ter

várias origens étnicas, e afirmar que “é tudo misturado”, parece-nos ser uma dificuldade encontrada pelos entrevistados em decidir qual origem devem optar para afirmar.

O processo de hibridização, salientado pela entrevistada, também permite um entendimento sobre a identidade nacional assumida, sobrepondo-se às demais possibilidades. Da mesma forma, a entrevistada Leonilda Terezinha da Silva afirma “[...] não, eu não tenho a origem italiana eu sou brasileira, brasileira”, ela justifica que por não ter a origem predominante da comunidade, prefere assumir sua nacionalidade brasileira.

Silva (2009, p. 80) auxilia para compreendermos tais questões quando aponta que “a identidade “ser brasileiro” não pode, como vimos, ser compreendida fora de um processo de produção simbólica e discursiva, em que “ser brasileiro” não tem nenhum referente natural ou fixo [...]”. As pessoas precisam afirmar que são brasileiras, porque existem muitas outras pessoas que possuem nacionalidade diferentes.

Afirmar ser brasileiro ou italiano, é assumir a ideia de uma comunidade imaginada e o vínculo de nacionalidade que está ligada ao princípio de nação, de nascer, pertencer e se identificar com os demais, está vinculado a pátria e a ideia de nacionalidade e nação. Sobre as culturas nacionais Hall, menciona que,

[...] ao produzir sentidos sobre a “nação”, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2015, p. 31).

Outro depoimento que auxilia nesta compreensão é o de Valdir Ernesto Bortolotti que diz “[...] eu tenho origem étnica cabocla, eu sou caboclo”. Ser caboclo é afirmar uma identidade racial baseada na mestiçagem, afirmando a miscigenação como um valor de brasilidade.

Ainda sobre as identidades nacionais, Hall (2015, p. 30), informa que elas “[...] não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*”. E esta identidade nacional, é adquirida a partir dos costumes, hábitos e demais marcadores culturais. Nesta comunidade, a dupla nacionalidade é fator que adensa a discussão.

Nesta ideia de nação verificamos que o entrevistado Mario Tortora tem dupla cidadania e se considera Italiano e Brasileiro, morou por alguns anos na Itália, possui familiares residindo lá e atualmente ele mora em Francisco Beltrão. Neste contexto, não basta olhar para a identidade nacional, é preciso que consideremos o conjunto de escolhas (transitórias) que o sujeito seleciona para dizer quem é.

Quando os entrevistados assumem a identidade étnica italiana, por vezes, negam as demais origens, como vemos na afirmação da Salete Perdoncini Beker “[...] eu me considero de origem étnica Italiana, mas de um lado meus avós eram italianos e do outro polonês”. Ela assume a identidade italiana, justamente porque no local onde ela mora a cultura italiana é mais valorizada. A partir de tal afirmação podemos perceber o investimento que os sujeitos fazem em relação a determinada origem, da mesma forma que suprimem e obliteram outras.

Percebemos em alguns relatos dos entrevistados uma justificativa da identidade étnica assumida, como é o caso do Guilherme Gasparin ao dizer, “[...] somos descendente de italiano, italiano mesmo, meu bisavô veio da Itália”, e da mesma maneira, Oscar Francisco Catto se considera de origem étnica italiana porque seus quatro avôs, pai e mãe são de origens italianas. Seu pai Selvino Caetano Catto afirma “somos italianos, meus avôs vieram da Europa, tanto do lado do pai como da mãe, vieram da Itália, vieram no ano de 1881 de Treviso - Itália e se instalavam em Vale Vêneto no Rio Grande do Sul”. É interessante, pois, ressaltar que tais afirmações moldam os costumes preservados na família.

Assim, a cultura na qual nascemos e somos ensinados é, de fato, marcante para a definição assumida pelos sujeitos. Ainda nesta perspectiva, Hall (2015, p. 29) salienta que, “no mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural”. Tais depoimentos restabelecem a opacidade do conceito de identidade.

Essencialmente, presume-se que a identidade cultural seja fixada no nascimento, seja parte da natureza, impressa através do parentesco e da linhagem dos genes, seja constitutiva de nosso eu mais interior. É impermeável a algo tão “mundano”, secular e superficial quanto uma mudança temporária de nosso local de residência (HALL, 2009, p. 28).

Compreendemos que a identidade cultural é baseada no pertencimento a um local, nas experiências que um povo possui e nas crenças e costumes cotidianos.

Aproveitaremos este momento para escrever sobre o conceito de raça, uma vez que tal conceito nos parecia ser algo não necessário para a dissertação. Poderíamos dizer, que este termo tem uma história e, o seu uso, sem as devidas discussões, pode encaminhar compreensão equivocada ou contestável do ponto de vista acadêmico. Porém, esta discussão é apropriada, justamente por escrevermos sobre o grupo de euro descendentes, que se autodeclaram brancos e, que, ao relatarem seu sofrimento para chegarem à América e colonizar as terras, veem o outro como diferente, não pertencente à sua raça.

Neste contexto, a aceção raça é usada para diminuir os demais grupos ou mesmo diferenciá-los em relação aos demais. Assim, é importante atentar para os sistemas classificatórios que os sujeitos ativam no sentido de diminuição do outro.

Percebemos durante a pesquisa a utilização de termos pejorativos, como por exemplo: “hoô racinha, para incomodar”, referindo-se aos outros como inferiores, já que o termo é utilizado apenas para as demais etnias - e não para os italianos. Na análise das entrevistas percebemos que não se referem àqueles que denominam como iguais, por essa aceção.

Ao pensarmos sobre a discriminação e racismo, deparamo-nos com alto índice de acontecimentos e piadas de mau gosto nos discursos cotidianos, e isso se torna importante discussão para situarmos os leitores.

Sobre o conceito de raça, Munanga (2003, p. 1) afirma que o termo “veio do italiano *razza*, que, por sua vez, veio do latim *ratio*, e significa sorte, categoria, espécie”. A princípio, o conceito foi utilizado pela Zoologia e Botânica, na tentativa de “classificar as espécies animais e vegetais”. Com o passar dos anos, este termo foi sendo modificado e utilizado nas diferentes áreas de conhecimento, pois quando classificamos e separamos, escolhemos elementos para diferenciar.

Na comunidade é predominante várias etnias da raça branca, e Hall (2015, p. 36) nos informa que: “[...] – a raça não é uma categoria biológica ou genética que tenha qualquer validade científica”, e ainda mais,

A raça é uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) que utilizam um conjunto frouxo, frequentemente pouco específico, de diferenças em termos de características físicas – cor de pele, textura do cabelo, características físicas e corporais etc – como *marcas simbólicas*, a fim de diferenciar socialmente um grupo de outro (HALL, 2015, p. 37).

Assim, nos discursos dos moradores, as pessoas com tonalidades de pele mais escuras (pardos, negros, caboclos), já não se enquadram nos padrões do “ser italiano” identificado pelos entrevistados. Tais deduções faz ver que o conceito biológico se sobrepõe à ideia de raça como construção social. Com base na identificação e costumes dos entrevistados, apresentamos, a seguir, como ocorreu o processo de colonização da comunidade em estudo e a construção da primeira igreja.

3.2 A Colonização da Comunidade e a construção da primeira igreja

A comunidade, o modo comunitário de produção e de vida, é a mais remota tradição das Américas, a mais americana de todas: pertence aos primeiros tempos e às primeiras pessoas, mas pertence também aos tempos que vêm e pressentem um novo Mundo Novo
(GALEANO, 2015).

Uma comunidade é formada a partir de um grupo de pessoas que se aproximam em um novo espaço, unindo-se, buscam um ao outro e encontram maneiras de amenizar a solidão, e tornar a vida compreensível.

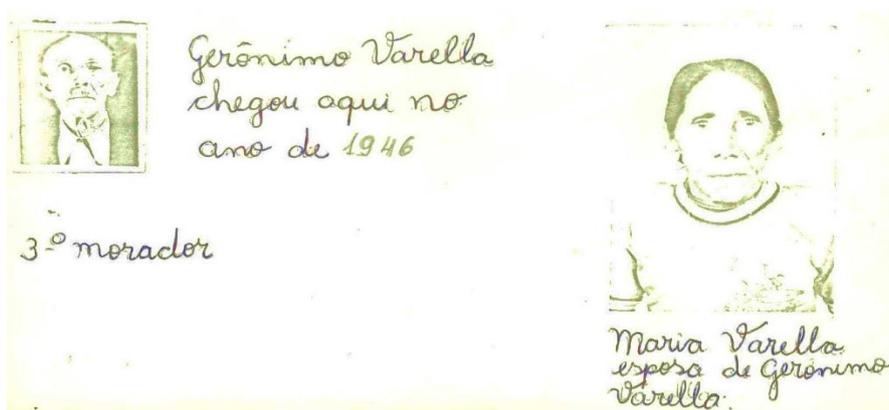
Com base nas narrativas dos entrevistados, apresentamos o processo de colonização da comunidade. Sabemos que a partir das distribuições de terras da CANGO, deu-se a colonização da Vila Marrecas e dos seus entornos, surgindo, assim, novas comunidades. A comunidade São Pio X – Km 20, que conhecemos hoje, já passou por longo processo de modificações, tanto em suas características materiais como imateriais.

Primeiramente, a região foi nomeada de Serra da Vitória, e, de acordo com as narrativas dos moradores somente anos mais tarde, após as marcações do GETSOP, foi nomeada de km 20. Ressaltamos que as contagens dos quilômetros foram feitas a partir do centro da cidade – praça central, onde demarcaram o ponto de início e prosseguindo pela Estrada do Picadão, até chegar na localidade resultou na soma de 20 quilômetros, do que decorre seu reconhecimento por km 20.

De acordo com Martins (1986, p. 3), foram abertas “estradas de serviço” que ligavam o núcleo aos locais e “uma picada no mato, denominada mais tarde "Estrada do Picadão", propiciava acesso a Ampére, cruzando repetidas vezes o rio Cotegipe, até alcançar a região de Capanema e a faixa fronteira com a Argentina”. Para Selvino Caetano Catto, “[...] era o picadão aberto, mas era só carreiro, não era estrada”, e Oscar Francisco Catto argumenta que, quando abriram a estrada do picadão, a comunidade do km 23 “ficou fora do estradão e o vinte, por exemplo, ficou mais centralizado ali né e a passagem dos ônibus sentido a Cascavel, aqui em cima passava ônibus a cada hora, se você quisesse ir pra Beltrão, então isso contribuiu para que o vinte crescesse”. Vemos que o lugar escolhido para a abertura da estrada, de alguma forma, possibilitou que este grupo tivesse acesso facilitado aos meios de transporte, comunicação, saúde, etc. Posteriormente, os moradores torceram para que a estrada fosse asfaltada, pois traria maiores possibilidades de desenvolvimento na região, mas ainda estão aguardando, pois, o asfalto foi construído próximo aos Freire, local no qual mencionamos no prólogo.

Dos 23 entrevistados selecionados, Maria Trindade Tiecher foi a primeira a chegar em Francisco Beltrão, e relata “eu vim com três anos de idade, então viemos em 1947, de Santa Catarina” e quando chegamos aqui “[...] não tinha nada, meu pai era o Gerônimo Varela, ele fez uma casa sabe, eles serraram o pinheiro, lascaram as madeiras” e construíram uma casa. De acordo com documento localizado na Escola, Antenor Rogério e Salvador Rogério foram os primeiros moradores da comunidade. O terceiro a chegar foi Gerônimo Varella, sua esposa Maria e os filhos do casal.

Fotografia 34: Os pais da entrevistada Maria Trindade Tiecher



Fonte: Arquivo Escola Municipal Basílio Tiecher. Acesso 27 de Junho de 2017.

De acordo com a narrativa, eles chegaram em 1947, mas, no documento da escola 1946 foi o ano em que vieram os terceiros moradores da comunidade.

No ano de 1948, Carlos Versa e seus familiares chegaram nas terras da CANGO, instalaram-se, primeiramente, onde hoje é o km 15. Ele nasceu em Santa Catarina, no município de Concórdia, veio com oito anos de idade, e afirma:

[...] daí viemos no ano 1948 aqui pra cidade de Beltrão, ali só existia a escola não tinha igreja. O frei Deodato que rezava a missa e aqui na CANGO era o quartel com doutor Rubens Martins que era o médico nosso. Daí ficamos 21 dias na cidade ali, mais ou menos aonde que é a loja do Oba Oba. Ali, tinha um barracão grande que eles fizeram ali para os que viessem de lá, se alojassem ali até que fosse da um jeito de vim para dentro. Assim como meu pai veio três vezes dar uma olhada nas terras, ele fez um protocolo na CANGO com Dr. Suplicy, que era o primeiro administrador que tinha ali, que não tinha prefeito era só o Dr. Suplicy que fazia isso. Daí voltou e veio com toda a documentação, aí naquela ponte mais de baixo, na CANGO que tinha um monjolo, que não deixava passar, e se não fosse documentado certo não passava de jeito nenhum (Carlos Versa, 07/07/2016).

De acordo com a afirmação do entrevistado, em relação ao administrador da época, Martins (1986, p. 56) informa que se destacou o “Eduardo Virmond Suplicy,

primeiro Administrador da Colônia Agrícola General Osório”. O que chama atenção é a afirmação que o entrevistado faz em relação ao doutor Rubens Martins, pois o mesmo escreveu em seu livro “Entre Jagunços e Posseiros” que chegou “no início de março de 1949” nas terras da CANGO, mas, nas lembranças do entrevistado, quando ele chegou, no ano 1948, Martins já era o médico do local.

O entrevistado Carlos Versa afirmou que seus familiares, ao chegarem na Vila Marrecas, ficaram no barracão aguardando e, posteriormente, “[...] o meu pai achou, estava à procura de um lugar, daí disse entrem mata a dentro assim onde achar um lugar vocês ficam ali e tirem um terreno de 500 metros na corrida do picadão com mil de fundo, tinha na base de 20 a 23 alqueires de terra na época”, “[...] aí eu tava lá com o administrador e ele disse, se caso vocês acharem uma casa de varde que não tenha ninguém morando, vocês podem entrar porque daí ele fez a moradia. Daí nós encontramos uma e compramos a casa”. Percebemos que eram os moradores que faziam as primeiras medições das terras e após encontrar uma casa sem moradores, ficavam até conseguir fazer a derrubada da mata para construir suas residências. O entrevistado afirma que fizeram na casa um “bodegão”, e ele aprendeu a vender e a comprar produtos.

O entrevistado Guilherme Gasparin⁴³ relatou que, ao chegarem “[...] naquela época, a CANGO te dava uma fichazinha pequena e duas três foices, picão e inchada para tu vim trabalhar... Nos colocamos aqui, comprando o direito das terras”. Percebemos que a Colônia Agrícola, fornecia alguns utensílios para auxiliar no início das plantações, afim de facilitar a nova vida. Tal afirmação é corroborada por Wachowicz (1985, p. 183), que afirma “todo colono ao chegar à CANGO” recebia auxílio para construção da casa, “a CANGO dava todo material e o colono ajudava a construí-la” e “depois de construída sua casa, recebia ferramentas e sementes e passava a trabalhar sua propriedade”. Para os colonos que chegaram inicialmente, a CANGO

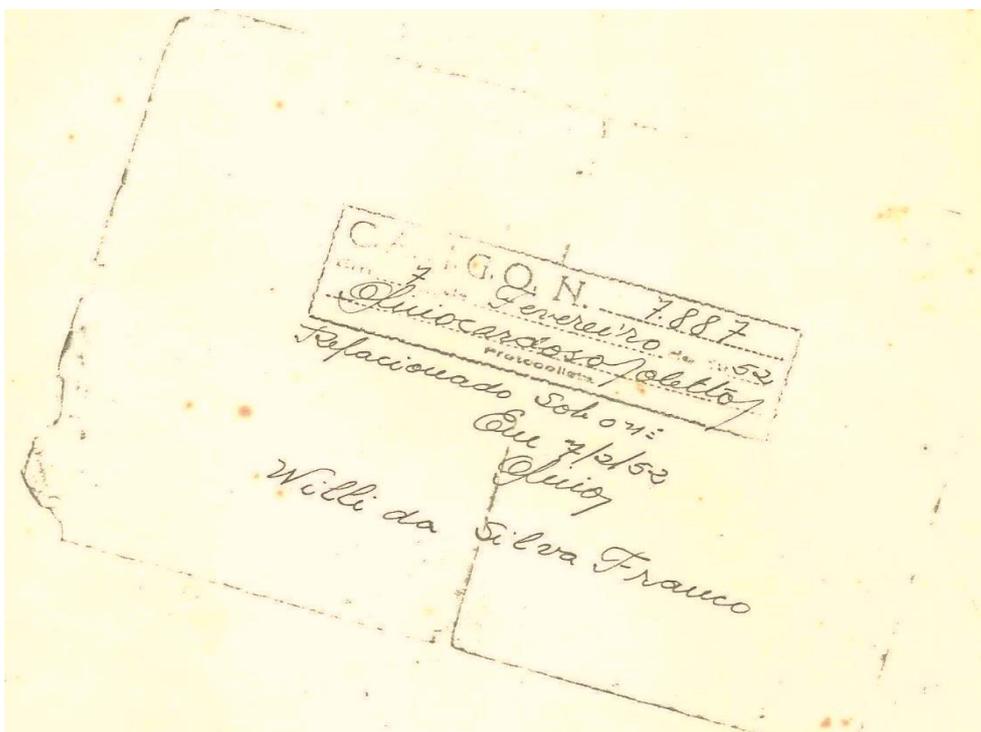
[...] proporcionou as melhores condições de fixação do agricultor em toda a história do Estado, pelo menos até meados da década de 1950. Mas, como sua criação havia sido ilegal, não podia fornecer a escritura definitiva para os milhares de colonos que conseguiu atrair do sul do país. Seus documentos eram todos provisórios (WACHOWICZ, 1985, p. 183).

⁴³Ao final da entrevista o morador ressaltou que sabia falar italiano, aprendeu com os pais e avós, mas não repassou para os filhos, sendo esta ação percebida em muitas famílias da localidade. Alguns moradores falam a língua italiana, porém, de maneira geral, as pessoas mais jovens não aprenderam com os pais, restando alguns termos e palavras apenas.

Anos mais tarde, o fato de a CANGO não disponibilizar tais documentações, despertou a forte presença de grupos que buscavam negócios vantajosos. Contudo, para o momento de chegada, obter o passaporte para poder adentrar nas terras da CANGO, já era uma conquista.

A seguir, percebemos que Willi da Silva Franco conseguiu tal documento, adentrando na Serra da Vitória, juntamente com a família, no ano de 1952, sendo que seu nome pode ser visualizado na parede da comunidade do Km 23, como um pioneiro do lugar.

Fotografia 35: Passaporte expedido pela CANGO



Fonte: Arquivo Escola Municipal Basílio Tiecher. Acesso 27 de Junho de 2017.

A entrevistada Nair Franco Spada, filha do Willi da Silva Franco, ao relatar sobre o processo de chegada na comunidade, no ano de 1952, afirma que “aqui era tudo mato, [...] nós viemos do Rio Grande do Sul, de Espumoso, eu tinha 3 aninhos e me lembro de tudo” o “ [...] meu pai comprou uma casinha, uma casinha pequena daquelas tábuas rachadas, preta de tanta fumaça. Meu pai demorou uns 15 dias pra vir de carroça com os burros”, e “ [...] nós viemo de caminhão até no “15” (km), com seis, sete mudanças em cima, e daí diz a mãe que nós posamos na casa do pai do Carlos Versa e dali nós viemo de a pé até aqui, e “[...] quando nois chegamos, tinha uma bodega aqui em frente (onde hoje é a residência do Vardo) Vardir Bortolotti, tinha uma casa e era um bodegão, que

tinha alguma coisinha de pegar, e daí tinha ali o colégio depois só [...] aqui tinha uma casa [...] do Zainor Tiecher e mais umas casas”. As bodegas serviram de apoio para as pessoas que chegavam no novo local, e, mais do que isso, fizeram parte da história das pessoas, de tal forma que isso transpareceu nas narrativas dos entrevistados.

Assim, Zenilde D’Agostini Garcia comenta “[...] eu vim de Santa Catarina”, no ano de 1967, mas “[...] minha mãe era de Caxias do Sul, e meus avós vieram da Itália”. Com base no deslocamento, percebemos que seus pais eram do Rio Grande do Sul, mas foram para Santa Catarina – Capinzal, local de nascimento da entrevistada. Depois de anos neste local, Zenilde casou-se e teve quatro filhos. Influenciados por parentes e amigos vieram morar na comunidade, quando seu filho mais velho tinha onze anos e, hoje, ela afirma que ele já tem 60 anos. Percebemos, ainda, o apego à cultura italiana, baseada nas vivências dos pais, principalmente, quando ela relata que “[...] o pai (Severino D’Agostini) produzia vinhos, mas ele morreu quando eu tinha seis anos, daí não lembro muito, lembro do meu padrasto (João Spada) que tinha pipas de vinhos nos porões e sempre tinha salame, torresmo e codiguin” que “[...] é um salame assim, tipo feito de courinho, e pode ser chamado de morcilha, era uma fartura de tudo”. A partir da lembrança dos entrevistados havia fartura de alimentos. Os sujeitos se referem à matança de porco como demonstrativo desta situação. No entanto, salientam que deste animal aproveitavam tudo, não havia desperdício. Asseveram que a produção de alimentos derivados do porco tornaram-se marcadores da identidade italiana.

A mesma depoente, referindo-se às residências, afirma que “[...] as casas eram tudo pretonas, todas elas, ninguém cuidava, era um deserto. A minha casa quando nós viemos de Santa Catarina era assim. Nós morava ali em cima, era um casarão grande, um pouco alta de porão, mas era coberta de tabuinha [...]”. Esta cobertura foi por muito tempo utilizada, pela abundância de material disponível, assim, os moradores derrubavam as árvores, faziam as tábuas e com o machado lascavam em pedaços menores para fazer o telhado, esta prática só deixou de ser utilizada quando tiveram acesso às telhas.

Sobre os moradores que já estavam na localidade, Nair Franco Spada e Zenilde D’Agostini Garcia, estas comentam que “[...] antes de 1952, moravam aqui os Tiecher, daí tinha os Rogerios, os Mirandas, os Vargas [...] também moravam os Varela, os Franco e os Fonseca”. E segundo seu Guilherme Gasparin, “[...] existia aqui no 20, um tal de Fonseca que tava construindo uma casinha mais ou menos naquela época que era no ano 53. Mas nós tinha três tios aqui no km 23 no ano 47, que eles vieram na frente, mas sofreram muito, de mais, daí nós viemos em 53”. “[...] E quando chegamos tinha três moradores, tal do Chico Paiola, pensa no nome (risos), Nerzico Camargo e Eduardo

Fonseca”. Segundo os entrevistados, estas eram as famílias que já estavam morando na comunidade.

Tivemos também a oportunidade de entrevistar a ex-professora Erydes Tiecher Celuppi, natural de Passo Fundo, filha do Basílio Clemente Tiecher. Ela informou que estava com sérios problemas de memória, mas, mesmo assim aceitou participar e nos disse que iria tentar lembrar das coisas. Percebemos que durante a pesquisa ela ficou ansiosa e tentava lembrar das informações e quando esquecia se questionava “[...] porque que tem que ser assim... eu não lembro mais das coisas, minha cabeça não quer lembrar” (Diário de Campo, 20 de junho de 2017). Contudo, aos poucos, ela contou que vieram de caminhão até Beltrão e foram de carroça até no 20 e a carroça era da tia Pina e tinha que tirar os paus, o pai ia na frente para poder abrir as picadas.

Isso mostra que a viagem foi feita até Francisco Beltrão e, que, posteriormente, dirigiram-se para o interior junto com familiares. Para a entrevistada, os caminhos e estradas eram difíceis, o que exigia que o pai fosse à frente tirando as barreiras (paus, pedras...) que impediam a locomoção.

Já a entrevistada Tereza Martins Versa, nasceu no ano de 1942, no estado do Paraná, na comunidade chamada Pedreiro, muito antes da criação do município de Francisco Beltrão. É a primeira entrevistada que nasceu na região, e afirma:

Eu nasci no Paraná lá no Pedreiro, morava com meus avós porque meu pai morreu eu era muito novinha, daí minha mãe ficou muito complicado assim, daí me criei com meus avós e com umas tias, e [...] lá era tudo carreiro, só passava com animal e olha lá...só aquele carreirinho no meio do mato, bicho nem se fala, o meu avô falava não saiam muito aí ao redor da casa porque é muito perigoso, tem muito bicho (Tereza Martins Versa, 07/07/2016).

Percebemos que a entrevistada e seus familiares moravam no meio do mato, não existiam estradas eram só carreiros, e ainda sentiam medo, devido à presença de animais. A partir da narrativa sobre a escola, percebemos que o número de crianças já era elevado neste local, o que nos faz compreender que, mais tarde, outras pessoas foram morar próximo a eles. Sobre a escola que ela frequentou, comenta que:

[...] daí surgiu lá um professor, um vizinho, era o finado Felisberto era o nome dele. Um senhor assim tinha a casa dele, como sempre uma casa de chão, porque aquela vez era tudo de chão, uma casa grande e daí como ele tinha um pouco de estudo assim, foi lá ver com o pessoal. E aí então falaram que ele podia dar aula, arrumar aula lá, que tanta criança e não tinha aula. Ele arrumou uma sala da casa dele com os bancos de madeira assim, e aí a gente começou a estudar, eu comecei eu acho que eu tinha quase 13 anos e estudei só até os 14, e já tive que

parar, porque venceu a idade e não ia mais (Tereza Martins Versa, 07/07/2016).

O relato da entrevistada, informa que o pouco tempo em que frequentou às aulas foram suficientes para que ela aprendesse a ler e a escrever, porém, sente falta de não conseguir ir por mais tempo para a escola. Após alguns anos ela se casou com Carlos Versa, e foi morar no km 15, e, mais tarde, mudou-se para o km 20.

O entrevistado Valdir Ernesto Bortolotti, veio do Rio Grande do Sul, município de Sarandi, em maio de 1957, com seus pais e irmãos para trabalharem no km 20, e ele afirma:

[...] não tinha nada aqui, só tinha o seu Herculano que tinha um comércio aqui. O seu Busato que morava lá e tinha mais uma bodeguinha. Daí então nós ia lá no quilômetro 23, nós ia na aula lá, nós ia em festa lá, era tudo lá no quilometro 23, aqui não tinha nada. Depois mais tarde começou o finado tio Willi da Silva Franco e o finado meu pai Davi Bortoloti Sobrinho, o Jeronimo Varela, mais o seu Lazzarotto, tinha mais umas pessoas assim o seu Alixo Pires e tudo aquelas pessoas e que começamos ajeitar para fazer a igreja e mais tarde foi feito o colégio aqui no km 20, com uma sala de aula (Valdir Ernesto Bortolotti, 04/01/2017).

Já no ano de 1957, o morador menciona que frequentava outra comunidade, pois o km 20, não possuía escola e igreja, contudo, como veremos no decorrer das discussões sobre a primeira escola da comunidade, ela surgiu no ano 1954, em casa particular, e logo foi construída uma sala de aula onde o professor seguiu até 1957 e, da mesma maneira, o primeiro oratório surgiu logo após a chegada do morador Willi⁴⁴, no ano de 1952. Seus familiares ajudaram no processo das construções materiais da comunidade, e tal fato torna-se motivo de orgulho para o entrevistado e reforça a importância dos arquivos⁴⁵ que encontramos na Escola Basílio Tiecher.

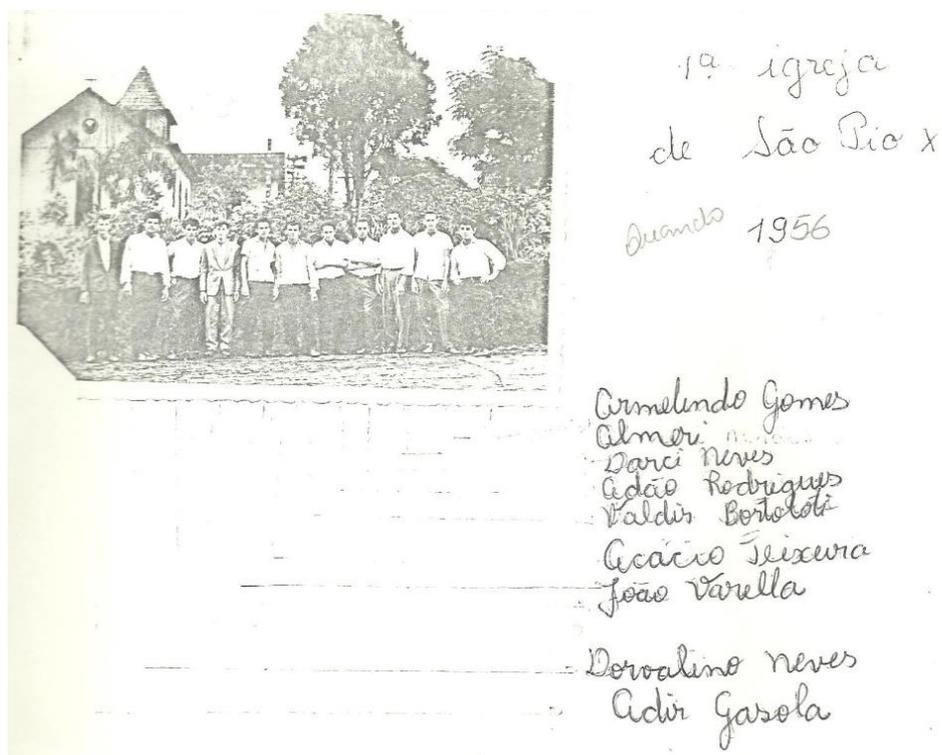
Na imagem encontrada percebemos que, além da fotografia, foram anotadas algumas observações escritas a mão informando que, no ano de 1956, estavam em frente à primeira igreja da comunidade alguns moradores. Dentre estes, o nome do entrevistado consta na lista.

⁴⁴ Durante a dissertação, quando nos referirmos ao morador, utilizaremos a grafia Willi da Silva Franco, tal como apontada nos documentos encontrados. Porém, quando já citado ou escrito por outros, manteremos a escrita de acordo com a informação.

⁴⁵ Encontramos na escola uma variedade de documentos nomeados por arquivo. Estes eram documentos antigos de moradores, anotações sobre a história da comunidade e fotografias. Percebemos a fragilidade nos arquivos, pela ausência de informações, tais como a data, quem, quando e onde foi encontrado ou quem disponibilizou as informações. Dessa maneira, não foi possível uniformizar as fontes dos arquivos, mas decidimos usá-las, por acreditarmos na importância de tais informações.

Percebemos que as datas não coincidiam, para tanto, fomos novamente até a casa do Valdir Bortolotti e levamos uma cópia da imagem com tamanho ampliado, na tentativa de mais informações. Questionamos novamente qual foi a data em que ele chegou na comunidade e se ele lembrava da fotografia. O mesmo informou que, sim, era ele na fotografia, mas era impossível ser no ano de 1956, pois ele chegou em 1957, e, ainda, afirmou “eu não esqueço porque foi o ano da revolução” (Diário de Campo, 28 de junho de 2017).

Fotografia 36: Primeira Igreja da Comunidade Km 20 – 1966



Fonte: Arquivo Escola Municipal Basílio Tiecher. Acesso 27 de Junho de 2017.

Comprendemos que tal anotação feita a mão poderia ter a intenção de informar que no ano de 1966, foi construída a primeira igreja da comunidade, pois, só assim o entrevistado estaria na fotografia, ou então as memórias do entrevistado não correspondem às datas afirmadas, tendo ainda a possibilidade de ser a igreja de outra localidade. Porém, o entrevistado, ao olhar afirmou “eu acredito que era a igreja daqui sim, só a data que anotaram está errada”. Assim, passamos a divulgar que esta fotografia foi tirada no ano de 1966. De qualquer forma, sabemos que a memória suporta esquecimentos, embaralhamentos e que também as formas de registro podem ser inexatas.

Outra narrativa frequente entre os entrevistados é sobre a revolta, ou revolução⁴⁶ de 1957⁴⁷, como afirmou o entrevistado Valdir Bortolotti, “daí naquela época mesmo, antes um pouquinho deu a revolução de 1957, dos jagunços... daí então nós ficava meio escondido com serrote, com espingarda e revólver, porque vinha os jagunços [...]”. Este momento da revolta causou medo nos moradores, todos tentavam encontrar maneiras de se proteger.

Para Carlos Versa, as lembranças ainda permanecem na memória. Ele tinha 17 anos quando aconteceu a revolta e afirma:

Daí deu aquela revolução sobre os negócios das terra que eles tavam querendo comprar, vender as terras, que vinha a Comercial e a CITLA, que eles queriam vamos supor que nos não tinha os documentos certo de escritura e eles tavam querendo vender aquilo lá para passar as escrituras e era tudo falso e era comercial e a CITLA. Daí se envolveu o Dr. Valter, seu Scalcon, umas outras autoridades ali, para ver como que dava porque o Scalcon era Deputado Federal, acho que era. Assim deu um levante dos colonos muito forte, vinha de Guarapuava, vinha de um lado e tudo quanto é lado e nós tinha a bodega ali na esquina ali no 15 para baixo da igreja. Daí que eu falei que eu não sabia o que é que vinha se era colono ou se era jagunço. Nós tinha uns cachorros grande e o finado pai dizia arroteie a casa e cuide, e se arme bem, daí eu tinha uma espingarda cartucheira e fiquei com ela em roda da casa para cuidar porque deu uma semana de muito tumulto, [...] mas aí nada aconteceu, nós tinha muita fé em Deus, que nada acontecesse. Daí vinha gente com fome - os colonos e nós sedia pão, salame, rapadura e uns pagavam e outros não pagaram, [...] mas nós dava de graça que não aconteceu nada com nós (Carlos Versa, 07/07/2016).

Estes moradores enfrentaram a luta pela posse das terras, passaram medo, e afirmaram que a fé, em Deus, foi o que lhes deu coragem, naquele momento. Segundo seu Guilherme,

[...] no ano 57 teve a revolução da CITLA e GETSOP, então nós já era grandinho eu tinha 14 anos, meu irmão 15 o mais velho, onde que foi comprado um caminhão. Foi comprado em Curitiba, caminhão novo, daí nós começamos trabalhar com o caminhão e naquela época nos puxemo três viagens de colono em Beltrão que eles iam, que era o encontro da CITLA com a GETSOP, se deu um transtorno muito grande e nois puxemo três caminhonada, puxemo 26, puxemo 20 e puxemo 15[...] (Guilherme Gasparin, 07/07/2016).

⁴⁶ Os entrevistados em suas narrativas, por várias vezes, utilizaram o termo revolução, para se referir ao acontecimento de 1957. Decidimos manter o termo utilizado na narrativa e afirmar que os autores utilizam Revolta de 1957, e quando dialogamos com as referências utilizamos está aceção.

⁴⁷ Sabemos da importância que tem a discussão sobre os acontecimentos da Revolta de 1957, pois tais ações proporcionaram ao município de Francisco Beltrão um marco da história dos posseiros: conseguiram a titulação das terras. Mas por não ser um dos nossos objetivos, e ser questões que foram informadas pelos entrevistados, abordamos brevemente a discussão.

O senhor Guilherme, após narrar que levaram os colonos de todas as localidades para Beltrão, afirma que “foi no ano 57, dia 10 de agosto que deu o levante aqui e durou quatro dias”, e, durante este período todos estavam com medo do que poderia acontecer.

Sobre a revolta, Selvino Caetano Catto menciona “o meu irmão mais velho” participou “inclusive naquela época, daí nos tinha um caminhão, um fordinho F6 e nós era sócio com o Vacari e então o meu mano, ele levava o povo daqui da comunidade para Beltrão, os colonos né. Mas isso foi só nos últimos dias da revolta” isso porque “as terras não eram medidas ainda, e depois que entrou as medições [...] daí melhorou a situação, e as medições entrou no ano 60 e pouco com o GETSOP”, sendo que tal fato resolveu a luta pelo título da terra.

Nesta revolta, o entrevistado Carlos Versa relatou que [...] “quem salvou nós foi o dr. Valter daquela revolução do 57, então dali para cá depois veio a medição do GETSOP, para fazer definitivo, tudo definitivo aonde eu fiquei trabalhando 3 meses junto ajudando o agrimensor Antônio de Souza”. Assim, realizaram-se as medições, e, a partir disso, os proprietários receberam o título das terras, e, de acordo com os depoimentos, a vida voltou à normalidade.

Após os relatos sobre a revolta de 1957, retomamos a discussão do surgimento da primeira igreja na comunidade. O local conhecido como Serra da Vitória abrangia várias localidades e a participação religiosa acontecia na comunidade, hoje conhecida por Km 23, por ser o local mais próximo de todos, na qual, segundo informações do entrevistado Guilherme Gasparin, “[...] tinha mais de 300 pessoas que eram sócias dessa igreja, então pertencia diversas comunidades, mas era tudo nessa Igreja ali”, até surgir a necessidade de construírem novas igrejas. Ele menciona, ainda, que “o pioneiro Willi da Silva Franco, construiu a primeira igreja na comunidade do km 20”.

Morgan (2000, p. 84) entrevistou o senhor Villy da Silva Franco⁴⁸, e a partir do diálogo sobre a igreja, referiu que “[...] só tínhamos o oratório, a Igreja era no Km 23 que foi feita em 1948, bem antes da nossa aqui no km 20”, e diante da distância percorrida

⁴⁸ O sr. Willi da Silva Franco já é falecido há alguns anos, mas os moradores consideram que ele foi uma pessoa influente na comunidade. Percebemos isso a partir do relato da entrevistada Aurélia Becchi Bosio: “[...] seu Willi Franco foi um pioneiro, olha eu acho que ele fez a igreja, eu acho que ele ajudou muito”. Entrevistamos sua filha Nair Franco Spada, que desde 1952 mora na comunidade. De acordo com Morgan (2000, p. 84), seu Villy da Silva Franco, nasceu “[...] em 19/03/1920, filho do sr. Adelino da Silva Franco e Constância Particheli da Silva. Vieram de Soledade, Rio Grande do Sul. Chegaram em Francisco Beltrão em 1952 [...]”. Se observarmos a certidão de óbito na página 80, percebemos que a mãe de Willi Franco faleceu no dia 19 de junho de 1953 e foi enterrada no cemitério de Serra da Vitória.

para frequentar os cultos de domingo, decidiram construir um pequeno oratório e chamaram o padre para fazer a benção do local.

A partir de então, as pessoas começaram a frequentar o novo lugar identificado como espaço para realizar orações e, com a crescente frequência dos moradores no oratório, houve a necessidade de se construir uma igreja naquele local. No entanto, até que tivessem autorização para a construção, continuaram a frequentar a do Km 23.

Quando o Bispo D. Carlos Eduardo Sabóia Bandeira de Mello passou por aqui nós nos reunimos e fizemos uma grande e bonita recepção a ele. Fizemos um grande e bonito arco de folhas de coqueiro para recebê-lo. Em sua passagem a caminho do km 23. Eu fui encolhido para homenageá-lo em nome da comunidade, o convidamos para passar em nossa comunidade na volta. Por aqui era tudo mato. nossa intenção era pedirmos uma igreja para nós, e de fato a pedimos, mas ele não aceitou pois já tinha uma no Erval, que é aqui perto e a outra era logo no km 23. O Basílio pediu se ao menos podíamos melhorar o oratório. Na época era o Pe. Pedro que nos assistia. foi então permitido fazer o oratório foi motivo de grande alegria e entusiasmo para toda a comunidade. Nossa comunidade era muito religiosa. Material não faltou, construímos o oratório de 5 metros por 8 metros, coberto de tabuinhas de pinheiro, era o que tinha de melhor na época. Quando o Padre passou por aqui e viu o tamanho do oratório levou um susto, pois era maior do que muitas igrejas. Ele não pensava que a devoção de nosso povo era tanto. O Padre Pedro (que era da Bélgica) pediu quantos sócios tinha no oratório. Eu confirmei que eram mais de 40 sócios. Fizemos um levantamento no mês seguinte e tínhamos 48 sócios (MORGAN, 2000, p. 84 - 85).

Com a determinação dos moradores em prol da construção do oratório, várias doações foram recebidas e muito trabalho ofertado. Morgan (2000, p. 85) ressalta que “o oratório não estava bem terminado, depois de uns trinta dias, num belo dia que estávamos fazendo uns caprichos, chegou o Padre, na mão ele tinha a carta do Bispo que nos autorizava a ser igreja. Foi aquela festa para toda a comunidade”. Foi assim que, a partir do oratório, surgiu a primeira igreja da comunidade São Pio X. Sobre a construção deste espaço, os entrevistados afirmam que:

Daí como veio o pai, o falecido João, o Pedro Medeiro, daí logo veio o falecido Tiecher, (ele - Agenor Tiecher), daí veio o falecido Amadeu que o pai do Alaércio. Daí abriram uma vilazinha e fizeram a primeira igreja. O meu pai e mais uns outros fizeram a primeira igreja. Meu pai se chama Fiorelo Savagnago ele que ajudou a fazer a primeira igreja (Terezinha Maria Savagnago Lazarotto, 05/01/2017).

Não diferente é o relato da entrevistada Maria Trindade Tiecher “[...] igreja não tinha, a gente participava no 23 ou no Erval, e só [...] depois que foi feito a igreja ali que o padre autorizou”, que não participamos nas outras. Quem fez foi o “Willi Franco, Domingo Lazaroto, meu pai Gerônimo Varela, meu sogro que era o Basílio, e tinha mais outros né, Jose Rusarol, tudo estas pessoas, a comunidade, as pessoas que já tavam residindo aí que batalharam e construíram uma igreja. Compravam madeira, um dava o pinheiro, outro dava outras madeiras” e construíram a primeira igreja.

Nair Franco Spada menciona (2016) que “ali na igreja, pra fazer a igreja era mato, derrubavam árvores deste tamanho assim”, e abriu os braços para frente, afirmando a circunferência das árvores que estavam no local, e, logo informou que “a igreja era pequena de madeira, bem pequena e eles colocaram um sino em cima”, mas, posteriormente, outras foram construídas.

A partir da curiosidade em sabermos mais sobre a construção das igrejas, procuramos a localização dos Livros Atas. Conforme conversa com os presidentes da igreja, deixamos combinado a data para buscarmos tais documentos. Foi, então, que, em um final de tarde de sábado, fomos até a residência deles para apanharmos o livro Ata. As ruas apresentavam-se vazias, nas residências percebemos as famílias sentadas tomando chimarrão e a ansiedade tomava conta, imaginando o momento de ler tais informações que ali estariam. Trouxemos para casa aquele livro, com sua capa preta, folhas amareladas, e, atentamente, iniciamos a leitura.

Na segunda-feira tiramos cópia de tudo, e, sobre as cópias, grifamos e anotamos. A devolução estava marcada para o fim de tarde da segunda-feira, ao que atendemos. Ao chegarmos, entregamos, agradecemos e a presidente do conselho - Lucia nos entregou um livro sobre a história de Santa Izabel do Oeste, onde seu pai, Alcelmo Simonetto, foi presenteado com um exemplar, que ela nos emprestou, segundo ela, para que pudéssemos ter umas ideias com ele (Diário de Campo, 7, 8 e 9 de janeiro de 2017).

Os registros realizados na Ata da Capela São Pio X - Km 20 existem somente a partir do dia 13 de agosto de 1983, ficando por muitos anos sem informações, talvez por não ser uma exigência, ou caso foi realizado um livro Ata anterior, não está nas mãos da atual diretoria e, muito menos, nos arquivos da Paróquia da época. Durante a observação e leitura de cada página, ressaltamos que registravam em Ata os membros da diretoria, as decisões sobre quais benfeitorias seriam feitas na comunidade e combinados que, durante as reuniões, ficavam estabelecidos entre os moradores.

Percebemos, também, o quanto os moradores contribuíram para o melhoramento da comunidade a partir de doações. Eram promovidas rifas para conseguirem dinheiro

para continuar os investimentos na comunidade e os moradores doavam aquilo que tinham, desde bois, tijolos, ovelha e a impressão dos bloquinhos. Com as doações, a igreja passou por longo período de modificações. De acordo com os entrevistados, na igreja colocavam o que melhor existia, deixavam, por vezes, de fazer algo para si para investirem no bem comum.

A entrevistada Aurélia Becchi Bosio comenta que, no início, era uma [...] “igrejinha de madeira muito pequeninha, nossa senhora... não tinha eucarística, não tinha naquela época, não tinha ministro nada, os ministros naquela época, foi feita votação entre meu marido Valdir e o Garcia e meu marido ganhou”. Ao mostrar seu arquivo de fotografias, destacou que tinha alguma coisa da igreja de madeira, mas não era a primeira, afirmou ela.

Fotografia 37: Atividade religiosa na comunidade – um local para socialidade



Fonte: Acervo pessoal de Aurélia Becchi Bosio, julho 2016.

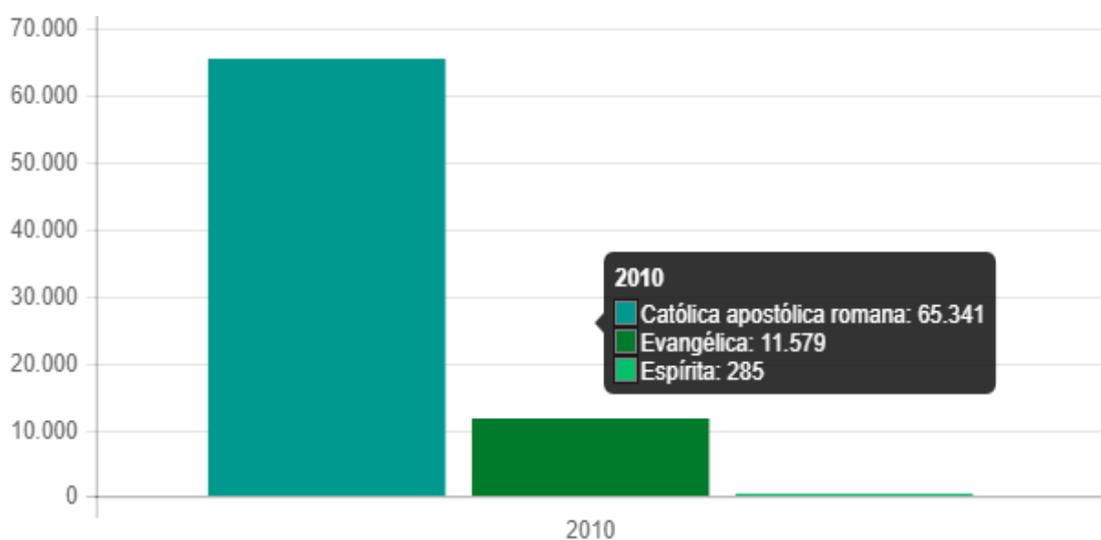
Percebemos que a igreja da fotografia guarda muitas características arquitetônicas da atual, não deixaremos passar despercebido o aglomerar de moradores, fato que demonstra que, a religiosidade, além de compor os costumes das famílias, estabelece o vínculo social, valorizando o estar junto em comunidade.

Desde que os primeiros migrantes vieram embora, precisaram se adaptar ao novo, trouxeram consigo as tradições culturais e religiosas, e tentaram reproduzi-las na nova comunidade formada. Segundo Lazier,

Um aspecto que merece reflexão na vida dos imigrantes, principalmente poloneses e italianos, é o religioso e o papel da igreja e dos padres. Havia uma verdadeira união entre os imigrantes, a igreja, a paróquia e o sacerdote. O padre era quase sagrado, intocável e comumente era o mais letrado da comunidade (LAZIER, 2003, p. 92).

Assim como afirmou Lazier (2003), sobre o ser religioso, encontramos a informação no Projeto Político Pedagógico - PPP (2012, p. 5), que “[...] a origem italiana e a religião católica predominam”. Encontramos na comunidade somente a Igreja Católica, motivo este que leva as famílias a seguirem certos comportamentos e costumes⁴⁹ cultivados por esta religião. A seguir, o gráfico e as religiões presentes no município:

Gráfico 3: População residente em Francisco Beltrão e suas religiões.



Fonte: Dados coletados pelo IBGE, em 2010. Divulgados no censo de 2012.

De acordo com o gráfico elaborado com os dados de 2010, é predominante a religião católica em Francisco Beltrão, e devido ao elevado número de adeptos, há um estreitamento nas relações da escola e igreja. Ao rememorarmos o período que estudávamos na escola da localidade, lembramos que, todos os dias, antes de se iniciarem as aulas, juntos, rezávamos uma oração, ainda que a escola fosse pública e a separação entre Igreja e estado tivesse sido estabelecida na Constituição de 1891.

⁴⁹ Os moradores da comunidade, que se consideram católicos, participam de celebrações religiosas aos domingos pela manhã, contribuem com o dízimo, fazem os sacramentos: batizado, crisma, casamento..., visitam a gruta da comunidade, possuem diversas imagens ou esculturas de santos em suas residências, constroem pequenos oratórios/grutas em frente à casa, alguns deixam a bíblia aberta sobre uma mesa na sala próxima a televisão, rosários, crucifixos e chaveiros são pendurados atrás da porta ou pregados nas paredes da casa e recebem a visita de vizinho que traz uma capelinha com a escultura de um santo e depois de um dia em sua residência, repassam para o próximo vizinho. Estas são algumas das atividades dos moradores e estas servem para caracterizar o ser católico nesta comunidade.

Nos documentos analisados, em várias passagens, encontramos provas de intimidade entre escola e igreja. Na Ata da Igreja, do dia 20 de março (1998, p. 28), consta a informação que a Capela São Pio X, do Km 20, com a “presença da comunidade, alunos e professores da Escola Basílio Tiecher está sendo realizada uma missa com a presença do padre Jeremias [...]”. Os espaços estão interligados na comunidade e ambos, de alguma forma, colaboram no processo de identidade dos moradores.

Tais acontecimentos, à época, pareciam-nos normais, só após o conhecimento de que a escola é laica passamos a associar nossas vivências às informações que estão registradas. Quando morria alguém da comunidade, geralmente, as turmas com alunos de mais idade iam ao velório, e, não diferente, assim era nas missas que aconteciam na comunidade.

Temos conhecimento que apenas uma família que mora na comunidade não participa das atividades relacionadas à religião católica, mas apresentam total envolvimento nas demais atividades.

Durante o processo de pesquisa participamos de alguns encontros religiosos/cultos, que aconteceram aos domingos e em dias, considerados pela Igreja Católica, como santos e até dias festivos. A partir desta inserção como pesquisadora, percebemos vestígios da cultura que os antigos mantêm, pois, ao chegarem para a celebração, as mulheres e crianças sentam-se de um lado e os homens de outro. Ficando evidente que os costumes religiosos são formadores da identidade cultural.

Fotografia 38: Igreja Católica da Comunidade



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, julho de 2016.

De acordo com os documentos analisados e as entrevistas, as terras onde está a igreja da comunidade, foram doadas oficialmente pelo morador Alberto Passini, no ano de 1968, e mais de quarenta anos se passaram após a construção da igreja de alvenaria.

Ressaltamos que, a partir da religião, santos são selecionados para representar tais locais. Assim, a comunidade escolheu São Pio X. A seguir, mais informações sobre ele serão apresentadas.

3.2.1 Pio X: O Santo padroeiro e sua relação com o nome da comunidade

O caminho estava muito cheio de gente. Todos iam para o país dos sonhos, e faziam muita confusão e muito ruído ensaiando os sonhos que iam sonhar [...]
(GALEANO, 2015).

Cada pessoa projeta seus sonhos, e nossa ambição era conhecermos o país que é referência para os moradores da comunidade. E, de fato, tornamos nosso sonho em realidade, pois conhecemos alguns lugares da Itália, percebendo os costumes e apreciando a gastronomia dos locais. Tivemos a possibilidade de visitar o local onde se encontra o corpo do Papa Pio X, santo padroeiro da comunidade em estudo⁵⁰, visitamos o Vaticano, a Basílica de São Pedro e suas obras magníficas. As filas enormes indicavam que todos buscavam a realização de seus sonhos, conhecer Roma, manifestar suas crenças no Vaticano, admirar o Coliseu, dentre outras maravilhas arquitetônicas, eram alguns dos motivos sinalizados por esta gente.

⁵⁰ Instigados ao processo de pesquisa, tivemos a oportunidade de viajar para a Itália em novembro de 2017. O fato de conhecermos alguns lugares da Itália, deixava-nos muito feliz, porque um grande sonho se tornava realidade. Todos os lugares visitados, despertaram o sentimento de profunda gratidão, mas ao realizarmos uma visita em Roma e conhecermos o Vaticano foi maravilhoso, justamente por coligar as questões de estudo ao lugar. Ao chegarmos, avistamos os pequenos comércios nas ruas, que nos levavam em direção a praça de São Pedro, embora tivéssemos vistos muitas imagens do local, nada se comparava ao momento em que nossos olhos estavam perdidos por tantas informações. Para entrarmos no museu do Vaticano, encontramos filas enormes de pessoas à espera do momento de conhecer os museus e capelas. Na fila, a ansiedade tomava conta, percebemos a diversidade das pessoas, as diferentes linguagens entre outros detalhes que não passavam despercebidos. Os ambientes eram grandes, mas estavam lotados, andar era difícil, o ambiente, tomado de pessoas, parecia nos sufocar. Aos poucos, passamos por várias salas com diversas exposições, e, enfim, chegamos na Capela Sistina, local que possui o teto coberto de afrescos pintados pelos artistas de maior destaque do renascimento, tais como Michelangelo, Sandro Botticelli, Rafael e Bernini. Logo que apreciamos o local, prosseguimos e, aos poucos, percebemos uma diminuição na quantidade de pessoas pelos corredores. A partir deste momento conseguimos apreciar o local com mais calma, e, sem tumulto, chegamos até a obra de Pietá, escultura feita por Michelangelo. Após vermos esta e outras tantas obras, conseguimos apreciar as enormes colunas de mármore, o altar grandioso com todas as paredes e tetos com detalhes esculpidos. O guia que nos acompanhava explanou sobre as tumbas dos papas que estavam naquele lugar. Neste momento a ansiedade aumentava, já deslumbrada com tudo o que estávamos vendo, sentindo e vivendo, percebemos que se aproximava o momento de conhecermos a tumba do papa elevado a santo. Descrever a visita evoca sentimento de sonho realizado, pois tal oportunidade foi possível a partir do ingresso no mestrado e parceira de viagem - orientadora professora Dra. Sônia. Isto possibilitou percebermos uma cultura diferente da qual estamos inseridas: sendo a linguagem, gastronomia, bem como a arquitetura muito diferente do que estamos acostumados a ver.

A religião se mostra como um espaço/momento de estar junto e estes espaços falam muito aos sujeitos, sendo este o motivo que nos fez selecioná-lo para a pesquisa. Em meio à simplicidade, a comunidade, por intermédio do morador Basílio Tiecher, definiu que o santo padroeiro da capela seria o São Pio X. Ao buscarmos informações sobre a escolha do santo padroeiro nas paróquias responsáveis, não obtivemos resultados, e fomos informados que nada constava no livro tomo⁵¹.

Não conseguimos ter acesso ao livro para fazermos as buscas, assim sendo, o padre responsável pela paróquia, afirmou que eram os moradores que escolhiam o santo padroeiro, de acordo com suas crenças. Perguntamos, também, informações sobre a data de criação da igreja da comunidade do km 20, e, da mesma maneira, o padre informou-nos que nada constava no livro tomo.

Na igreja da comunidade, ao entrar na porta principal, percebemos que, à direita, no altar, está a escultura do Santo Pio X, sendo o marcador para afirmar as crenças dos moradores. Nestes termos, reportamos o que Marques (2010) afirma, ainda que em relação a outra manifestação religiosa, que a,

[...] intimidade com o santo faz dele quase, *um morador do bairro...* Morador, ao qual se presta homenagens (relação de troca), mas que também tem a função de ajudar a resolver seus problemas cotidianos, suas dificuldades domésticas, seus problemas de dinheiro, as questões de saúde (MARQUES, 2010, p. 113).

Esta relação de troca exige a humildade dos moradores em confiar seus problemas ao santo, e, quando estas dificuldades forem sanadas, é sinal de que os pedidos foram atendidos, e eles voltam para agradecer, aumentando as crenças depositadas nele.

Tentamos encontrar informações sobre como a escultura foi adquirida, quem foi o artista que a fez, qual o custo e, principalmente, porque escolheram o Pio X – ou como ouvimos em algumas celebrações religiosas São Pio Décimo, como padroeiro da comunidade.

A seguir, podemos ver, a partir da fotografia, a escultura que está na igreja da comunidade:

⁵¹ O livro tomo é considerado o livro de registro de todas as informações e acontecimento da paróquia. Primeiramente, buscamos informações na Paróquia Nossa Senhora Aparecida, por ser a responsável pela igreja da comunidade, mas pelo fato de ter se tornado Paróquia somente no ano de 2005, tudo o que diz respeito antes desta dada deve-se recorrer a primeira paróquia do município. Fomos, então, encaminhadas para a Paróquia Nossa Senhora da Glória para obtermos as informações deste período, sendo que não obtivemos sucesso nas buscas.

Fotografia 39: Escultura do Papa Pio X – Padroeiro da igreja – São Pio X



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, junho de 2017.

Sobre tais questões mencionadas, ao procurarmos no livro *Ata* nada encontramos, e os entrevistados afirmam não lembrarem os motivos pelos quais escolheram tal santo. No entanto, Morgan afirma que,

[...] segundo seu Villy em 1959 fundamos a nossa igreja aqui na comunidade. O seu Basílio Tiecher foi o nosso primeiro vereador. Hoje é o nome da nossa escola de pré-escola a oitava série. Foi ele quem pediu o nome do distrito. Já tínhamos a igrejinha, a capela com o nome de São Bom Jesus e passou a chamar-se São Pio X (MORGAN, 2000, p. 84).

O fato mais curioso é saber que a primeira igreja (oratório) já possuía um nome, sendo este alterado para São Pio X. Sabemos que Santo Pio X nasceu em uma cidade do Norte da Itália, chamada Riese, em 2 de junho de 1835, cujo nome de nascimento é Giuseppe⁵² Melchiorre Sarto.

⁵² O nome de nascimento do Papa Pio X – era Giuseppe e tal nome lembra-nos do nome do nosso tataranono, que também era natural da Itália.

Coincidência ou não, o papa era da Itália e talvez esse foi um dos primeiros motivos sinalizados pelo grupo⁵³. Pertencia a uma família humilde, tinha nove irmãos, sendo ele o segundo filho da família, e, que, diante de tantas dificuldades, buscou os estudos e neles se encontrou. Estudou direito canônico e a obra de São Tomás de Aquino, sendo ordenado em 1858, e elevado a Bispo no ano de 1884. Em 4 de agosto de 1903, foi eleito Papa, cujo pontificado durou até a data da sua morte.

No dia 20 de agosto de 1914 morreu Pio X. Por sua vontade foi sepultado nas “Grutas vaticanas”, um local também conhecido por Cripta dos Papas. Embora tenha um nome rústico, “Grutas”, trata-se do piso inferior da Basílica de São Pedro, que conserva restos da igreja mandada construir por Constantino e os túmulos de vários papas (SALIS, 2013, p. 223).

Relatos afirmam que São Pio X realizou milagres, ainda, em vida e, também, após sua morte, curando várias doentes. Ele foi amado por muitas pessoas e após sua morte seu corpo permaneceu no Vaticano⁵⁴. Salis ressalta que “[...] quando Pio X morreu e foi enterrado na Cripta de São Pedro, era o primeiro Papa depois de muitos anos a ser enterrado naquele espaço”, e “[...] tinha morrido com uma grande fama de santidade, coisa que não acontecia há muito tempo na vida da Igreja”. O Papa defendia a fé contra o modernismo, aproximou a eucaristia das crianças e procurava constante paz, principalmente, no momento de pré-guerra.

A partir da devoção dos fiéis e grande número de visitas ao túmulo do Papa, bem como gratidão dos cardeais, aqueles que o conheceram com mais proximidade, fizeram como de costume, materializaram a escultura e,

[...] no dia 28 de junho, inaugurou-se solenemente um monumento a Pio X na Basílica de São Pedro, que tinha sido erigido com as ajudas dos cardeais criados por ele: Rafael Merry del Val, Ottavio Cagiano de Azevedo e Gaetano Bisleti, juntamente com vários bispos de diversas partes do mundo (SALIS, 2013, p. 225).

A partir da visita na Basílica de São Pedro, mostramos a imagem da estátua, feita em homenagem ao Papa. Esculpida em mármore, a imagem se apresenta entre as grandiosas colunas de mármore, de braços estendidos e com olhar sereno, induzem nossos olhos a se distanciarem para apreciarmos o conjunto de informações.

⁵³ Um dos desejos na dissertação era escrevermos os motivos sinalizados pelo grupo sobre a escolha de São Pio X, como padroeiro. Pois, dentre tantos, ele foi o escolhido por esta comunidade. Para tanto, questionamos os entrevistados sobre os motivos desta escolha, mas eles afirmam não se lembrarem dos porquês.

⁵⁴ Durante a visita ao Vaticano o guia nos contou que o papa Pio X, pediu em vida, que seu corpo não fosse embalsamado. Anos após a troca de tumba, encontraram seu corpo ainda intacto, sendo mais uma vez considerado um milagre (Diário de Campo, novembro de 2017).

Fotografia 40: Escultura do Papa Pio X – no Vaticano – Roma



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, novembro de 2017.

A fama de santidade, em meados do século XX, deu-se também pela intercessão dos fiéis que passavam pedir proteção antes de irem lutar na Primeira Guerra Mundial. Ao realizarmos a leitura do livro *Semblantes de Pioneiros*, encontramos a seguinte afirmação:

Na Itália, conta D. Teresa, meu pai foi para guerra. Nossa casa incendiou-se. Minha mãe não podia me sustentar. O pároco me dava todos os dias um prato de comida. Finda a guerra, meu pai voltou para casa. Pouco depois morria minha mãe. Eu caí doente. Não havia mais cura. Recorreram ao Papa Pio X, o Papa das crianças. Curei-me assim milagrosamente por intercessão daquele Grande Santo (BARBOSA, 1961, p. 134).

Como aponta Barbosa, a filha ficou doente quando o pai retornou da guerra, recorreram ao Papa Pio X, foram atendidos, e a criança curou-se. Assim, pais e filhos atualizavam sua fé. No interior da Cripta, local onde estava o túmulo do Papa Pio X, foram realizadas muitas obras, escavações por longos períodos e “no dia 17 de fevereiro de 1952, a urna do beato Pio X passou para o lugar onde hoje se encontra: no altar da capela da Apresentação”. Depois de várias mudanças, a intenção era facilitar a visita dos devotos ao túmulo, aumentando a visitação. Para tanto o que,

[...] nos interessa relaciona-se com a mudança de lugar do túmulo de Pio X. Este deixou o lugar saliente da nave sul em que estava, junto ao pilar de Santo André e, portanto, ao lado da capela sepulcral onde ainda hoje se pode ver o sarcófago de Pio XI, passou por diversos lugares e, finalmente, foi transferido para o nível da Basílica Vaticana e, mais em concreto, para a capela da Apresentação. A escolha do lugar era bastante óbvia, visto que a estátua de Pio X, inaugurada em 1923, estava mesmo ao lado dessa capela (SALIS, 2013, p. 228).

A mudança permitiu que o corpo do Papa, ficasse próximo à estátua que fora construída alguns anos após sua morte. A imagem, a seguir, mostra o lugar, onde se encontra o corpo intacto do papa.

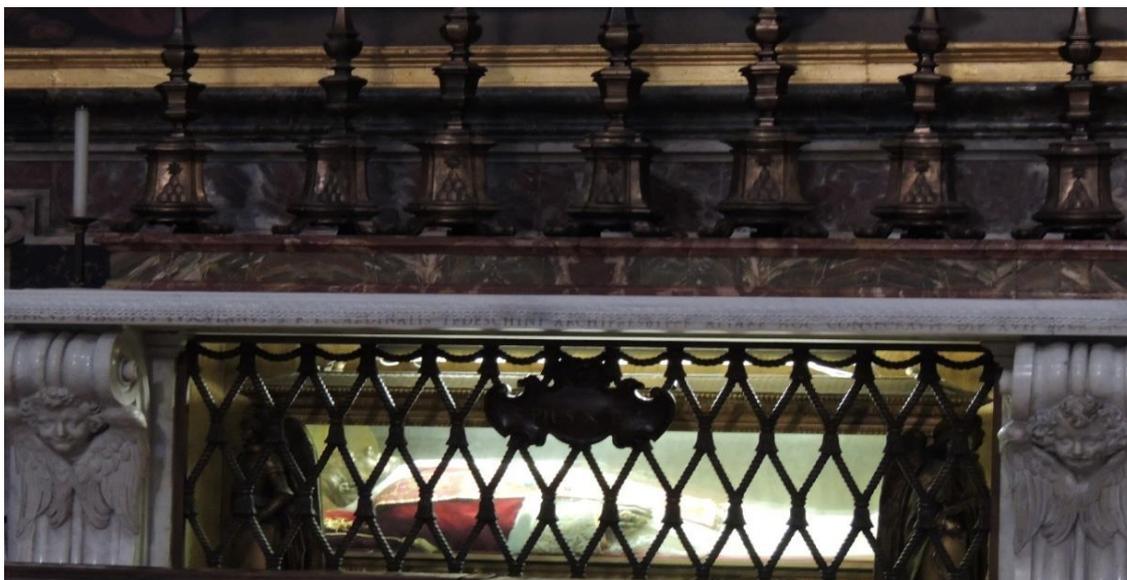
Fotografia 41: Espaço para os devotos prestarem suas homenagens



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, novembro de 2017.

A partir da fotografia é possível vermos o local que em que se encontra a tumba do Papa Pio X - o espaço é grande, mas o máximo que podemos nos aproximar é nas divisões de mármore. Ao olharmos, vimos o corpo exposto na tumba de vidro, e, curiosos para perceber mais detalhes, utilizamos o zoom da câmera para fazermos o registro.

Fotografia 42: Corpo do Papa Pio X



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, novembro de 2017.

O estado de conservação do corpo, os detalhes das grades de proteção e os anjos esculpidos nos deixaram impressionadas, e a cor da sua vestimenta nos traz na memória a escultura disponível na comunidade.

Assim, Salis (2013, p. 230) menciona que, “no dia 19 de maio de 1944, fez-se o reconhecimento do corpo de Pio X, transferindo-o para a capela das relíquias da Basílica de São Pedro, onde ficou exposto por três dias e sendo objecto de contínuos momentos de oração por parte dos fiéis” e desta maneira “[...] no dia 10 de março de 1945, depois do encerramento da Basílica, colocou-se o féretro de Pio X num lóculo na parede direita da capela da Apresentação, bem perto do monumento a este Papa que já existia desde 1923”. A lápide existente, indica que naquele lugar está: “Pius Papa X”.

Logo, o povo clamou por sua canonização. Porém, somente foi beatificado no dia 03 de junho de 1951, sendo que a canonização exigia a verificação de dois milagres. Pouco tempo depois, constatou-se um milagre, em novembro de 1951, e outro em fevereiro de 1952.

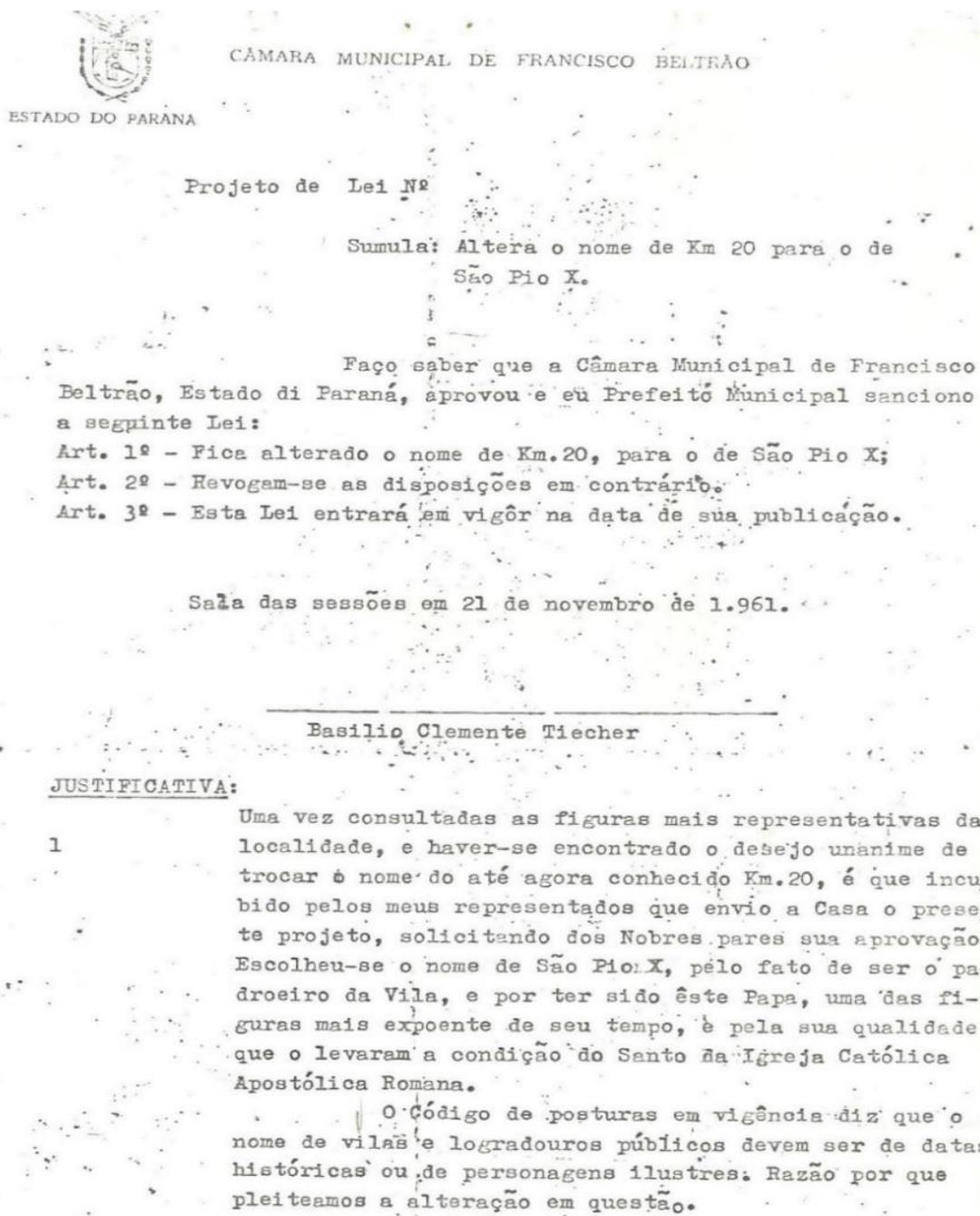
Após estudos dos casos, Pio XII aprovou, no ano de 1954, os milagres e declarou que estava tudo pronto para a canonização, sendo marcada para o dia 29 de maio de 1954. Salis (2013, p. 234) afirma que “a festa litúrgica de São Pio X ficou marcada para o dia 3 de setembro”, e nesta data acontecem as festividades em vários lugares que lhe prestaram homenagens.

Além disso, como se sabe, nos dez anos posteriores à sua canonização, houve uma grande difusão da devoção a São Pio X, pelo que muitas paróquias lhe foram dedicadas, muitas dioceses o têm como copadroeiro, vários seminários levam o seu nome (SALIS, 2013, p. 222).

Não diferente aconteceu com a comunidade São Pio X. Depreende-se que, assim que aconteceu sua canonização, alteraram através de um projeto de lei o nome da comunidade como maneira de homenagear o Santo.

Por não conseguirmos identificar o motivo da escolha do santo padroeiro, temos como hipótese que, após a canonização do Papa (1954), ocorreu na comunidade a autorização para o oratório se tornar igreja (1959), e, pelo fato de o Papa ser da região da Itália, resolveram fortalecer a raiz italiana.

Documento 1: Alteração de nome da comunidade



Fonte: Arquivo da Escola Municipal Basílio Tiecher, 2017. Acesso 27 de Junho de 2017.

Por mera coincidência ou já com um propósito, sete anos após a canonização, a comunidade mostrou interesse em ter mais um nome, além do já utilizado. Localizamos no Regimento da Escola Basílio Tiecher (Francisco Beltrão, 2012), a informação de que no ano de 1961, as lideranças locais estavam com o desejo de mudar o nome da comunidade do km 20, para São Pio X, em honra ao Papa e padroeiro da igreja da comunidade.

Desse modo, através do projeto de lei encaminhado pelo então vereador e subprefeito, Basílio Clemente Tiecher, à Câmara Municipal de Vereadores de Francisco

Beltrão, aprovou-se a lei de alteração do nome da localidade, reconhecida, a partir de 21 de novembro de 1961, como São Pio X. Percebemos, nesse momento, a influência da religião na comunidade, tendo em vista que seu nome foi modificado em respeito ao santo padroeiro.

Segundo Salis (2013, p. 232), “[...] as virtudes e as ações mais notáveis que se mencionam durante os festejos pela beatificação de Pio X, imediatamente sobressaem alguns pontos. Em primeiro lugar, a virtude da humildade, a sua afabilidade, a sua caridade e as virtudes próprias do bom pastor”. Percebemos que os festejos, em honra ao santo, acontecem todos os anos na comunidade. Assim, Marques afirma:

[...] as festas em homenagem ao santo também são momentos de encontros de moradores, de divisar parentes que moram distantes, de rever “antigos” que, pela idade, já não circulam mais nas áreas públicas do bairro, de conferir a forma como os vizinhos se arrumam (roupas, cabelos, e mesmo comportamento...) para participar da festa. É nesse movimento que a imagem do santo é ícone, não somente religioso, mas elemento importante para manutenção daquele espaço de socialidade. A circulação da imagem, presença autorizada pelos moradores, é índice de um tempo que se repete, que marca a perduração (MARQUES, 2010, p. 112).

O santo é importante para a comunidade, mas ainda mais importante do que o santo é o fato de que as festividades em homenagem a ele, tornam-se espaços de socialidade para os moradores da comunidade, bem como para os demais grupos. A participação na festa e os modos como estes moradores se organizam para preparar as comemorações são elementos importantes para pensarmos na identidade que assumem.

Encontramos na residência de alguns moradores junto com o arquivo das fotografias, os convites para festa do padroeiro da Capela, tendo a imagem do santo São Pio X na frente e no verso a programação da festa. Para os moradores, ter uma imagem do santo em suas casas, é sentir-se, por ele, protegidos (Diário de Campo, 07/07/2016).

Sobre a questão, Silva (2010, p. 270) comenta que “assim como guarda-se fotos de pessoas queridas que já morreram, a Igreja Católica tem por costume usar imagens ou fotografias de seus santos para que os devotos possam fazer suas orações”. As pessoas que seguem estes costumes, depositam confiança, fazem pedidos, dedicam momentos de orações aos santos.

Não encontramos nas residências quadros ou esculturas do santo padroeiro, talvez até pela dificuldade de encontrar qualquer tipo de acessórios religiosos dele, pois buscamos nas lojas de artigos religiosos mais completa da cidade de Francisco Beltrão e só dois itens estavam disponíveis, sendo um livro de novena e uma fotografia.

A seguir, uma fotografia disponibilizada pelo entrevistado, na qual percebemos a escultura de São Pio X.

Fotografia 43: Primeira eucaristia na comunidade – há mais de 33 anos



Fonte: Acervo Guilherme Gasparin, julho de 2016.

Esta fotografia é importante para a pesquisa, por ser um registro proposital do fotógrafo, onde buscava eternizar tal momento da memória de cada participante. Ao fundo da imagem percebemos, no lado direito, a presença do Santo e a simbologia que ele carrega.

Salis (2013, p. 232) argumenta que [...] a característica mais específica e singular do beato Pio X era ser o Papa da Santíssima Eucaristia, referindo-se expressamente à medida que adiantou a idade da primeira Comunhão, permitindo que fosse dada também às crianças”. Tal possibilidade de se permitir que as crianças recebessem a comunhão, unida aos relatos de milagres para com as crianças, torna-o um aliado das famílias, ajudando na proteção das crianças.

Assim, Iotti corrobora que:

De maneira geral, o imigrante italiano era católico e religioso. Igrejas, escolas, seminários, capelas e jornais clericais foram as principais instituições culturais e políticas, sobretudo no mundo rural. A capela congregava. Cada uma delas era consagrada a um Santo padroeiro. Uma vez por ano, os moradores da região reuniam-se para homenageá-lo. Eram as sagras: São Roque, São Valentim, São Pedro, São Marcos, Santa Justina, Santa Corona, e tantos outros. Os colonos organizavam-se em comunidades em torno das capelas e elegiam diretorias, os “fabriqueiros”, que coordenavam as atividades religiosas e sociais das linhas (IOTTI, 2010, p. 78).

Concordamos com a autora e relatamos que a comunidade, organizada por estes colonos migrantes, edificou a igreja com recursos próprios, escolheu o santo que seria o padroeiro e, para tanto, realiza uma festividade para homenageá-lo, além de arrecadar fundos para a manutenção da igreja.

Um fato que nos chamou a atenção foi a devoção destas pessoas pela Imagem de Nossa Senhora Aparecida, pois em muitas residências, na frente de suas casas, uma pequena gruta é preparada para acolher esta imagem, inclusive correntinhas e anéis desta santa são utilizados pelos moradores. Nossa Senhora da Aparecida é a santa padroeira da Paróquia do Bairro Alvorada, na qual a igreja da comunidade em estudo pertence, sendo que, durante as pesquisas, percebemos que a imagem percorre as comunidades, e, por onde passa, grande recepção é preparada, unindo um significativo grupo de pessoas.

De maneira em geral, observamos forte devoção das pessoas, em relação às imagens e a santos, pois ao chegarem para a celebração dominical, algumas pessoas passavam em frente à igreja e caminhavam em direção à gruta na lateral da igreja. Ao chegarem, o sinal da cruz era feito; em seguida, de joelhos, alguns minutos de oração, antes de finalizarem tocavam a mão sobre a imagem e, com o sinal da cruz, voltavam em direção à entrada da igreja (Diário de Campo, 10/07/2016).

Fotografia 44: Gruta da Comunidade São Pio X



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, julho de 2016.

Buscamos nos Livros Atas da igreja, informações sobre a data de construção da gruta e constatamos que, no ano de 2001, a diretoria, juntamente com a contribuição de todos os sócios da comunidade, iniciou a construção, mas por não ter dinheiro em caixa

não conseguiu acabar no respectivo mandato. Foi com a nova gestão de 2002 – 2003 que a gruta foi concluída.

De acordo com os registros encontrados na Ata Nº 12/2003 “a gruta foi inaugurada no dia 16 de fevereiro de 2003”, presidida pelo padre Niversindo Prigol, o qual deu a bênção nas imagens. Após a celebração, foi servido um almoço para os sócios colaboradores. A gruta feita de pedras com pequena fonte de água, é um local utilizado pelos moradores para que nela demostrem suas crenças e devoções.

Quando queremos conhecer os hábitos, crenças e costumes de um grupo, precisamos perceber as religiões e tradições que compõem a rotina destas pessoas. A religião mostra-se importante na construção da identidade deste grupo, pois manifestar as tradições e culturas não é tarefa fácil, mas que o grupo busca manter. Assim, a seguir apresentamos a escola e sua contribuição para as identidades.

3.3 Educação e Identidade: a escola como espaço de socialidade

Somos, enfim, o que fazemos para transformar o que somos. A identidade não é uma peça de museu, quietinha na vitrine, mas a sempre assombrosa síntese das contradições nossas de cada dia
(GALEANO, 2015).

Fotografia 45: “Quem somos” - Atividade realizada pelos professores da Escola Basílio Tiecher



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, julho de 2017.

Compreender quem somos, faz parte da identidade que assumimos durante a vida, as posturas que reconhecemos e os diversos marcadores sociais que assumimos como reguladores da vida coletiva. Dessa maneira, a escola tem lugar central nos processos de identidade e identificação.

Realizamos várias visitas no ambiente escolar durante a pesquisa, em dias e horários diferentes, mas, de modo especial, ressaltamos a segunda-feira, dia 24 de julho de 2017, por considerarmos as observações importantes e condizentes com a discussão proposta na dissertação.

Chegamos às sete horas da manhã, para percebermos o movimento de chegada dos alunos e professores. No saguão principal, já estavam algumas crianças aguardando pelo horário de início das aulas. Aos poucos, os ônibus começaram a chegar, paravam em frente à escola e as crianças desciam e adentravam o portão. Os espaços foram tomados pelas crianças, as conversas iam aumentando, entre sorrisos, empurrões, caras de sono e desânimo, todos aguardavam pelo início das aulas.

Às sete horas e trinta minutos, ouvimos o tão esperado barulho, em movimento de organização, filas começaram a aparecer e os professores saíram da sala onde estavam e se dirigiram para as turmas em que ministrariam as disciplinas. Assim que todos os alunos entraram em suas salas, fomos convidados a adentrar na sala dos professores. Com o Diário de Campo, em nossas mãos, anotamos vários elementos que consideramos importantes, sendo um deles o momento em que olhamos para os cartazes que estavam expostos nas paredes da sala, com o título “quem somos”. Ao observarmos o que estava escrito nas quatro cartolinas, a última teve maior destaque.

Fotografia 46: Destaque para as informações do tronco do cartaz



Fonte: Registro, Aline Tortora de Oliveira, julho de 2017.

Ao vermos tais palavras ficamos instigados em saber mais sobre a proposta desenvolvida pelos professores, pois associamos tais palavras aos assuntos abordados na pesquisa. Perguntamos para a diretora Edna Tiecher, e ela explicou que a atividade foi desenvolvida no início do ano letivo de 2017, que se baseava na influência da escola durante a formação dos alunos, sendo que os professores precisavam representar estas características a partir do desenho de uma árvore.

Nos desenhos, a intenção das raízes era que os professores expressassem o que era preciso para que os alunos se desenvolvessem. Percebemos nos cartazes que foram ressaltados aspectos, como humildade, companheirismo, responsabilidade, Deus, família, educação, professores e colegas, boa convivência e amor.

No tronco, a proposta era identificar o que era preciso para possibilitar uma formação respeitando as diferenças. Na primeira cartolina da direita estava escrito: família, religião, conhecimento, cultura, trabalho e experiências da vida.

Pensar que a identidade é formada a partir das diferenças, e a preocupação que os professores demonstram em respeitar as diferenças dos alunos é o que torna possível afirmar que a escola é ambiente de construção da identidade.

Nas folhas e frutos, precisavam destacar o que gostariam de compartilhar com os alunos e o que eles seriam capazes de conquistar através de tais conhecimentos. Encontramos, então, as palavras: formação, equilíbrio, qualidade de vida, superação, reconhecimento e independência. Os alunos são os protagonistas de suas ações e seus princípios, podendo, por meio da escola, construir a identidade (Diário de Campo, dia 24 de julho de 2017).

A identidade cultural é também uma propriedade que as pessoas têm de construir, reconhecer e afirmar quem são e a que lugares pertencem. Sentimos que este local, fez e faz parte da vida dos jovens da localidade, pois durante nove anos frequentamos este ambiente e, por isso, marca de forma indelével a vida dos sujeitos.

Retornar como pesquisadora, fez com que a palavra gratidão estivesse em nosso discurso. Gratidão pelos ensinamentos, aprendizados, inquietudes e curiosidades que a escola proporcionou. Voltamos a este lugar, com propósitos diferentes, querendo enfatizar o percurso empreendidos pelos moradores e a necessidade de se construir uma escola na comunidade.

3.4 Surgimento da Escola na Comunidade

A partir da instalação da CANGO, na Vila Marrecas, houve grande incentivo no processo migratório e muitas famílias vieram para o Sudoeste do Paraná. Com isso, percebemos o aumento da população e de crianças em idade escolar. Quando as famílias chegavam, a CANGO fazia o cadastro, registrando o número de pessoas analfabetas e alfabetizadas. Mas o objetivo principal era saber se as crianças e jovens estavam em idade escolar, e constatou-se que a grande maioria não tinha escolaridade.

Sobre a questão, Cattelan (2014, p. 63) aponta que “somente $\frac{1}{4}$ da população era alfabetizada ou teve algum tipo de contato com a escola”, sendo estes dados utilizados para justificar a construção de escolas rurais. Criou-se um decreto para garantir acesso às escolas primárias, mantidas pela Colônia e, geralmente, eram as pessoas das comunidades que escolhiam o local para construir a escola.

A primeira escola criada pela Colônia iniciou suas atividades em 1948, sendo considerado um marco para o progresso do Sudoeste, pois a partir desta, outras escolas rurais começam a ser construídas, possibilitando educação para os filhos dos colonos. Cattelan (2014), afirma que:

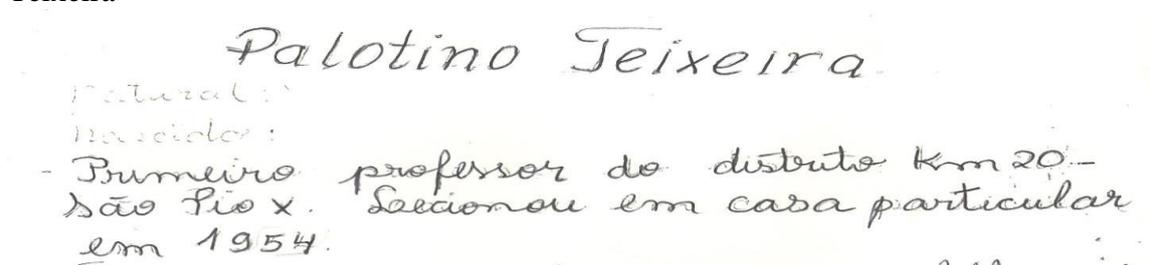
A construção das escolas rurais e a manutenção das mesmas, em toda a Colônia, representou um avanço para a região, pois naquele período o interior do Paraná e principalmente a região do Sudoeste, ainda dispunha de pouquíssimos locais para a escolarização das crianças, e os poucos que contavam, as condições eram precárias (CATTELAN, 2014, p. 92).

As primeiras escolas que existiram ocupavam o espaço das residências dos professores, as chamadas Casas Particulares, entretanto, por não terem registros tais informações foram esquecidas. Somente depois da preocupação da CANGO, construiu-se as escolas rurais documentadas. Era com os recursos da comunidade e materiais disponíveis que se ergueram as primeiras escolas.

Com tal discussão, é importante ressaltarmos que encontramos, no PPP da Escola Basílio Tiecher, informações sobre a primeira escola na comunidade do km 20, as quais corroboram que ela surgiu em março de 1954. O primeiro professor foi o senhor Palotino Teixeira, e as aulas eram ministradas, para uma turma, na sua residência. Em contrapartida, o documento disponibilizado pela Secretária de Educação, escrito a mão, identificado por registro nº 8, afirma que o “Centro Escolar “Basílio Tiecher”, foi criado e instalado em 1952”, dois anos antes da data citada no PPP da escola. Buscamos mais

documentos na escola, e encontramos mais manuscritos, o que reforça que o primeiro professor lecionava em casa particular, em 1954.

Fotografia 47: Informação sobre o primeiro professor da Comunidade – Palotino Teixeira



Fonte: Arquivo da Escola Municipal Basílio Tiecher. Acesso dia 27 de junho de 2017.

O documento sobre a história da escola destaca Palotino Teixeira, como primeiro professor da comunidade e, da mesma maneira, a entrevistada Maria Trindade Tiecher, afirma que “[...] o primeiro professor foi o Palotino Teixeira, ele morava aqui no 20, [...] ele era meu cunhado, mas daí ele foi dar aula no 14 [...]” e “acho que era em 1956 por aí, [...] a escolinha onde eu estudei de 1º a 4 série, era uma salinha só, bastante aluno, depois construíram mais um com duas salinhas, mas sabe tudo humilde.”

O PPP da escola faz menção que foi construída uma instituição de ensino com uma sala de aula, e o professor Palotino permaneceu lecionando neste local até 1957. Na sequência, houve a necessidade de se ampliar a edificação, sendo construídas mais algumas salas de aula e, com incremento no número de alunos, ocorreu a necessidade de contratação de mais professores.

Nesta época, os professores, geralmente, sabiam ler e escrever e gostavam de estudar, as quais consistiam em qualidades consideradas relevantes pelos moradores para determinar a capacidade de lecionar. Cattelan (2014, p. 176) informa que “na década de 1940 e início da década de 1950, os professores, em sua maioria, eram leigos, ou seja, não apresentavam nenhuma titulação superior ao ensino primário convencional”. A afirmação toma por base as narrativas da entrevistada que foi professora na comunidade, “[...] estudei até a 4º série e comecei a dar aula no 20” (Km – 20), só lecionava no período da manhã “e quando eu casei deixei de ser professora”. Em relação aos alunos, ela conta que “[...] eram bem pobrezinhos, e todos eram da comunidade, a escola era de madeira, tinha bastante alunos e eram comportados” (Erydes Tiecher Celuppi, 20/06/2017). Os professores, mesmo com pouca escolaridade, eram os responsáveis pelo processo formativo oferecido na educação escolar.

Percebemos que o entrevistado Guilherme Gasparin relata sua experiência educacional, afirmando:

[...] eu fui na aula lá dois anos lá pertencendo a Vila Maria, perto de Marau. Fui dois anos na aula e não consegui ver a professora dez vezes, ela costurava num quarto separado da escolinha, daí ela mandava um rapaz de 14 anos fazer conta e passar pra nois, mas tu não sabia nada, sabia nada. Daí os pais se revoltaram, daí aquela professora saiu, e daí veio outra professora. Com esta eu tive quarenta dias de aula, parecia que eu sabia tudo, tudo, de tanto que ela ensinava. Eu aprendi com esta professora quarenta dias, coisa seríssima. [...] Daí quando nois viemo pra cá, fiquemo tempo no meio do mato sem estudar. Depois quando eu tinha 12 anos, comecei a estudar de novo. Nós era em 63 crianças que estudavam no Palmeirinha. Eles me chamava de professor com 12 anos, porque eu dava aula 45 minutos nesta escolinha, porque a professora ia fazer almoço, mas ela preparava a aula e eu passava no quadro e passava tudo pras crianças, que a gente começou no começo com a professora Jacir Bussato. [...] Não sei se tinha algum registro, porque era numa casa particular, na casa de família, então essa casa de família tinha a professora, daí eu não sei como é que ela ganhava se era alguma coisa da CANGO, isso eu não posso te passar porque eu não sei. Ali eu fiz até a terceira série, depois teve outra escolinha ali no km 23 que a gente estudou lá bastantinho também, daí onde que foi subindo mais, e depois o mobral aqui no 20 (Guilherme Gasparin, 07/01/2016).

A confiança depositada pelo professor no aluno possibilitou tamanha realização do entrevistado em afirmar que ele foi chamado de professor com 12 anos de idade. Ele afirma que frequentou vários espaços escolares, mas “foi na comunidade do km 20, que conclui a 7º série através do Mobral”. Percebemos que quando ele veio de Marau, ficou tempo sem estudar, por estar no meio do mato e não haver escolas e professores, próximos à sua casa. Tais dificuldades foram sanadas quando as primeiras escolas particulares foram criadas, e, mesmo sem registro, ofereciam educação formal para estas crianças. Na comunidade do Km 20, a escola que foi criada em 1954, oferecia da 1º até a 4º série, do Ensino Fundamental e recebeu o nome de Basílio Tiecher,

[...] em homenagem ao patrono Basílio Clemente Tiecher, nascido em 10 de janeiro de 1904, na cidade de Passo Fundo, Rio Grande do Sul. Basílio Tiecher foi vereador no período de 1956 à 1960⁵⁵, na gestão de Rubens Martins fazia um trabalho não remunerado. Segundo depoimentos de pessoas da comunidade que se relacionava com o Senhor Basílio, o mesmo era um homem de bom caráter, honesto e de hábitos simples, bem relacionado, alegre, de muitos amigos e defendia a educação (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO, 2012, p. 4).

Na escola, encontramos, na sala da direção, o quadro emoldurado com a fotografia do patrono Basílio Tiecher. Ele defendia a educação e, por ser um líder influente na

⁵⁵ Segundo Niederheitmann (1986, p.70), o prefeito Dr. Rubens da Silva Martins assumiu a gestão no período de 05/02/53 a 13/12/56 e, posteriormente o Sr. Angelo Camilotti assumiu no período de 14/12/56 a 13/12/60. Dessa maneira, concordamos com a informação apresentada por Niederheitmann, o que indica que a informação do Projeto Político Pedagógico (PPP) precisa ser alterada.

comunidade, nomearam a Escola em sua homenagem. A seguir, a fotografia com algumas descrições sobre quem foi o Basílio Tiecher.

Fotografia 48: Quadro exposto na Escola Basílio Tiecher – O patrono



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2016.

Perguntamos para a entrevistada, Erydes Tiecher Celuppi, quem foi Basílio Tiecher, e ela afirmou “ele era meu pai”, porém quando pedimos para ela falar sobre ele, ela respondeu “ele durou muito pouco ali no colégio, coitado ele morreu novo, [...] não sei nem falar sobre ele”. Por vezes, tentamos retomar o assunto, mas ela nos respondia outras coisas ou afirmava que não lembrava.

Segundo Cattelan (2014, p. 27), “as escolas foram mantidas pela Colônia até meados de 1957, a partir de então, a manutenção ficou sob responsabilidade do município de Francisco Beltrão, bem como o quadro de professores”, sendo que, até 1957, foram construídas 27 escolas rurais primárias.

A partir do momento em que a CANGO finalizou sua principal função de distribuir e dar suporte aos migrantes, precisava diminuir suas despesas. Foram, então, exonerados 26 professores, no ano de 1957, mediante comunicado que, devido a um convênio com o Executivo Municipal, estes seriam admitidos pelo prefeito, passando a servidores do município. Martins (1986, p. 291) menciona que “várias escolas, instaladas pela Colônia, foram extintas, sendo seus professores exonerados”, e, a partir da portaria nº 6 de 4 de janeiro de 1957, Cattelan organizou um quadro com os nomes desses exonerados e na lista consta o nome da entrevistada “Erides Amalia Tiecher⁵⁶” (nome de

⁵⁶ O nome da entrevistada nos documentos atuais é Erydes Tiecher Celuppi, antes do casamento seu nome era Erydes Amália Tiecher. Quando o nome estiver com grafia diferente é porque mantemos tal qual como

solteira) e Palotino Honorato Teixeira, primeiro professor da Comunidade. Devido aos problemas de memória da entrevistada, não conseguimos ampliar informações sobre o processo de exoneração. Cattelan, em outro quadro, apresenta as 27 escolas criadas pela CANGO até o ano de 1957, ressaltando o local e professor que atuava. Neste quadro, a escola Basílio Tiecher é referida como escola número “12”; Local: Km 20; Professora: “Erides Amalin Tiecher”. No quadro, consta também que a escola de número “16”; Local: Sede do Km 14; tinha como professor: Palotino Honorato Teixeira. Percebemos com estas informações, que, as afirmações de Maria Trindade sobre Palotino ter dado aula no 14, coincidiram com os documentos analisados por Cattelan.

Ainda, sobre os primeiros professores da comunidade, encontramos em um documento manuscrito a informação de que, após o professor Palotino, os seguintes professores lecionaram: Nelci T. Viana, Eurides Tiecher, João Carlos de Castro, Santana Erculano, Ivan, Trindade Tiecher e Ione Tiecher.

Em relação aos professores, Maria Trindade Tiecher esclarece: “[...] depois que ele saiu (Palotino Teixeira), veio a professora Nelci Viana e depois foi minha cunhada Erydes Tiecher e depois veio outras, [...] eu também fui professora durante seis anos na comunidade”. Deixou de ser professora quando casou, mas a função permaneceu na família, visto que sua cunhada assumiu a função docente.

Sobre a estrutura e professores da escola, Aurélia Becchi Bosio comenta que “[...] era uma escolinha tão pequeninha assim de madeira, só até 4º série, [...] as professoras da época eram a [...] Ivanir do português a Zenaide Vivian, eram as primeiras depois entrou a Lurdes Carborin, Mariza Lazarotto - (mulher do mano), a Ivone [...] e a Santina Salmória, era do tempo da Zenaide”. Levamos em consideração que a entrevistada mora na comunidade há 46 anos, e, quando ela chegou, estas são as lembranças sobre a escola do lugar.

A entrevistada Zenaide foi professora, inicialmente, na comunidade do km 23, casou-se em fevereiro de 1968, “[...] e março de sessenta e oito, daí me transferi pro Km-20, meu marido morava ali e daí eu comecei a dar aula em março ali na escola. As professoras daquela época, fora eu tinha Ione Tiecher, Ivani Olm Bráz, naquela época eram essas aí”, que já estavam na escola.

No dia e horário marcado fomos até a casa da Zenaide para realizarmos a entrevista, ela nos esperava com algumas fotografias que possuía sobre a escola. Realizamos a entrevista com o senhor Guilherme Gasparin, em 2016, sendo que ele

a referência das informações. Ressaltamos que depois do casamento ela deixou de ser professora e por este motivo os documentos utilizavam o seu nome de solteira.

também tinha a mesma imagem, cedendo-nos esta fotografia, pois, seu filho era aluno da professora Zenaide, para tanto, utilizamos o arquivo dele. Está é a primeira fotografia que encontramos sobre a estrutura da escola. Provavelmente, seu registro aconteceu posteriormente o ano de 1968, ano em que a professora iniciou na escola da comunidade.

Fotografia 49: A escola de madeira: alunos acompanhados da professora Zenaide Vivian – (1968)



Fonte: Acervo pessoal Guilherme Gasparin, julho de 2016.

Nesta fotografia podemos perceber que as crianças tinham tamanhos parecidos, eram alunos de 1º a 4º série. Percebemos as janelas e as paredes de madeira, e podemos, assim, ter noção do tamanho da escola.

A Professora Zenaide (a primeira, acompanhada de uma criança menor), trabalhou na comunidade até a data da aposentadoria, suas narrativas são importantes para percebermos a rotina e organização da escola nesta época. Sobre o lanche,

[...] da piazada, nós nem tinha um fogão, nos fazia lá fora em cima de duas pedra, fazia um fogo colocava a panela lá e só vinha aquele leite em bolsa que era leite de soja, difícil de fazer, então a gente se virava daquele jeito lá. Não tinha merendeira não tinha zeladora, você era tudo: você era professora, zeladora e merendeira. Era assim, puxava água de poço com balde, porque não tinha água encanada (Zenaide Maria Vivian, 21/06/2017).

Ser professor significava executar todas as funções que a escola demandasse, tinha de preparar os alimentos, abastecer a escola com água, fazer o planejamento, lecionar e ainda almejar que todos aprendessem da melhor maneira possível. Isto só mudou após a implantação do 1º grau (atualmente anos finais do Ensino Fundamental), com mais infraestrutura, contratou-se mais profissionais, e o professor deixou de fazer todas as atividades executadas anteriormente.

De acordo com Niederheitmann (1986, p. 87), na gestão do prefeito João Batista de Arruda (1977 a 1983), a prefeitura Municipal procurou proporcionar à população melhorias na educação, através da “[...] implantação do 1º grau completo nos distritos de Jacutinga e São Pio X e nas localidades de Rio Tuna, Secção Jacaré e Ponte Nova do Cotegipe [...]”, sendo assim, a escola passou a receber alunos para o 1º grau.

A partir da publicação do Decreto nº 926⁵⁷, em 26 de julho de 1975, ficou autorizado o funcionamento do 1º grau, na Escola Basílio Tiecher. A implantação de 5ª a 8ª séries aconteceu no ano de 1977. O fato de ter na comunidade o 1º grau foi uma conquista para os moradores da comunidade, porque, antes disso, as crianças dependiam de meio de transporte ou até mudar de residência para continuar os estudos na cidade. Para grande parte dos alunos os estudos acabavam quando se concluía a 4º série.

Segundo Zenaide, “[...] mais tarde, quando a escola mudou que era só de primeira à quarta, no ano 70 daí começou, construíram escola nova com mais sala, daí aumentou o número de professores, daí começou a vir professores de Beltrão”. Para ela, foi no ano de 1970 que ocorreu a implantação do 1º grau, mas no PPP da escola, “em 1977 houve a implantação de 5º a 8º séries [...]”, e, tal fato, foi importante para os moradores da comunidade e circunvizinhança. Nesse período, construiu-se a escola de alvenaria para comportar maior número de alunos. Por meio das fotografias apresentadas é possível perceber a evolução da escola no decorrer dos anos.

Fotografia 50: Construção da escola de alvenaria - (1980)



Fonte: Acervo pessoal Zenaide Maria Vivian, junho de 2017.

A estrada de acesso à escola era de terra. Assim, a fotografia nos mostra o cuidado que as pessoas tiveram em colocar as pedras pintadas com cal, para delimitar o espaço de passagem e o lugar para plantio de flores, buscando embelezar a escola.

⁵⁷ Informações disponibilizadas pela Secretária de Educação de Francisco Beltrão.

Durante entrevista com Mario Tortora ele afirmou “[...] eu construí diversos grupos escolares aqui da cidade, na época que era difícil, muito difícil...para plainar alguma madeirinha tinha que ser até a mão como diz o caso, fiz diversos colégio para prefeitura, em diversos lugares, no 20, no 14, no Palmerinha, diversos e diversos, Vila Lobos e não sei quantos aí afinal”, e ainda “[...] eu era o construtor do seu Alaor Prata Martins, ele era o nosso Engenheiro, nosso contratante e daí também não era tão fácil não, era difícil, muito difícil e falta de materiais e falta de gente que sabiam trabalhar. A gente se esforçava bastante, mas foi feito”.

Zenaide afirmou que, no mesmo dia em que foi fotografada a entrada da escola, ela reuniu seus alunos na parte de trás da escola para registrar tal momento, eram alunos de todas as idades.

Fotografia 51: Alunos da professora Zenaide Vivian - (1980)



Fonte: Acervo pessoal Zenaide Maria Vivian, junho de 2017.

A imagem informa a diversidade das vestimentas utilizadas pelos alunos. As melhores roupas eram colocadas para ir à escola nesta época. Lembramos, então, que desde que iniciamos os estudos, nesta escola, utilizamos uniforme escolar, e ver os alunos podendo usar a roupa que quisessem, traz à nossa mente a tamanha felicidade que sentíamos quando a diretora liberava o dia em que não precisava usar o uniforme. A entrevistada ressalta:

[...] eu fui diretora também na escola do 20 - (Km-20), por 8 anos e eu era bem exigente isso falo a verdade. Não gostava de conversa em sala

de aula, que aquela época a piizada tu dizia silêncio eles faziam silêncio, então eles me enxergavam... e eu vinha vindo, podia ter correria em roda da escola, a diretora vem vindo, era um sossego. Eu nunca tive problema com pai de alunos, não tive problemas com alunos [...] (Zenaide Maria Vivian, 21/06/2017).

Por oito anos ela foi responsável pela direção da escola, e afirmou ser exigente com os alunos, mas, ao mesmo tempo, relata que valorizava o esforço e dedicação dos discentes, porque eles gostavam de frequentar a escola.

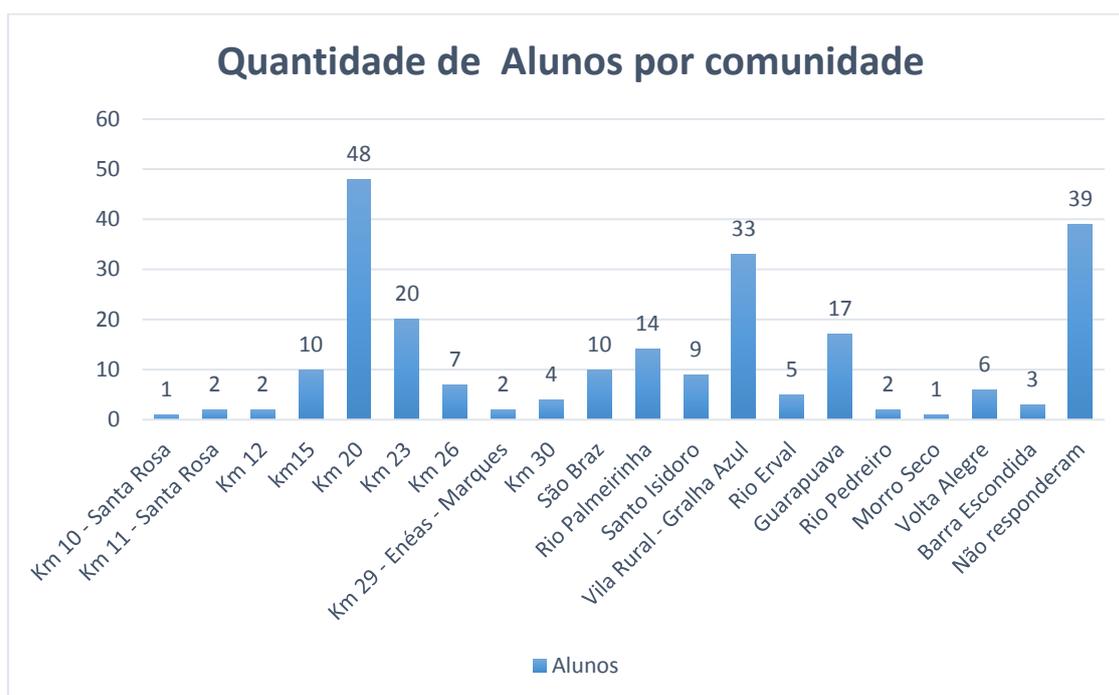
De acordo com as informações apresentadas no PPP da escola, percebemos que “em 1997, houve a nuclearização das escolas rurais. A Escola Basílio Tiecher recebeu alunos de 13 comunidades. Em 2000, mais uma comunidade se integrou formando um núcleo com 14 comunidades mais a sede, totalizando 15”. Percebemos que, a partir do crescimento da cidade, algumas famílias abandonaram a vida no meio rural, deixando as comunidades, cada vez, com menos moradores. Para o município, continuar mantendo todas as escolas existentes e professores, com a baixa quantidade de alunos, tornou-se inviável, sendo esta justificativa utilizada para o fechamento das escolas rurais.

Percebemos que, a partir do fechamento das escolas rurais, a escola Basílio Tiecher, recebeu alunos de diversas comunidades, isso também devido à instalação do 1º grau, no qual as demais que fecharam não possuíam. No PPP da escola (2012, p. 4 - 5), encontramos a afirmação que, dia 11 de outubro de 2000, a partir da resolução nº/2000, a “Escola passou a denominar-se Escola Municipal Basílio Tiecher Educação Infantil e Ensino Fundamental”, e atenderia “[...] as comunidade de Km 30, Km 26, Km 23, Km 15, Km 12, Rio Guarapuava, Barra Escondida, Volta Alegre, Rio Pedreirinho, Santo Isidoro, Vila Rural Gralha Azul, Rio Palmeirinha, São Braz”. A construção do PPP aconteceu em 2012 e, com isso, atualizamos a quantidade de aluno por comunidade. A direção informou que a escola contava com 235 alunos matriculados no ano de 2017, nos turnos da manhã e tarde.

Para sabermos qual era o número de alunos por comunidade, aplicamos um questionário para todas as turmas e, dois dias após a data de aplicação, buscamos com a direção e contabilizamos as informações⁵⁸.

⁵⁸ Entregamos 235 questionários, para todos os alunos e turmas da escola, sendo que 39 alunos não devolveram.

Gráfico 4: As Comunidades que compõem o número de alunos da Escola Basílio Tiecher.



Fonte: Questionário entregue aos alunos. Organização: Aline Tortora de Oliveira, 2017.

Atualmente são 19 comunidades atendidas no ambiente escolar, além das 15 já mencionadas anteriormente, outras localidades também foram inseridas na escola. Embora haja a distância entre o local de residência e a escola, os alunos utilizam o transporte escolar fornecido pela Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão. Apenas os alunos que moram próximos da escola não fazem uso do transporte escolar.

No decorrer dos anos, a escola melhorou a estrutura física para tornar-se um ambiente mais receptivo aos alunos. Sobre isso, a entrevistada Cleide Vissoto Prolo, professora da escola, formada em geografia e diretora desta escola por 7 anos, afirma “quando assumi a escola a estrutura era precária e já tinha tido ampliações [...] na minha época era máquina de datilografia, eu trabalhei de secretária da escola e fazia os históricos escolares com a máquina de datilografar, e se errasse precisava começar desde o início. Eu comprei a primeira máquina fotográfica, para escola para registrar os momentos mais importantes”.

Consultamos o acervo fotográfico da escola Basílio Tiecher, e destacamos que a aquisição da máquina fotográfica, mencionada pela entrevistada, foi de extrema importância para o registro de acontecimentos realizados pela escola. As fotografias estão organizadas na sequência em que foram registradas, com o nome da atividade. Salientamos que faltou a data de registro e, dessa maneira, aquelas que foram escolhidas como entrevistadas desta dissertação, afirmaram supostas datas, sendo que, por este

motivo, ao lado de cada fotografia, referente à escola, colocamos a data provável de registro. Na fotografia, a seguir, percebemos a escola na qual a entrevistada se refere.

Fotografia 52: A escola com sua primeira reforma – (1990)



Fonte: Arquivo da Escola Basílio Tiecher. Acesso dia 27 de junho de 2017.

Percebemos, a partir da fotografia, uma grande modificação na aparência da escola, muros, acesso de entrada com cobertura e escadas foram construídas, árvores plantadas e pintura foi realizada. E, além disso, a fotografia é colorida, o que faz perceber as cores branco e cinza nas paredes da escola que, por anos, foi assim mantida.

Com o tempo, percebeu-se a necessidade de se renovar a arquitetura neste ambiente. Afirma Cleide que “[...] durante sua gestão de diretora teve várias ampliações, no primeiro ano de mandato de Cordasso (prefeito), foi um ano de reforma”, e inauguração do novo espaço.

Fotografia 53: Escola depois da reforma: dia da inauguração - (2002)



Fonte: Arquivo Escola Basílio Tiecher. Acesso dia 27 de junho de 2017.

Percebemos que neste dia, os pais, alunos e comunidade, em geral, participaram da inauguração. A pintura foi modificada, a escada deu lugar a uma rampa com peivers, flores foram plantadas e cobertura na rampa alteradas. A escola ganhou um novo visual.

Após a inauguração, a escola permaneceu com tais características até a data das pesquisas. Mas ocorreram mudanças internas e externas, como, por exemplo, a adaptação das salas, construção de parquinho e aquisição de outras tecnologias, tais como o uso da *internet*, acesso aos computadores, impressoras, data show, sendo algumas ferramentas que vieram para auxiliar os professores. Ressaltamos que a entrevistada Cleide afirmou que “cada professor ganhou um notebook para realizarem pesquisas e planejar as aulas e isto facilitou o trabalho do professor”, pois, dessa maneira, os professores podem utilizar estes recursos tecnológicos, aproximando-se da realidade dos alunos.

Haja vista que grande parte dos alunos já tem acesso a estas tecnologias, em suas residências, fez com que os professores entrevistados relatassem que ocorreu uma diferença no comportamento dos alunos. Para alguns, ela é suporte para buscar mais conhecimento, mas para a grande maioria ela não é utilizada para fins de estudos e, ainda, atrapalha o aprendizado e desempenho dos mesmos.

Na pesquisa de Campo de 2016 registramos as mesmas características externas da escola. A seguir, podemos ver como ela estava:

Fotografia 54: Faixada da Escola Basílio Tiecher em 2016.



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, maio de 2016.

A estrutura se manteve, contudo, todos os anos encontramos outros professores e alunos inseridos neste ambiente, ambos continuam com as mesmas funções: ensinar e aprender. Mas, conforme entrevistas das professoras “precisamos também considerar aquilo que o aluno já sabe para conseguir melhores resultados”. Tal mudança no quadro de professores ocorre por serem provenientes da cidade de Francisco Beltrão, outros municípios, comunidades vizinhas, sendo que, apenas alguns ainda são da comunidade São Pio X. Já os alunos, em totalidade, são procedentes da zona rural. Moram em pequenas propriedades e a renda da família é proveniente do gado leiteiro, suinocultura, pequenos comércios na comunidade São Pio X, e prestação de serviços. Poucos vivem da agricultura, mas se utilizam dela para a subsistência familiar.

Desse modo, após conhecermos a conquista dos moradores em terem uma escola na comunidade, passaremos a escrever sobre a Fest Vin, festa que a comunidade, juntamente com membros da escola, organizou e organiza para preservar as origens étnicas dos moradores locais.

CAPÍTULO IV - A VIVÊNCIA DA FESTA E IDENTIDADE: SABERES E FAZERES

Neste capítulo, nossa intenção é escrever sobre o início da festa da cultura italiana a Fest Vin e suas dez primeiras edições - 1997 até 2006. Para isso, utilizamos informações disponíveis no Livro Ata da Associação de moradores do Distrito de São Pio X (1986 até 2017), entrevistas e publicações encontradas no Jornal de Beltrão (1997 até 2017).

A Fest Vin já acontece na comunidade há vinte e um anos (21), mas optamos por não escrever sobre todas as edições. Dessa maneira, nove festas (2007 até 2015) não serão mencionadas na dissertação. Posteriormente, à escrita das dez primeiras edições, descreveremos as festas realizadas nos anos de 2016 e 2017, pois neste período, presenciamos as atividades de preparação e realização da festa, com mais constância, buscando, assim, entender os motivos de sua permanência e os elementos que os moradores selecionam como marcadores da identidade cultural.

A festa acontece no Centro Social Ouro Verde, espaço da coletividade, cuja faixa principal tem uma aproximação com a arquitetura e cor que representa a origem italiana, sendo um espaço que pode ser utilizado por todos da comunidade, desde que auxiliem nos preparativos para a Fest Vin.

Para Marques (2008, p. 89), “as festas são momentos privilegiados, nos quais o sagrado e o profano (sobre)vivem e, enraizados no corpo social, constituem-se como expressão do desejo de estar junto”. Por acreditarmos que a festa é um espaço que reúne as pessoas e proporciona o estar junto, buscamos entender a preocupação dos moradores em afirmar a identidade étnica predominante na comunidade.

De modo geral, o município de Francisco Beltrão pode ser identificado pelas múltiplas identidades e aspectos identitários que os moradores afirmam, sendo que a festa, realizada na comunidade, é um destes marcadores. Para tanto, Briskievicz menciona:

Visualizamos que, aspectos identitários, herdados de gerações passadas permanecem de forma clara no cotidiano dos beltronenses, até nos dias atuais, como na alimentação: polenta, massas, vinhos, salame, queijos; objetos da vida diária como mesas, armários, camas, ferramentas; livros e fotos guardadas pelas famílias como forma de preservação da memória e podem ser utilizadas como fontes de informações sobre suas vidas; as linguagens; as práticas religiosas: igrejas/templos, santos, canções, festas típicas em Francisco Beltrão como: Festa e Concurso Regional do Vinho, Baile Queijos e Vinhos, Festi Vin, jantares italianos, entre outros [...] (BRISKIEVICZ, 2012, p. 141).

A festa torna-se elemento que caracteriza a identidade local da comunidade, e tal afirmação é percebida no município, pois a singularidade das ações no preparo da festa, reforça os costumes do local.

De acordo com Giacalone (1998, p. 128), “a festa exprime um tempo cíclico, definido pelas estações do ano, pela colheita, pela chuva; [...]”. Relacionamos tais afirmações com a realização da festa, pois ela foi planejada na estação do inverno (final de junho até início de setembro), por ser um período de maior consumo de vinhos, sendo o mês de agosto escolhido para a sua realização. Segundo Aurélia Becchi Bósio, a festa começou no inverno e “gente que inverno, porque é agosto gente, porque sempre, sempre ela foi em agosto”. Outro fator importante é a data em que os vinhos estão prontos para o consumo. Após a colheita das uvas, durante o mês de janeiro, inicia-se o processo de preparo de transformação da fruta em vinho. É necessário, no mínimo, uns três meses e meio para a fermentação e, assim, que esta etapa estiver pronta faz-se o engarrafamento da bebida, sendo necessário mais uns três meses para que o vinho possa acentuar o sabor e, aí sim, possa ser consumido.

Com o passar dos anos, ficou decidido que a festa aconteceria no primeiro sábado do mês de agosto. Assim, Giacalone menciona que a festa:

“[...] é uma instituição sujeita a mudanças, transformações, perdas e hibridizações, como qualquer estatuto do viver coletivo. É uma expressão cultural do grupo, e como tal não é uma categoria imóvel, supradeterminada pelas estruturas sociais, mais uma instituição profundamente enraizada na vivência de grupo e, por isso, densa de regras e de símbolos (GIACALONE, 1998, p. 135).

Da mesma forma em que a identidade e a cultura não são fixas, as ações em prol da festa também sofrem alterações. A festa é desenvolvida por pessoas e cada grupo procura ressaltar diferentes características, as quais querem desenvolver na festa.

A festa é preparada por todos os grupos da comunidade, e a principal intenção é mostrar os costumes da origem étnica predominante no local. Para a entrevistada Cleide Vissotto Prolo, “quando nossos pais vieram do Rio Grande do Sul, eles foram se juntando por origens, claro que sempre houve a mistura do caboclo que na época eles diziam, com o italiano, mas aqui as raízes foram italianas porque a maioria da população era italiana, [...] hoje já é uma miscigenação bastante grande”, e a festa italiana aconteceu justamente por ser a origem predominante no início da formação da comunidade.

Isso porque, segundo Morigi, Albuquerque e Massoni (2013, p. 7 - 8), “a cultura e a memória são os elementos que fazem com que as pessoas se identifiquem umas com as outras; formam a identidade cultural de um grupo social. E a cultura liga-se à

representação porque está relacionada à partilha de significados”. Percebemos que a comunidade se une em prol do preparo da festa reforçando e assumindo tal identificação com esta cultura através da festa.

Por ser uma festa que busca ressaltar as origens étnicas italianas, os moradores mostram o patrimônio imaterial que o grupo possui. Apresentam, então, seus costumes alimentícios, linguísticos, culturais e crenças, para fortalecer a identidade cultural assumida. Diante disso, os autores mencionam que:

As festas étnicas populares se amparam nos saberes comunicados pelas tradições culturais e os costumes associados às práticas alimentares, à língua, à indumentária, às músicas, às danças folclóricas, às crenças, aos valores religiosos e ao artesanato. Eles são os elos condutores que fortalecem a memória social e auxiliam na construção do sentimento de pertença dos sujeitos e no patrimônio cultural dos grupos sociais (MORIGI; ALBUQUERQUE; MASSONI, 2013, p. 7).

Compreendemos que a festa é o meio encontrado para relembrar os costumes dos antigos, momentos estes em que a alimentação era de difícil acesso se comparada à atualidade. Pensar na linguagem e danças expressas na comunidade, indica que, por mais que busquem aproximações, jamais serão os mesmos costumes que seus antepassados possuíam, pois a cada momento as pessoas buscam novos elementos para se identificar e expressar os costumes.

4.1 O projeto Nossas Raízes e a Festa da Cultura Italiana - Fest Vin

O projeto intitulado Nossas Raízes⁵⁹ foi desenvolvido pelo Departamento de Cultura da Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão, em 1996, com intuito de promover festas étnicas e culturais em algumas comunidades do interior, além da tentativa desse resgatar as identidades étnicas e os costumes gastronômicos de cada local. Com a implantação do projeto, as lideranças da escola e da comunidade São Pio X - Km 20, instituíram a tradicional Fest Vin, festa da cultura italiana.

Sobre a escolha do nome, afirma a entrevistada Maria de Lurdes Pazzini, que seu esposo “[...] Pazzini fazia aulas de italiano com a irmã Laura e ela ajudou a construir o

⁵⁹ Durante todo o processo de pesquisa, buscamos encontrar uma cópia do “Projeto Nossas Raízes”, mas infelizmente não tivemos acesso a ele. Procuramos no Departamento de Cultura, dependências da Prefeitura, bem como com a entrevistada Maria de Lourdes Pazzini e Escola Basílio Tiecher, e nada conseguimos. Após realizarmos a entrevista com Maria de Lourdes, solicitamos informações sobre onde poderíamos encontrar uma cópia do projeto Nossas Raízes, desenvolvido por ela enquanto vereadora do município, e ela nos informou, que não tinha guardado cópia dele e que talvez estivesse na prefeitura. Novamente buscamos informações no Departamento de Cultura e não encontramos tal documento. Em outro momento, fomos até a prefeitura no setor de arquivo de projetos e mais uma vez não o encontramos. Com tal curiosidade, insistimos que o Departamento de Cultura fornecesse mais informações, mas não recebemos retorno (Diário de Campo, 2017).

nome Fest Vin”. A festa se manteve com o mesmo nome, mas percebemos uma variação na sua grafia, pois durante as primeiras edições publicadas no Jornal de Beltrão e anotações das Atas das reuniões para organização da festa, verificamos tais questões.

Schneider (2012, p. 219) apresenta que “[...] a comunidade de São Pio X realiza a “Festi Vin” e a “Fest Vin”, então, as duas formas de nos referirmos a Festa estão corretas”. Para tanto, afirmamos que, no decorrer do texto, sempre que nos referirmos à festa utilizaremos o nome “Fest Vin” e manteremos as escritas da Ata, tal qual ela se encontra, para que seja possível perceber tais mudanças na maneira de se referir à festa.

Ressaltamos que, na língua italiana, a palavra festa permanece com a mesma escrita do português, alterando apenas quando está no plural, pois ao invés de festas passa a ser “feste”. Por vezes, utiliza-se “festività” para festividades e “festeggiare” para a festejar. A palavra vinho, é traduzida “vino”, sendo seu plural “vini”. Contudo a tradução “Festa do Vinho”, seria “Festa del Vino”, porém compreendemos que o nome foi adaptado ao dialeto italiano, ou apenas excluiu-se a palavra del e a última letra de cada palavra, ficando então “Fest Vin”.

Em relação ao projeto Nossas Raízes, a entrevistada Maria de Lourdes reforça que “[...] a gente queria construir uma coisa conjunta que começou com um tijolinho, mas queria que esta casa fosse uma fortaleza”. Pois,

Tínhamos como objetivo desenvolver uma alternativa de renda aos nossos agricultores e na época como nós tínhamos como governador o Jaime Lerner que incentivava as agroindústrias, buscamos apoio com o prefeito Guiomar Lopes, e começamos o projeto Raízes baseado na Fest Queijo de Carlos Barbosa e começamos a fornecer mudas aos nossos agricultores fortalecendo assim o incentivo do plantio da parreira em Francisco Beltrão, aí a secretaria de Agricultura deu seu apoio, suporte necessário inicial, como técnicos, como agrônomos, também material para que nossos agricultores plantassem as parreiras, e o projeto Raízes nasceu daí, em que a gente observando as comunidades, transformamos isso em uma festa para que houvesse também aquele objetivo de reunir pessoas e que estas pessoas fortalecessem e fizessem com que nosso município desenvolvesse outras atividades em prol do vinho e da festa [...] (Maria de Lourdes Pazzini, 04/01/2017).

O projeto desenvolvido pela entrevistada tomou forma e a partir dele surgiu a festa na comunidade. A festa é percebida como um espaço de socialidade, local para reencontrar amigos e parentes e festejar. Dessa maneira, veremos na fotografia, a seguir, a publicação feita pelo Jornal de Beltrão, com as informações que o morador, Nilton Pazzini, apresentou durante o lançamento da primeira Fest Vin. Ele destacou que pretendiam que a festa se tornasse tradicional e reconhecida a nível regional, e sobre a intenção de ser uma festa “tradicional”, Schneider aponta que:

Quando estudamos festas gastronômicas, é comum encontrarmos este conceito. Por exemplo: “Acontecerá neste final de semana a tradicional festa do vinho do Km 20”. A festa pode estar nas suas primeiras edições, mas o conceito de tradicional já se apresenta. Por quê? É que este conceito traz consigo a ideia de algo prazeroso, apetitoso, de algo familiar, passado de pais para filhos, algo de confiança, que passa credibilidade, enfim, de algo que aproxima e sensibiliza quem desse alimento prova ou quem dessa festa participa (SCHNEIDER, 2012, p. 47).

Concordamos com a autora que este termo traz a ideia de credibilidade e confiança aos apreciadores da festa, justamente por indicar a qualidade e o modo de fazer que são utilizados para o preparo dos produtos coloniais servidos durante a festa, mas principalmente por serem alimentos que rememoram o passado dos que participam da festa. A tradição, neste momento, é compreendida como forma de retomar as raízes e os costumes destas pessoas, principalmente, no saber-fazer dos alimentos, repassado pelas gerações antigas e aprendidas e adaptadas pelas novas gerações e permanecem como forma de fortalecer a festa. Na sequência, apresentamos o lançamento da primeira edição da Fest Vin:

Fotografia 55: Publicação no Jornal de Beltrão sobre o lançamento da primeira festa.



Km 20 lança hoje sua festa do vinho, a Fest Vin

A população do Km 20 ou São Pio X, de Francisco Beltrão, lança hoje à noite, a promoção para a 1ª Fest Vin que pretende se tornar tradicional, tendo como base o vinho e todos os produtos coloniais da tradicional cozinha italiana.

Para hoje a imprensa, convidados e autoridades terão um “aperitivo” do que vai ocorrer dia 29, à noite — um jantar que, com todas as atrações previstas, farão a 1ª Fest Vin.

Nilton Pazzini, um dos organizadores, confirma o plano de transformar a promoção em evento regional.

“O objetivo é valorizar o produto da região”, diz Pazzini.

Ele explica que está começando a produção e quem for à 1ª Fest Vin poderá provar os primeiros vinhos do Km 20. Pazzini confirma que são vinhos de uvas especiais para o produto, de castas européias, cujos primeiros testes de qualidade começam agora. O vinho será mesmo o “carro chefe” da festa. Além das qualidades pro-



Nilton Pazzini: promoção regional.

duzidas, também haverá vinho de conhecidos produtores como de Nelson Sugari, de Salgado Filho, da família Toassi, de Enéas Marquese de Alceu Guerra, de Francisco Beltrão.

Mas nem só de vinho será feita a 1ª Fest Vin. Os produtos apetitosos da cozinha italiana, como queijos e toda a linha de embutidos, também serão ofertados.

“Estamos convidando gente de todos os municípios para conseguirmos o conagraçamento de produtores e apreciadores”, conclui Pazzini.

Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (22.08.97 - p. 3). Acesso em janeiro de 2018.

Conforme a descrição da imagem, percebemos que, no dia 22 de agosto de 1997, realizou-se um evento para a apresentação da festa, e isto mobilizou autoridades e imprensa local para apreciarem uma prévia do cardápio típico italiano, que seria servido no dia 29 de agosto, data da primeira edição da festa.

Percebemos, a partir da publicação do Jornal de Beltrão, que junto ao projeto Nossas Raízes, instituiu-se a primeira Semana Italiana, com o intuito de se desenvolver atividades sobre a cultura da imigração italiana, sendo a Fest Vin, uma das atividades propostas.

Fotografia 56: Primeira Semana Italiana

Beltronenses viverão a Semana Italiana

De 28 de agosto a 3 de setembro, acontece em Francisco Beltrão a 1ª Semana de Cultura Italiana, fazendo parte do projeto Nossas Raízes, desenvolvido pela Prefeitura Municipal. O projeto visa neste primeiro momento, o desenvolvimento de atividades ligadas a cultura de imigração italiana, com o resgate das tradições através da música, da dança, das comidas típicas, do idioma e dos costumes em geral.

PROGRAMAÇÃO

Dia 28 - Abertura Exposição, apresentações artísticas da cultura italiana, palestra "A Riqueza da Cultura Italiana."

Dia 29 - Abertura do Festi Vin no Km 20.

Dia 30 - Apresentação do Grupo Folclórico Itália Nostra de Curitiba.

Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (23.08.97 - p. 7). Acesso em janeiro de 2018.

A primeira edição da festa aconteceu em 29 de agosto de 1997, nas dependências do Centro Social, com início às 19 horas. Além do cardápio servido no jantar, foram montados alguns estandes com vinhos, queijos, embutidos entre outros produtos para venda.

Na atualidade, não é realizada a Semana Italiana no município, mas a festa se mantém, sendo que, durante as pesquisas de campo e entrevistas, ouvimos algumas informações sobre seu início.

Terezinha Maria Savagnago Lazarotto afirma que "[...] no começo quando a Lourdes Pazzini e seu esposo vieram morar aqui, eles já tinham uma noção de como funcionava as coisas, daí diz ele, vamos formar um grupo e vamos começar a fazer a Fest Vin". Dessa forma, afirma Maria Trindade Tiecher que "[...] o Pazzini que foi o autor da

Fest Vin”, e ela ajudou desde a primeira festa até a 12ª, parando por problemas de saúde, mas na última edição da festa encontramos-a ajudando nos afazeres da cozinha.

Os entrevistados Nadir Danielli e Ana Paula Fernandes comentaram: “ele: que eu sei meio assim, não vou garantir, quem deu a ideia dessa festa foi o Nilton Pazzini, marido da Lourdes; e ela: é, eu acho que foi ele mesmo quem puxou, começou isso, [...] porque foi ele que começou a fornecer vinho para festa e depois que ele foi parando”. Para Aurélia Becchi Bosio, “a Fest Vin começou com os Pazzini que tinham vinhos”, e ela acredita que alguém deve ter ido para Salgado Filho, porque lá já tinha a festa, e logo saiu a da comunidade aqui.

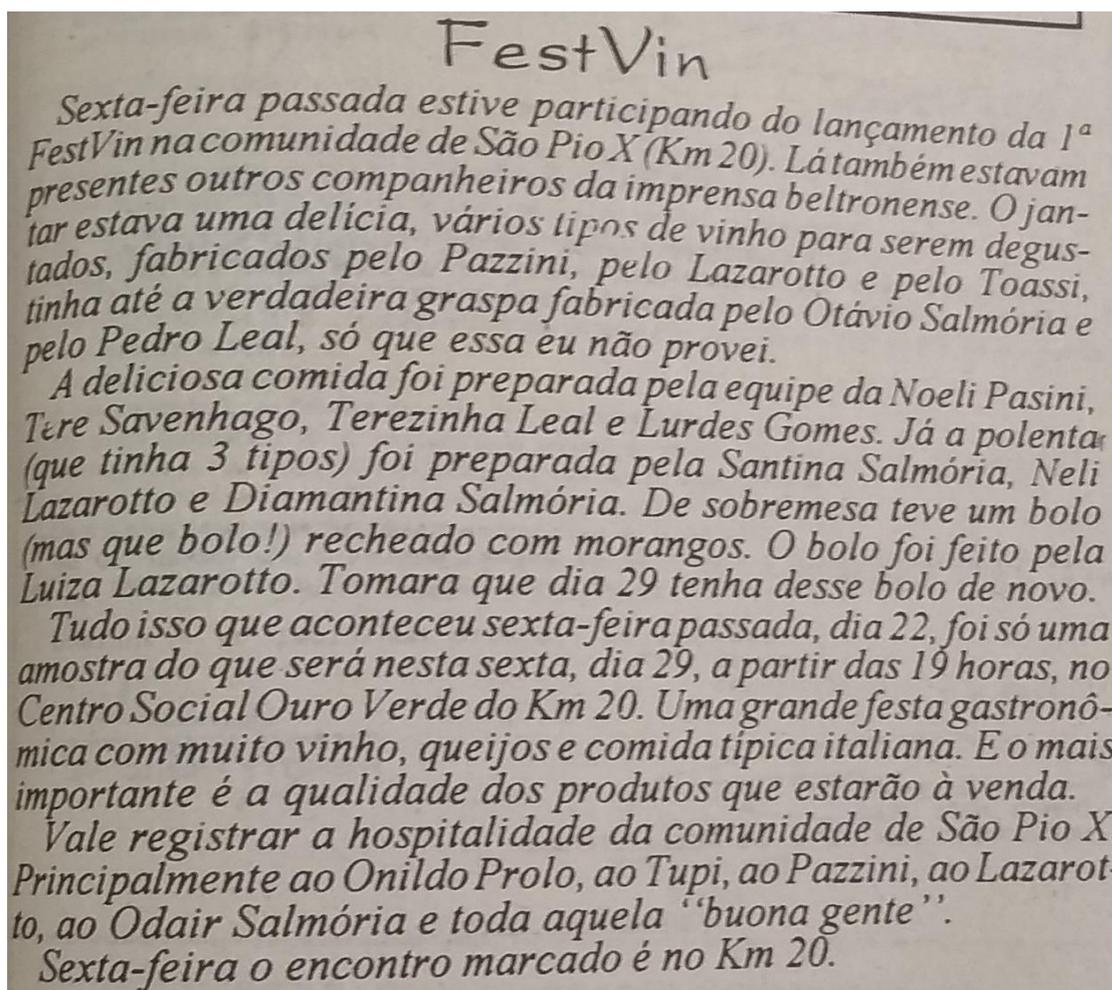
Leonilda Terezinha da Silva comentou que “[...] a primeira Fest Vin, se não me engano acho que foi, [...] quem começou a organizar foi a Lourdes Pazzini, acho que foi, [...] meio organização deles [...] porque tinham uvas, parreiras, [...] só sei que deu muito trabalho e deu uma festa grande e muito boa”. Assim, Salette Perdoncini Beker afirmou, em 2016, que “[...] esta festa começou há 20 anos atrás, que na verdade quem começou foi o Pazzini, daí as primeiras vezes a gente se reunia, não tinha nada, emprestava louça tudo, cada uma levava de casa umas louças emprestadas, daí depois a segunda festa foram comprando [...]”. Nas entrevistas, percebemos as mesmas afirmações, que a moradora e vereadora Maria de Lourdes Pazzini e seu esposo Nilton José Pazzini, foram os idealizadores da festa. Ao entrevistá-la, sobre o início desta Fest Vin, obtivemos tal afirmação:

Sempre acompanhamos o Vale do Vinhedo e todas as festas que aconteciam no Rio Grande do Sul na promoção da cultura italiana e da produção de vinho. Lá, nós somos até hoje sócios da confraria Dellantche. Trouxemos e tivemos a ideia, pois acompanhando a agricultura de Francisco Beltrão, desenvolvemos um projeto praticamente cópia que se adequava na época a Festi Queijo de Carlos Barbosa. Montamos em cima do vinho, da produção de parreiras e começamos aqui no km 20 a primeira cantina com parreiras todas vindas da Embrapa, mudas de qualidade, inclusive a produção do vinho Cabernet Sauvignon, foi produzido nesta propriedade aqui no km 20 (Maria de Lourdes Pazzini, 04/01/2017).

Com base no projeto desenvolvido por Maria de Lourdes Pazzini, a ideia foi aceita por todos os moradores e juntos deram início a festividade, sendo que, para isso, muito trabalho dos moradores foi necessário.

A partir do evento de divulgação do dia 22 de agosto, o jornal publicou, no dia 27 de agosto, as percepções sobre as pessoas e alimentos do local. Tais considerações podem ser percebidas na fotografia, a seguir.

Fotografia 57: Informações sobre o lançamento da Fest Vin



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (27.08.97 - p. 4). Acesso em janeiro de 2018.

Com auxílio das reportagens divulgadas, percebemos que os moradores envolvidos foram considerados “buona gente”, de muita hospitalidade, sendo possível perceber a importância de tais publicações afirmando a qualidade dos produtos que estariam disponíveis na festa.

Krone (2009, p. 68) argumenta sobre o saber-fazer “[...] e expressa dimensões como trabalho, terra, família, hierarquia, identidade, apresentando aquilo que de melhor uma família dispõe para doar”. Com o início da festa colocou-se em jogo o saber – fazer dos moradores, cada família fornecia os alimentos, produtos e preparo da maneira que melhor dispunham, para que a festa acontecesse.

Assim, destacamos os elogios feitos para a sobremesa (bolo de morango), pois tal bolo não é considerado um prato típico do local. No entanto, é importante afirmar que, nas primeiras festas, cada família preparava o melhor prato para doar e servir na festa. O bolo de morango foi preparado por uma família de origem étnica italiana como contribuição para a festa e recebeu elogios dos comensais.

Segundo Aurélia Becchi Bósio “nois tinha equipe, [...] você é da polenta... dez, doze, mulher você isso aí! ou você é da sopa, daí tem as mulher que é só da sopa, tem que se virar de galinha, de tempero e fazer a sopa, e fazer os agnoline, fazem 70, 80 kg de agnoline que é para sopa né, [...] depois daí tem a outra equipe que é de achar radiche, os jovens iam pro mato, nos sítios traziam um sacão de radiche, aí depois tinha aquelas que lavavam, as que fritavam os bacons e cada equipe tinha o seu serviço, se tu tinha folga se ajudava”, pois tudo era coletivo, todos se ajudavam em todas as funções.

Percebemos pelos relatos das irmãs Salette, Teresinha e Lurdes⁶⁰, que nas primeiras festas as cucas e pães era produzido em casa e “cada uma fazia e levava, era doação”. Em relação aos demais produtos, estes eram produzidos pelas famílias e preparados no Centro Social. A polenta, por exemplo, era preparada na quinta-feira para servir na sexta e, daí, sim, todas as mulheres se reuniam para ajudar.

Sobre as primeiras festas, a entrevistada Cleide afirma que:

[...] eu ajudava não assim na coordenação, eu ajudava nos trabalhos, sempre ajudei, [...] as primeiras festas eram pequenas né, não tinha ampliação no Centro Social, só tinha aquela primeira parte ali, eram pequenas em relação agora e a gente sempre ia caracterizado no começo, [...] daí com o passar do tempo foram então fazendo jalecos pra facilitar, porque muitas pessoas não gostam de se vestir assim [...] mas eu lembro a gente ia vestido de italiano, não igual a roupa do grupo de dança, mas sim como os italianos se vestiam na Itália (Cleide Vissotto Prolo, 06/01/2017).

⁶⁰As irmãs relataram que tudo que sabem aprenderam com a mãe, porque ela fazia muito destas comidas no dia a dia da família, aprenderam então preparar o agnoline, macarrão, lasanha, tortei, pães, cucas e bolachas, entre tantas outras coisas. Atualmente, elas preparam por encomenda e vendem estes produtos para os moradores da comunidade. Fomos realizar a entrevista com elas durante uma manhã e presenciamos-as fazendo o agnoline e o macarrão. Desta maneira, elas ensinaram o conjunto de informações necessárias para o preparo destes alimentos. Para fazer 4 kg de agnoline é necessário seguir os seguintes passos. Primeiro coloca-se cozinhar o peito de frango com água e um pouco de sal. Depois de cozido elas passam em uma máquina para moer a carne. Na sequência, temperam com sal, orégano, queijo, temperinho verde e noz moscada. Inicia-se então o preparo da massa: em uma bacia, coloca-se uma dúzia de ovos, um pouquinho de azeite (aproximadamente 6 colheres), elas colocam sem medir e na sequência adicionam uma xícara média de água e farinha ao ponto. Depois de amassar muito, a massa é cilindrada por muitas vezes até ficar bem lisa e fina. Segundo as entrevistadas, o maior segredo está no “dobrar a massa”, pois é preciso moldar uma a uma e o processo é demorado e requer saber como dobrar, para formar o agnoline. Acompanhamos tal momento, e depois de ver como elas faziam, também dobramos alguns. Estando com a massa preparada, elas cortavam pequenos quadrados, de aproximadamente uns 4x4 centímetros e cada um pedaço era transformado em um agnoline. Colocava-se a carne no meio dobrando de modo que ficasse no formato de um triângulo, depois une-se as duas pontas de baixo ao meio e esta ação é repetida por muitas vezes. Elas já fizeram até 90 kg de agnoline, para a Fest Vin. Para o preparo do macarrão elas utilizam 5 kg de farinha, três dúzias e meia de ovos comum, um pouco de água e um pouco de azeite. Este pouco delas não foi medido, então é difícil acertar a quantidade necessária. Elas misturam todos os ingredientes e adicionaram a farinha até no ponto bem firme. Depois foi só passar em uma máquina que faz o processo de formar os longos fios de massa, e com auxílio de uma faca elas cortavam aproximadamente a cada 15 centímetros (Diário de Campo, 12 julho de 2016).

As vestimentas buscavam retomar aproximações com o passado das famílias, entretanto, percebemos que alguns não gostavam de vestir-se daquela maneira e, tal fato, foi modificado quando os jalecos brancos foram adquiridos. Apresentamos, então, a primeira edição da festa.

Fotografia 58: Primeira Fest Vin – 1997

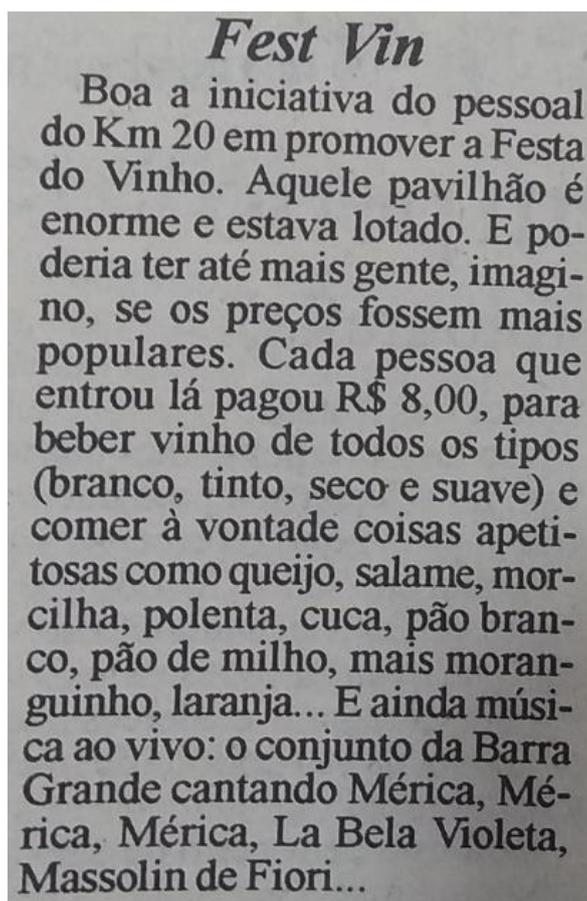


Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (02.09.97 - p. 1). Acesso em janeiro de 2018.

A fotografia da primeira festa foi registrada por Ivo Pegoraro⁶¹, em cuja reportagem destaca que centenas de pessoas beberam vinho e comeram produtos coloniais. A festa, inicialmente, estava pautada nos produtos coloniais feitos pelas famílias da comunidade, tendo como intenção valorizar os produtos feitos por eles.

⁶¹ Ivo Antônio Pegoraro é sócio fundador da Editora Jornal de Beltrão S/A. Quando fomos buscar arquivos para a pesquisa, fomos por ele atendido. Ele é tio do nosso amigo Lucas Slongo, que muito nos auxiliou com as imagens digitais. Frequentamos, por algumas vezes, a casa do Lucas e conversamos com o Ivo, sobre as pesquisas e livros em andamento.

Fotografia 59: Relatos sobre a primeira festa



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (02.09.97 - p. 7). Acesso em janeiro de 2018.

Percebemos que o valor inicial cobrado para participar da festa era de R\$ 8,00, valor este não considerado acessível, mas, mesmo assim, o Centro Social foi tomado de participantes. Desde a primeira edição da festa, a música Mérica era apreciada pelos participantes, como forma de praticar a língua italiana. Nesta publicação, novamente, aparece no cardápio moranguinhos e laranja, o que nos leva a compreender que os moradores, provavelmente, cultivavam tais frutas e pela quantidade que possuíam serviram na festa.

Após a realização da primeira festa, e os bons resultados obtidos, ela caiu no gosto dos moradores circunvizinhos, e, assim, percebemos que a Ata nº 4/98 - p. 28, realizada no dia 19 de maio de 1998, informa que em uma,

[...] das salas de aula da escola Basílio Tiecher, foi realizada uma reunião na qual foi tratado do assunto da segunda festi vinho na qual se discutia a data mais viável para o dia da festa que foi marcado para os dias sete e oito de agosto também foi colocado partes de porcentagem para cada entidades que ficou das seguintes formas, clube de mães 5%, a escola 20% e a igreja 20%. A igreja abriu mão da sua parte doando para o clube que ficou com 70% dos lucros, foi escolhido os

representantes das entidades que coordenarão a festa, representando a igreja Adelar Vivian, da escola Alda Bósio, do clube Adair Salmoria, do clube de mães Cleide Prolo, clube de idosos Nair Spada, na coordenação geral foi escolhido o Sr. Anilton Pazini, que comentou que devemos fazer um lançamento da festa com a imprensa que foi escolhida para a primeira semana de julho dia 2. Ficou encarregado de fazer salame Amadeu Lazarotto e Arli Gomes, para arrumar galinha Adair Salmoria, o anholine ficou para o grupo de idosos (Livro Ata - Associação de moradores do distrito de São Pio X ano 1986).

Chamamos a atenção para a escrita em relação ao nome da festa, local onde realizou-se a reunião e a data que foi marcada a segunda Fest Vin, sendo que a mesma permaneceu no mês de agosto, mas aumentou-se o tempo de festa, passando a ser duas noites. Em ata registrou-se o nome das pessoas que ficariam responsáveis pelo preparo dos produtos coloniais da comunidade.

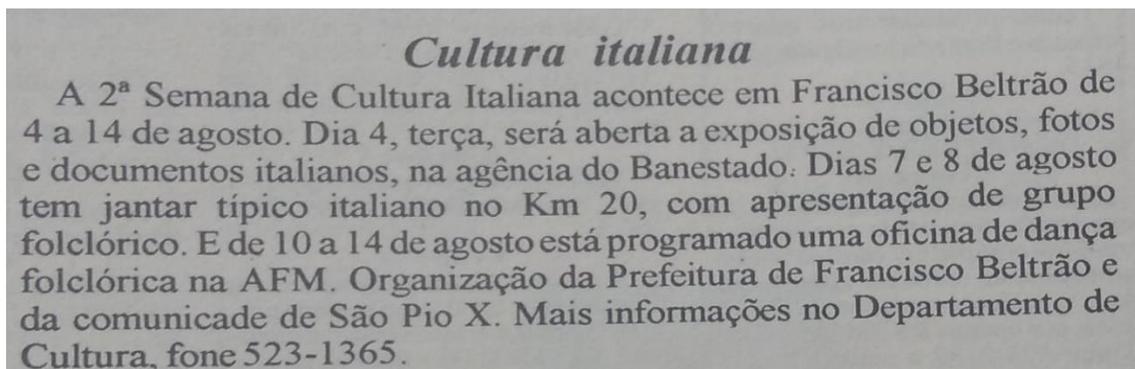
As pessoas que trabalhavam não recebiam, a porcentagem era apenas para o grupo que participavam, podendo ser clube de mães, clube de idosos, escola ou igreja. Os grupos receberiam uma porcentagem de lucro, e, por este ser uma necessidade de todos, percebia-se uma grande movimentação em prol da festa. O preparo dos pratos típicos foi uma maneira encontrada pelos grupos para amealhar os recursos às melhorias nos espaços mencionados anteriormente. Assim, Schneider (2012) menciona:

Compreende-se que a introdução de “pratos típicos” em determinadas cidades, seja uma das formas encontradas para o enquadramento no setor turístico, fonte de muitos lucros, uma vez que os visitantes constantemente procuram, nos locais de passeio, algo de novo para ver e comer. Nessas ocasiões, come-se o que, às vezes, não se comeria em casa (SCHNEIDER, 2012, p. 34).

As pessoas buscam provar sabores diferentes, ou retomar os costumes que em algum momento fizeram parte da sua vida, pois estes alimentos, geralmente, compuseram as refeições das famílias, sendo que, com o desenvolvimento dos lugares, foram adquiridos novos costumes alimentícios, e a festa é uma maneira de reatar vínculos comunitários.

Conforme a fotografia, a seguir, percebemos que, no ano de 1998, foi realizada a segunda Semana da Cultura Italiana, composta por exposição de objetos, fotografias e documentos. O jantar típico italiano - Fest Vin foi realizado em duas noites com apresentação de grupo folclórico. Organizou-se também uma oficina de dança folclórica, na cidade de Francisco Beltrão, no período de cinco dias e qualquer pessoa interessada poderia participar desta atividade, pois, buscava-se através das danças ressaltar os costumes italianos.

Fotografia 60: Segunda Semana da Cultura Italiana



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (01.08.98 - p. 9). Acesso em janeiro de 2018.

Para comemorar a segunda Semana da Cultura Italiana, os alunos da Escola Basílio Tiecher se apresentaram no local definido para a exposição. A partir da fotografia publicada em agosto de 1998, ano da segunda edição da festa, percebemos o grupo de dança infantil e adulto já estruturado e se apresentando. Estas crianças eram alunos da escola da comunidade e, assim, compreendemos que este espaço escolar contribuiu muito com a retomada da valorização dos costumes da comunidade.

Fotografia 61: Alunos da Escola Basílio Tiecher e as danças italianas

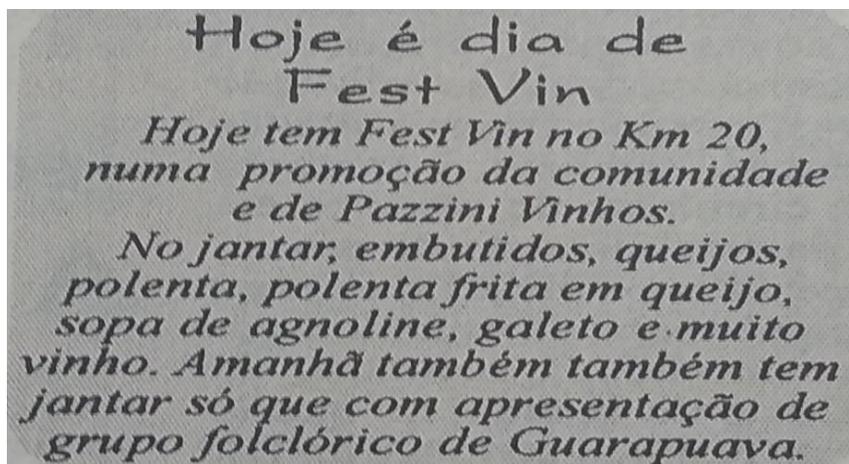


Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (05.08.1998 - p. 1). Acesso em janeiro de 2018.

Na publicação realizada no dia 01 de agosto, o jornal informava que festa seria desenvolvida em parceria com o Departamento de Cultura, porém, veremos, a seguir, na publicação do dia 07 de agosto, que a festa era uma parceria da comunidade e do Pazzini Vinhos, que era o idealizador da festa. A segunda festa manteve o mesmo valor para

participação, e quem fosse prestigiar o evento poderia assistir à apresentação de um grupo folclórico, de Guarapuava.

Fotografia 62: Segunda Fest Vin



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (07.08.1998 - p. 9). Acesso em janeiro de 2018.

A nota de jornal, além de expressar a parceria com os Vinhos Pazzini - fornecedores dos vinhos servidos na festa, reforça o cardápio, sendo embutidos, queijos, polenta, polenta frita com queijo, sopa de agnoline e galetto. Esta edição aconteceu em dois dias, na sexta e no sábado.

Dessa forma, após a realização da segunda festa os moradores deixaram registrado na Ata nº 02/99 - p. 30, que os “moradores e lideranças, reuniram-se para discutir sobre a terceira Festi Vin” e Nilton Pazzini explanou “sobre o árduo trabalho para pouco dinheiro” e o senhor Odair Salmoria “falou sobre itens, produtos que estavam caros”. Foram levantadas várias ideias na mudança do cardápio e sugeriram carne de porco e lasanha. Definiram as porcentagens de cada grupo e decidiram que a terceira festa seria dia 07-08-99.

No dia 23 de junho, os moradores conversaram sobre as equipes que trabalhariam na festa. De acordo com a Ata nº 03/99, obtivemos a informação que iriam,

[...] designar as comissões para a 3º Festi Vin, assim sendo: comissões para cozinha, Tereza e Elza, compras: Silvio e Alberto, artística: Alda, Alvacir e Vilmar, tesouraria: Clair e Tonho, divulgação: Silvio, Cleide, Pazzini, Salmoria, com o som mecânico: Doracílio, comissões para falar com prefeito: Nelson, Alda, Vilmar, Janir, Alberto, Silvio, Clair, Valdir, comissão para copa: João e Arlindo (Livro Ata - Associação de moradores do distrito de São Pio X ano 1986).

Estas pessoas, mencionadas na ata, eram as responsáveis pelas equipes e eram elas que convidavam mais pessoas para auxiliar na função, sendo o número de envolvidos superior a 80 pessoas.

Nesta edição da festa, percebemos que os moradores mencionaram a quantidade de serviços necessários, para pouco lucro. Vale lembrar que as pessoas continuavam a trabalhar gratuitamente, empenhados em prol de melhorias nos lugares nos quais faziam parte.

Conforme percebemos na Ata de associação dos moradores, os membros comentavam sobre o baixo valor de lucro, no entanto, conforme revemos a seguir, eles baixaram o valor de R\$ 8,00 para R\$ 6,00. Com esta alteração, houve um aumento no número de participantes, o que provavelmente demandou mais trabalho para os moradores.

A terceira festa aconteceu apenas em uma noite, mas os comentários das pessoas que trabalharam eram satisfatórios, e os resultados foram atingidos. Os visitantes sugeriram que a festa se prolongasse por mais um final de semana, juntamente com a realização de um festival de canção italiana.

Fotografia 63: Terceira Fest Vin

GASTRONOMIA

3ª Festi Vin baixa preço do ingresso e atrai maior público



Beltronenses prestigiaram a 3ª Festi Vin.

Quem esteve na 3ª Fest Vin, no Km 20/São Pio X, interior de Francisco Beltrão, sábado, 7, voltou satisfeito. O jantar típico italiano colocou à mesa queijos brustolada (na chapa), polenta frita com queijo, sopa de agnolini, fortaia, galetto, lingüicinha, lingüiça, copa, scudeguin, radichi, pães, cucas e doces. Para completar o jantar, os visitantes recebiam vinhos das cantinas Pazzini e Toassi.

O proprietário da Cantina de Vinhos Pazzini, odontólogo Nil-

ton Pazzini, comenta que a presença de público na Festi Vin cresce a cada ano. Na primeira festa foram servidos 350 jantares, na segunda cerca de 550 e nesta ultrapassou as 650 jantares. "Isso quer dizer que ela vem crescendo e firmando-se no conceito da comunidade", analisa Pazzini.

Integrantes do Grupo Folclórico Anima, de Guarapuava, apresentaram-se enquanto as pessoas jantavam. Criado há oito anos, o Grupo Anima é composto por 77 pessoas, pos-



Comidas típicas italianas: público comeu à vontade

sui grupos de danças adulto e infanto-juvenil. Durante o jantar o grupo apresentou músicas folclóricas da Calábria, Sicília e da Lombardia.

Os visitantes sugeriram que a festa se prolongue por mais de um final de semana, juntamente com um festival de canção italiana. Algumas sugestões poderão ser incluídas na promoção do próximo ano. A Festi Vin integra o projeto Nossas Raízes, da Prefeitura de Francisco Beltrão.

Moradores da comunidade que trabalharam na festa estavam satisfeitos com os resultados atingidos. "Acho que foi boa", resume Alberto Pasini,

presidente do Centro Cultural onde aconteceu a festa. Alberto diz ter percebido que as pessoas saíram satisfeitas e pela acolhida.

Sobre a redução do preço de R\$ 8,00 para R\$ 6,00, Alberto analisa que o valor menor, porém houve aumento de público. Trabalha na organização diretores do grupo de jovens e Escolas de Mães, do Centro Municipal Basílio Tischer pessoal trabalha com a comunidade", testemunha Alberto.

A comunidade do município possui 1.200 habitantes, cerca de 80% são descendentes de imigrantes

LIVRO

Sun Tzu: A arte da

Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (10.08.99 - p. 8). Acesso em janeiro de 2018.

Na terceira Fest Vin os moradores mostraram-se satisfeitos com o número de participantes, pois, na primeira foram vendidos 350 ingressos, na segunda em dois dias 550 e, nesta edição, em um dia, ultrapassou 650 jantares.

Assim, no ano 2000, a quarta festa contou com uma novidade: a realização da missa em italiano, demonstrando os costumes religiosos dos antepassados, porém, em celebrações cotidianas utilizavam os rituais na língua portuguesa. Destacamos que as missas da Itália eram rezadas em latim, sendo uma adaptação dos costumes dos primeiros imigrantes afirmar que a missa era rezada na língua italiana. Entretanto, na comunidade, a celebração realizada na língua italiana era especialmente preparada para o momento da festa.

Além da missa realizada no Centro Social, apresentações folclóricas de adultos e crianças, músicas do Coral do Círculo Italiano de Francisco Beltrão e apresentação do grupo de Guarapuava Ânima, eram as atividades apresentadas durante a festa.

Sobre o coral da comunidade, Cleide Vissotto Prolo afirma: “o coral eram pessoas que vinham da cidade, que tinha o coral lá e eles eram italianos né, cantavam italiano tudo, daí eles começaram a ensaiar com o povo daqui e daí cantavam na festa”. A entrevistada Lourdes Terezinha da Silva também falou sobre o coral ressaltando, “a gente fazia ensaio porque sempre nos primeiros tempos tinha as missas, a gente fazia ensaio vinha o pessoal da cidade os grupos italianos para gente ensaiar os cantos, [...] na época que a gente fazia as missas, e nós fazia ensaio muito tempo antes da festa [...] o pessoal vinha, a gente ensaiava as músicas, [...] entrava lá e cantava as músicas italianas”.

Com os ensaios feitos, quem participasse da festa poderia presenciar uma missa rezada e cantada no italiano e toda esta preparação era especialmente para a festa. A seguir, o convite para participação da Fest Vin.

Fotografia 64: Convite para a Quarta Fest Vin



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (04.08.00 - p. 9). Acesso em janeiro de 2018.

Na festa do dia 05 de agosto, o valor cobrado foi de R\$ 7,00 e foi considerada uma das melhores edições em relação ao número de participantes, sendo contabilizada a presença de 1.200 pessoas. Ela aconteceu apenas em uma noite, e contou com outras atividades até então não presenciadas por todos. Na publicação feita pelo Jornal de Beltrão, posteriormente, à realização da festa, encontramos a afirmação de que ela superou as edições anteriores.

Fotografia 65: Quarta Fest Vin e a avaliação dos apreciadores e colaboradores



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (09.08.00 - p. 7). Acesso em janeiro de 2018.

Dessa maneira, percebemos que, após a realização da festa, os moradores estavam satisfeitos com o sucesso, pois encontramos o registro em Ata nº 01/2000, que “no dia 13 de agosto reuniram-se na casa do presidente Alberto Pasini para decidir assuntos da 4ª festi vin que foi realizada no dia 05 de agosto. O lucro da festa foi investido em prol da mesma sendo adquirida “talheres, pratos, louças, bacias, fogões”. Todo o lucro foi revertido para melhorias e manutenção dos espaços da comunidade.

Motivados com a proporção da última festa realizada, a Ata nº 03/2001, informa que no dia 17 de março de 2001, reuniram-se no centro social todas as entidades da comunidade para falarem sobre os preparativos da Festi Vin, após algumas conversas ficou decidido “fazer duas noites de festa, a princípio nos dias dez e onze de agosto, ficou

decidido também o preço que será cobrado no valor de sete reais a janta e que o lucro da festa fique só para o Centro Social para melhorias no mesmo”, e que no próximo ano será feita a divisão entre as entidades. Discutiram sobre “a possibilidade de colocar candidatas a rainha da festa, ficando então decidido que serão três candidatas que concorrerão, tendo as mesmas vinte por cento” do valor arrecado. Ficou decidido que o presidente iria “falar com a cultura e prefeitura para auxílio financeiro”, percebemos que os preparativos não paravam e todos disponibilizavam o seu tempo para que a festa acontecesse.

Nesta edição, os organizadores pensaram em aumentar o lucro da Fest Vin, a partir da venda dos votos de três candidatas, moradoras do local, as quais teriam uma porcentagem definida sobre o total de vendas. Ser escolhida para representar, vender tais votos e poder ser eleita a rainha da festa, era para as participantes uma proposta vantajosa, pois além de se sentirem valorizadas ainda tinham lucro pela participação.

Por outro lado, as pessoas que trabalhavam em prol da festa não recebiam pelas atividades praticadas, realizavam trabalho voluntário. Desta constatação emerge a indagação: se as candidatas poderiam ter lucro por participarem da festa, porque não os moradores também receberem um valor pelos dias trabalhados? Não temos pretensão em responder tal pergunta, mas tão somente de narrar as informações coletadas no momento da entrevista.

De acordo com a Ata nº 05/2001, no dia 4 de junho de 2001, reuniram-se nas dependências do Centro Social para tratar de investimentos e reformas na cozinha, ficando decidido que “a missa ficaria encarregados o Coral de Beltrão (Inelson) para a referida missa com o objetivo de que o pessoal da comunidade se encarregue mais com a festa em si. Ivanir Prolo ficou encarregado de pedir bonés para Festi Vin”. Falaram sobre empréstimo das mesas, duas cores para os ingressos, devido às duas noites e produtos usados e a serem comprados.

Ainda com muitos detalhes para finalizar, a Ata nº 06/2001, p. 34, informa que “reuniram-se no dia 13 de junho de 2001, membros da diretoria e entidades da comunidade para tratar de assuntos referentes a Festi Vin, tais como “toldos para cobrir a quadra para a missa italiana”. Escolheram Ivanir Prolo, Jainor Tiecher, Claro Poplawski para providenciarem os preparativos, sendo solicitado “Nilton Pazzini como membro participativo e com opinião de direito de qualquer outro membro da comunidade”. Conforme combinado em reunião e registrado em ata, percebemos na publicação do dia 28 de julho que os três responsáveis pelos preparativos foram até o Jornal de Beltrão para divulgar a festa.

Fotografia 66: Preparativos para a quinta Fest Vin



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (28.07.01 - p. 7). Acesso em janeiro de 2018.

A quinta Fest Vin aconteceu em dois dias e manteve a celebração da missa. Planejaram a apresentação do grupo local Va Pensiero e Musicanti, além de contar com a exposição de fotos organizada pelo Departamento de Cultura. Para tanto, a partir da reportagem publicada no dia 11 de agosto, percebemos que não consta a informação que teria a participação da Musicanti, mas que o grupo Anima, de Guarapuava, estaria se apresentando.

Fotografia 67: Quinta fest Vin



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (11.08.01 - p. 13). Acesso em janeiro de 2018.

A partir da imagem, notamos que o preparo da polenta reunia um grande número de mulheres. As mães, acima mencionadas, refere-se ao clube de mães que ajudava nesta atividade. Dessa forma, a festa já era esperada, tanto pelos participantes como pelos organizadores, os quais, meses antes já iniciavam o planejamento da mesma.

Na Ata nº 03/02 consta que “reuniram-se no dia 02 de junho de 2002, na sede do clube de mães, membros da comunidade para definir assuntos sobre a sexta Festi Vin. Decidiram sobre a divisão da porcentagem entre as entidades, sendo responsabilidade de cada grupo divulgar, encontrar possíveis candidatas e pedir premiação”. Posteriormente, na Ata nº 04/02 tem-se a afirmação que, “no dia 30 de junho de 2002, realizaram nova reunião para últimos detalhes da festa. O presidente iniciou falando sobre a limitação de ingressos, que deverá ser falado em entrevista para que o pessoal venha mais no primeiro dia da festa, ou seja, sexta-feira, bem como a missa neste dia”. As Atas, aqui, apresentadas, são mantidas da maneira como foram escritas no momento da reunião, sendo assinada por todos os participantes ao término da reunião. Em relação à limitação dos ingressos, esta consistia em uma maneira de impulsionar a compra antecipada para, então, terem uma estimativa de produtos a serem preparados.

Assim, a sexta Fest Vin foi lançada, utilizando-se o termo de afirmação que a festa era tradicional. Parece-nos, neste momento, que o objetivo ressaltado pelo morador Pazzini, na primeira edição da festa começou a surtir efeito. Para a sexta festa o valor cobrado foi de R\$ 8,00. Passados cinco anos desde o início, houve uma diminuição nos valores cobrados e, novamente, o preço voltou a ser como era, inicialmente. A missa permaneceu e apresentações foram realizadas durante a festa.

Fotografia 68: Convite para a Sexta Fest Vin

Daqui a pouco
Hoje começa a 6ª Fest Vin no Km 20. Às 19 horas tem missa italiana. A partir das 20 horas, no Centro Social Ouro Verde, será sevido aquele maravilhoso jantar típico com muito queijo, vinho, salame, polenta, sopa de agnoline... O cardápio é deliciosíssimo.
Também haverá venda de produtos típicos e apresentações folclóricas. Esta festa é tradicional e imperdível.
Convites a R\$ 8 na Pio X Materiais de Construção e na hora.



Luciane Lotici Pereira, Francianne Silva e Luciane Machado são as candidatas a Rainha da Fest Vin, que acontece dias 2 e 3 de agosto no Km 20.

Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (02.08.02 - p. 9). Acesso em janeiro de 2018.

Na fotografia, o convite para participar da sexta Fest Vin, com informativo que a festa seria realizada em dois dias, sexta e sábado, e apresentação das três candidatas a Rainha da Fest Vin, todas moradoras da comunidade.

Destacamos que a candidata Luciane Machado, a primeira da direita, é a única que permanece morando e participando das atividades da comunidade. Tal afirmação é possível, uma vez que a encontramos trabalhando, nas duas últimas edições da festa, em atividades da cozinha, durante o preparativos das polentas, demonstrando entusiasmo por estar presente naquele ambiente.

Encontramos a informação que a festa realizada, em 06 de agosto de 2002, foi novamente um sucesso, pois durante as duas noites mais de dois mil jantares foram servidos. Com o aumento, gradativo, no número de participantes, a festa mostrava-se um evento de qualidade, pois quem participava retornava na próxima edição, geralmente, convidando mais algum conhecido. Dessa maneira, a festa era o local de encontro, de lembrar do passado, mas, principalmente, uma maneira de divulgar a cultura e os produtos produzidos na comunidade.

Fotografia 69: A Sexta Fest Vin e o grupo de dança da comunidade



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (06.08.02 - p. 9). Acesso em janeiro de 2018.

É importante ressaltarmos que os moradores já tinham previsão de ampliar o Centro Social, para que mais pessoas pudessem participar da festa. Da mesma maneira, a entrevistada Cleide Vissotto Prolo, explicou-nos que a festa “não é jantar italiano, nós fazemos a Festa do Vinho a Fest Vin, então por isso que tem o vinho que acompanha o jantar”. Se fosse priorizada a janta, como em outros lugares, o vinho não seria incluso no valor total do ingresso.

De acordo com a fotografia, a festa era organizada pela comunidade e pelo Departamento de Cultura. Contudo, as informações obtidas apresentam que, em algumas edições, o Departamento de Cultura auxiliou com a elaboração de folders e despesas para o transporte utilizado pelo grupo de dança nas apresentações, mas a cada ano a ajuda diminuiu e, a comunidade, para manter a festa e o grupo de dança, precisou arcar com as despesas. A falta de incentivo levou-os, anos mais tarde, ao término do grupo de danças do local.

Dessa forma, na Ata nº 03/03, do dia 19 de junho de 2003, “as lideranças reuniram-se nas dependências da escola para tratar dos lucros do baile realizado em prol do grupo de dança, escolha das candidatas a rainha da Festi Vin, sugestões de onde providenciar queijo, escolha das “pessoas que irão trabalhar na preparação de alimentos, responsáveis pela divulgação, folder, blocos e prêmios” e apresentação do orçamento para fazer o piso da cozinha do Centro Social”. Contudo, após combinar os detalhes sobre a sétima Fest Vin, realizaram um evento na Câmara de Vereadores, onde o presidente afirmou que “a festa era tradicional do folclore” e, por isso, queria que fosse divulgada.

Então, podemos novamente afirmar que a festa, além de um fenômeno social, é uma linguagem e deve ser alvo de investigação antropológica, isso porque os elementos da festa são elementos de significação e não adquirem esta significação a não ser sob a condição de participar de um sistema (SCHNEIDER, 2012, p. 47).

Compreendemos, então, que a participação dos grupos, em prol da festa, são extremamente importantes e expressam os costumes do lugar, estabelecem uma afinidade e, indiferente da origem étnica, todos ajudam para que a festa aconteça.



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (06.08.03 - p. 8). Acesso em janeiro de 2018.

Nesta festa, além do aumento no valor do ingresso, que passou de R\$ 8,00 para R\$ 10,00, foram mantidos os dois dias e, como novidade, teve a realização do baile⁶².

A Ata nº 04/03 informava que “o senhor Valdir Bortolotti, ofereceu passagens para que as candidatas possam transitar livremente em seu transporte”, na sequência, o presidente Ivanir afirmou que o valor da “janta ficou definido em dez reais e haverá baile nas duas noites e o jantar será servido até as onze horas” da noite.

Sobre a missa, “será no dia 02 de agosto, com abertura da semana italiana, as dezenove horas”. A festa, mais uma vez, superou as expectativas, o público chegou a 1.500 pessoas durante os dois dias. Na fotografia, a seguir, a reportagem com a fotografia do grupo Va Pensiero e a moradora eleita como a rainha da festa.

⁶² Entende-se por baile, o ato de dançar durante a noite e, para isso, contrataram uma banda de músicos, para tocarem e cantarem aos participantes da festa.

Fotografia 71: Sétima Festi Vin



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (12.08.03 - p. 9). Acesso em janeiro de 2018.

A decoração do Centro Social foi elaborada a partir das cores da bandeira da Itália: vermelho, verde e branco predominavam a decoração local. Não encontramos na Ata informações sobre a oitava festa, mas percebemos que os envolvidos buscaram novamente apoio junto às lideranças da prefeitura.

Fotografia 72: Representantes do grupo divulgando o evento e solicitando apoio



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (05.08.04 - p. 2). Acesso em janeiro de 2018.

A partir da 8ª festa, percebemos que a missa, o coral e a participação do grupo de dança de Guarapuava, foram substituídos pelas apresentações do grupo local e, posteriormente, pela animação com baile.

A entrevistada Cleide Vissotto Prolo (2017) apresentou informações sobre a importância do grupo de dança e relata que é uma perda o grupo ter acabado. Comentou que “aqui no 20 acabou, porque a juventude foi saindo e as lideranças também, mas [...] o grupo de dança também era fundamental, porque ele mostra a cada música que você dança, conta uma história da Itália, não é dançar por dançar ela tem a sua história” e em cada apresentação “[...] cada vez que ia anunciar a música, tu contava a história daquela música, ela não veio do nada, porque que os italianos dançavam daquela forma” e isto era ação importante para a guarda de memória.

Fotografia 73: Informativo sobre a Oitava edição da Festi Vin

São Pio X realiza mais uma edição da Festi Vin

A festa, que aconteceu em duas noites, reuniu mais de 1.500 pessoas.

Sexta-feira e sábado, dias 6 e 7, foi realizada a 8ª edição da Festi Vin, a Festa da Cultura Italiana da comunidade de São Pio X/Km 20. O evento aconteceu no Centro Social Ouro Verde e teve a presença de aproximadamente 1.600 pessoas nas duas noites.

A programação foi iniciada na sexta-feira, com jantar e apresentação do grupo Folclórico Italiano Va Pensiero. No sábado, mesmo com o intenso frio, o público foi maior, surpreendendo e animando os organizadores.

Neste ano, o cardápio foi servido em três bufês. Duas novidades foram a colocação de dois telões e a decoração, que ga-



O Centro Social Ouro Verde ficou lotado na segunda noite da festa.



Silvana (1ª princesa), Liliane (rainha) e Marilice (rainha de 2003).

nhou mais destaque com cachos de uvas feitos de balões, além das cores da Itália (verde e vermelho) que enfeitavam o salão. Nas duas noites, teve baile com o conjunto Embalo Jovem.

Liliane Lazarotto do Nascimento, 14, foi coroada a rainha da festa, com um total de dois mil votos vendidos, sucedendo Marilice Dalla Páscoa, rainha de 2003. Liliane é filha de Valdivino e Lorizete; estuda na 8ª série do Colégio Estadual Mário de Andrade e tem uma irmã, a Daiane, de 11 anos.

Silvana de Liz, 14, foi eleita a 1ª princesa. Ela é filha de José Janir e Eliane e tem três irmãos: Márcio, 22; Simone, 17 e Solange, 11. Silvana estuda na 8ª série da Escola Basílio Tiecher e vendeu 1.112 números de rifa (a escolha foi feita pela quantidade de votos vendidos).

Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (11.08.04 - p. 8). Acesso em janeiro de 2018.

A oitava edição da festa, que aconteceu em 2004, foi realizada em dois dias, unindo 1.600 pessoas. A decoração chamou a atenção dos apreciadores, pois foram confeccionados cachos de uvas com balões e as cores da bandeira da Itália continuaram a predominar no espaço.

A cada ano aumentava o público participante da festa e, conseqüentemente, eram necessárias mais pessoas da comunidade para que pudessem realizar as atividades planejadas e atender às necessidades dos participantes. Os trabalhos começavam meses antes da data da festa e todos ajudavam na organização do espaço e preparo dos alimentos feitos com antecedência. No dia da festa era grande a participação dos moradores que ajudavam na festa.

Fotografia 74: Moradores trabalhando na oitava edição da festa



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (13.08.04 - p. 9). Acesso em janeiro de 2018.

No ano de 2005, os moradores planejaram a nona edição da festa e, de acordo com a Ata nº 11/05, p. 042, “no dia 14 de dezembro de 2005, o presidente Ivanir Prolo, sugeriu fazer um termo de comodato para 20 anos com a Prefeitura Municipal de Francisco Beltrão, para a construção de um ginásio de esportes”, com tal ampliação seria possível maior participação da população. Nesta edição, o valor do jantar com vinho e baile passou para R\$ 15,00, e sua realização aconteceu em uma noite apenas.

Na Fotografia, a seguir, veremos o grupo de mulheres reunidas para a preparação da polenta, que seria servida na festa, sendo que, para Schneider (2012, p. 25), “a comida, o paladar, enquanto fator central das identidades individuais e coletivas destas

comunidades, também deve ser compreendido enquanto forma de lazer e de entretenimento, então, liga-se ao turismo”. As pessoas que frequentam estes espaços buscam estar juntos, divertir-se e, nestes momentos, a alimentação compõe o momento de lazer. Percebemos as imagens de alguns homens auxiliando nas atividades, mas, como de costume, a grande parte das atividades da cozinha eram realizadas pelas mulheres.

Ressaltamos, também, que, no momento da fotografia, apenas alguns moradores estavam presentes, entretanto, para que as festas aconteçam é necessária a colaboração de mais pessoas da comunidade. O número de trabalhadores por festa, variava entre 70 a 90 pessoas, e estas iniciavam as atividades 15 dias antes da data de realização da festa.

Fotografia 75: Nona edição da Fest Vin



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (03.08.05 - p. 4). Acesso em janeiro de 2018.

A nona edição da festa aconteceu em dois dias, sendo cobrado o valor de R\$ 15,00 por ingresso, com direito ao jantar, a vinho, à vontade e, posteriormente, o baile. Não encontramos registro em ata, mas compreendemos que os encontros para decisões continuaram durante a preparação e, posteriormente, para se contabilizar gastos e lucros.

Após esta edição, não hesitaram em continuar, pois encontramos na Ata nº 01/06, que, no dia 18 de maio de 2006, os moradores “reuniram-se para prestação de contas e leitura de um edital de ampliação do Centro Social, verba esta para a construção de um ginásio de esportes e, caso este estivesse pronto seria feito um baile separado da festa, caso contrário, acontecerá da mesma forma que nos anos anteriores”. De acordo com a publicação feita pelo Jornal de Beltrão, a décima Fest Vin foi novamente realizada em dois dias, com o ingresso no valor de R\$ 15,00 com direito ao jantar, vinhos à vontade, servidos durante o horário do buffet, apresentação do grupo Folclórico e baile. Caso as pessoas tivessem interesse apenas no baile, o valor era de R\$ 10,00, e a entrada era permitida após a desmontagem do *buffet*.

Conforme a publicação, destacamos que o principal objetivo da festa era resgatar a cultura italiana da comunidade. Para tanto, os costumes alimentícios e as danças eram os principais elementos, pois as missas e apresentações do coral não fizeram parte desta edição.

Fotografia 76: Convite para prestigiar a Décima edição da Fest Vin

do município.

FEST VIN

Comunidade de São Pio X comemora a 10ª edição da Festa da Cultura Italiana

A 10ª Festa da Cultura Italiana, a Fest Vin, está marcada para acontecer hoje e amanhã, dias 4 e 5 de agosto, na comunidade de São Pio X Km 20, em Francisco Beltrão. Com uma programação bem italiana, a Fest Vin tem início nesta sexta-feira com jantar às 19 horas. Logo mais, às 22 horas, a festança continua com a apresentação do grupo folclórico italiano Va Pensiero, do Km 20, e show baile com animação do grupo Sapucay às 23 horas.

No sábado, dia 5, às 23 horas acontece a coroação da Rainha da Festa com animação e baile com a banda Ilhas. Os ingressos para os jantares com vinhos e para os bailes custam R\$ 15. Quem quiser apenas aproveitar os bailes, os ingressos custam R\$ 10.

No cardápio tipicamente italiano estarão à disposi-



O pessoal da comunidade prepara a polenta.

ção do público salame tipo italiano, salame colonial, copa, queijo de porco, torresmo, murcilhas preta e branca, queijos prato e colonial, polenta brustolada, polenta frita, polenta com queijo, sopa de agnoline, fortaia, galeto e lingüiça no espeto, radicci com bacon, pão colonial, cuca, doces coloniais, pão de milho, nata, com os acompanhamentos dos vinhos tinto seco e su-

ave, branco e rosê.

A 10ª Festa da Cultura Italiana tem a participação da Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Através do Departamento de Cultura e do trabalho da própria comunidade, as pesquisas das origens étnicas vêm sendo cada vez mais valorizadas e desenvolvidas, buscando o resgate fiel dos hábitos alimentares, da música, da dança, do idioma e dos costumes em geral.

A Fest Vin tem o principal objetivo de resgatar a cultura italiana, principalmente despertando o interesse das futuras gerações. A festança italiana acontece no Centro Social Ouro Verde, São Pio X.

Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (04.08.06 - p. 4). Acesso em janeiro de 2018.

Na imagem, apresentamos novamente o grupo de moradores preparando a polenta. Este momento recebeu destaque, por ser uma atividade realizada no local da festa, o que exige o saber-fazer dos moradores. Dessa maneira, consideramos o preparo da polenta um marcador da cultura local.

É importante ressaltar que, no cardápio da festa, é servida a polenta brustolada⁶³, a polenta frita, a polenta com queijo, a sopa de agnoline, e macarronada, sendo estes os produtos que, durante os anos, permaneceram sendo preparados pelas pessoas da comunidade. Os demais embutidos deixaram de ser preparados por famílias do lugar, passando a ter novos fornecedores externos, isso devido ao processo de fiscalização e exigências de selo nos produtos.

Fotografia 77: Décima edição da Fest Vin



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (08.08.06 - p. 7A). Acesso em janeiro de 2018.

⁶³ Após o preparo da polenta, aguarda-se até que esfrie para ficar com textura lisa e firme. Na sequência, corta-se fatias retangulares que são colocadas sobre a superfície de um fogão a lenha, para dourar/sapecar. Esta maneira de preparar o alimento é nomeada “polenta brustolada”.

Enfatizamos que, na décima edição da festa, tem-se a publicação de que consistia em uma festa tradicional. Assim, foi realizado o desejo dos idealizadores, cuja pretensão era para que ela se tornasse tradicional, recebendo nos dois dias 1.800 pessoas para prestigiarem o evento.

Como de costume, após a realização da festa é feita a contabilização dos gastos e lucros, ou, como os moradores afirmam, é feito o “balanço” e tal informação pode ser percebida a partir da Ata nº 02/06, p. 043, que, no dia 18 de agosto de 2006, reuniram-se no Centro Social para “fazer o balanço e prestação de contas da décima Festi Vin”, foi informado aos participantes os valores de entrada e saída, bem como a possibilidade de adquirir “a compra de um pedaço de terra para fazer um campo de futebol” sendo explicado que o “ginásio que está sendo construído é em comodato com a prefeitura”. Para Maria de Lourdes:

[...] as ampliações do Ouro Verde, surgiram de pedidos nosso através do deputado Nelson Meurer de ampliar o salão porque a Fest Vin trazia tanta gente que não comportava mais dentro daquele salão, e daí as emendas parlamentares vieram pro km 20 também, deram a estrutura que temos hoje em virtude desta festa e se esta festa tivesse sido entendida e apoiada pelos nossos administradores eu acredito que nós teríamos uma festa em cada comunidade com aquilo que mais produz e quem sabe hoje teríamos o asfalto na estrada do picadão [...] (Maria de Lourdes Pazzini, 04/01/2017).

A partir do comodato, realizado entre a comunidade e a prefeitura, o ginásio de esportes foi construído em anexo ao Centro Social, e, dessa maneira, obtiveram mais espaços para comportar maior número de participantes durante a festa.

De 2007 até 2015, muitas mudanças aconteceram na organização da festa, pois o grupo de dança deixou de existir, permanecendo apenas o baile, os alimentos e os vinhos. Não escrevemos detalhadamente cada um destes anos, pois buscamos destacar as atividades observadas durante os anos de 2016 e 2017, por ser estes dois anos o período de maior nossa inserção como pesquisadora.

4.2 Grupos responsáveis pela organização da festa

Para que uma festa aconteça, sabemos que é preciso ter uma equipe que faça o planejamento inicial, assim, escolhe-se a data, buscam e fazem negociação com fornecedores dos produtos que serão consumidos, e, principalmente, convocam os moradores que vão fazer parte da equipe de trabalho. Já se tornou uma tradição a festa acontecer no primeiro sábado do mês de agosto e todos os grupos da comunidade se envolverem com a Fest Vin.

Os festeiros de 2016, com os quais tivemos maior contato, foram os moradores Cleide e Ivanir Tupy Prolo, sendo eles os responsáveis pelas listas de colaboradores, realização de orçamentos, compras, solicitação de brindes e patrocínios e organização das equipes para que a festa acontecesse, conforme o esperado.

Atualmente, os grupos não recebem porcentagem, o lucro é para manter as despesas do clube e para investimentos na melhoria no Centro Social. Aos grupos que ajudam durante a festa, cabe-lhes o direito de usar o espaço para fazer outras festividades, sem precisar pagar aluguel. Nesses grupos estão: Escola, igreja, clube de mães e grupo de idosos.

A entrevistada Maria de Lourdes afirma que “as três primeiras festas nós que tocamos, [...] a gente e também todas as associações que existiam na comunidade que participavam, era dividido o lucro, então era clube de mães, a escola e associação de moradores, a gente tentava envolver toda comunidade”. Muitas vezes, a pessoa que participa das atividades da escola, participa na igreja e no clube de mães, devido a isso, o grupo era rapidamente formado para trabalhar em prol da festa e dos lucros.

Conforme Giacalone afirma:

A festa requer uma quantidade de força-trabalho não utilizável para fins econômicos. Os trabalhos realizados durante a sua preparação e o seu desenvolvimento são de fato gratuitos, e não são dirigidos à produção de bens materiais, mas à fruição do jogo festivo. Na sociedade pós-capitalista, onde todo serviço tem um preço, a festa continua sendo uma modalidade da vida em coletividade, na qual o trabalho não é transformado imediatamente em valor monetário. A festa produz rendas, evidentemente, mas frequentemente o resultado econômico é destinado à organização e à manutenção da festa enquanto tal (GIACALONE, 1998, p. 128).

Os moradores disponibilizam tempo e trabalho para benefícios da coletividade, e o ato de preparar a festa torna-se prazeroso, e embora não recebam pelos serviços prestados, é grande a participação. Em relação às pessoas que trabalham na festa, a entrevistada Zenilde Garcia menciona, “tem uma imensidade quando eles leem sabe quem vai trabalhar, nossa não termina mais, eles avisam na igreja quem vai trabalhar na festa”. O espaço religioso está relacionado ao preparo da festa, e por ser um espaço de encontro e frequentado pelos moradores, aproveita-se para informar as funções atribuídas para as equipes da festa.

Durante os anos, as principais mudanças ocorridas foram o retorno de um dia de festa, a ausência de grupo folclórico na comunidade e não organização das missas e coral italiano, mais destaque ao baile, sendo que, após o jantar, era o que garantia a animação

dos participantes. Com o passar dos anos, as principais permanências foram os cardápios com o saber-fazer dos moradores, o vinho colonial, a decoração e a escolha do mês de agosto para acontecer a festa.

No ano de 2016 não encontramos registro em ata sobre a Fest Vin. Contudo, na Ata do dia 30/05/2017, p. 053, temos a informação que a diretoria se reuniu nas dependências do Centro Social para definir a data da “tradicional Festi Vin”, sendo definido que a XXI (vigésima primeira) festa aconteceria no dia 05 de agosto de 2017, “já dando início aos preparativos foi feita a lista dos colaboradores e também discutido a questão dos fornecedores. Sendo definido que seria dado preferência a produtores e comércios locais”. Foram abordados assuntos sobre as melhorias que precisavam ser feitas, tais como “novas mesas na cozinha, reforma de todos os fogareiros e fornos, reforma na cobertura e fazer toda a parte elétrica e reforma na pista de dança”. Feitas estas reformas, combinaram de lavar o Centro Social.

Durante a festa algumas atividades são determinadas como responsabilidade das mulheres. Elas estão sempre em grande quantidade nos afazeres da cozinha, preparando os alimentos. Aos homens fica a responsabilidade de buscar lenha, preparar o fogo, assar as carnes, cuidar a portaria e estacionamento, organizar e servir o vinho e fatiar os embutidos. Contratou-se uma empresa para as demais bebidas, a qual disponibilizava garçons para atendimento ao público. Para as crianças e jovens é atribuída a responsabilidade da venda de rifas, pois durante a festa é realizado o sorteio de prêmios.

Percebemos que todos os membros das famílias se envolviam com a preparação da festa, enquanto a mãe auxiliava nos afazeres da cozinha, o pai estava assando a carne e os filhos a vender as rifas, e, dessa maneira, a festa acontece. A seguir, mencionamos o preparo de alguns alimentos que mantiveram a mesma característica inicial da festa.

4.3 Preparação dos alimentos: os saberes da cozinha

A cozinha pode ser o abençoado lugar de uma doce intimidade, conversas sem nexos travadas a meias-palavras com a mãe que vai e volta da mesa para a pia e da pia para o fogão, com as mãos ocupadas mas o espírito disponível e a palavra atenta a explicar, discutir, reconfortar (GIARD, 2008, p. 259).

A cozinha foi o espaço no qual mais percebemos os costumes do local, consideramos que os moradores se identificavam com as atividades desenvolvidas, pois estas faziam parte do cotidiano, das tradições e costumes. Assim, as festividades

realizadas anualmente na comunidade, envolvem coligar as ações de preparar e usufruir os alimentos. Dessa forma, tomamos por base as palavras de Silva, quando diz que:

Aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias. Ela também pode sugerir mudanças ao longo do tempo bem como entre culturas (SILVA, 2009, p. 42 - 43).

Podemos depreender do fragmento, que o usufruto do alimento é uma afirmação de identidade e que, a forma como o produzimos, os ingredientes que usamos, oferecem indícios sobre a cultura de um determinado local. Da mesma forma, é possível inferir que o gosto, a aceitabilidade que temos em relação ao sabor, à textura e à composição estão relacionados à nossa memória. Para Giacalone,

Alimentação, portanto, desempenha um papel significativo no interior dos percursos festivos. Aquilo que é preparado nesses contextos assume um caráter de excepcionalidade, de abundância alimentar, de excesso, que requer modalidades específicas de preparação e de consumo. O momento de fazer as refeições assume sempre, na festa, um caráter coletivo, seja ela de natureza pública ou privada (GIACALONE, 1998, p. 131-132).

Desse modo, percebemos que o principal alimento selecionado como marcador para afirmar a identidade cultural predominante na comunidade, é a polenta e os ingredientes utilizados, bem como a maneira de prepará-la demarcam o saber – fazer local.

Fotografia 78: Momento em que as mulheres preparam o alimento para a festa



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2017.

Desde o início da festa buscou-se a valorização dos produtos coloniais, aqueles produzidos pelas famílias locais. Mas, como veremos na afirmação de Krone (2009, p. 65), a industrialização transformou certos costumes, isto porque “[...] é claro que entrada no mundo urbano tende a transformar certas normas trazidas pelo padrão de consumo urbano”, estes novos alimentos fizeram com que alguns valorizassem mais os “alimentos industrializados em detrimento daqueles produzidos de forma artesanal na propriedade familiar”. Desde as edições iniciais da festa ocorreu a modificação do saber – fazer local, para o fazer industrializado, pois com a fiscalização e as exigências da vigilância sanitária, os moradores foram obrigados a comprar os produtos industrializados, que possuísem tal autorização para comercialização. Na fotografia, a seguir, percebemos um grupo de mulheres no preparo da polenta, sendo este momento o mais utilizado como meio de divulgação da festa.

Fotografia 79: Mulheres preparando a polenta na Fest Vin



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (03.08.2002 - p. 1). Acesso em janeiro de 2018.

Nas edições da festa permaneceu o preparo da polenta, do agnoline e do macarrão, e estes recebem total destaque na guarda dos costumes locais, ressaltando o saber – fazer para novas gerações. Os queijos, salames e embutidos, primeiramente, eram de fácil acesso, pois grande parte dos moradores produziam, mas com a fiscalização passaram a ser comprados em supermercados.

Para entrar e permanecer na cozinha, fazia-se necessário o uso de toucas e aventais. Conforme o combinado, colocamos a touca, avental e acompanhamos as atividades do grupo. Percebemos que todos têm por costume tomar chimarrão, pois quatro cuias foram arrumadas para serem compartilhadas, durante a tarde.

Em 2016, conversamos com um grupo de mulheres sobre a quantidade de farinha utilizada no preparo das polentas⁶⁴. Obtivemos a informação que foram utilizados 130 kg de farinha de milho. Sendo necessárias treze grandes panelas para realizar o cozimento e um dia de trabalho para que os produtos ficassem prontos.

No dia 08 de agosto de 2017 acompanhamos toda a movimentação do clube, porém, nossa maior intenção era observar o preparo das polentas. Eram 10 horas e 42 minutos quando começaram a encher com água as dezoito panelas, distribuídas em quatro fogões, com capacidade para seis panelas, por vez, dispendo de enormes chamas para aquecimento.

Enquanto iniciava-se o processo de fervura, mais pessoas chegavam para ajudar; foram utilizados 80 kg de farinha para o preparo. A tarde foi longa, carregada de muito trabalho e, ao mesmo tempo muito aprendizado, pois as pessoas que ali estavam demonstravam entusiasmo e comprometimento com a realização da festa. Percebemos a alegria do grupo e, enquanto mexiam a água, colocavam o sal e a farinha de milho começava a ser derrubada. Assim, iniciava-se o preparo da polenta, sendo possível ouvirmos “que comece a festa”, ou seja, para os moradores, o fato de preparar os alimentos já era o início da festa.

Durante este processo ouvimos os mais diversos assuntos e o movimento exaustivo de mexer a polenta rememorava as lembranças vividas, contavam uns aos outros sobre os ensinamentos que receberam das mães em relação à cozinha, das nonas e nonos, e as canções italianas que sabiam cantar. Assuntos eram falados utilizando-se a língua italiana, e, logo, eram substituídos por conversas sobre temas do cotidiano, regional e até nacional. Mas, quando achamos que o assunto utilizando a língua italiana terminara, chegava alguém na cozinha cantando “La Bella Polenta”, e, instantaneamente, abandonavam os diálogos e juntos cantavam, e rememoravam o passado.

Lembranças individuais eram expostas ao grupo, mencionavam que era bom comer a polenta com o salame, com a copa/socol, ou até mesmo com ovo. Surgindo, assim, o assunto da vez: o preparo do socol, ou a copa como alguns conhecem. Enquanto as mãos faziam o movimento circular para que o alimento atingisse o ponto desejado

⁶⁴ A polenta é um alimento muito consumido pelos moradores da comunidade e região. Ao chegar na casa da entrevistada Aurélia Becchi Bosio, 85 anos, mora sozinha, fomos recepcionados e informados pelo cheiro e vapor de uma travessa de vidro cheia de polenta que recentemente havia sido cozida. Eram nove horas da manhã e o alimento já estava pronto, esfriando para ser brustolado/sapicado sobre o fogão a lenha, para o almoço. A entrevistada afirma manter este costume porque adora comer polenta. Para o preparo deste alimento utiliza-se água fervente, sal e farinha de milho até o ponto, e ela comentou que é preciso mexer sempre para que o cozimento aconteça sem queimar o alimento, e, quanto mais tempo cozinhar, mais gostosa ela fica (Diário de Campo, 07 de julho de 2016).

aproveitavam para explicar e trocar informações das ações envolvidas para o preparo do socol, sendo necessário o seguinte processo: tirar a carne do lombinho do porco, temperar bem, amarrar com barbante e depois defumar, logo, outra pessoa já afirmava: lá em casa se fazia muito mesmo o salame, depois fritava a banha do porco e misturava a carne dentro e guardava.

Os assuntos nos levavam a imaginar os acontecimentos que estavam sendo narrados e enquanto falaram, as colheres de madeira nas mãos, (“Cucchiai”), mexiam a polenta de um lado para outro (“potevano muovere”) sem parar a “La Bella Polenta” dentro da panela (“Pentola”).

Eram 15 horas, quando percebemos que uma panela cheia de ovos foi colocada ao fogo. Ficamos observando, para vermos o que fariam com tantos ovos. Assim que estavam cozidos, duas mulheres descascaram aquela grande quantidade e, após, estarem todos sem casca, foram colocados em uma bacia e servidos como lanche da tarde, foram oferecidos também laranjas, refrigerante e vinho.

Quando saímos, por alguns minutos, para percebermos as atividades que estavam acontecendo fora da cozinha, vimos a entrega dos queijos, galletos, natas e os bacons. Os produtos eram de marcas conhecidas, consideradas de excelente qualidade.

Mais de quatro horas foram utilizadas para o cozimento das polentas. O aroma informava, para as pessoas mais experientes, que já estava próximo o ponto de cozimento, enquanto para as mais jovens a tentativa era de identificar qual a diferença no cheiro, para se saber se estava cozida.

Conforme aponta Marques (2008, p. 99), “[...] na cozinha se (pré) sentia os movimentos da festa: os órgãos do sentido eram tomados pelo perfume exalado”. Tal afirmativa nos leva à comparação com o cheiro que estava dentro da cozinha, pois as mais experientes afirmavam que já estava quase pronta, e, em breve, poderiam desligar o fogo e derramar a polenta em uma vasilha para esperar que esfriasse.

Ouvimos o comentário “ **nós temos que guardar o cheiro para o ano que vem, nem que seja numa caixinha de fósforo**”, e entre sorrisos expressaram gestos de puxar a respiração para sentir o cheiro da polenta cozida.

Enquanto ouvimos as conversas, anotamos em nosso Diário de Campo, que a polenta preparada e servida no Km-20 possui quatro “Ada”; sendo a polenta **brustolada**, **sapecada**, **assada** e **fritada**, sem contar que podemos ainda encontrar outros adas pois ela é **salgada** e **caprichada**. O tom jocoso tem a função de trazer para o texto certa ambiência que permanecia no lugar durante o preparo do alimento. Ainda, no que diz respeito ao movimento das mulheres, quando uma cansava de mexer a polenta, parava para tomar

uma cuia de chimarrão, a outra assumia a tarefa para que se mantivessem as condições de cozimento. Ninguém ficava parado, até nós ficamos de um lugar para o outro, pois cada grupo tinha um assunto e tudo era interessante, embora ouvir tudo nem sempre era possível.

Já passando das 17 horas e 30 minutos, começaram a tirar as polentas do fogo e virá-las em formas para esfriar. Neste momento, era imprescindível a ajuda dos homens, pois as grandes panelas exigiam muita força para fazer a troca de recipiente. Assim que as panelas eram esvaziadas, enchiam-nas com água para facilitar no processo de lavagem. Conforme as panelas iam dando indícios que estavam prontas fazia-se este processo e, aos poucos, ia diminuindo a quantidade de panelas no fogo. As mulheres, que ainda estavam com as suas panelas no fogo, mexiam sem parar, ouvimos o comentário de que nunca teve tantas mulheres fazendo polenta no mesmo dia e no mesmo lugar, o que consideramos interessante e, logo, anotamos no nosso Diário de Campo.

Fotografia 80: Equipe que preparou as polentas na Vigésima Primeira Fest Vin

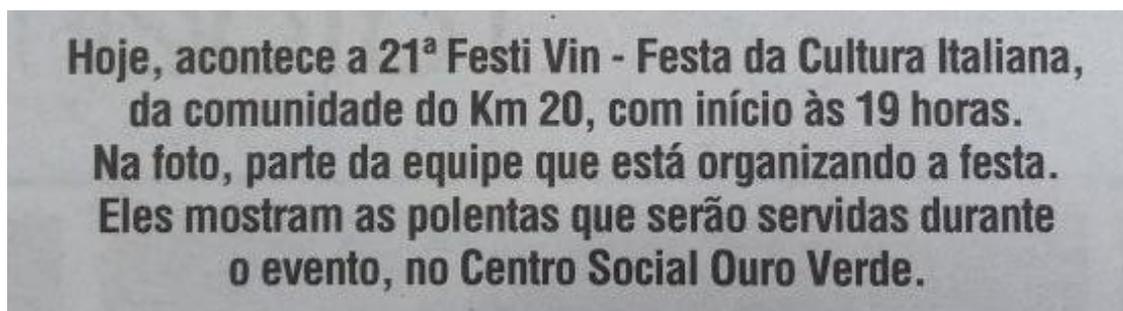


Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2017.

Ressaltamos que a equipe não estava completa porque, quando a noite se aproximou, algumas pessoas precisaram sair, pois precisavam retornar para casa para ordenhar as vacas. Saíam sem comentar e, tão logo acabavam as suas atividades, retornavam para ajudar. E quando alguns estavam indo embora, outros já chegavam para continuar com a organização da festa, tornando-se o motivo pelo qual a equipe não está completa. Após as formas estarem cheias de polenta, esperou-se esfriar e foram postas na geladeira para a conservação do produto.

Durante a quinta e sexta-feira de 2017, o Jornal de Beltrão não se fez presente durante os preparativos e por termos o contato de telefone do Almir, ele nos solicitou algumas fotos. Dentre as tantas que registramos, optamos por enviar a imagem que está acima, pois nela era possível observar grande parte das pessoas que passaram o dia desenvolvendo as atividades propostas. Ele prestigiou e registrou as atividades apenas no dia da festa. A fotografia enviada, na sexta-feira, foi publicada juntamente com as informações, a seguir.

Fotografia 81: Informativo sobre a Vigésima Primeira Fest Vin



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (05.08.17 - p. 13). Acesso em janeiro de 2018.

No sábado de 2016, já no início da manhã as mulheres fatiaram as polentas e os queijos. Para cada tipo de preparação era um produto servido durante o jantar. As polentas fatiadas, em cubos, foram passadas na farinha de trigo e fritas, durante a manhã até meia tarde e, posteriormente, colocadas em forno para manterem-se crocantes. Outra equipe ficou responsável para colocar, em cima da polenta, um pedaço de queijo, e estas foram organizadas em formas, pois seriam assadas durante a noite.

As radiches foram lavadas, folha por folha, e picadas em pequenos pedaços, na sequência eram depositadas em grandes bacias e cobertas com uma toalha. Em relação a esta salada, o Valdir Ernesto Bortolotti afirmou que seu pai era italiano de Marau e contava que “[...] tinha dias que pra matar a fome ele comia radiche”, pois era o alimento que tinha em abundância, por vezes, nascia por conta sendo possível entendermos a expressão radiche do mato, da roça. Na festa, esta salada compõe o cardápio da festa por ser considerado um alimento da cultura italiana.

Os temperos foram também lavados e picados, havia salsinha, cebolinha verde, cebola e alho. Os frangos foram colocados para ferver, porque, mais tarde, no caldo seria acrescentado o agnoline.

Os homens fizeram o fogo na churrasqueira e ligaram o forno para assar galletos. E, por volta das 15 horas, o queijo da rifa chegou. Os músicos estavam montando o som,

o frango estava fervendo para a sopa e 20 kg de carne moída estavam sendo preparados para o molho do macarrão. Chegaram então as 38 unidades de pães de milho, 52 cucas e 20 pães caseiros, tudo feito pela padaria da Comunidade.

Nos fundos do Centro Social há a residência do caseiro, chamado de Gaúcho, responsável pelos cuidados com o clube. Ele ajudava com um pouco de tudo, arrumando as fitas e cones para o estacionamento.

Eram 16 horas quando chegaram os jalecos passados, que seriam utilizados durante a noite. Foram distribuídos os panfletos de propagandas nas mesas. Estas mesas possuem capacidade para, no máximo, 12 pessoas adultas. Elas começam a ser organizadas duas semanas antes pois são compostas de dois cavaletes de ferro e duas tábuas de madeira para a parte da mesa e mais uma tábua em cada lado para formarem os bancos, sendo que foram montadas mais de 150 mesas dentro do Centro Social.

Os músicos, ao acabarem de testar o som, sentaram-se em uma destas mesas próximo à cozinha e foram servidos com galeto assado e vinho. Houve revezamento entre as equipes para irem para casa tomar banho, produzirem-se para a festa e voltarem para o trabalho da noite. Aos poucos, chegavam mais pessoas para trabalhar.

A equipe dos embutidos era composta apenas por homens. Foram fatiados 200 kg de salame e 50 kg de morcilha, cujo trabalho teve início às 17 horas e foi até meia hora antes do horário final do jantar.

Pontualmente, às 18 horas, as panelas com água foram colocadas para ferver, nelas seria feito o cozimento de 80 kg de macarrão. Passados 20 minutos, os homens começaram a encher as seis pipas, cada uma com um tipo de vinho.

Os assadores colocaram mais carne para assar, e um deles comentou que, agora a churrasqueira é grande, antes era tudo pequenininho. Com todos os trabalhos organizados, preparou-se uma mesa para os trabalhadores sentarem-se para jantar, mas tudo acontecia rapidamente. Na sequência, abriam as portas ao público. No ingresso adquirido para a entrada da festa, estavam inclusos o jantar com vinho e o baile.

Assim, conforme acabavam de jantar retomavam para suas funções, e, ao se abrirem as portas, os espaços foram tomados de pessoas, filas se formavam para provar os vinhos e, da mesma maneira, os três *buffets* estavam sempre lotados. Na cozinha era uma correria, os responsáveis pelas comidas do *buffet* vinham com suas bandejas vazias e levavam-nas cheias, foi assim durante as quatro horas. Durante a festa duas crianças da Comunidade nos ofereceram uma rifa no valor de R\$ 2,00, concorrendo a três prêmios. O primeiro era um queijo de 20 kg, o segundo uma garrafa de vinho e o terceiro um salame de um quilo. Compramos dois números e, após o sorteio do terceiro prêmio,

ouvimos nosso nome, fomos contempladas com o 2º prêmio, ganhamos, portanto, uma garrafa de vinho. Felicidade!

Durante o jantar, muitas pessoas se reencontraram: abraços, palavras altas, risos frouxos (alguns já impulsionados pelo excesso de vinho). Neste momento percebia-se que os sujeitos experimentavam um sentido particular para a palavra festa. Parecia uma festa também para os sentidos. Tudo estava elevado a uma categoria de êxtase e arrebatamento. Música alta, filas para jantar, olhares furtivos de quem pretendia namorar.

O *buffet* era composto por três mesas, com formato da letra U, e os alimentos servidos eram organizados nas respectivas sequências, dessa maneira, o que havia de um lado era igual ao do outro, e o espaço no meio era utilizado, pelas mulheres, para repor os pratos. Assim, somavam-se seis buffets (a comida esteve disponível das 19 horas, e permaneceu até às 22 horas e 10 minutos), horário em que começaram a desmontar as mesas e a retirá-las da pista principal, bem como as pipas dos vinhos. Para a desmontagem, as comidas que estavam sobre as mesas foram colocadas juntas em uma, e somente depois de concluída a desmontagem dos dois, retiraram tudo de vez, deixando a pista livre, pontualmente, às 22 horas e 35 minutos.

Ao adentrar novamente na cozinha, encontramos as equipes cansadas, mas contentes por tudo ter acontecido conforme o planejado. Vimos e ouvimos os churrasqueiros comemorarem por ter dado tudo certo. Um deles suado, do calor do fogo da churrasqueira, largou o espeto, pegou uma cerveja abriu e serviu todos os colegas afirmando “missão cumprida, agora é só festa!”

Fotografia 82: Homens comemorando a conclusão das atividades



Fonte: Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2016.

Quando ouvimos a fala do morador, anotamos em nosso Diário de Campo e imediatamente pedimos autorização para registrar o momento, e todos prepararam-se para a foto. Percebemos que, por vários dias, eles se envolvem com o preparo da festa, e após sentirem que cumpriram suas funções, sentem-se preparados para aproveitar o momento da festa também.

Pareceu-nos que, para eles, a festa deve ser preparada para o divertimento dos visitantes apenas, pois, enquanto estão na função de trabalhador voluntário, não podem aproveitar, mas ao concluírem a atividades se inserem na festa como apreciadores.

Na cozinha, desde o início da festa havia muita louça a ser lavada, as mulheres faziam revezamento para tentar deixar o mais em ordem possível, contudo com a desmontagem final do *buffet* a quantidade de louça aumentou, as pias, mesas e bancadas foram tomadas pela quantidade de pratos, talheres, formas e travessas. As sobras de alimentos eram organizadas, enquanto isso, todos se preparavam para aproveitar a festa.

Para o tradicional baile foram contratadas duas bandas, um grupo que iniciou as apresentações com as músicas folclóricas italianas e o outro para, posteriormente, continuar animando a festa. O trabalho dos moradores é intenso, tanto antes quanto durante e também após a festa, grande parte dos moradores vão na festa por estarem trabalhando, pois, os demais que não ajudam acabam por não participar da festa, justificando que o valor do ingresso é muito caro.

Tivemos a afirmação dos festeiros de que quem trabalha não precisa pagar seu ingresso, sendo servido o jantar e vinhos, antes do início e depois podem aproveitar o baile. Em algumas funções, após o jantar já estão liberados, mas outras como cuidar do estacionamento, portaria e venda de bebidas é feito um revezamento para conseguirem dançar um pouco.

Uma das características da festa é o momento de reencontro com os amigos. Observamos após o jantar, o reencontro da professora e entrevistada Zenaide Maria Vivian, com seus alunos, sendo que ela foi professora do pai e anos mais tarde da filha.

Já na festa de agosto de 2017, dia 3 (quinta-feira), iniciamos o trabalho de campo na comunidade, e, no início da manhã, fomos até o Centro Social acompanhar as atividades que estavam sendo realizadas. Ao chegarmos nos deparamos com a diretora da escola, uma professora e a nova responsável pela diretoria do clube, juntamente com duas pessoas do corpo de bombeiros.

Os bombeiros exigiram alguns procedimentos de segurança e argumentaram sobre investimentos necessários. Ficamos sabendo que os bombeiros que ali estavam, haviam recebido uma denúncia por acreditarem que o Centro Social estava irregular. Porém,

afirmou a responsável pelo clube que seu esposo e presidente, estava, naquele momento, nas dependências da polícia e bombeiro solicitando a liberação para a festa.

No ano de 2017 aconteceu a vigésima primeira edição da festa, e contou com uma nova diretoria e novos festeiros, sendo que a Célia Cavasini era a primeira a chegar e última a sair do clube. Obtivemos a informação sobre as melhorias realizadas antes da festa, sendo a troca de toda a instalação elétrica, aquisição de mais lâmpadas de emergência, extintores novos, mesa para cozinha toda de mármore, bem como novas pias e conserto de todos os fogões.

Na sexta-feira, dia 04 de agosto de 2017, pela manhã, deparamo-nos com as máquinas consertando o asfalto de acesso à comunidade, como dizem os moradores estão tampando os buracos. Destacamos que o asfalto só recebe estes reparos em virtude da festa, sendo comum ouvir “que venha logo outra Fest Vin, para arrumarem o asfalto” e facilitar a locomoção.

Ao chegarmos no Centro Social, os funcionários da escola estavam a todo vapor, arrumavam mesas para o *buffet*, colocavam tecidos em frente ao palco, separavam toalhas para as mesas e pensavam nos detalhes para ornamentar o espaço.

Ao nos dirigirmos para cozinha, três mulheres estavam na função de lavar as panelas que haviam sido utilizadas para o preparo das polentas. Faltavam aproximadamente oito panelas e percebemos que elas já estavam cansadas, diante do que, propomo-nos, então, a ajudar nesta tarefa. Esfregamos as panelas até não ficar nenhuma sujeirinha e com uma mangueira enxaguamo-las e depois secamo-las. Entre uma panela e outra, conseguimos olhar para o centro do salão e observar o que estava acontecendo.

Percebemos um grupo de alunos, juntamente com o professor, chegando para ajudar nas atividades, que já estavam adiantadas, e, enquanto o professor auxiliava nas atividades necessárias, alguns alunos sentaram, em frente ao palco, e outros ficaram em pé, ao redor dos que estavam sentados, e conversavam alegremente, porém ficaram pouco tempo e logo retornaram para a escola. Pela manhã, chegaram 142 kg de galletos, os quais foram colocados em enormes recipientes para receberem o tempero. E, durante a tarde, além das polentas já prontas do dia anterior, foram preparadas mais cinco panelas com polenta, para que não faltasse no dia da festa.

Na manhã de sábado, os preparativos, para o grande dia da festa, começaram às 7 horas e 30 minutos. Também os funcionários da escola auxiliavam na finalização da ornamentação. Na cozinha, havia grande número de pessoas trabalhando nas atividades, sendo um grupo para fatiar a polenta, outro para enfarinhar e fritar, enquanto outras estavam a lavar e a cortar a salada, fatiar o queijo, entre tantos outros detalhes que estavam

acontecendo simultaneamente. Os homens estavam responsáveis pelas atividades que exigiam mais força, descarregavam as lenhas, organizaram dentro da churrasqueira, limpavam os espetos que seriam utilizados, descarregaram as linguiças, que seriam assadas durante a noite, descarregaram os vinhos e colocavam-nos para gelar.

Após a equipe da escola encerrar a decoração do *hall* de entrada, *buffet* e demais mesas e lugares, reuniram-se no *hall* de entrada para registrarmos uma fotografia com todas as pessoas que ajudaram, e, depois, estavam todos dispensados.

Na cozinha havia muito trabalho; a grande maioria permaneceu no horário de almoço e foram servidos galletos para todos que estavam ali ajudando. No início da tarde começava a euforia, pois estava se aproximando o início da festa; percebemos a empolgação de todos e a grande organização das mulheres que trabalhariam servindo e repondo o *buffet*. Chegaram os pães coloniais, e as pessoas escaladas para fazer o corte dos produtos embutidos, logo que chegaram, já iniciaram suas tarefas. As bebidas foram colocadas para gelar, e nos chamou a atenção o adesivo na camionete “Bebidas São Pio X”, logo perguntamos para o proprietário porque ele escolheu aquele nome e ele nos respondeu “porque a gente é daqui”, e tem que valorizar o lugar.

Entre os organizadores havia duas preocupações, o número de participantes e se teria comida disponível para servir todos. Aproximadamente, às 17 horas as equipes já estavam formadas, cada uma na sua função, preparavam os alimentos e o ambiente para a festa. Na cozinha, preparava-se a *fortaia*⁶⁵, enquanto uma quebrava os ovos, a outra misturava com queijo e mais uma mulher estava disponível para mexer tudo na frigideira, até dar o ponto. Assim que algumas comidas ficaram prontas foi montado um *buffet* exclusivo para as pessoas que estavam trabalhando na festa e, nesse movimento, rapidamente, as pessoas saíram dos seus afazeres e sentavam-se à mesa para apreciar a comida que, até então, estavam a preparar. Comiam, pegavam seu prato e, rapidamente, voltavam para seus afazeres.

O horário de início da festa estava próximo, percebemos a ansiedade dos festeiros, pois era a primeira festa que organizavam, retomavam os combinados que fizeram para que tudo saísse de acordo com o esperado. Durante os dias de preparação da festa uma imagem da Nossa Senhora da Aparecida estava na prateleira da cozinha, mas minutos antes do início da festa ela foi exposta em uma prateleira, de frente para o público. Perceber tal ação reforça os vínculos e crenças dos moradores.

⁶⁵A *fortaia* é considerado na comunidade um prato típico da gastronomia italiana. Este alimento nada mais é do que ovos batidos, conhecido por omelete, ao qual acrescentam queijo e pequena quantidade de sal, e é colocado em uma frigideira para fritar.

Antes do horário previsto para início, já percebemos uma aglomeração de pessoas para adentrar o local. As pessoas que estavam responsáveis para encher as pipas de vinho se apressaram, as da portaria rapidamente estavam a carimbar as pessoas que estavam trabalhando, os churrasqueiros já estavam com os seus serviços todos encaminhados, só precisavam esperar o momento certo para tirar a carne do espeto e colocar na travessa a ser servida. Com tudo pronto para ser servido, abriram-se as portas, mesmo antes do horário combinado, assim, deram início à vigésima primeira Fest Vin.

Com o passar das primeiras horas, as mesas já não eram suficientes, então, a movimentação para montar mais mesas e aumentar a quantidade de alimentos começou, recorreram ao mercado São Pio X, para que trouxessem mais galletos, mais macarrão e mais carne moída. A preocupação dos organizadores aumentava, não queriam que faltasse comida, e, de fato, não faltou, mas pegaram todo o estoque de galletos do mercado. Nesta festa venderam 1.680 ingressos em um único dia, sendo o número de participantes considerado satisfatório para os moradores. Os assadores estavam surpreendidos. Quando acabaram de entregar os últimos espetos de galletos para serem colocados no *buffet*, ouvimos um comentando com o outro admirado “acredita, que até a lenha foi tudo”, enquanto o outro comentou “já entreguei o jaleco agora tô livre, agora tá na hora de nós começar a aproveitar a festa”.

Encontramos na cozinha a proprietária do mercado, questionamos o motivo da escolha do nome do mercado e ela informou “escolhemos porque vai que o Pio X, nos ajude né”, entendemos que a escolha do nome do mercado, também é demarcada pela religiosidade do local. Neste momento, adentrou a cozinha algumas autoridades presentes, para cumprimentar os trabalhadores da festa.

Após a desmontagem do *buffet*, deu-se início ao baile, e as pessoas transbordavam alegria, sorrisos estavam estampados pelo sucesso da festa. Nas mesas, as famílias e amigos reunidos, conversavam, expressando ser um momento para afastar-se dos dilemas do cotidiano e viver a festa em sua plenitude. As crianças de colo, eram o centro das atenções, os familiares seguram-nas e brincavam; para os maiores, o espaço se tornava pequeno, corriam entre as mesas, tudo era sorriso. Em todas as direções vimos sorrisos, abraços e muita dança.

No *hall* de entrada, organizado pela escola, pessoas registrando a participação na festa, na área externa algumas pessoas saíam para fumar e, assim que acabavam, retornavam para dentro. A temperatura estava agradável, não fazia tanto frio e, embalados ao vinho, o calor aumentava e a festa foi até as quatro da manhã.

4.4 A escola e a preparação para a festa: Ornamentação

No ano de 2016, nossa inserção na comunidade tinha papel diferente: acompanhar, observar e descrever as atividades do local. Conforme nosso planejamento, na manhã de sexta-feira, 5 de agosto, fomos até a comunidade para compreender o papel da escola na preparação da festa.

Ao chegarmos em frente ao portão, antes de entrarmos na escola, observamos a rampa coberta, com seu chão de peivers e seus muros laterais, com flores plantadas para embelezarem o caminho. Na medida em que começamos a subir, percebemos que o tempo passou depressa, lembramos das aulas práticas da disciplina de Desenvolvimento Rural Sustentável (DRS), na qual nossa responsabilidade era preparar a terra, plantar e manter as flores da rampa.

Percebemos algumas modificações nos espaços, mas uma coisa não havia mudado, a escola continuava responsável pela organização do *hall* de entrada e de outras atividades para preparar o espaço para a festa. Para Cleide, “a escola sempre teve esta função decoração sempre foi de responsabilidade da escola, desde a primeira festa”. Após dias de envolvimento e dedicação para pensar e executar tais ideias, as coisas tomaram forma, e, na véspera do evento, tudo estava tranquilo e sem euforia. As professoras que atuavam na coordenação da escola, finalizavam os últimos detalhes da decoração.

A decoração foi realizada com caixas de madeiras utilizadas para transportar frutas, fotografias antigas retiradas da internet, que buscavam simbolizar a cultura italiana e garrafas de vinhos vazias, envolvidas com fitas e barbantes, nas quais, no dia da festa, seriam inseridos um ramalhete de mosquitinhos.

Para os alunos, rotina normal, nos corredores alguns iam e vinham para tomar água, ir ao banheiro ou buscar materiais na sala onde estavam organizando e separando os materiais que levariam para fazer a decoração.

Enquanto olhamos a movimentação e a rotina da escola, deparamo-nos com o mural que estava no saguão da escola com uma frase exposta: “É impossível ser um bom artista sem saber manejar os instrumentos de sua arte! ”, pensamos logo, é impossível realizar uma boa pesquisa sem conhecer o cotidiano destes moradores.

Ouvimos um barulho, era o sinal que indicava que estava no horário do intervalo, em seguida, as conversas e as risadas dos alunos, nos corredores, transformavam o espaço com sua vivacidade e movimentação. Os docentes reunidos na sala dos professores. Neste momento, optamos por observar os alunos e, enquanto alguns sentaram-se nos bancos do

saguão para comerem o lanche oferecido pela escola, outros ficavam andando de um lugar para outro.

Andamos pela escola e percebemos as mudanças estruturais que recebeu após os anos que ficamos afastadas do lugar. Registramos uma fotografia do parquinho, porque este espaço é frequentado até pelos alunos mais velhos da escola.

Fotografia 83: Parquinho da Escola Basílio Tiecher



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2016.

O parquinho foi recentemente montado, e observá-lo nos trouxe a oportunidade de conversar com um grupo que estava lá, eram alunos do 9º ano. Questionamos se eles haviam ido até a Centro Social realizar alguma atividade. E a resposta da aluna foi: “Por enquanto ajudamos durante três aulas, a 4ª aula na segunda, e na quinta-feira as duas últimas”. Perguntamos quais atividades realizaram e ela explicou: “Ficamos arrumando toalhas, tinha que separar por tamanho e cor e deixar em cima de cada mesa”. Pedimos ao grupo quem iria participar da festa; alguns com sorriso no rosto falaram “eu e toda minha família vamos ir para ajudar a trabalhar”, enquanto outros comentaram, “não, este ano está muito caro, lá em casa somos em cinco, daí não dá”. Tais diálogos, fizeram-nos lembrar que, enquanto aluna, também ajudávamos na preparação da festa.

O fim do intervalo chegou, com ele o sinal e todos saíram desesperados, uma correria só, filas para ir ao banheiro e tomar água para, posteriormente, aguardarem a chegada dos professores na sala.

Após o recreio fomos convidadas para irmos ao clube, juntamente, com quatro professoras. Elas carregaram as coisas no carro, e enquanto uma foi dirigindo, as demais foram andando a pé até o clube, com a missão de continuar o serviço do dia anterior. Ao chegarmos, chamou-nos a atenção as pinturas nas paredes internas: amarelo e verde, caracterizando o nome do clube - Centro Social Ouro Verde.

No horário em que chegamos, havia poucas pessoas ajudando nos afazeres da festa, duas mulheres na cozinha, duas lavando os panos de louça e aventais, uma mulher e dois homens na limpeza e acabara de chegar as quatro funcionárias da escola para fazer a decoração. Ao acompanhar as atividades da escola, percebemos a movimentação das demais equipes, e a mesa para o *buffet* começou a ser organizada.

Às 12 horas e 30 minutos todos dirigiram-se para suas casas para o almoço, retornando, o mais rápido possível, para finalizarem as tarefas do dia. Retornamos ao clube às 13 horas 15 minutos, e quatro mulheres já estavam na cozinha, sendo que duas já estavam também pela manhã.

Enquanto fomos olhar alguns detalhes da decoração, as mulheres, na cozinha, começaram a fritar o bacon, e logo o clube foi tomado pelo cheiro de bacon frito! Às 14 horas, as professoras da escola deram continuação na decoração do *hall* e colocaram algumas caixas amarradas nos pilares do clube e, nesta atividade, solicitaram a ajuda de um professor, funcionário da escola.

Além do professor, apenas outros quatro homens estavam ajudando nos afazeres da tarde, sendo que um deles ajudou a passar cera no assoalho principal do clube. Foram horas de trabalho, um homem e uma mulher passaram cera de joelhos, pois, três rodos de espumas não deram conta, ficando já destruídos no início. Foi um trabalho árduo, e, para eles, necessário. O resultado final ficou muito bom, uma vez que o desejado era ver o chão brilhando.

Na cozinha, os homens estavam temperando 200 kg de galeto e, após realizarem tal tarefa, chamaram a Cleide, responsável pela direção do clube, para identificar se o tempero estava bom.

Aproximadamente, às 15 horas, Almir Girardi, do Jornal de Francisco Beltrão, esteve no Centro Social entrevistando os trabalhadores e registrando o momento para publicar no jornal. As professoras, que estavam arrumando as decorações, foram fotografadas. Desse modo, percebemos, a seguir, as contribuições do Jornal de Beltrão em prol da Fest Vin.

Fotografia 84: Preparativos da Escola para Vigésima Fest Vin



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (06.08.16 - p. 13). Acesso em janeiro de 2018.

As professoras estavam colando as garrafas na caixa para evitar possíveis acidentes, e esta atividade demandou muito tempo devido à quantidade de caixas e garrafas a serem organizadas. Enquanto isso, os homens faziam a higienização das pipas nas quais seriam colocados os vinhos, deixando-as prontas para o uso.

A equipe da escola permaneceu até às 17 horas, deixando as demais atividades para o outro dia. Continuamos acompanhando os afazeres das demais pessoas até às 18 horas e trinta minutos, pois, na sequência, todos foram para casa, para tomar banho, mas afirmavam que logo retornariam. Às 19 horas e 30 minutos, o número de pessoas aumentou, a equipe da igreja mais os festeiros se reuniram para organizar os adesivos dos copos que seriam servidos os vinhos e montaram as mesas do buffet.

Na manhã de sábado, dia 06 de agosto de 2016 às 08 horas, os funcionários da escola chegaram para finalizar a decoração, uma vez que, neste dia, todos os funcionários foram chamados para ajudar nos preparativos, somando ao todo 19 profissionais presentes no local.

Enquanto um grupo abraçou a causa, outros estavam a conversar sobre os mais diferentes assuntos, inclusive, combinados para o dia dos estudantes, a ser comemorado na seguinte semana. A equipe da escola finalizou a ornamentação, colocaram as toalhas sobre as mesas e às 11 horas e 30 minutos, após o registro da fotografia, foram embora.

Fotografia 85: Equipe de professores e funcionários: ornamentação



Fonte: Registro, Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2016

No ano de 2017, não foi diferente, meses antes da data da festa presenciamos a organização da escola. Assim que definiram o que iriam fazer, solicitaram utensílios velhos aos alunos, como chaleiras, bules, escorredor de macarrão para plantar flores e utilizar na decoração. Durante uma manhã em que fomos até a escola, presenciamos a coordenadora colando muitas flores em um suporte que ela fez. Ela colocou na base um prato de alumínio, colou uma espumadeira no centro e, na ponta da espumadeira, colocou um escorredor de macarrão, após ter feito isto ela preencheu com flores, dando a impressão de uma cascata de flores, e visando dar acabamento ao trabalho, ela utilizou também macarrão.

Fotografia 86: Objetos utilizados na decoração da Vigésima Primeira Fest Vin



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2017.

Além destes detalhes, foram encontradas algumas folhas semelhantes às folhas da parreira, as quais, pintadas com spray, tornaram-se parte da ornamentação. Foram confeccionado murais de madeiras para demarcar a entrada e nestes foram amarradas pequenas garrafas com mosquitinhos. No chão, coberto de TNT branco, as folhas que pareciam ser de parreira recebiam destaque juntamente com as chaleiras e bules, cujo interior possuíam flores naturais plantadas.

Duas pipas de vinho também faziam parte da decoração e, ao lado delas uma mesa feita de *pallets*, coberta por um tecido dourado. No centro da mesa, recebia destaque a cascata de flores e macarrão e, ao lado, pequenos pedaços de madeira serviam de suporte para as garrafas decoradas com macarrão espaguete. Foram utilizadas algumas fotografias, retiradas da *internet*, como parreirais, pipas, famílias antigas, colocadas em uma moldura e fixadas na parede.

As mesas foram organizadas, e cobertas com toalhas feitas de TNT nas cores branca, vermelha e verde. Tudo com capricho, pois nas toalhas das mesas do *buffet* foram feitas pregas e entre uma e outra, a mesma quantidade de espaço era mantida. Em cima da pista de dança, espaço com o chão de madeira, existem alguns ferros e neles foram colocados TNT branco. No centro, colocaram uma roda de bicicleta com correntes e, em cada ponta, um vidrinho com uma vela. Mais seis rodas foram feitas e nestas utilizaram cachos de uvas de plástico e cipós, sendo colocadas três no início da pista e três no final.

Fotografia 87: Equipe da escola no *Hall* de entrada da Vigésima Primeira Fest Vin



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2017.

Na fotografia, vinte e dois funcionários estavam presentes na manhã de sábado, contudo, ressaltamos a equipe não está completa, pois alguns funcionários tinham compromissos e realizaram algumas atividades nos dias anterior à festa.

4.5 Fornecedores de vinho

*Um homem dos vinhedos falou, em agonia, junto ao ouvido de Marcela. Antes de morrer, revelou a ela o segredo:
-A uva – sussurrou – é feita de vinho.*

*Marcela Pérez – Silva me contou isso, e eu pensei: se a uva é feita de vinho, talvez a gente seja as palavras que contam o que a gente é
(GALEANO, 2015).*

Além das palavras que podem contar quem a gente é, consideramos também que os costumes e atividades que participamos podem ajudar nesta definição para sabermos quem somos. Na busca de afirmar quem era o grupo predominante na comunidade São Pio X - Km 20, criou-se a Festa do Vinho, a Fest Vin, sendo que, a partir dela, os idealizadores buscavam demonstrar a identidade da comunidade e os costumes que mantinham.

Desde as primeiras festas valorizaram os produtos locais, e muitos receberam incentivo para a plantação e o cultivo das parreiras para manter esta tradição dos antigos. Conforme a imagem, a seguir, no ano de 1998, na propriedade de Nilton José Pazzini, foi realizado um encontro com vinte produtores de uvas, no qual aprenderam a fazer o enxerto da videira.

Fotografia 88: Treinamento na propriedade do Nilton Pazzini



Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (06.08.98 - p. 16). Acesso em janeiro de 2018.

Com este encontro prático, buscava-se qualificar o cultivo da uva para conferir maior qualidade ao vinho no município, e os produtores que se inscreveram, receberiam mudas de boa qualidade e subsidiada pela prefeitura.

Ao longo dos anos, estes produtores receberam algumas orientações especializadas de engenheiro de agrônomo, assim como produtos e acessórios necessários para o conjunto de ações para o preparo do vinho. Tal afirmação é possível a partir da entrevista com Nadir Danielli e Ana Paula Fernandes, os quais afirmaram que começaram, “[...] com o incentivo da prefeitura, o investimento foi bem pouco, nós ganhamos um monte de coisa da prefeitura as mudas foram todas ganhados investimento mais foi nas pipas” ela mencionou que “[...] foi investido na casinha alí aonde a gente faz o vinho e guarda os vasilhames, porque daí a máquina que a gente usa é de uma associação”. Percebemos que com o incentivo foi possível manter uma tradição, pois a produção do vinho, se comparada as outras atividades, gera pouca renda, e, isso, para os pequenos proprietários, torna-se uma desvantagem.

Conforme a publicação do Jornal de Beltrão, no ano de 2001, as comunidades do Km 20, Santo Isidoro e Linha Oswaldo Cruz, em razão de os seus solos terem sido considerados os melhores, receberam mais de 65 mil mudas de parreira, oriundas de Bento Gonçalves-RS, considerado berço das melhores vinícolas do Brasil.

Fotografia 89: Entrega de mudas de parreiras para a comunidade do Km 20

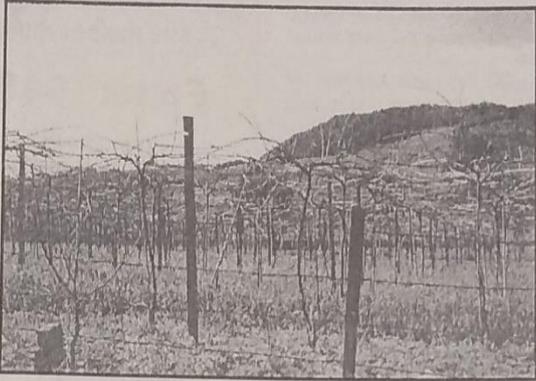
JORNAL DE BELTRÃO *Agricultura*

FRANCISCOBELTRÃO

Administração entrega 65 mil mudas de parreira

Das assessorias
A intenção do poder público municipal de Francisco Beltrão é fomentar, nos próximos anos, a cultura da uva. Para isso, a secretaria municipal de Agricultura está entregando 65 mil mudas de videiras para agricultores do município. Os beneficiados serão os agricultores do Km 20, Santo Isidoro e Linha Oswaldo Cruz. Segundo o secretário municipal de Agricultura, Juan Artigas estas três comunidades têm os melhores solos e boas condições de cultivo. Disse ainda, que na próxima etapa do projeto, outras comunidades serão beneficiadas.

A entrega para os agricultores das três comunidades será realizada no próximo sábado,



A uva deverá ser mais uma ótima alternativa para os agricultores de Francisco Beltrão.

na comunidade do Km 20. Os agricultores beneficiados receberão mudas de parreira das espécies bordô, francesa, niágara branca e niágara rosé, com- pradas em Bento Gonçalves,

berço das melhores vinícolas do Brasil. Todas as mudas são adaptadas às condições e clima de nossa região. A intenção da prefeitura é que a produção de uva seja em larga escala. “Nesta etapa serão beneficiados, com as 65 mil mudas, 35 agricultores, a intenção é concentrar a produção”, afirma o engenheiro agrônomo Névio Mazochin, da secretaria municipal de agricultura. A maior parte da produção será para a indústria de sucos e vinhos e para a venda “in natura”.

O Trabalho de preparação do solo, para receber as mudas, foi acompanhado pelos técnicos da secretaria e todas as etapas de cultivo também serão observadas pelos profissionais da prefeitura.

Fonte: Acervo Jornal de Beltrão, (04.08.01 - p. 14). Acesso em janeiro de 2018.

Pela iniciativa deste projeto, 35 agricultores foram beneficiados e, com isso, conseguiram manter as tradições dos pais e avôs/nonos. Nadir Danielli comenta “quando eu era pequeno eu esmagava a uva com o pé e hoje já temos máquinas para esmagar”. Ele aprendeu com o pai, mas faziam apenas para o consumo, e hoje percebe a mudança no modo de fazer. Assim, Nadir e Ana Paula relatam:

[...] na época de colher a uva, pega e moe ela, depois ela te dá trabalho, porque tem que travassar três vezes; Ela: tem que deixar 3 dias na casca né; Ele: moe tudo e deixa numa caixa de fibra, que daí fica tudo ali dentro, casca e bagaço; depois de 3 dias, daí tem que tirar tudo, e passar para as pipas e daí fica 40 dias mais ou menos trabalhando né e ela trabalha tipo larga um gás, daí depois de quarenta e poucos dias tu tem que travassar de novo, jogar na pipa de volta, porque vai mais uns dias e tem que ser sempre na lua minguante, porque nós não usamos produtos; Ela: a gente não coloca a química no vinho; Ele: tem que dar três travazadas na verdade para ficar um vinho bom; Ela: por 40 dias as pipas tem que ficar lacrados não pode mexer no vinho ela fica com o respiro ali para ele não estragar no caso ele está fermentando; Ele: [...] ali que é uma mangueira dentro de um litro de água e não pode entrar ar lá dentro, só tem que sair e fica borbulhando; Ela: depois que a gente faz demora uns três, quatro meses para ficar bom para o consumo e dá um pouco de serviço (Nadir Danielli e Ana Paula Fernandes, 07/07/2016).

Segundo os entrevistados, as máquinas fazem o processo de moer a uva, não é necessário utilizar os pés para esmagar e fazer o vinho, pois esta ação se dava mediante a necessidade e ausência de maquinários, o que demonstra que os avanços tecnológicos são incorporados no dia a dia, e modificam a cultura.

Os entrevistados fazem parte da Associação Beltronense de Vitivinicultores - ABEVI, criada em julho de 2005. Dessa maneira, Galvão menciona que a associação visava “[...] melhorar a qualidade dos vinhos e a sua comercialização, promovendo cursos de capacitação, análises de solo, compra de materiais e contatos com enólogos”, além de dessa assessoria, os associados, como é o caso dos entrevistados, podem usufruir das máquinas para moer as uvas, por exemplo. Segundo Galvão:

[...] cinquenta e um vitivinicultores associados à ABEVI estão localizados em 28 comunidades rurais de Francisco Beltrão. Dezoito comunidades possuem apenas um produtor de uva; seis comunidades possuem dois produtores; a comunidade Bela Vista possui três produtores; Nova Secção possui quatro; Cabeceira do Rio do Mato possui cinco; e o grande destaque é a comunidade São Pio X que, em razão da concentração de descendentes de italianos, possui nove produtores (GALVÃO, 2009, p. 62).

Outro fator de destaque é que estes agricultores foram incentivados e receberam as primeiras remessas de parreiras subsidiadas pela prefeitura, posteriormente, recebiam orientações e auxílio, o que foi um fator importante para que a comunidade recebesse destaque.

De modo geral, no município de Francisco Beltrão, afirma Galvão (2009, p. 60), que “dos produtores de uva, 30% comercializam somente a uva *in natura*, os demais, além de comercializar a fruta, realizam a transformação da uva em vinho, suco, grapa, vinagre, licores e doces (geléia e chimia)”, concordamos com a autora e afirmamos que muitos moradores possuem parreiras e não fazem parte da associação, sendo todos estes produtos são feitos para consumo próprio.

Nas primeiras festas, o vinho servido era dos Vinhos Pazzini, algumas vezes, outros comercializavam seus produtos e, no ano de 2006, os Vinhos Danielli começaram a fornecer vinhos também feitos na comunidade. A reportagem, a seguir, faz parte dos arquivos da família. A após a entrevista, mostraram-nos o jornal afirmando que, por muito tempo, forneceram vinho para a Fest Vin, mas que, infelizmente, devido à quantidade de chuva, não produziram uva com qualidade e quantidade satisfatória e, por esse motivo não participariam da vigésima festa.

Fotografia 90: Vinhos Danielli na Décima Quinta Fest Vin



Fonte: Acervo pessoal da família Danielli, junho de 2016.

Os irmãos Nadir e Angelo Danielli, juntamente com as esposas e filhos, são responsáveis pela marca de Vinhos Irmãos Danielli. Iniciaram com duas mil mudas, no ano de 2002, e, no decorrer dos anos, aumentaram a quantidade de mudas e investimentos. Fazem parte da associação ABEVI e utilizam o saber fazer apreendido com o pai, adaptado com os saberes dos vizinhos, que, somando-se a estes conhecimentos, produzem um vinho de qualidade. Da mesma maneira, na família Lazarotto, os parreirais são cultivados e os Vinhos Lazarotto são produzidos para o consumo próprio. Nas fotografias, a seguir, estão os rótulos, utilizados nas garrafas de vinhos, os quais são guardados juntamente com o arquivo de fotos das famílias.

Fotografia 91: Marca dos Vinhos Irmãos Danielli e Vinhos Lazarotto



Fonte: Acervo pessoal das famílias Danielli e Lazarotto, junho de 2016.

Ressaltamos algumas informações sobre os produtores de vinhos por serem moradores da comunidade, e os entrevistados associados da ABEVI. Apresentamos mais elementos sobre os Vinhos Irmãos Danielli por serem fornecedores de vinho na Fest Vin de 2017. Em 2016, devido às condições climáticas deixaram de fornecer os vinhos para a festa, sendo necessário que os organizadores recorressem a outros fornecedores externos à comunidade.

Os vinhos servidos na Fest Vin, no dia 06 de agosto de 2016, foram adquiridos de dois fornecedores: Vinhos Centenaro e Vinhos Nava, sendo respectivamente quatro tipos de um e três tipos do outro, somados a uma quantidade de sete sabores de vinhos.

O vinho Centenaro chegou às 10 horas da manhã de sábado, e foram colocadas para gelar 405 unidades de 2 litros (810 litros). As cores das tampas serviam para identificação, sendo a vermelha para vinhos suaves e a tampa roxa indicando os vinhos secos.

Durante a tarde, um morador da comunidade foi buscar o restante dos vinhos que foram comprados do Vinhos Nava. Chegou às 14 horas e 30 minutos, e já estavam

gelados, as garrafas possuíam três tampas diferentes: vermelha, roxa e branca, mas não souberam me explicar qual era a justificativa para cada cor, as embalagens foram colocadas em uma caixa de fibra e sobre elas foram despejados cubos de gelo.

Com as pipas posicionadas e, devidamente, identificadas com o nome do fornecedor e tipo do vinho, às 18 horas 30 minutos, os responsáveis pela função começaram a puxar as garrafas geladas e a despejar dentro das pipas. Nesta atividade, as crianças ajudavam a carregar e os adultos ficavam com a função de encher a pipa de vinho e quando todas estavam cheias, foi autorizada a entrada das pessoas que já aguardavam na porta principal.

Com o ingresso comprado, as pessoas adentravam no Centro Social, passavam pelo *hall* de entrada, preparado pela equipe da escola, e, ao entregar o ingresso, eram carimbados. Na sequência, eram recepcionados por dois jovens, com vestimentas pertencentes ao grupo de dança italiano, que entregavam um copo por pessoa para servir-se de vinho. Ao pegar o copo, quase que em totalidade, os participantes se dirigiam para a esquerda, em direção ao palco, na frente do qual se encontravam as pipas, acompanhadas de um morador que servia os participantes.

As filas não reduziam em momento algum, e, depois de servidos os copos com vinho, as pessoas dirigiam-se para as mesas, deixavam os copos e voltavam a servir-se. Neste movimento, mesmo com seis *buffets*, precisavam enfrentar filas. Voltavam para mesa, tomavam o vinho, comiam e repetiam o processo. Alguns participantes, primeiro provaram todos os tipos de vinho e, só após, foram ao *buffet* se servir. O vinho era servido das 19 horas até às 22 horas, sendo que quando tiravam as pipas, desmontava-se o *buffet*.

Fotografia 92: Participantes degustando os vinhos da festa



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2016.

Na medida em que as pipas iam ficando com menor quantidade, iam sendo repostas com mais vinho gelado. Repetia-se este processo, por muitas vezes, durante a noite.

Na Fest Vin, do dia 05 de agosto de 2017, a diretoria decidiu que seriam priorizados os produtos de fornecedores locais e, desta vez, os Vinhos Irmãos Danielli voltaram a fornecer, devido a uma boa colheita e à qualidade do vinho. Durante a tarde, Nadir e Angelo Danielli levaram mil litros de vinhos ao Centro Social, sendo o bordô seco e suave, o branco seco e suave e o rose seco e suave, ao que somou, então, seis tipos de vinhos. Após os vinhos terem sido colocados na caixa, para gelar, os irmãos sentaram-se em uma das mesas e convidaram as pessoas que estavam trabalhando para degustarem os vinhos que seriam servidos durante a noite. Todos estavam uma delícia, só se ouvia elogios, o que deixava todos felizes.

Como veremos na imagem, a seguir, durante a festa, como de costume, cada morador fica responsável por uma pipa de vinho, pois em cada uma tem-se um sabor diferente de vinho. Além dos homens que ficam em cada pipa, sempre há alguém para puxar mais garrafas de vinho e ajudar a repor.

Minutos antes de iniciar a festa, já com as pipas cheias, solicitamos aos moradores o registro da fotografia. Posteriormente, foi autorizado o início da festa, e cada um, ao lado de sua pipa, começou o trabalho da noite.

Fotografia 93: Equipe responsável pelas Pipas



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2017.

O vinho é responsável pelo diferencial da festa, no ingresso estão inclusos os vinhos e o jantar e o baile. Para muitos, o valor de R\$ 40,00 é considerado caro, mas, ao se contabilizar que um litro e meio de vinho custa cerca de R\$ 15,00, a entrada em baile, no geral, custa cerca de R\$ 20,00, a janta custaria em média R\$ 5,00, então, ao coligar todo trabalho envolvido e valores dos produtos servidos, o preço é condizente com os cálculos dos organizadores. Entretanto, conforme relatado por alunos, para famílias, com mais de duas pessoas, torna-se difícil conseguir participar da festa.

O cultivo das parreiras e o preparo do vinho é um marcador da cultura italiana, e muitos entrevistados da comunidade produzem vinhos para consumo próprio, para manter os costumes ativos.

4.6 A preparação da equipe do *buffet*

A equipe responsável por servir o *buffet*, fazem um movimento de preparação visual para o momento da festa. Dedicam um momento da tarde para a realização da maquiagem e, principalmente, para arrumar os cabelos. O penteado é usado na tentativa de se padronizar, contudo, trata-se, também, de uma questão de higiene. Por isso, o cabelo é preso em formato de coque, ao qual unem-se flores, nas cores branca e vermelha clara. As mulheres com cabelo curto usam uma tiara com as flores iguais às usadas no coque.

Enquanto algumas estão se arrumando, as outras vão adiantando os afazeres, e depois de prontas fazem um revezamento. Todas esperam ansiosas pela sua vez, e, com cabelo e maquiagem prontos, falta-lhes apenas trocar de roupa.

Fotografia 94: Momento de preparo do penteado



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2017.

Além da padronização dos penteados, a roupa também é combinada para caracterizar as pessoas que estão trabalhando na festa. Assim, o uso de calça preta, blusa branca e colete preto consistiu na roupa combinada entre o grupo.

Fotografia 95: Algumas mulheres da equipe do *buffet* de 2016



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2016.

Estas são algumas mulheres que representam a equipe do *buffet*, a roupa combinada e cabelos iguais demonstram a sua organização. E, na festa de 2017, as mulheres utilizaram o mesmo penteado e mesmo colete, porém com diferentes cores de calças.

Fotografia 96: Alguns moradores momentos antes do início da festa



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2017.

Uma das fotografias que sonhamos em registrar era a de todas as pessoas que estavam ou fizeram parte da festa, contudo, no período de dois anos de pesquisa não conseguimos, pois, a correria com os preparativos não tornou este desafio possível. Ressaltamos que nesta fotografia apenas alguns moradores estão presentes.

Na última edição da festa, os organizadores, satisfeitos com os resultados obtidos pela equipe, planejaram um jantar com bingo para agradecer o esforço de todos. Sentimo-nos privilegiados quando nos convidaram para participar e nosso primeiro pensamento foi que, neste dia, poderíamos reunir todos e registrar o momento, pois sabemos da importância de cada um dos envolvidos com a festa.

Foi uma noite muito especial, apresentamo-nos enquanto pesquisadora, conversando com o grupo sobre a inserção durante todas as atividades da Fest Vin, e apresentamos um pequeno vídeo com as gravações que foram realizadas durante a semana de preparação da festa. Se antes de olharem o vídeo já estavam satisfeitos com os resultados da festa, quando viram o vídeo, mostrando o trabalho que cada equipe realiza em prol da festa, foi ainda mais emocionante. Em clima de gratidão, os responsáveis pela diretoria também agradeceram por toda ajuda oferecida, e ainda comentaram que, sem a ajuda de cada um, seria impossível a festa acontecer.

Depois destes agradecimentos, todos se aglomeraram para o registro da fotografia tão esperada, na qual registramos a equipe da igreja, clube de mães, clube de idosos e participantes do Centro Social e, de modo geral, todas as pessoas envolvidas com a festa.

Fotografia 97: Moradores da comunidade que contribuíram na Fest Vin de 2017



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2017.

Mais de oitenta moradores envolvem-se com os preparativos da festa, e a este número acresce-se os funcionários da escola, de modo que mais de cem pessoas participam dos trabalhos da festa.

Aos homens que trabalharam na festa eram entregues jalecos e bonés⁶⁶ brancos, feitos, intencionalmente, para aquele momento. Nos jalecos brancos, no bolso, no lado esquerdo superior, está grafado o nome da festa Festi Vin, enquanto nos bonés está Festi Vin, e com esta última grafia foram confeccionados os cartazes e ingressos da festa.

Na fotografia, a seguir, registramos a imagem do nosso ingresso da festa de 2016, pois embora tenhamos permanecido durante todos os períodos que antecederam a festa, ao chegar o momento em que os participantes entrariam, fomos até a portaria e entregamos o ingresso comprado, com antecedência, sendo nosso pulso carimbado como qualquer outro participante.

Fotografia 98: Ingresso para adentrar no espaço da festa



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2016.

A organização da festa e o sucesso dela, torna-se possível pela união do grupo e pela colaboração espontânea dos seus trabalhos para auxiliar na festa. É importante ressaltar que se manteve a festa, também, por questões financeiras, pois a manutenção e as melhorias na comunidade são viabilizadas a partir destes eventos. Os moradores do

⁶⁶ Destacamos que durante os dois anos foram distribuídos bonés personalizados para os homens que estavam trabalhando na festa. O boné branco, de escritas vermelhas, levou-nos a observar que, na parte central, acima da aba, havia a informação: Pio X – Materiais de Construção, e, nas laterais constava a edição da festa, juntamente com a afirmação Festi Vin, festa da Cultura Italiana – Comunidade de São Pio X- Km 20, Francisco Beltrão - PR. Logo, coligamos o nome da empresa ao nome da comunidade e ao perguntar aos moradores, que estavam trabalhando na festa, obtivemos a informação que a família Almeida, proprietária do loja Pio X, já morou na comunidade, que, ao chegarem, instalaram uma olária, e a partir do crescimento da cidade, mudaram-se e construíram a loja de materiais de construção e, por gostarem do lugar, utilizaram o mesmo nome. Durante as duas festas percebemos a presença desta família, entendendo que, mais do que o patrocínio do boné, eles prestigiam a festa como maneira de sentir-se do local, já que eles também foram ligados às atividades do Centro Social, bem como da vida política da comunidade.

local, ao fazê-la, colocam em prática o jogo de saber fazer utilizado no cotidiano, com isso a festa pode ser considerada um patrimônio imaterial da comunidade, pois o conjunto de atividades organizadas demonstra todos os costumes e tradições do local.

4.7 Cultura e Identidade Italiana

Na casa das palavras havia uma mesa das cores. Em grandes travessas as cores eram oferecidas e cada poeta se servia da cor que estava precisando: amarelo-limão ou amarelo-sol, azul do mar ou de fumaça, vermelho-lacre, vermelho-sangue, vermelho-vinho... (GALEANO, 2015).

Durante a festa sobressai a utilização de tecidos nas cores verdes, brancas e vermelhas, simbolizando as cores da bandeira da Itália. Ao utilizar estas cores como tolas de mesas, preparação dos *buffets* e ornamentação, de maneira geral, são atribuídos valores simbólicos, pois de imediato associa-se ao país onde viviam os antepassados. As cores podem nos remeter a vários significados e tentativas de interpretações, e, de tal maneira, as paredes do Centro Social chamaram nossa atenção, pois na pintura branca encontramos uma listra amarela e outra verde simbolizando o nome Ouro Verde.

Embora a principal festa da comunidade seja a Fest Vin, as cores demarcam o nome do lugar e não da festa, pois se fosse alterada a faixa amarela pela vermelha teríamos a bandeira da Itália, conforme tal referência na utilização das cores para a decoração. Olhando as cores branca, verde e amarela, associamos com a bandeira do Brasil, do Paraná e também do município de Francisco Beltrão.

Fotografia 99: O espaço sendo preparado para a Vigésima Primeira Fest Vin



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2017.

Neste jogo de cores, podem ver realizadas afirmações sobre quem são e o que querem mostrar para as demais pessoas. Assim, destacamos que os tecidos colocados sobre as mesas são nas cores verdes e vermelhas e, conforme vemos na imagem, em alguns momentos, o conjunto das cores nos remete a entender que a identidade do local se formou a partir do país de origem dos imigrantes.

No local onde estava eram vendidas outras bebidas, além do vinho, percebemos que a composição dos tecidos remetia à bandeira da Itália, assim registramos tal momento e apresentaremos, a seguir.

Fotografia 100: Equipe que forneceu as bebidas para a Fest Vin de 2016



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2016.

Além de apresentar a equipe que não era da comunidade, chamamos a atenção para o canto esquerdo da imagem, onde as três cores foram utilizadas. Na fotografia, a seguir, estão os moradores da comunidade, porém os tecidos não foram colocados neste espaço.

Fotografia 101: Equipe que forneceu as bebidas para a Fest Vin de 2017



Fonte: Registro Aline Tortora de Oliveira, agosto de 2017.

Percebemos que, a cada ano, os espaços se configuram para a festa, pois tem-se a preocupação de apresentar o diferente aos participantes. Em vista disso, na edição de 2017 foram utilizadas rodas com cachos de uvas, sendo este também um marcador que remete às origens italianas, pois o cultivo da uva é associado aos que possuem estas origens. No ano anterior, balões formavam os cachos de uvas e também demonstravam aproximações com a cultura.

A festa mobiliza as pessoas, os moradores deixam seus afazeres para auxiliar nos preparativos, e os apreciadores esperam pela data. Para a entrevistada a festa só se mantém porque:

[...] as pessoas contribuíram muito, porque a gente sozinha não faz nada, eu uma simples vereadora meu marido Pazzini como um idealizador, como um sonhador da cultura italiana e eu sempre acompanhei e eu não sou italiana, minha origem é russa e espanhola, mas aprendi a gostar de tudo o que italiano, do vinho, da comida italiana acho que ela se destaca, das festas italianas, das música italiana, da veste italiana por que acho que os italianos tem uma forma de se vestir muito alegre, então eu me sinto hoje uma italiana, mas não tenho o sangue italiano, mas me sinto italiana pela família que a gente sempre teve esta cultura (Maria de Lourdes Pazzini, 04/01/2017).

Conforme afirmativa da entrevistada, por ela conviver e apreciar estas festas e costumes locais, ela se sente italiana, pois quando se pertence a um lugar incorpora-se uma nova identidade, e nesta sente-se segura. Schneider (2012, p. 15) comenta que “além de valorizar a cultura local, a identidade de uma comunidade é única e, utilizando-se dos espaços de memória e das manifestações culturais pode-se transformá-los em atrativos turísticos”. A festa é um atrativo, os apreciadores esperam pelo primeiro final de semana de agosto para poderem ir na festa e relembrem, por intermédio da da alimentação, os costumes do passado. Schneider afirma que:

A identidade é formada por uma memória coletiva, é um sentimento em comum que une as pessoas e preserva de forma peculiar os fatos de determinada comunidade. Manter a identidade significa algo vital para que as pessoas se sintam seguras, unidas, seja por um território em comum ou costumes e hábitos, que lhes indiquem suas origens, para lhes referenciem diante das diversidades sociais existentes atualmente (SCHNEIDER, 2012, p. 15).

A identidade dos moradores da comunidade São Pio X foi construída coletivamente, para que juntos conseguissem se sentir seguros e pudessem retomar alguns costumes deixados com a globalização. Dessa maneira, reforçamos a ideia de Souza (2016, p. 65), ao afirmar que a “identidade cultural pode ser entendida como aspectos

próprios de cada cultura, aquilo que distingue das outras, tornando-a única e singular, manifestando-se por meio dos bens materiais e imateriais”. Ressaltamos que, com o processo de globalização, muitos elementos da festa foram perdidos, principalmente no que se refere ao preparo e à venda de produtos coloniais, inicialmente, preparados pelos moradores da comunidade e vendidos na festa.

A principal intenção da festa era divulgar os produtos locais e proporcionar rentabilidade para as famílias, assim, cada morador, ao fornecer seus produtos, conseguiria colocar em prática o saber – fazer local.

Nas primeiras edições, além dos produtos que eram servidos durante a festa, os apreciadores tinham também a opção de comprar os produtos coloniais. No entanto, com o processo de industrialização e com as exigências da vigilância sanitária, estas ações esvaneceram, pois tais imposições exigia o selo dos produtos servidos. Diante disso, para se manter a festa tem sido necessário comprar os referidos produtos de fornecedores externos.

Salientamos que, na atualidade, para a festa, conseguiu-se manter os pratos típicos do local, contudo, produz-se apenas a polenta, as massas e o vinho, sendo necessário comprar de outros fornecedores os demais produtos. É uma lástima as famílias não poderem fornecer os produtos locais, o que demonstra o quanto o processo de globalização modificou os costumes da comunidade.

Mesmo sem servir todos os produtos do lugar, a festa tem potencial cultural e denota a identidade local. Ressaltamos que a festa foi idealizada junto ao Departamento de Cultura e seria, pois, necessária a participação deste na atualidade, valorizando o esforço dos moradores para preservar a origem étnica predominante no lugar, assim como divulgando a cultura imaterial presente na festa.

Consideramos pertinente esclarecer que muitos aspectos da festa não foram, aqui, mencionados por não constituírem nossa proposta de estudo, entretanto, estas questões podem ser exploradas em estudos futuros, pois consideramo-las muito importantes para a manutenção da identidade cultural da coletividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Foi muito mais do que eu queria
Foi bem mais forte
Durou muito mais que um dia
Mesmo assim
Quem ia imaginar?
(Mexeu Comigo - Tiê)*

Acreditamos que o processo de pesquisa é contínuo, pois, a cada dia, novas possibilidades aparecem, novos questionamentos e problemáticas podem ser estabelecidos, novos depoentes poderiam ser acrescentados, porém, como tudo na vida tem de ter um fim, chegou o momento de finalizarmos o processo de pesquisa para o Mestrado, para o qual dedicamo-nos durante dois anos. Neste processo, adquirimos novos conhecimentos, sendo necessário compreender as vivências da comunidade São Pio X - Km 20. Realizamos leituras, escrevemos, observamos, visitamos residências, selecionamos e entrevistamos os moradores, fotografamos, buscamos arquivos das famílias e participamos das festas e encontros religiosos, em busca de mais informações para a pesquisa.

Como já mencionado, estudamos na Escola Basílio Tiecher e participamos de muitas atividades realizadas no local e é desta experiência que decorreu a escrita do projeto de pesquisa e a ideia de conhecer e de registrar a história da Comunidade São Pio X – Km 20, distrito do município de Francisco Beltrão. Conhecer o espaço a ser pesquisado foi significativo e durante o desenvolvimento do projeto procuramos manter o distanciamento entre o vivido (sentimento de pertencimento ao local) e o fazer pesquisa, pois, dessa forma, utilizamos estes elementos para questionar ou esclarecer a identidade cultural do grupo.

Ser pesquisador requer novas maneiras de ver, interpretar e analisar as atividades da coletividade, pois, coletar informações para a pesquisa, possibilitou-se valorizar a necessidade de arquivar documentos e fotografias mencionando o local, a data e quem ou o que foi registrado, pois ao buscar os arquivos que utilizamos, por vezes, fomos surpreendidos com a organização familiar em guardar e preservar a história, contudo, na grande maioria, a organização do acervo familiar não aconteceu.

Pesquisamos sobre a temática identidade e cultura italiana, por ela se aproximar com a identidade assumida. Por meio da dissertação, conseguimos construir a genealogia da família Tortora e afirmar que temos também origens étnicas italianas. A pesquisa

possibilitou-nos conhecer termos e conceitos que tornaram possível a interpretação das vivências e dos costumes da comunidade.

Grande parte dos moradores da comunidade afirmam que são “italianos”, e, para ser italiano é necessário e significativo compartilhar os hábitos alimentares, linguísticos, religiosos e culturais relacionados à Itália, país de seus antepassados que imigraram para o Brasil. Assim, todos criaram um ideário do ser italiano, se for católico, tomar vinho, comer polenta, macarrão, agnholine e salame, já é italiano. Dessa maneira, instigados ao processo de pesquisa tivemos a oportunidade de viajar para alguns lugares da Itália (país de referência para estes moradores) e, então, comparamos o ser italiano na comunidade São Pio X – Km 20, com o ser italiano da Itália, sendo que, com esta experiência, encontramos as diferenças e semelhanças de cada local.

Percebemos a diferença nos costumes gastronômicos, na linguagem e no modo de ser e, principalmente, porque na comunidade o principal marcador identitário é o preparo da polenta, enquanto que, na Itália, em nenhum dos lugares visitados encontramos tal alimento. Tais questões reforçam a ideia de que a identidade cultural da comunidade São Pio X tem suas singularidades, e que a tentativa de se coligar às origens com a Itália é justificada pelo ideário, construído pelos antepassados, sobre suas origens étnicas italianas, já nas terras do Rio Grande do Sul.

A partir das discussões realizadas conhecemos a história e o processo histórico de surgimento da comunidade São Pio X – Km 20, identificando as representações selecionadas pelos moradores para compor a sua identidade cultural. Neste contexto, compreendemos que a identidade é mutável e que os sujeitos a constroem nos fluxos da vida.

Contudo, retomamos os principais assuntos abordados no decorrer dos capítulos da dissertação. Primeiramente, tomamos conhecimento sobre os motivos da vinda dos imigrantes para o Brasil, destacando que trouxeram consigo suas crenças, costumes, linguagem e modo de ser e de fazer, mas que precisaram adaptar seus costumes ao novo lugar, optando por manter alguns e estes foram sendo repassados para os demais familiares.

Com a necessidade de mão de obra para cultivar a terra e também pela imposição da igreja em considerar pecado evitar a gravidez, algumas famílias tornaram-se numerosas. A dificuldade de acesso, a ampliação do valor das propriedades rurais, a falta de uma política de distribuição de terras, foram fatores que impulsionaram o processo migratório dos rio-grandenses em direção ao estado de Santa Catarina.

A criação da CANGO está associada a este processo migratório de ocupação do Sudoeste do Paraná com migrantes oriundos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e demais localidades paranaenses. A partir da CANGO, surgiu a Vila Marrecas, hoje, município de Francisco Beltrão, e junto dela novas comunidades foram formadas, dentre as quais, destacamos o povoado da Serra da Vitória.

Segundo os entrevistados, este nome manteve-se até a criação do GETSOP, e dentre as ações do GETSOP, destaca-se o trabalho de medições das terras, iniciado na praça central de Francisco Beltrão, prosseguindo pela estrada do chamado Picadão até os limites do município de Ampére. Dessa forma, Serra da Vitória foi nomeada de Km 20 e, posteriormente, a partir de um projeto de lei, apresentado por Basílio Clemente Tiecher, foi nominada como Comunidade São Pio X– Km 20, em homenagem ao santo padroeiro da igreja.

A localidade foi ocupada por migrantes, e, os dados coletados indicaram que, ao longo do processo de migração, marcadores de identidade esvaneceram, da mesma forma que novos elementos foram agregados a partir da vivência naquele local. Na investigação, percebemos que os moradores se auto-identificavam como colonizadores/pioneiros, desbravadores, primeiros ocupantes da localidade. Tal apontamento demarca a representação que têm de si e, ao mesmo tempo, determinam a invisibilidade de índios e caboclos, cuja história e presença são obliteradas nas narrativas de constituição do lugar.

Neste contexto, poderíamos entender que o movimento de registro e catalogação de documentos que percebemos na comunidade podem ser indícios e tentativas de conferir legitimidade às narrativas e consolidar esse lugar de pioneiro. Assim, os lugares de guarda-memória tanto podem ter a função de evocação de determinadas socialidades quanto de ser reconhecidos como heróis fundadores do lugar.

Há que se considerar também tal movimento: a rememoração do que foi vivido pelos sujeitos. Dessa forma, colocar-se-ia barreiras ao esquecimento. Assim, a preservação das fotografias, a mostra de documentos, as exposições de utensílios podem ser consideradas ações complexas que, de alguma forma, ajudam a entender a identidade cultural assumida pelos sujeitos.

Havíamos estabelecido como problema de investigação, a pergunta: como os moradores da comunidade São Pio X – Km 20 constroem suas identidades culturais?

A partir das narrativas analisadas, afirmamos que a identidade cultural dos moradores da Comunidade São Pio X está relacionada a uma representação do passado (vivido ou inventado), associado à produção de uma imagem de si e dos outros. Os moradores, ao serem chamados para identificarem-se, disseram “sou italiano”. Esta

afirmação demonstra o investimento em uma política de identidade que o sujeito assume como sua. As narrativas fazem ver que mesmo sujeitos com outras origens étnicas alemã, polonesa ou cabocla, assumem as manifestações culturais e corroboram os discursos sobre a predominância da origem italiana na localidade.

Afirmamos, então, que, além dos costumes diários, a festa é, para os moradores, momento de afirmação da origem italiana e da identidade que assumem, e da mesma forma, expressar, por meio das práticas culturais, a predominância desta origem italiana na localidade, (re) afirmando que são maioria.

Na pesquisa tivemos preocupação em abordarmos os locais na ordem em que foram criados: a igreja, a escola e a festa. Ressaltamos que, de acordo com as informações disponibilizadas pelas funcionárias do Posto de Saúde, a comunidade é composta por 196 famílias, somando um total de 447 moradores.

Em relação aos 23 entrevistados selecionados, percebemos que a maioria é proveniente do Rio Grande do Sul, parte deles advindos de Santa Catarina e alguns nascidos no Paraná. Os depoentes têm entre 39 e 85 anos. No entanto, o que determinou a escolha não foi a idade, mas o lugar de narrador, indicado pelos moradores da comunidade. Assim, de alguma forma, apresentamos a ideia de identidade na voz dos antigos. Tal escolha demonstra a importância atribuída às narrativas dos antigos (associação entre tempo e lugar) e, da mesma forma, seu apego à ideia de tradição (por vezes inventada), que sustenta a forma como os sujeitos se representam e são representados.

Embora adaptados ao mundo moderno, ainda mantêm-se na comunidade vínculos gregários com vizinhos, amigos e familiares: as pessoas se conhecem, sendo um hábito reunir-se aos finais de tarde para tomar chimarrão, atualizar informações sobre a vida íntima dos moradores, sobre a meteorologia, sobre as vivências cotidianas, para provar os alimentos preparados por aquela família e trocar receitas culinárias, dentre outras gestualidades que compõem a vida comunitária.

Enquanto realizamos as entrevistas e pesquisas de campo, identificamos que os moradores mais antigos percebem a importância na manutenção da cultura dos antepassados em relação à sua etnia. A língua italiana é considerada marcador identitário fundamental, ainda que, contraditoriamente, os mais velhos não a tenham ensinado para os descendentes, pois utilizavam apenas como interdição, para tornar inacessível determinado discurso (impedir que uma criança participasse de assunto de adultos ou não permitir que outros de origens diferentes participassem de determinada conversa...). Pareceu-nos que permaneceram vocábulos associados à forma como nomeiam os mais

velhos, como, por exemplo, o menino de 8 anos que chama seu avô de nono, os alimentos preparados e consumidos, considerados de origem italiana (salames, queijos, massas e vinhos) e as músicas folclóricas que lembram a origem étnica.

Também a gastronomia é marcador identitário associada à produção e ao usufruto dos alimentos: produção e consumo da polenta, preparo das massas, queijo, salame, copa, torresmo, morcilha e o conjunto de ações necessárias para a reprodução do corpo físico e social. Nesse sentido, cultivar as videiras e produzir vinho é considerado tradição familiar. Embora houvesse política pública e estímulo financeiro, a produção vinícola foi considerada a tradição e ascendência étnica destes produtores.

Assim, no contexto estudado, a religiosidade mostrou-se como espaço coletivo de produção de identidade, onde hábitos herdados dos antepassados são mantidos por homens e mulheres. Tal situação pode ser exemplificada no fato de que, ainda que fosse decorrente de época, homens sentarem de um lado da igreja e mulheres de outro, na atualidade, mantiveram este costume e também a devoção aos santos e imagens, construindo grutas/oratórios em suas residências.

Destacamos a influência da religião na comunidade, a partir de quatro fatores principais: o primeiro está no documento de alteração do nome do local, no qual se afirma que o nome é uma homenagem ao santo padroeiro; o segundo está no Livro Ata da Igreja Católica, que menciona a participação de alunos e professores em uma celebração religiosa; a terceira é formada pelas lembranças da infância, em cujos registros estão as orações antes do início de cada aula; e a última é a Fest Vin, pois observamos e vimos a imagem de Nossa Senhora da Aparecida, juntamente com um crucifixo na parede do Centro Social.

Nestes termos, a afirmação da identidade se dá a partir do sentido conferido pelo grupo de referência e é atualizada a partir das múltiplas interações vividas pelos sujeitos.

Após a fixação das primeiras famílias, houve a preocupação de se proporcionar acesso à educação formal aos filhos destes migrantes. Para os depoentes, era importante aprender a ler, a escrever e a contar. No Projeto Político Pedagógico da escola é possível ler a seguinte afirmação: “sabendo que a escola está inserida no contexto social de escola do campo, é preciso considerar que os conteúdos a serem trabalhados possam resguardar a identidade cultural dos grupos que ali produzem sua vida [...]” (Proposta Pedagógica, 2012, p. 19). Consta neste Projeto a preocupação em se valorizar a identidade cultural dos grupos, retomando-se os valores campestres. Percebemos que a escola talvez não consiga atentar para a complexidade do conceito de identidade, reduzindo-a a traços estereotipados da cultura italiana. Percebemos também que as ações são esporádicas,

descontínuas limitando-se a atividades que antecedem e sucedem a festa - Fest Vin. Também a investigação demonstrou que a educação é ambiente que fornece suporte para a identidade e identificação, pois não aparece dissonância entre o que a escola propõe e o que novos programas favorecem.

A festa é também uma forma de os moradores mostrarem a representação predominante da identidade italiana para as pessoas externas à comunidade. Ao longo do processo de pesquisa nos questionamos: a festa é produtora da identidade ou sustenta poderes entre famílias consideradas tradicionais? Não temos a pretensão de responder tal questão. No entanto, a totalidade do material coletado indica a pertinência da problematização.

Contudo, há alertas nas expressividades dos sujeitos, pois alguns moradores participam da festa somente porque estavam com toda a família trabalhando, ao contrário, estes não conseguem recursos para participar da festa.

A forma como os jovens se envolvem em momentos pontuais, tanto na festa como em outras atividades consideradas marcadores da cultura italiana, também merecem destaque, pois cabe aos mais experientes solicitar auxílio destes jovens, incentivando-os e ensinando-os, para que todas as gerações estejam envolvidas com a identidade local.

Percebemos a complexidade das afirmações identitárias e, da mesma forma, a importância dos investimentos em identidades, empreendidos pelos sujeitos e pelos grupos sociais no seu processo de vida.

Contudo, estamos satisfeitas com os resultados desta dissertação, por acreditar na sua importância enquanto registro histórico para o local pesquisado, demonstrando que os moradores têm seus modos particulares de ser, valorizando a identidade cultural do local e auxiliando na sua manutenção.

Sabemos que a busca por conhecimento é inesgotável, e as principais perguntas que ainda nos despertaram maior interesse dizem respeito à forma com que as pessoas são nomeadas pioneiras e o quanto as mulheres são esquecidas neste processo, mesmo participando nas mais diferentes tarefas, não são mencionadas e, mais que isso, suas vozes ficam obliteradas nas narrativas autorizadas.

Pretendemos continuar com a pesquisa oportunizando maiores discussões sobre o papel da mulher e dos jovens, tendo em vista a sua importância na comunidade e a manutenção da identidade local, assim como o uso e o ensino da língua italiana.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Leila Marrach Basto de. **Comunidade e sociedade: conceito e utopia**. Raízes, Ano XVIII, Nº 20, novembro/ 99, p. 50 – 53. Disponível em: http://www.ufcg.edu.br/~raizes/artigos/Artigo_27.pdf
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 4. ed. São Paulo: Papirus, 1995.
- BALHANA, Altiva Pilatti et al. **Alguns aspectos relativos aos estudos de imigração e colonização**. In: Anais do IV do Simpósio Nacional de Professores Universitários de História, ANPUH - São Paulo, 1969. Disponível em <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S04.13.pdf>
- BARBOSA, Fidélis Dalcin. **Semblantes de Pioneiros vultos e fatos da colonização italiana no Rio Grande do Sul**. Composto e impresso nas oficinas gráficas da editora São Miguel - Caxias do Sul - fevereiro de 1961.
- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BRISKIEVICZ, Michele. **Territorialidade e identidade: A migração dos descendentes de italianos no município de Francisco Beltrão – Paraná**. Dissertação de Mestrado Unioeste de Francisco Beltrão, 2012.
- _____. Michele. SAQUET, Marcos Aurélio. **A dinâmica migratória e o deslocamento de descendentes de poloneses para Pato Branco (PR)**. In: LANGER, Protasio Paulo. MARQUES, Sônia Maria dos Santos. MARSCHNER, Walter Roberto (Org.). Sudoeste do Paraná: ocupação territorial e diversidade étnica. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2010.
- CATTELAN, Carla. **Educação rural no município de Francisco Beltrão entre 1948 a 1981: a escola multisseriada**. Dissertação de Mestrado, Francisco Beltrão, 2014.
- COSTA, Emilia Viotti da. **Da Monarquia à República: momentos decisivos**. São Paulo: Brasiliense s.a - 3ª edição, 1985.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta. Ensaios para uma futura filosofia da fotografia** – São Paulo: Hucitec, 1985.
- FURLAN, Oswaldo Antônio. **Brava e Buona Gente, cem anos pelo Brasil**. Florianópolis, Santa Catarina: Ed. do Autor, 1936.
- GALEANO, Eduardo. **O Livro dos abraços**. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- GALVÃO, Ana Rúbia Gagliotto. **Possibilidades de valorização multidimensional do território de Francisco Beltrão – PR com vistas ao desenvolvimento local**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Francisco Beltrão, 2009.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro, Guanabara, 1981.
- GHEDIN, Tânia Maria Penso. **Ruas da cidade de Francisco Beltrão: resgate histórico biografia e homenageados**. Francisco Beltrão: Calgan, 2013.
- GIACALONE, Fiorella. **A festa e a sua Dimensão Temporal**. In: FLEURI, Reinaldo Matias (Org.). Intercultura e Movimentos Sociais. Florianópolis: Mover, NUP, 1998.
- GIARD, Luce. Cozinhar. In: CERTEAU, Michel de (Org.). **A Invenção do Cotidiano: morar, cozinhar**. 8ª Ed. - Petrópolis, Vozes, 2008.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Como trabalhar com “raça” em sociologia.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.29, n.1, p. 93-107, jan./jun. 2003. Disponível no site: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v29n1/a08v29n1.pdf>

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na pós - modernidade.** Vozes para a Lamparina editora. 2015 – 12ª Edição.

_____. Stuart. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais.** In: SOVIK, Liv (Org.). 1º ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

IOTTI, Luiza Horn. **Imigração e Colonização: legislação de 1747 a 1915.** Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado do RS. – Caxias do Sul: EDUCS, 2001.

_____. **Imigração e poder: a palavra oficial sobre os imigrantes no Rio Grande do Sul (1875-1914).** – Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e História - 3º edição revista ampliada,** 2009. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

KRONE, Evander. **Identidade e cultura nos Campos de Cima da Serra (RS): práticas, saberes e modos de vida de pecuaristas familiares produtores do queijo serrano.** Dissertação Mestrado - 2009. Disponível no site: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/22659>.

LANGER, Protasio Paulo. **Símbolos e discursos acadêmicos na construção de uma identidade eurocêntrica: O encobrimento dos indígenas e caboclos.** In: LANGER, Protasio Paulo. MARQUES, Sônia Maria dos Santos. MARSCHNER, Walter Roberto (Org.). Sudoeste do Paraná: ocupação territorial e diversidade étnica. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2010.

LAZIER, Hermógenes. **Análise histórica da posse de terra no sudoeste paranaense.** Curitiba, SECE/BPP, 1986.

_____. Hermógenes. **Análise histórica da posse de terra no sudoeste paranaense.** Francisco Beltrão, Grafit, 2º edição, 1997.

_____. Hermógenes. **Paraná: Terra de todas as gentes e de muita história.** Francisco Beltrão; Grafit, 2003.

LÜDCK, Menga. ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível.** Tradução de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. Título original: Éloge de la raison sensible.

MARIN, Elizara Carolina. **Descendentes de italianos: oração, festa e trabalho.** In: MARIN, Jerri Roberto (org.). Quarta Colônia: novos olhares. Porto alegre: EST, 1999.

MARQUES, Sônia Maria dos Santos. **Pedagogia Do Estar Junto: Éticas E Estéticas No Bairro De São Sebastião Do Rocio.** Porto Alegre: 2008.

_____. Sônia Maria dos Santos. **São Sebastião do Rocio: Narrativas sobre a constituição de um bairro negro em Palmas/PR.** In: LANGER, Protasio Paulo. MARQUES, Sônia Maria dos Santos. MARSCHNER, Walter Roberto (Org.). Sudoeste

- do Paraná: ocupação territorial e diversidade étnica. Dourados, MS: Editora da UFGD, 2010.
- MARTINS, Rubens da Silva. **Entre Jagunços e Posseiros**. Curitiba – 1986.
- MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães de. **A abordagem etnográfica na investigação científica**. Campina Grande: EDUEPB, 2011. Acesso em agosto de 2017. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>
- MORGAN, Nestor Luiz. **Eu nasci...a 2000 anos...** 1º. Ed. – Francisco Beltrão, PR. Berzon, 2000.
- MORIGI, Valdir Jose. ALBUQUERQUE, Maria Madalena Zambi de. MASSONI, Luis Fernando. **Festas Étnicas, Memória E Patrimônio Cultural: Informações Sobre A Oktoberfest Nos Sites Oficiais De Divulgação Do Evento**. XIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ENANCIB 2013). GT 10: Informação e Memória. Comunicação Oral. Disponível: <file:///C:/Users/User/Downloads/4600-6868-2-PB.pdf>
- MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. In: Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB. Rio De Janeiro, 2003. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoos-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>. Acesso setembro, 2017.
- NIEDERHEITMANN, Luiz Carlos. **Das matas primitivas a Polo de uma região - Abordagem histórica de Francisco Beltrão**. Dissertação de Mestrado, Francisco Beltrão – 1986.
- PERUZZO, Cicilia M. Krohling e VOLPATO, Marcelo de Oliveira. **Conceitos de comunidade, local e região: inter-relações e diferença**. Líbero – São Paulo – v. 12, n. 24, p. 139-152, dez. de 2009. Acesso em 08 de janeiro de 2018. Disponível em: <http://www.unipublicabrazil.com.br/uploads/materiais/98faa318d1ce26fd10a1a6bc901e3e4a26072016161928.pdf>
- PIOVESAN, Rosemar de Fátima. **Educação e Imigração: A história da escola entre os imigrantes italianos, Quarta Colônia**. In: MARIN, Jéri Roberto (org.). Quarta Colônia: novos olhares. Porto alegre: EST, 1999.
- POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.
- POZZA, Gustavo Luiz. **A fenomenologia como avaliação estética da fotografia**. *Sapere Aude* – Belo Horizonte, v. 6 – n. 12, p. 643-656, Jul./Dez. 2015 – ISSN: 2177-6342.
- PREDEBON, Ionara Monique. **Considerações sobre o uso da fotografia na história: o caso da “Pensão Colonial de Damásio Gonçalves**. In: SCHNEIDER, Cláides Rejane e SILVA, Cleverson Luiz da (Org.) História: traços de cultura e memória – Francisco Beltrão: Grafisul, 2010.
- SALIS, Miguel de. **A devoção a São Pio X na Igreja (1914-1954): Uma aproximação Histórico-Teológica ao Sensus Fidelium com ocasião do Centenário da sua morte**. Teocomunicação, Porto Alegre - v. 43 n. 2 p. 220-234 jul./dez. 2013. Disponível em <file:///C:/Users/User/Downloads/16428-63550-1-PB.pdf>
- SANTIN, Silvino. **Sonhos diferenciados ou defeitos: Silveira Martins, a Quarta Colônia, no cenário da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. In: MARIN, Jéri Roberto (org.). Quarta Colônia: novos olhares. Porto alegre: EST, 1999.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Modernidade, Identidade e a Cultura de Fronteira**. Rev. Social. USP, S. Paulo, 5(1-2):31-52, 1993 (editado em nov. 1994). Disponível site: http://www.boaventuradesousasantos.pt/media/Modernidade%20Identidade%20Fronteira_TempoSocial1994.pdf

SCHNEIDER, Claídes Rejane. **Comida, História e Cultura nas Festas Gastronômicas de Francisco Beltrão - Pr (1996-2010)**. Tese de doutorado – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

SILVA, Adrielli Dayana da. São Roque e suas festividades em Coronel Vivida –PR (1956-2010). In: SCHNEIDER, Claídes Rejane e SILVA, Cleverson Luiz da (Org.) História: traços de cultura e memória – Francisco Beltrão: Grafisul, 2010.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

SOUZA, Iuri Aleksander Dias Fernandes de. **Cultura brasileira e interculturalidade**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S. A., 2016.

TEDESCO, João Carlos. **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração**. Passo Fundo: UPF – Caxias do Sul: EDUCS, 2004.

TELEGINSKI, Neli Maria. **Bodegas e Bodegueiros de Irati – Pr na Primeira Metade do Século XX**. Curitiba, 2012. <http://www.humanas.ufpr.br/portal/arquivos/NeliMariaTeleginski.pdf>.

VANNINI, Ismael Antônio. **O sexo, o vinho e o diabo: Demografia e sexualidade na colonização italiana no RS – 1906 – 1970**. Passo Fundo: UPF, 2003.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. **Paraná, Sudoeste: Ocupação e Colonização** – Curitiba: Lítero – Técnica, 1985.

WENCZENOVICZ, Thaís Janaina. **Pequeninos poloneses: crianças e suas famílias durante a imigração Polônia/Brasil de 1920 a 1960**. 3º ed. – Passo Fundo: Méritos, 2014.

WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual**. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais. 9. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

Fontes documentais:

BELTRÃO, Francisco. **Escola Municipal Basílio Tiecher - Projeto Político Pedagógico** – Construção Coletiva, 2012.

BELTRÃO, Jornal. Arquivo impresso e digital de 1997 a 2017.

ÓBITOS, Livro dos. Francisco Beltrão – Comunidade Km 23.

LIVRO ATA – Associação de moradores do Distrito São Pio X – 1986 a 2017.

LIVRO ATA – Conselho da igreja São Pio X – 1983 a 2017.

Elaboração dos Mapas:

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi, s/p, 2017.

Elaboração das Ilustrações:

SLONGO, Lucas. Infográfico, 2017.

Tradução Língua Italiana:

TREVISAN, Juliano, 2017.

Fontes das entrevistas de campo:

BEKER, Salette Perdoncini. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 12 de julho de 2016.

BOSIO, Aurélia Becchi. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 07 de julho de 2016.

BORTOLOTTI, Valdir Ernesto. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 04 de janeiro de 2017.

CATTO, Oscar Francisco. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 06 de janeiro de 2017.

CATTO, Selvino Caetano. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 06 de janeiro de 2017.

CELUPPI, Erydes Tiecher. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 20 de junho de 2017.

DANIELLI, Nadir. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 07 de julho de 2016.

FERNANDES, Ana Paula. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 07 de julho de 2016.

GARCIA, Zenilde D' Agostini. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 06 de janeiro de 2017.

GASPARIN, Guilherme. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 07 de julho de 2016.

LAZAROTTO, Ibrilino. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 05 de janeiro de 2017.

LAZAROTTO, Terezinha Maria Savagnago. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 05 de janeiro de 2017.

PAZZINI, Maria de Lourdes. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 04 de janeiro de 2017.

PERDONCIN, Lurdes Francisca. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 12 de julho de 2016.

POPLUSKI, Teresinha Perdoncini. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 12 de julho de 2016.

PROLO, Cleide Vissotto. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 06 de janeiro de 2017.

SILVA, Leonilda Terezinha da. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 06 de janeiro de 2017.

SPADA, Nair Franco. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 11 de julho de 2016.

TIECHER, Maria Trindade. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 05 de janeiro de 2017.

TORTORA, Mario. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 29 de maio de 2017.

VERSA, Carlos. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 07 de julho de 2016.

VERSA, Tereza Martins. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 07 de julho de 2016.

VIVIAN, Zenaide Maria. Entrevista concedida a Aline Tortora de Oliveira, Francisco Beltrão, 21 de junho de 2017.

Sites:

<https://www.lettras.mus.br/hinos-de-cidades/688749/> - Acesso em março de 2017.

<https://www.todamateria.com.br/lei-bill-aberdeen/>. - Acesso em setembro de 2017.

<https://dicionariodoaurelio.com>. Acesso em setembro de 2017.

<http://franciscobeltrao.pr.gov.br/departamentos/turismo/a-secretaria/economia-tecnologia/perfil-do-municipio/> Nov. 2012. Acesso em março 2017.

<https://www.franciscobeltrao.pr.gov.br>. Nov. 2012. Acesso em março de 2017.

<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pr/francisco-beltrao/panorama>. Acesso em dezembro de 2017.

ANEXOS

ANEXO 1: Certidão de nascimento Domenico Tortora

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAS
MUNICÍPIO DE BENTO GONÇALVES
ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Eugenio Icilio Bertolini
OFICIAL DO REGISTRO CIVIL

Eugenio Icilio Bertolini
Oficial do Registro Civil
Darci Alves Dias
Oficial Adjunto
BENTO GONÇALVES - SEDE
RIO GRANDE DO SUL

NASCIMENTO N.º 240

CERTIFICO que a fls. 92V/93 do livro n.º A/ 16 de nascimento
consta o de Domenico Tortora
nascido aos doze -12- de abril-4- de mil
~~oitocentos e noventa e nove -1.899-~~
às onze (11:00) horas,
em residência particular, neste distrito,
do sexo masculino, de cor branca, filho(a) de
Tortora Giuseppe, Italiano e de Camera Rosa, residentes neste
distrito.

Avós paternos: Tortora Giovanni Baptista
Caichiolo Lucia

Avós maternos: Camera Vitale
Ghiotto Domenico

Declarante: o pai

Registro lavrado a os quatorze de abril de 1.899.- de 199 ---
O referido é verdade e dou fé.

Bento Gonçalves, 13 de fevereiro de 199 1

Darci Alves Dias
Oficial
DERCL. Eugenio Icilio Bertolini
Oficial Adj. DIAS

Fonte: Acervo pessoal Mario Tortora, maio de 2017.

ANEXO 2: Carta que o pai do entrevistado Selvino Caetano Catto recebeu em 1950

Villa Charruá = 8 = 8 = 1950

Querido irmão Francisco e família

Hoje com o maior prazer vou te
participar que recebi a tua estimada carta, o qual todos nos
ficamos contentes ao ouvir que todos vos de família goza a maior
perfeita saúde, e assim deos vos conserve;
E assim o mesmo e de nos todos de família a mesma graça
do nosso divino creador.

Outro assunto não tenho pra te contar só que o Albino Camurçato e
Rico Kochi e João Mossi vão pra lá e dissero que se dá no jeito
de vão te visitar

O maior meu amor desejo ter irmão

José Catto

Fonte: Arquivo pessoal, Selvino Caetano Catto, janeiro de 2017.

APÊNDICE

Apêndice 1: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e Autorização de uso de Imagens



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO E AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGENS

Nome da pesquisa: “**Nono, vem aqui que tem gente**”: Cultura e Identidade na Comunidade São Pio X – Km 20, Francisco Beltrão, Paraná.

Pesquisadora: Aline Tortora de Oliveira

Orientadora: Sônia Maria dos Santos Marques

Instituição: Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)

Endereço: Rua Uruguai, nº 822 – Bairro Vila Nova, Francisco Beltrão – Paraná.

CEP: 85.605-370 – Fone: (46) 3523 – 6868

Endereço eletrônico: alinetortoradeoliveira@hotmail.com

Nome do entrevistado: _____.

Endereço: _____.

Fone: () _____ - _____

Este estudo tem o objetivo de:

- Elaborar a dissertação de mestrado da pesquisadora, respondendo ao objeto de pesquisa e a problemática.
- Preservar a história da Comunidade São Pio X;
- Registrar a data de início do processo de colonização da comunidade, destacando as datas das primeiras construções: a escola, igreja e as festividades culturais.
- Identificar os marcadores culturais selecionados pelos moradores da comunidade Pio X como elemento de identidade;
- Analisar o significado das festas para a construção do processo de identidade e identificação;
- Apontar as correlações entre a herança cultural dos descendentes italianos e o processo de identificação da comunidade;
- Compreender o significado da escola para as atividades culturais mobilizadas pela comunidade Pio X.

Para tanto serão necessários os seguintes procedimentos:

Realizar entrevistas narrativas;

Resgatar fotos e utensílios antigos;

Observar as vivências diárias;

Após ler e receber explicações sobre a pesquisa e ter meus direitos de:

1. Receber resposta a qualquer pergunta e esclarecimento sobre os procedimentos, finalidades, benefícios e outras informações relacionados à pesquisa.
2. Retirar o consentimento a qualquer momento e deixar de participar do estudo; desde que informe a pesquisadora.
3. Em caso de qualquer dúvida ou esclarecimento, entrar em contato com a pesquisadora ou instituição na qual se realiza o estudo (Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE).

Eu _____, portador (a)
RG: _____, depois de conhecer e entender os objetivos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso das imagens e/ou depoimentos fornecidos, AUTORIZO, através do presente termo, as pesquisadoras **Aline Tortora de Oliveira e Sônia Maria dos Santos Marques**, a utilizar o meu arquivo pessoal de fotos e/ou meu depoimento, sem quaisquer fins financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo, libero a utilização, divulgação e publicação identificada, destas fotos e/ou depoimentos para fins científicos, acadêmicos e culturais (dissertação, livros, artigos, slides), em favor das pesquisadoras, acima especificados, obedecendo ao que está previsto nas Leis.

Declaro estar ciente do exposto, e assino este termo, confirmando o desejo de participar da pesquisa, autorizando as pesquisadoras a publicar as entrevistas por mim relatadas, com minha identificação, com finalidade acadêmica **de caráter histórico e documental da Comunidade São Pio X.**

Assinatura - Entrevistado da Pesquisa

Assinatura – Pesquisadora – Aline Tortora de Oliveira

Assinatura – Orientadora – Sônia Maria dos Santos Marques

Francisco Beltrão – Paraná, _____ de _____ de 201__.